

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas



FE – Faculdade de Educação

DFHE – Departamento de Filosofia e História da Educação

Tese de Doutorado

Partidos Políticos e Educação:

**A extrema-esquerda brasileira e a concepção
de partido como agente educativo**



Gilmar Henrique da Conceição

Campinas

1999



Gilmar Henrique da Conceição

Tese de Doutorado

Partidos Políticos e Educação:

**A extrema-esquerda brasileira e a concepção
de partido como agente educativo**



Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Gilmar Henrique da Conceição apresentado ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP (Departamento de Filosofia e História da Educação) para cumprimento das exigências do Comissão Julgadora/ Doutorado, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Elizabete S. P. Xavier e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 26/02/1999

Assinatura: _____

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	C744p
V.	ES
TOBACO	37 418
PROC	229/99
C	X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/04/99
N.º CPD	

CM-00122758-9

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

C744p

Conceição, Gilmar Henrique.

Partidos políticos e educação : a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo / Gilmar Henrique Conceição. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Elizabete Sampaio Prado Xavier.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

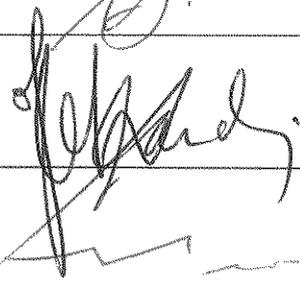
1. Educação - História. 2. Partidos políticos. 3. *Subversão. 4. *Militância. I. Xavier, Elizabete Sampaio Prado. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

COMISSÃO JULGADORA



H. L. Falto.







Agradecimentos

Ao Deptº de Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

A Profª. Orientadora Elizabete; amiga afável, crítica implacável.

Aos militantes que tornaram possível esse trabalho.

Ao membros do Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil.

Aos componentes da Banca do Exame de Qualificação: Dermeval Saviani e Madalena Guasco Peixoto.

Pelas diferentes contribuições: Leôncio Martins Rodrigues, João Quartim de Moraes, Luiz Fernando Reis, Ediógenes Aragão, José Ferdinando Ramos Ferreira, Lúcia Avelar, Neide Maria Prado, Flaldemir Sant'Anna de Abreu, Silvano da Conceição.

Pelo apoio financeiro da CAPES.



Dedicatória

Para:

Isolina,

Lazaro e

Ramiro.



Resumo

Partido Políticos e Educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo

Nosso estudo trata da relação entre partidos políticos e educação, enfatizando o que se poderia chamar de formação da militância, numa pedagogia efetivamente crítica. Privilegiamos o estudo da extrema-esquerda porque nessa a educação política ganha maior expressão, e a concepção de partido como agente educativo é explicitamente assumida. Há uma extrema-esquerda “massista” e uma “militarista”. Consideramos que a massista, a rigor, surgiu a partir dos anos 30, com a dissidência dos partidos comunistas que tinham, como referência Leon Trotsky. A extrema-esquerda militarista, por sua vez, surgiu nos anos 60, também com a dissidência do partido comunista referendando em Che Guevara e Mao Tsé-Tung, e que se decidiram para a luta armada. Na América Latina, a extrema-esquerda militarista não sobreviveu à forte repressão das ditaduras militares nos anos 60 e 70. Por outro lado, a extrema-esquerda massista vem atuando até os nossos dias, não nas mesmas organizações, evidentemente. Portanto, há distintos projetos revolucionários e diferentes teorias da revolução, que produzem militantes num processo político-educativo de acordo com sua matriz teórica. Para realizar este trabalho fizemos um levantamento histórico dos partidos e das matrizes ideológicas que os inspiraram. Para os partidos revolucionários, educar politicamente significa desalienar as pessoas das influências da pedagogia capitalista, e construir uma sociedade socialista. Tais partidos pretendem estar a serviço da independência e da autonomia dos trabalhadores que, conforme se supõe, serão os novos dirigentes da sociedade.



Abstract

Political Parties and Education: the Brazilian radical left and the concept of the party as an educational agent

Our paper deals with the relation between political parties and education, emphasizing what could be called as the building of militancy, in an effectively critical pedagogy. We focus on the study of the radical left, as in this party the political education plays a major role, and the concept of the party as an educational agent is explicitly assumed. There is a "mass" radical left and a "militarist" one. We consider that the mass radical left began, in fact, in the thirties with the dissidence of the communist parties which had Leon Trotsky as their reference. The militarist radical left, however, was formed in the sixties, also from a dissidence of the communist parties which followed Che Guevara and Mao Tsé-Tung, and which decided themselves for the armed conflict. In Latin America, the militarist radical left did not survive the strong repression of the military dictatorship in the sixties and seventies. Nevertheless, the mass radical left has been active up to now, evidently not in the same organizations. Therefore, there are distinct revolutionary projects and different revolution theories, which produce militants in a political-educational process, according to its theoretical matrix. To perform this work we did a historical survey on the parties and ideological matrices which inspired them. To the revolutionary parties, to educate politically means to remove people from under the influence of the capitalist pedagogy, and to build a socialist society. These parties intend to be at the service of the independence and autonomy of the workers who, supposedly, will be the new ruler of the society.



Sumário

Introdução.....	07
-----------------	----

Capítulo I

Extrema-esquerda e educação.....	17
1.1. Extrema-esquerda, ultraesquerdismo e esquerda.....	18
1.2. Extrema-esquerda e terrorismo.....	27
1.3. Extrema- esquerda e educação.....	31

Capítulo II

Elementos de teoria e história dos partidos como referencial de análise.....	51
2.1. O fenômeno partidário e a noção de partido.....	52
2.2. Os tipos de partidos políticos.....	57
2.3. Da significância do partido.....	62
2.4. A questão partidária no Brasil: tendências e características.....	67
2.5. Configuração dos partidos políticos de 1945 a 1994.....	73



Capítulo III

A teoria da Revolução como fundamento educativo da extrema-esquerda.....	90
3.1. Educar contra a ordem capitalista: os partidos e a teoria da revolução.....	91
3.2. A extrema-esquerda massista.....	103
3.3. A extrema-esquerda militarista.....	110
3.3.1. As escolas cubana e chinesa.....	117
3.4. “Apocalípticos”, “dogmáticos”, “sectários”, “dinossauros”, etc.	128
3.5. Concepções que influenciaram a extrema-esquerda Brasileira.....	132

Capítulo IV

Conclusões.....	170
4.1. A leitura das matrizes revolucionárias pela extrema-esquerda como fundamento da sua prática educativa.....	171
4.2. Sobre as influências trotsquistas e leninistas.....	180
4.3. Sobre as influências do guevarismo.....	188
4.4. Sobre as influências do maoísmo.....	196
4.5. Considerações finais: a extrema-esquerda brasileira hoje.....	201
Bibliografia.....	217
Siglas.....	242



Epígrafe

*Deixem que eu trace o meu próprio caminho;
que outros promulguem leis, das leis não tomarei conhecimento;
que exaltem outros homens eminentes e promovam a paz;
eu promovo conflito e agitação (...)*

(Walt Whitman)



Introdução

Numa abordagem histórica, com exceção das universidades - tradicional reduto das elites nacionais - a escola, no Brasil, parece não ter tido a importância fundamental que teve nos pólos centrais do capitalismo, enquanto aparelho de difusão ideológica e espaço de contra-hegemonia.

Não se trata, aqui, de desconsiderar a importância da extensão do ensino público, gratuito e de qualidade, para a população do país. A escola é necessária para as pessoas e para a sociedade. Alguns estudiosos brasileiros, porém, têm razão quando afirmam que, efetivamente, a educação se faz e se recebe para além da instituição escolar, e que a maioria da população se educa, predominantemente, em outras instâncias, tais como os meios de comunicação, igrejas, associações, partidos, sindicatos, etc., seja para a conservação da ordem, seja para a “revolução”. Ao longo da história, o capitalismo brasileiro encontrou mecanismos próprios para “educar”, treinar e formar o trabalhador; mecanismos que não passavam tanto pela escola formal, mas por outros veículos de preparação para o trabalho, como o SENAI, SENAC, Escolas de Aprendizagem, etc. Estes, parecem ter sido mecanismos mais diretos e mais eficazes, conforme a “pedagogia do capital”. Porém, mesmo se o Brasil tivesse universalizado a educação formal, ainda assim não estaria descartado a importância do estudo da educação que se desenvolve em outras instituições sociais como, por exemplo, *nos e através dos partidos políticos*.

Mesmo nos países considerados pólos avançados do capitalismo, parece relevante o estudo da educação nos partidos, particularmente nos da chamada extrema-esquerda, que visam a superação da lógica do capital, tanto nos países onde a escola foi fundamental para a reprodução capitalista, como nos países do chamado Terceiro Mundo, que não chegaram, efetivamente, a universalizar a escola. Afinal, “educar para



a revolução” envolve um trabalho educativo alternativo, que vai contra o *status quo* capitalista, seja ele “avançado” ou “periférico”.

Nessa direção, este nosso estudo tratará da relação entre partidos políticos (ou organizações de caráter político) e educação política, enfatizando o que se poderia chamar de formação da militância através de uma pedagogia efetivamente crítica. Privilegiamos, neste estudo, a extrema-esquerda enquanto expressão de uma esperança profunda na luta pela igualdade econômica e, como parte dela, na prática educativa revolucionária.

Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa leva em conta, fundamentalmente, as categorias de totalidade e da contradição, e considera que as relações econômicas são determinantes da vida social, em última, mas não em única instância.

Os partidos políticos são produtos e agentes importantes da história, e possuem a sua própria história. A palavra “partido”, que designa o objeto do nosso estudo, sugere que se trata de uma “parte” da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global da ordem econômica, social e política, e “a arte de fazer política” pode ser entendida como a habilidade de unir e somar forças num determinado campo ideológico. Daí que a necessidade de convencer, educar, doutrinar e engajar o maior número de pessoas no seu projeto partidário, surja como corolário da militância política. Neste estudo, estamos considerando os micro-partidos e organizações políticas como partidos, pois não deixam de ser “partidos”, ou uma fração do todo político, independentemente da sua dimensão. É preciso considerar que as conceituações a respeito dos pequenos partidos variam bastante.

O partido político - notadamente o de extrema-esquerda - não deixa de ser um micro-cosmo com sua ética, suas normas, seus ritos, seus sentimentos coletivos, etc. O caráter do partido parece se definir no que transmite, a quem transmite e como transmite. Para os partidos revolucionários, em especial, educar o povo significa desalienar as massas das influências da pedagogia capitalista e construir uma sociedade socialista. Esses partidos pretendem estar a serviço da independência de organização e da autonomia de consciência dos trabalhadores que, conforme supõem, serão os novos dirigentes da sociedade.

A extrema-esquerda, exemplo privilegiado dessa tendência, busca constituir-se num partido de massas sem abdicar de sua radicalidade, ou seja, para ela o cresci-



mento numérico deve ser acompanhado de uma intensificação de sua energia revolucionária. No seu entender, na administração do poder, quanto mais um partido que se expande busca a sua tranquilidade, procurando agradar a todos, mais se atrofiam suas garras revolucionárias. Em vez de intensificar sua energia revolucionária, o aumento de suas forças políticas e a solidez de sua estrutura o leva, cada vez mais, a ficar cauteloso e tímido. Parece que o crescimento numérico dos partidos de esquerda implica, normalmente, em afrouxamento da militância e num discurso político mais genérico. Isso posto, a extrema-esquerda parece querer o “impossível”: busca intensificar crescimento e radicalidade, apesar de, no Brasil, nunca ter tido efetiva influência de massa.

Há diferenças de fundo entre os partidos, e no interior deles (direita ou esquerda), mas a educação é um problema político e quase todos reconhecem isso. Por outro lado, todo partido político é educador e sua espécie de luta determina a maneira como sua prática educativa se dá. Há uma natureza política no processo educativo e há um caráter educativo na ação política. Assim sendo, há a necessidade de o partido se reconhecer como um agente educativo¹ e, como tal, envolver-se explicitamente com a política educacional, com o propósito de construir o tipo de homem, de cultura e de sociedade que defende.

A esquerda e a direita, ao que tudo indica, não atribuem à educação o mesmo peso e função que a extrema-esquerda. No Brasil, nas poucas ocasiões em que a esquerda chegou ao poder, nos governos estaduais e municipais, apresentou programas educacionais que não se compunham, propriamente, de propostas discutidas em todas as instâncias do partido, mas que foram produzidas durante a gestão. Entendia-se, aparentemente, que a teoria da educação emerge no processo de gestão. Exemplo disso podemos encontrar no trabalho do ilustre educador Paulo Freire, na Secretaria Municipal de São Paulo, durante a gestão petista. O trabalho desse educador implicava em desenvolver o gosto pela participação, pela liberdade e pela autonomia.

Essa nossa preocupação com os partidos de extrema-esquerda parece estar na contra-mão das tendências teóricas e políticas, que apontam para uma situação extremamente desfavorável ao socialismo e às forças políticas que o defendem, particularmente a extrema-esquerda, politicamente marginalizada e “anacrônica”.

¹ Cfr: *A Educação como Ato Político Partidário* (vários autores). São Paulo: Cortêz, 1989.



"Considerar como válida ainda hoje a estratégia revolucionária proposta no Manifesto Comunista é, no mínimo, prova de agudo anacronismo."²

Contudo, tentando fazer um recorte para análise, optamos pela extrema-esquerda porque, nesta, a educação política ganha maior expressão, e a concepção de partido como agente educativo é explicitamente assumida.

Há alguns autores que utilizam a denominação "esquerda revolucionária" para o que consideramos "extrema-esquerda"; ou ainda "esquerda armada", para o que chamamos "militarista"³ e "esquerda desarmada" para o que classificamos como "massistas"⁴. Não se tratam de autodenominações, ao contrário; tais expressões surgiram, inicialmente, no interior dos debates entre diferentes correntes políticas e tinham conteúdo crítico.

Para a extrema-esquerda, em última instância, as chamadas democracias burguesas também são, na realidade, ditaduras da burguesia, seja qual for a forma jurídica pela qual se exerce o poder. Na América-Latina, considera-se que há quatro principais "famílias" políticas ou de partidos⁵: "oligárquica", "socialista", "popular" e "democrática". O tema deste estudo vincula-se à família socialista. Esta família engloba toda a esquerda e extrema-esquerda, incluindo os socialistas moderados, os comunistas e os partidos revolucionários, de forma geral. O maoísmo está incluído na subfamília comunista, e o guevarismo, nas organizações revolucionárias guerrilheiras. O trotsquismo vincula-se ao socialismo radical.

O guevarismo é entendido por nós como sendo o conjunto das idéias formuladas e praticadas por Fidel Castro, Che Guevara, Regis Debray e Camilo Cinfuegos, entre outros, a partir da experiência vitoriosa na Revolução Cubana. Incluímos o nome de Camilo, embora não fosse um teórico de guerrilha, porque seu comportamento e exemplo de revolucionário inspirou muito ao Che, que o considerou *"el más brillante de todos los guerrilleros"*.⁶ Apesar de alguns autores denominarem "castrismo", pensamos que "guevarismo" é mais apropriado ao nosso estudo.

² Coutinho, Carlos Nelson. *Democracia e Socialismo*, São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1992, p. 39.

³ "Militarista": devido ao peso quase unilateral que tais organizações atribuíram à ação armada, em relação à participação do movimento de massa.

⁴ "Massista": organizações que valorizavam bem mais o trabalho cotidiano de militância junto às massas, e menos as ações armadas "exemplares".

⁵ Cfr. Ramos Jiménez. *Los Partidos Políticos en las Democracias latinoamericanas*. Mérida – Venezuela, Universidad de los Andes/Consejo de Publicaciones, 1985.

⁶ Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967. La transformación política, económica y social*. Tomo II, p. 654.



O parâmetro extrema-esquerda não é rígido, ainda que possamos encontrar certos princípios que lhe conferem identidade política. Por ser um fenômeno eminentemente histórico, é necessário distinguir os diferentes tipos de extrema-esquerda brasileira surgidas ao longo do tempo, com distintos projetos revolucionários. Assim, há um tipo de extrema-esquerda “massista”, inspirada em Trotsky, que surgiu nos anos 30 como oposição e alternativa ao stalinismo, e que vem atuando até os nossos dias (não através das mesmas organizações, evidentemente). Paralelamente a este tipo de extrema-esquerda, encontramos também, no Brasil dos anos 60, uma extrema-esquerda “militarista” que surgiu de inúmeras cisões no Partido Comunista, fundamentando-se, principalmente, no guevarismo e no maoísmo, e que se decidiu pela oposição armada ao regime militar-civil. Neste tipo, podemos elencar, por exemplo, organizações tais como ALN, VPR, MR-8, PCBR, PC do B, Ala, M3G, entre outras. A extrema-esquerda militarista considerava que as massas estavam prestes a se revoltar e não o faziam é porque lhes faltava “potência de fogo”. Considerava, ainda, que ações de comando em fábricas, favelas, etc, poderiam ser altamente pedagógicas e estimulariam ações de massa. Na América Latina, a extrema-esquerda “militarista” - enquanto alternativa revolucionária num momento histórico - não sobreviveu à forte repressão das ditaduras militares, nos anos 60 e 70. Entretanto, podemos encontrar, atualmente, vestígios desse caminho revolucionário no Peru, na Colômbia, e talvez no México. O fato é que foram militantes e organizações que pagaram um alto preço por sua teoria da revolução.

Atualmente, a extrema-esquerda brasileira é de caráter “massista”, com matriz no pensamento de Trotsky, e sobreviveu à repressão, fundamentando-se sempre numa teoria da revolução dirigida pelo partido e opondo-se ao guevarismo e ao maoísmo. Nosso estudo está voltado para as organizações de extrema-esquerda brasileira, sejam as de caráter predominantemente massista, de inspiração trotsquista, sejam as de caráter predominantemente militarista, de inspiração guevarista ou maoísta, que se desenvolveram a partir dos anos 60.

A extrema-esquerda massista expressa-se, hoje, em dois partidos socialistas radicais, que reivindicam o trotsquismo: o PCO (Partido da Causa Operária) e PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados). Veremos que, depois que as organizações mais radicais foram expulsas do PT, no início dos anos 90,⁷ buscaram constituir-

⁷ Por exemplo: a Causa Operária foi expulsa do PT em 1991, e a Convergência Socialista, nos encontros estaduais em maio e no encontro nacional em junho de 1992.



se em um partido legal, ou “semi-clandestino”. A Causa Operária, inicialmente, era uma organização que atuava internamente no PT e, depois da expulsão, tentou organizar-se politicamente na Frente Revolucionária, conformada em julho de 92, que buscava unir organizações, grupos e ativistas revolucionários no Movimento Pró-PSTU, mas, por divergências, tal fato efetivamente não ocorreu, e acabou por sair com identidade própria, como mostra o seu registro eleitoral provisório de 1997, e o definitivo em 1998 como Partido da Causa Operária. Em junho de 94 foi realizado o congresso de fundação do PSTU, e o do PCO, em 1995.

Estes dois partidos que compõem a extrema-esquerda atual fazem uma oposição feroz aos acordos e pactos com a elite patronal, que consideram prejudiciais aos trabalhadores, bem como aos acordos eleitorais com os partidos “burgueses”. Esmiuçando um pouco mais, digamos que, no Brasil, a partir dos anos 80, o que denominamos extrema-esquerda, basicamente - além do PCO (Partido da Causa Operária) que inicialmente era apenas um organização que reuniu dissidentes da *Libelu*⁸ e um grupo argentino que combateu a ditadura de Videla - são as organizações também de inspiração trotsquista e grupos que compuseram o PSTU em 1993, os quais defendem que as profundas transformações sociais não ocorrem no processo eleitoral, mas sim na luta direta dos trabalhadores, e são elas: Liga Operária, Democracia Operária, Movimento Socialista Revolucionário, Coletivo Luta Socialista, Luta de Classes, Militante Socialista, Núcleo de Independência Proletária, Socialismo Classista e Convergência Socialista. A maioria dos militantes mais importantes de todas estas referidas organizações militaram no interior do PT, com uma concepção do caráter socialista da revolução brasileira.

O núcleo de nossa análise é a discussão da centralidade da educação na dinâmica desses partidos políticos. A educação será entendida, aqui, como formação política (e não em sentido estrito, como de preparação de mão-de-obra) e a educação dos militantes partidários como iniciativa de socialização, de preparação para o exercício de atos políticos, de democratização política, de doutrinação que visa o “desenraizamento do mundo burguês”, ou de eliminação das “estruturas mentais e da imaginação política moldadas pelo capital”.

As organizações de extrema-esquerda consideram o fenômeno político-educativo como inerente à teoria da revolução, e o seu conceito de revolução articula-se com a

⁸ *Liberdade e Luta*: em sua origem foi o nome de uma chapa estudantil para concorrer DCE-USP, apoiada pela Organização Socialista Internacionalista, que foi uma cisão brasileira do CORQUI – Comitê de Reconstrução da Quarta Internacional, que por sua vez foi um polo aglutinador dos trotsquistas no Brasil), depois, esse nome passou a designar a própria organização.



educação de seus militantes, de acordo com as matrizes doutrinárias que lhe dão fundamento. Para tais organizações, o processo revolucionário depende das ações das massas, que somente podem ser dirigidas eficazmente através de um trabalho educativo. Pretendemos, portanto, estudar o caráter educativo de outras instituições sociais, além da escola formal, tomando como objeto de investigação o partido e a formação dos militantes partidários de extrema-esquerda, inspirados nos textos de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara. Desse modo, não se trata de confundir a educação formal com a dos partidos, nem de buscar, nos autores citados - que consideramos matrizes de pensamento para a extrema-esquerda - escritos sistemáticos e propostas para a educação escolar, mas de localizar e refletir sobre indicações e referências que nos remetam à questão da educação política e do doutrinamento⁹ da militância revolucionária. Algumas vezes são indicações genéricas, mas que, historicamente, influenciaram e influenciam as diferentes expressões da extrema-esquerda brasileira.

A partir de tais matrizes, pretendemos detectar algumas implicações políticas da formação de militantes, segundo o parâmetro político-educativo do marxismo-leninismo, buscando os aspectos da vida partidária voltados para a formação de militantes. A educação diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos, e a educação nos partidos e dos partidos apresenta-se como intencional.

"Pode-se dizer que a pedagogia reproduz a sociologia; que não há problema pedagógico que não seja sociológico, e vice-versa. Toda transformação sociológica é fonte de modificações pedagógicas.(...) Não há teoria da educação sem teoria da finalidade da educação"¹⁰.

A educação político-partidária de extrema-esquerda é o processo pelo qual as organizações radicais formam seus militantes em função de seus objetivos e interesses, buscando convencê-los e conduzi-los coletivamente. Neste sentido, a formação político-partidária é também um fato existencial relevante na configuração de uma pessoa. O militante, contudo, vem para a "escola" do partido já preparado por uma outra "escola" geral, que é a sociedade, o meio onde vive. A tarefa pedagógica do militante vincula-se a uma aprendizagem que se inicia no meio onde vive, na empresa onde trabalha, na escola onde estuda, e que depois amadurece nas mobilizações, nos sindicatos e nas greves, atingindo sua plenitude no partido e na luta política. E por conta disto, inclusive, o militante aprende até mesmo a falar em público, a sistematizar suas idéias, a argumentar, etc.

⁹ Doutrina não tem neste trabalho nenhum sentido pejorativo. Cfr.: Snook, I.A. *Doutrinação e Educação*. R.J., Zahar, 1974.

¹⁰ Vieira Pinto, Álvaro. *Sete Lições Sobre Educação de Adultos*. S. P., Autores Associados: Cortez, 1987, p. 25-6



Valorizando a educação como nenhum outro grupo político, a extrema-esquerda acaba por induzir à reflexão sobre a própria instituição escola. É isto que justifica esta nossa opção pelo estudo da extrema-esquerda; é nela que o processo pedagógico político-partidário ganha relevância explícita. Ao negar tudo que entende secundário, como as eleições, os acordos, as alianças, etc., a extrema-esquerda acaba por valorizar a educação como instrumento para a realização de seu projeto revolucionário. Preocupa-se tanto com a educação de suas bases políticas como com a educação do povo, atribuindo à prática político-educativa um papel decisivo.

De um ponto de vista conservador, o partido de extrema-esquerda poderia ser entendido como "deseducador", uma vez que sua atividade teórico-ideológica se faz na direção de uma outra sociedade, e com isso entra em conflito com a "pedagogia capitalista" e com valores produzidos pela cultura vigente. A extrema-esquerda privilegia a formação política e a doutrina porque reconhece que a transformação social é um processo eminentemente educativo, e os instrumentos necessários para a sua concretização se distribuem muito mais fora da "escola capitalista", do que em seu interior.

É por isso que este estudo investiga as bases da constituição de uma pedagogia da extrema-esquerda no seu processo socializador, de formação política e de doutrinação de seus militantes, a partir da prática política da "educação para a revolução". Não entraremos no mérito deste processo educativo, nem em seus valores intrínsecos. Mergulhando nessa situação complexa e contraditória, a análise buscará se ater a questões como:

- O que é extrema-esquerda? A extrema-esquerda proporciona um quadro geral de idéias, um sistema total de explicação do mundo e de cosmogonia ou "família espiritual"? Qual a teoria da revolução que serve ou serviu de fundamento educativo aos diferentes tipos de extrema-esquerda?
- Qual o atual conteúdo político-educacional que essas organizações políticas transmitem ou oferecem aos militantes? Qual a relevância social concebida para essa pedagogia do partido?

O trato dessas questões implicará, por sua vez, a abordagem de outras, mais específicas, como:

- O partido é, de fato, a organização de luta de uma classe contra a outra, conforme conceberam Marx e Lenin? - Quem são os militantes dos partidos em geral? - Como julgam suas ações? - Quais são suas atividades?



- Como, na educação dos militantes da extrema-esquerda, se traduzem historicamente o pensamento de Lenin, Trotsky, Guevara e Mao-Tsé-Tung, principalmente nas "cartilhas" das organizações, nos documentos internos de discussão e de estudo ou de propaganda, bem como nas ações partidárias? Havia ou há "partidarização", esquematismo, simplificação, e estreitamento na leitura de tais autores revolucionários pela militância?

- Que tipo de extrema-esquerda Mao e Guevara influenciaram, diferentemente de Lenin e Trotsky?

Estudos importantes sobre o sistema partidário brasileiro não contemplam suficientemente o papel das organizações partidárias minoritárias, notadamente as de extrema-esquerda massista. Isto parece se dever ao fato de que elas não têm influência de massa e eleitoralmente são inexpressivas, ou quase. Elegem um ou dois deputados, outras vezes nenhum - como é o caso do PSTU e do PCO nas eleições de 1998 - alguns vereadores e uma ou outra pequena prefeitura municipal. Daí a importância em estudar a educação desses partidos e nesses partidos: Não há estudos abundantes sobre o tema, dada a "marginalidade" com que é encarada a extrema-esquerda, dentro dos partidos institucionalizados, e até por parte da própria esquerda, que considera os "extremistas" uma espécie de "irmãos indesejáveis".

Na realidade, há uma outra questão relevante, dentro deste tema, apontada por dirigentes da extrema-esquerda, inclusive, e que outros estudos poderão aprofundar oportunamente: eles entendem que uma certa leitura de Gramsci parece alimentar o que consideram "domesticação" das esquerdas. Daí, o desafio, atualmente posto, de confrontar a inspiração leninista e/ou trotskista da extrema-esquerda com a referida inspiração gramsciana da esquerda, dos anos noventa, particularmente em suas implicações educativas.

Para a extrema-esquerda, cada militante deve ser um educador por excelência e os documentos e jornais do partido têm papel fundamental nesse processo pedagógico: provocam discussões, formam opinião, propiciam linha política para a ação conjunta. É sobretudo na militância e nas inúmeras reuniões, às vezes intermináveis, do partido, que se apreende essa pedagogia. Essa educação de quadros, por sua vez, fundamenta-se em leituras de matrizes revolucionárias, em considerações políticas, presentes nas formulações do partido, e nas diretrizes da Internacional a que se vincula, direta



ou indiretamente. O militante aprende política e formas de atuação e, portanto, submete-se à influências ideológicas, disciplinares, éticas e morais.

No desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos - além dos escritos de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara, que se referem àquilo que consideramos educação política e doutrina revolucionária - programas dos partidos, jornais das diferentes organizações, circulares e documentos internos dirigidos à militância, revistas, balanços internos, resoluções políticas, apostilas para cursos de formação política, preceitos e teses para congresso, correspondência entre militantes, manuscritos, documentos de discussão e de estudos, esboços de planos de estudo, etc. Fundamentamo-nos, também, em bibliografia afim. Com relação às diversas siglas, encontradas ao longo do trabalho, em caso de dúvidas, sugerimos consultar o nosso glossário.

Este trabalho apresenta-se da seguinte forma: no capítulo um, tratamos das relações entre extrema-esquerda e educação, buscando balizar algumas diferenças importantes entre esquerda, extrema-esquerda e ultra-esquerdismo. No capítulo dois, resgatamos algumas elementos de teoria e da história dos partidos, como referencial de nossa análise, e algumas considerações sobre a pedagogia do partido para a formação de sua militância, distinguindo os tipos e "famílias" de partidos políticos. Fazemos, ainda, uma breve retomada histórica sobre a questão partidária no Brasil, observando suas tendências e características, a partir de alguns autores. No capítulo três, tentaremos verificar em que medida a teoria da revolução é fundamento educativo para a extrema-esquerda brasileira, a partir da inspiração em Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara. No capítulo quatro, que se liga diretamente ao anterior, objetivamos entender a leitura que a extrema-esquerda faz destas matrizes revolucionárias, suas diferenças e semelhanças, nas organizações políticas "militaristas" ou "massistas", e na prática individualizada da militância. Finalmente, apresentaremos alguns elementos conclusivos de análise, procurando delinear a nossa compreensão da questão investigada.



Capítulo I

Extrema-esquerda e educação





1.1 - Extrema-esquerda, ultra-esquerdismo e esquerda

A educação da extrema-esquerda é a forma pela qual tais partidos forjam a si mesmos, e sua área de influência, com suas idéias e representações, capacitando pessoas para uma atuação política coletiva e radical, na luta pela hegemonia. Assim, veremos, nos outros capítulos, que surgiram historicamente três diferentes tipos de escolas, no campo da extrema-esquerda: “escola trotsquista”, “escola maoísta” e “escola guevarista”.

Como tem acontecido, com relação aos autores que estudam o assunto, inicialmente, quando nos propusemos a estudar o tema, era freqüente ouvirmos a pergunta: “Mas, ainda existe extrema-esquerda?” Após o desmantelamento do socialismo real, é comum surgirem perguntas desse tipo; muitos intelectuais e jornalistas não se cansam de insistir em que a polarização direita-esquerda não interessa a mais ninguém. Afir-mam que se trata de adjetivos sem sujeito, que não têm valor heurístico ou classifica-tório e, menos ainda, avaliativo. Há outros, inclusive, que consideram a referida polari-zação uma mera simplificação da questão política. Por outro lado, existem aqueles que consideram a díade ainda válida, e que o referido desmantelamento, contraditoria-mente, abriu possibilidades que estavam escondidas.

O fato é que tais termos são utilizados, ainda hoje,

*“nos jornais, no rádio e na televisão, nos debates públicos, nas revistas especializadas de economia, de política, de sociologia”.*¹¹

No que se refere à sua trajetória, as idéias de negação e ruptura parecem ser o fio condutor que perpassa os significados históricos do termo esquerda. Os termos “direita” e “esquerda” remontam à Revolução Francesa, onde o último tinha conteúdo de oposição e negação. Ao que consta, nos cultos afro-brasileiros, por exemplo, em suas diferentes linhas e falanges, “esquerda” é uma categoria que agrega entidades negati-

¹¹ Bobbio, Norberto. *Direita e Esquerda: Razões e Significados de Uma Distinção Política*. São Paulo, Editora Unesp, 1992.



vas e das trevas, em oposição à “direita”, que é o reino do bem e da luz. Também na linguagem judaico-cristã “direita” tem sempre uma conotação positiva, e “esquerda” uma conotação negativa. Os bons se sentam à direita de Deus; os maus, à sua esquerda.

Se no campo da esquerda há, atualmente, sérias dúvidas sobre a hegemonia do pensamento marxista, no campo da extrema-esquerda elas absolutamente não ocorrem. Para Marx, o sujeito da revolução é o moderno proletariado industrial, destruidor e coveiro do capitalismo. Esquerda e direita podem apresentar, também, aspectos simbólicos. Os líderes revolucionários quase sempre foram objeto de diferentes leituras teóricas e ensejaram diversas posições práticas; de qualquer modo, há algumas características que parecem ser comuns a essas figuras: pensaram e atuaram a partir de uma atitude de transgressão da ordem, seja no plano teórico, seja no plano cultural, seja no plano econômico-social, isolada ou combinadamente. Tais líderes também adotam valores simbólicos e podem ser, eles mesmos, considerados valores simbólicos. Sob este ponto de vista, poderemos indagar: quais símbolos presentes nos escritos de Marx, por exemplo, podem contribuir para o entendimento de alguns aspectos da sua trajetória revolucionária?

Analisando algumas facetas da figura de Marx, a partir de poemas juvenis, Edmund Wilson afirmou que, desde a juventude, Prometeu (aquele que roubou o fogo dos deuses para dar aos homens) viria a ser o mito predileto de Marx, seguido pelo de Lúcifer (o anjo preferido do Senhor que se rebelou contra Deus). Este autor também assinalou que a epígrafe da tese de doutoramento de Marx refere-se ao mito de Prometeu. Ainda na questão destes símbolos, lembremos que Marx chegou a reescrever dois de seus poemas e os publicou, em 1841, e neles destaca curiosamente a figura de Lúcifer, que na tradição religiosa também significa “aquele que leva a luz”. No catolicismo, aquelas pessoas que carregavam velas à frente de importantes procissões eram também chamadas de “lucíferos”. Curiosamente, ao que consta, ao longo da vida de Marx, os símbolos de Prometeu e Lúcifer parecem acompanhá-lo, inclusive, na intimidade, Marx também era conhecido como “Old Nick” (Satanás). Nesse detalhe revela-se, curiosamente, a aura negativa e destrutiva que parece acompanhar a esquerda. A biografia de Marx assinala alguns marcos de rupturas importantes, mas a fundamental foi a sua ruptura com a economia política burguesa. Ele também rompeu com alguns de seus contemporâneos: inicialmente com Hegel e os jovens hegelianos, em seguida com Feuerbach e Proudhon, depois com Bakunin e Lassale, entre outros.



Além dos aspectos simbólicos, direita e esquerda tornaram-se categorias universais da política; compõem as noções de base que informam genericamente o funcionamento das sociedades contemporâneas. A aspiração à igualdade econômica aparece como a razão fundamental dos movimentos de esquerda.

Um detalhe que consideramos importante é que “estar à esquerda”, não significa, necessariamente, “ser de esquerda”. Partidos, agrupamentos ou pessoas podem “estar à esquerda” circunstancialmente e não “ser de esquerda”. Já vimos que esquerda está fundada sobre a idéia de igualdade econômica. Podemos adiantar, aqui, uma das diferenças básicas entre esquerda e extrema-esquerda: a esquerda quer se servir do parlamento para a conquista do poder, ou seja, quer se utilizar de métodos eleitorais e parlamentares. No geral, a extrema-esquerda apresenta uma centralização bastante desenvolvida e uma disciplina mais rígida que outros partidos. E como para ela os processos eleitorais são secundários, a sua verdadeira ação é a agitação política, a construção partidária e a ação direta, que costuma ser traduzida em greve geral, em ocupação (de fábricas, de terras) etc. Para a extrema-esquerda, as eleições são importantes, porém secundárias, no sentido de que, apesar de serem necessárias para o funcionamento da democracia e da legitimidade, são insuficientes em si mesmas.

Um outro aspecto fundamental, que julgamos pertinente na busca de uma caracterização da extrema-esquerda, é a visão de que os conflitos sociais - em última instância - exprimir-se-ão em confrontos armados. Esses confrontos armados podem se exprimir de diferentes formas, de acordo com a linha que, grosso modo, classificamos em “militaristas” ou “massistas”. Por exemplo, para o guevarismo e o maoísmo, tais confrontos exprimiam-se fundamentalmente a partir das guerrilhas rurais sustentadas nos camponeses, e para os “massistas”, nas insurreições ou guerra civil, dirigidas pelo partido sustentado nos operários. Para o guevarismo, do ponto de vista político, a direção formal ou orgânica estava na coluna guerrilheira. No maoísmo, a direção dificilmente estava na coluna.

Ao que tudo indica, a busca de uma definição de extrema-esquerda relaciona-se com a proposta de rompimento com as vias de participação política dentro da “ordem”. Os críticos dessa posição sustentam que essa espécie de comportamento político “extremista” - como o dos anarquistas, que aí se inserem - acaba beneficiando a “or-



dem". Pretendemos, para além dessa visão simplificadora, atentar para a complexidade do tema, buscando analisar outros aspectos.

Atualmente, a grande maioria dos partidos de esquerda atua em nível eleitoral e parlamentar ou reformista. Já segundo a extrema-esquerda, a apresentação de seus candidatos às eleições visa muito mais a "educação e propaganda revolucionária" do que elegê-los. A extrema-esquerda é, declaradamente, crítica do parlamento (embora não em absoluto), e recusa-se a pensar que transformações fundamentais possam ocorrer por sua via. Porém, entende que a participação nas eleições parlamentares e a luta através da tribuna parlamentar são necessárias para educar, despertar e instruir o povo, e por isso trabalha arduamente para eleger alguns dos seus representantes. Entretanto, há circunstâncias em que a extrema-esquerda poderá se abster de participar do parlamento, dependendo de sua avaliação, de sua tática e de sua estratégia numa situação concreta.

Dessa forma, extrema-esquerda apresenta uma "mística militante", direcionada por uma educação político-partidária integrista e pouco flexível; seus militantes consideram-se autênticos revolucionários.

Outra questão que nos colocamos é a seguinte: há diferença entre extrema-esquerda e ultra-esquerdismo? Nossa resposta é afirmativa, pois apesar da existência de alguns pontos comuns, o ultra-esquerdista, na concepção de Lenin, é o pequeno-burguês (pequeno proprietário, pequeno patrão, etc.) que, ao arruinar-se, numa situação de crise, passa para uma posição ultra-revolucionária. Entretanto, ele é incapaz de adequar-se ao espírito de uma organização partidária, à disciplina e à firmeza de um militante no trabalho coletivo,¹² ao contrário do que faz a extrema-esquerda. Os ultra-revolucionários são inconstantes e caracterizam-se:

- a) por defender um revolucionarismo pequeno-burguês enfurecido e isolado das massas;
- b) por privilegiar a prática do terror individual e dos atentados como ação principal;
- c) por rejeitar categoricamente os métodos parlamentares de luta;
- d) por negar a necessidade do partido e da disciplina partidária;
- e) por não atuar dentro dos sindicatos de direção reacionária;
- f) por proclamar: "nenhum compromisso com os burgueses, nem mesmo provisório".



Além disso, o ultra-esquerdismo não valoriza muito o estudo teórico, em prol da ação, e neste sentido a extrema-esquerda dirige-lhe a seguinte crítica:

*“Os ultra-esquerdistas dizem: ‘para que tantas besteiras, só o que falta são os fuzis’, esquecendo-se de que a força transformadora não são os fuzis e sim as idéias que se transformam em ação. O fuzil é sempre empunhado pela idéia, não existe fuzil que não obedeça a uma idéia, seja da reação, seja da revolução. Na insurreição, a política se transformará em ação armada, mas continuará sendo ação política. Por isso é preciso não esquecer que o partido é o programa e o programa é o partido”.*¹³

Trotsky, inclusive, considerou que havia elementos de “um ultra-esquerdismo histórico”¹⁴ na postura política de Alexandra Kollontai. Para Bobbio, a direita se opõe à igualdade, não como juízo moral, mas porque considera que não só as desigualdades econômicas entre os homens não podem ser eliminadas, como também são úteis, na medida em que promovem a incessante luta pelo melhoramento da sociedade. Também não podem ser eliminadas as posições políticas, a partir de “esquerda” e de “direita”, cujos conteúdos se alteram historicamente:

*“É incontestável que, hoje, uma das razões da desorientação da esquerda vem do fato de que no mundo contemporâneo emergiram problemas que os movimentos tradicionais da esquerda jamais se tinham posto, ao mesmo tempo em que perderam validade alguns dos pressupostos sobre os quais haviam se apoiado não só o próprio projeto de transformação da sociedade mas também a sua força. Eu mesmo já insisti várias vezes sobre isso. Nenhuma pessoa de esquerda (sinistorso) pode deixar de admitir que a esquerda hoje não é mais a de ontem. Mas, enquanto existirem homens cujo empenho político seja movido por um profundo sentimento de insatisfação e de sofrimento perante as iniquidades das sociedades contemporâneas - hoje talvez menos ofensivas do que em épocas passadas, mas bem mais visíveis -, eles carregarão consigo ideais que há mais de um século têm distinguido todas as esquerdas da história”.*¹⁵

Este autor, de um ponto de vista liberal, endossou muitas críticas ao comunismo feitas pelos autores da obra *O Livro Negro do Comunismo*, cuja idéia central é o de que a forma despótica de poder pertence à própria natureza do comunismo histórico e que sua degeneração histórica se deu sempre e em todo lugar. Os estudiosos, ao polemizarem se o conteúdo deste livro é propaganda política ou pesquisa histórica, desencadearam um amplo debate, inicialmente na Itália e na França, sobre uma espécie de contabilização da relação entre comunismo e violência, em todo o mundo. Podemos e devemos criticar o comunismo. Mas, como perguntou Hobsbawm: Será possível o mundo prosseguir sem o sonho da utopia? Existe um julgamento definitivo e permanente da

¹² Cfr. Lenin. *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. São Paulo, Global Editora, 1981, pp. 24, 25 e 26.

¹³ Lora, Guillermo. *Teoria Marxista do Partido Político*. Caderno nº 7. São Paulo, *Causa Operária*, 1987 p. 25.

¹⁴ Trotsky, L. *A Revolução Permanente*. Lisboa: Ciências Humanas, 1979, p. 37.

¹⁵ Bobbio, N. Op. Cit. pp. 23-4



história? A “família socialista” reconhece seus erros, que foram muitos, e busca renovar-se intelectualmente. A direita faz o mesmo?

*“Antes de mais nada, nós que fomos comunistas na época de Stálin temos o dever de estarmos conscientes das coisas terríveis que foram feitas na União Soviética e, em menor grau e por tempos mais breves, noutros Estados do que se denominava “socialismo real”. Não há como minimizar tais horrores. E o mesmo seja dito da China de Mao e do comunismo asiático”.*¹⁶

Históricamente, uma importante força de esquerda, no plano internacional foram os partidos comunistas dirigidos por Stálin. Mas fora dos partidos comunistas - no Brasil, como no mundo - já existiam organizações militantes de esquerda, nas quais se desenvolveu um pensamento de crítica tanto à URSS como à política dos partidos comunistas e à sua concepção do desenvolvimento capitalista. Ainda que o pensamento de tais organizações fosse esquemático, ele existia. Assim, as primeiras críticas foram feitas pelo pensamento trotsquista; nos anos 60 e 70, porém, a extrema-esquerda militarista dirigiu muitas críticas ao Partido Comunista. A VPR, por exemplo, defendia a “derrubada da casta burocrático-militar da Rússia”.

Neste século, notadamente, foram postas em discussão as três principais esferas de desigualdade: a classe, a raça e o sexo. Uma coleção de valores e de emoções acompanha, historicamente, o parâmetro de esquerda. E, sobre o tão propalado “fim das ideologias”, mesmo autores que partem de uma concepção liberal afirmam que:

*“Na base e na origem das primeiras dúvidas sobre o desaparecimento da distinção ou ao menos sobre a sua menor força representativa, estaria a chamada crise das ideologias. Pode tranquilamente objetar, como já foi feito, que na realidade as ideologias não deixaram de existir e estão, ao contrário, mais vivas do que nunca. As ideologias do passado foram substituídas por outras, novas ou que pretendem ser novas. A árvore das ideologias está sempre verde. Além do mais, como já foi diversas vezes demonstrado, não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise. E depois, “esquerda” e “direita” não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política valoração (valutazioni) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer”.*¹⁷

Na dinâmica das lutas sociais, podemos distinguir diferentes posições políticas, a partir da busca de distinção entre esquerda e direita. Nas chamadas sociedades democráticas colocam-se, entre a direita e a esquerda, posições intermediárias. As partes

¹⁶ O Livro Negro do Comunismo - Norberto Bobbio e Erich Hobsbawm discutem obra polêmica que contabiliza os crimes cometidos em todo o mundo pelos regimes comunistas. Mais! Folha de São Paulo, 24 de maio de 1998, p. 5.5.

¹⁷ Bobbio, N. Op. Cit., p. 33



têm, entre si, convergências e divergências que tornam possíveis as mais variadas combinações. Assim, o centro pressupõe a antítese: se existe o centro, em cada um dos partidos há uma direita, situada mais à direita, e uma esquerda, mais à esquerda. Desse modo, no âmbito da esquerda localiza-se uma esquerda moderada, que tende ao centro, e uma esquerda extrema, que se contrapõe ao centro.

O extremismo, seja qual for o fim por ele prefigurado (de esquerda ou de direita) milita pela ruptura da ordem social. Para a extrema-direita, a ruptura da ordem destina-se a preservar o *status quo*; para a extrema-esquerda, a ruptura destina-se a criar uma outra ordem. Sintetizando, podemos dizer que direita e esquerda - em certo aspecto - estão ligadas por uma mão dupla; a primeira sendo inversão da segunda, e a reação que segue a ação. Inclusive, em 1968, reportagens apontavam que um setor da ditadura militar brasileira também tinha preocupações com os extremistas de direita:

*“Existe uma convicção, nos meios governamentais, de que, tanto quanto as agitações da extrema-esquerda, a atividade de organizações clandestinas da extrema-direita cria um ambiente de intranquilidade. Além do mais, o Presidente não tem interesse na ação desses grupos, que compromete a normalidade do seu Governo e prejudica a sua imagem no plano internacional”.*¹⁸

Apesar da complexidade do tema, fascismo e comunismo representam, na história deste século, a maior antítese entre esquerda e direita; inclusive o pacto de não-agressão entre nazistas e stalinistas teve breve duração, e foi ideologicamente sem consequências a formação de alguns pequenos grupos de bolcheviques nazistas. Em vista disto, o comunismo e o nazismo não podem ser comparados sob uma ótica unilateral e unidimensional. No que se refere ao primeiro, trata-se, de um “ideal” que percorre toda a história da humanidade, enquanto o segundo, desde o início, foi considerado pela maioria dos povos como “teoricamente falso e moralmente perverso”. Com exceção dos partidos nazistas, a idéia de partido de massas é alheia à direita; aliás, o fascismo imitou os partidos de esquerda para ser mais eficaz em sua luta contra eles.

A palavra “esquerda” tem, para quem a enuncia, um significado axiológico positivo, mas também pode ter - como todas as palavras da linguagem política, que não é absolutamente rigorosa - os dois significados emotivos, positivo e negativo, de acordo com quem delas se serve e o contexto em que tal apropriação ocorre. Direita e esquerda também têm um significado descritivo (que embora sendo variável, não permite à mesma palavra dois significados inteiramente contrários) e um significado

¹⁸ Guerra aos Extremismos. Revista Veja, 16 de outubro de 1968, p. 19



avaliativo (onde a conotação positiva de um implica necessariamente a conotação negativa do outro). Portanto, definir como positivo ou negativo um dos pólos não depende do significado descritivo, mas dos juízos de valor que são atribuídos às coisas descritas.

Neste sentido, não se pode ser, ao mesmo tempo, de direita e de esquerda. Um partido pode deixar de ser esquerda, e mudar de “família”; mas a antítese permanece, ainda que os conteúdos dos dois pólos opostos possam mudar.

“(...) tendência ao deslocamento para as posições extremas tem por efeito, em circunstâncias de particular tensão social, a formação de uma esquerda mais radical à esquerda da esquerda oficial, e de uma direita mais radical à direita da direita oficial: o extremismo de esquerda desloca a esquerda mais para a direita, assim como o extremismo de direita desloca a direita mais para a esquerda”.¹⁹

A esquerda está fundada sobre a idéia de igualdade econômica, e a direita apoia-se sobre a idéia do não-igualitarismo. E qualquer projeto de igualdade deve responder a três perguntas:

- a) Igualdade entre que sujeitos?
- b) Igualdade em relação a que?
- c) Igualdade com base em quais critérios?

Estudos alertam para o fato que, quando se atribui à esquerda uma maior sensibilidade para diminuir as desigualdades econômicas, não se deseja dizer que ela pretende eliminar todas as desigualdades, ou que a direita pretenda conservá-las todas; no máximo, supõe-se que a esquerda seja mais igualitária e a direita mais não-igualitária. O jacobinismo é citado como o exemplo histórico mais importante da extrema-esquerda. O próprio Lenin admitia ser um jacobino indissolivelmente ligado à organização do proletariado consciente. Também no jacobinismo, entretanto, havia uma esquerda jacobina e uma direita jacobina. De qualquer forma, outros estudos também consideram que:

“É na extrema-esquerda do radicalismo jacobino que surgem os primeiros porta-vozes do QUARTO ESTADO que, tomando à letra os ideais da revolução burguesa, denunciam o caráter formal e hipócrita da sua liberdade que implica, de fato, a negação de qualquer igualdade ou fraternidade”.²⁰

¹⁹ Bobbio, N. Op. Cit., p. 93.

²⁰ Mandel, Ernest. *Teoria Leninista da Organização*. São Paulo, Aparte, 1984, p. 9.



A extrema-esquerda está presente em quase todos os países latino-americanos. Na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, uma vez que têm um projeto global de transformação radical da sociedade que não pode ser realizado senão pela instauração da ditadura do proletariado.

Para alguns autores, o socialismo real desmantelou-se; porém, o desafio por ele lançado permaneceu, no sentido de que a esquerda não só não completou seu caminho, como mal o começou.

“Não há ideal que não seja impelido por uma grande paixão. A razão, ou melhor o raciocínio que produz argumentos pró e contra para justificar as escolhas de cada um diante dos demais, e, acima de tudo diante de si mesmo, vem depois. É por isto que as grandes idéias resistem ao tempo e à mudança das circunstâncias e são a despeito dos bons ofícios da razão conciliadora, irredutíveis um ao outro.”
“Irredutíveis, mas não absolutos (...).”²¹

Esquerda e direita são parâmetros flexíveis, que nos ajudam a entender o fenômeno político. Tais parâmetros não são preestabelecidos, mas devem dizer respeito à realidade concreta que se quer analisar; portanto, têm uma definição relacional e comparativa. São parâmetros que têm a ver com o contexto político-social. Esta classificação (esquerda e direita) pode, ainda, ser arbitrária e simplificadora, não obstante corresponda às grandes linhas da atuação política.

²¹ Bobbio, N. Op. Cit. p. 127.



1. 2 - Extrema-esquerda e terrorismo

As três escolas às quais estamos nos referindo (trotsquista, maoísta e guevarista) repudiam todo terrorismo desligado dos movimentos de massa. Apesar de marginalizada e pouco expressiva, a extrema-esquerda é, antes de mais nada, um fenômeno político articulado com as lutas sociais. Ela não é um corpo estranho na sociedade; ela resulta da natureza das relações sociais e não de um abstrato voluntarismo de organizações políticas isoláveis e isoladas.

Enquanto forças radicais - inclusive no sentido de que vão às raízes do fenômeno político - seus militantes são considerados extremistas. Defendem a violência revolucionária, no sentido de ela é a parteira da história. Portanto, se estão nos extremos e se a violência é considerada uma ação extrema, surge a inevitável pergunta: como se dá a compreensão do terrorismo no interior da extrema-esquerda?

Há terrorismo de direita e terrorismo de esquerda. O terrorismo, no moderno sentido histórico-político, foi utilizado pela primeira vez pela burguesia para consolidar-se no poder. O terrorismo, portanto, nasceu com a Revolução Francesa. Ao longo da história, a burguesia - na sua luta intestina contra o proletariado - utilizou-se amplamente da política terrorista; instrumento eficaz nas contra-revoluções.

Historicamente, também os trabalhadores chegaram, em alguns casos, a recorrer ao terrorismo. Assim, o terrorismo também diz respeito ao proletariado, mas os trabalhadores podem ser vítimas de terrorismo; tanto do terrorismo de esquerda como do terrorismo das classes dominantes. A extrema-esquerda considera que se os mais explorados não forem educados politicamente, a revolta de alguns deles pode adquirir até uma primitiva forma brutal e estéril, sob a forma de crime.

O marxismo rechaça o terrorismo enquanto ato político educativo e como forma de luta desligada do movimento de massas. Trotsky, por exemplo, abordou a posição



do marxismo com relação ao terrorismo, no artigo *Acerca do Terrorismo*, onde escreveu que:

“O Estado capitalista não se baseia em ministros de Estado e não desaparece com a eliminação deles. As classes às quais eles servem encontrarão pessoas para substituí-los; o mecanismo permanece intacto e em funcionamento. Porém, a desordem que o atentado produz nas fileiras da classe operária é muito mais profunda. (...) diminui o papel das massas e sua própria consciência; faz com que elas aceitem sua impotência e voltem os seus olhos e esperanças para um grande vingador e libertador que algum dia virá cumprir sua missão. (...) Tão logo a fumaça de uma explosão se dissipa, o pânico desaparece, um sucessor ocupa o lugar do ministro assassinado, a vida volta a seu velho leito, a roda da exploração capitalista gira como antes; só a repressão policial se torna mais selvagem e aberta. (...) O Estado é muito mais rico nos meios de destruição física e repressão do que todos os grupos terroristas juntos.”

A Constituição brasileira atual estabelece o seguinte, no Título I - Dos Princípios Fundamentais, no Artigo 4^a, Inciso VII - repúdio ao terrorismo e ao racismo. E, no Inciso XLIII, coloca o terrorismo ao lado de crimes comuns (tortura, tráfico de drogas, e os hediondos), sem precisar exatamente o que é terrorismo.

Tudo indica que o Estado, quando repudia o terrorismo, repudia sempre o terrorismo dos que se lhe opõem, e quase nunca o seu próprio terrorismo. Como bem ensinou a tradição do espírito da Lei de Segurança Nacional, terrorismo não poderá ser expressamente definido pelo Estado, sob pena de deixar de ser operacional.

“Por esta razão, não há como se iludir ou ignorar que a Constituição atual ao fazer do repúdio ao terrorismo um princípio fundamental, detém uma arma, de eficiência historicamente comprovada, contra todos aqueles envolvidos em projetos de transformação social que passa pela mudança da estrutura do Estado e do modo de produção. Pois quem sabe o que é exatamente terrorismo além do Estado?”²²

Um aspecto muito importante, na busca de uma compreensão do fenômeno chamado terrorismo, é o de que um ato se caracteriza como terrorista quando se volta para pessoas inocentes ou não-combatentes. Em geral, considera-se que toda e qualquer violência é assumida por ambas as partes em confronto como instrumento indispensável para a destruição, transformação ou defesa da ordem atual. Desse modo, as intimidações, prisões, torturas e assassinatos, praticados indiscriminadamente pelo Estado contra todo e qualquer opositor político, também é terrorismo. Atualmente, parece estar havendo a substituição do terrorismo clássico, “ideológico” e bem localizado territorialmente, por uma forma errática de ataque a alvos que somente o círculo íntimo

²² Aguiar Barros, José Manoel de. *Terrorismo: Uma Palavra em Movimento*. PUC-SP, Diss. de Mestrado, p. 78.



das ações terroristas parece entender. O objetivo do terrorismo dos anos 90 parece ser o próprio terror, às vezes numa causa obscura e subterrânea.²³

Abordamos aqui esta questão porque não podemos confundir terrorismo com a luta armada. Esta é bem mais ampla do que o terrorismo, embora este possa, eventualmente, estar contido naquela. Lamarca, em seu escrito *Caminhos da Guerrilha* considerava exeqüível o *“terrorismo educativo contra exploradores e altas autoridades”*.²⁴ O próprio Che Guevara alertava para o cuidado necessário na adoção de atos terroristas e para a análise dos seus efeitos gerais, favoráveis ou não, ao processo revolucionário. Num dos primeiros encontros de Guevara com jovens cubanos, que atribuíam muito peso ao terrorismo, relatou Ricardo Rojo:

“Tanto para Guevara como para mim, aqueles rapazes entusiastas pairavam num terreno fantástico. Falavam de fuzilamentos sumários, atentados com dinamite, exercícios militares no interior das universidades, seqüestros e descargas de metralhadoras com uma naturalidade que nos atordoava. (...) Mas, só conseguiam provocar em Guevara uma incredulidade brincalhona e mais de uma vez encerrava o relato patético dos cubanos com uma frase:

*- Ouçam... Por que não contam agora um filme de cow-boy?”*²⁵

Segundo Lenin, o marxismo revolucionário deve ter uma postura crítica em relação ao terrorismo individual, desligado do movimento de massas, mas não deve descartar a sua utilização em circunstâncias históricas determinadas.

A discussão sobre terrorismo acaba quase sempre por trazer à tona o tema da modalidade da luta armada implementada pela militância revolucionária. Para o trotsquismo, a tarefa da classe operária não pode ser substituída pela ação exclusiva de um foco guerrilheiro, e muito menos por ações terroristas individuais. Afirmou Trotsky, em sua obra *História da Revolução Russa* que *“a química dos explosivos não pode substituir a ação das massas trabalhadoras”*.

Podemos encontrar, entretanto, trotsquistas no movimento de guerrilhas, influenciados por Mao-Tsé-Tung e Guevara, com a diferença de que aceitam a guerrilha como uma situação provisória. Há diferenças e similitudes entre Trotsky, Lenin, Guevara e Mao. Che era um admirador de Mao desde a juventude, bem como da tática de guerra de guerrilhas, que é, historicamente, bem antiga. Ao que consta, por exemplo, Sandino foi o primeiro guerrilheiro da América Central. No caso de Che, por ele conhecer a litera-

²³ *O horror inesperado*. Revista *Veja*. 12 de agosto de 1998, pp. 48-49.

²⁴ Lamarca, C. *Caminhos da Guerrilha*. 1969. p. 2. In: BNM – Anexo 777.



tura sobre guerrilha, parece que bem cedo inclinou-se para a experiência chinesa, que lhe parecia mais próxima das perspectivas revolucionárias para o Terceiro Mundo, como veremos oportunamente neste trabalho.

²⁵ Rojo, Ricardo. *Meu Amigo Che*. São Paulo, Traço Editora, 1968, pp.52-3.



1. 3. - Extrema-esquerda e Educação

Dada a desconfiança com que vê a “democracia burguesa”, a extrema-esquerda massista parece - mesmo em períodos de relativa abertura democrática - conservar aspectos de organização clandestina – daí o caráter semi-clandestino do PCO e do PSTU - justificando-se pela possibilidade de retornar rapidamente à estrutura de um agrupamento deste tipo, se as perseguições do governo a forcingem. Os debates sobre as prerrogativas do Comitê Central e as condições de participação no partido referem-se ao tipo de organização clandestina; quanto mais clandestina for uma organização, mais limitada e rígida será, se comparada com partidos legais.

*“O aspecto organizativo é o mais conservador e o mais perigoso, e que pode acabar liquidando o partido como direção da classe. Um partido que não é capaz de se autocriticar na parte organizativa pode caducar como organização destinada a organizar a revolução. Por exemplo, um partido que sai da clandestinidade e que não abandona os hábitos da clandestinidade indefinidamente (alguns dirigentes continuam se escondendo) está condenado a abandonar sua qualidade de direção das massas. Porém, ao contrário uma organização que não é capaz de adequar-se rapidamente à clandestinidade, pode ser totalmente varrida do cenário e ficará apenas o seu programa, para que outra organização o incorpore. A organização é, portanto, o aspecto conservador desta equipe de revolucionários profissionais, ela está sempre atrasada em relação às modificações da situação política, sempre. O segredo no funcionamento de um partido consiste em que este abismo entre organização e mudança política nunca seja muito grande, colocar muita atenção em modificar organizativamente o partido para adequá-lo às mudanças da situação política, para que este partido possa realmente executar sua linha política”.*²⁶

Para a extrema-esquerda, a luta eleitoral e parlamentar não é senão um dos elementos da ação geral do partido; um dos meios que ela pode empregar, dentre outros, para realizar seus fins políticos. Há outras táticas, porém, mais importantes, que o partido deve empregar primeiro.

“Utilizamos as atividades eleitorais e parlamentares a serviço da revolução e da destruição do regime (...). O centro de gravidade sempre deve estar na atividade extraparlamentar para a conquista do poder político; (...) O partido revolucionário penetra no parlamento para minar desde seu interior a máquina governamental e o próprio parlamento. A utilização da atividade parlamentar dependerá das

²⁶ Lora, Guillermo. Teoria do Partido Político. São Paulo, Causa Operária, 1987, p. 40.



*condições concretas da luta de classes. Neste sentido, uma visão ultra-esquerdista que negue sistematicamente a participação nas eleições não tem nada a ver com o bolchevismo (...)*²⁷

Marighella, um dos expoentes mais significativos da extrema-esquerda militarista, considerava que o mais importante é a ação, e que a organização surgiria simultaneamente com a ação. Sob o seu ponto de vista, a estrutura orgânica jamais deve preceder a ação. Em seu escrito **Sobre a Organização dos Revolucionários**, foi bem explícito:

"Todos nós somos guerrilheiros, terroristas e assaltantes, e não homens que dependem de outros revolucionários ou de quem quer que seja para se desempenhar do dever de fazer a revolução. O centralismo democrático não se aplica a organizações revolucionárias como a nossa".

*"(...) Os princípios orgânicos para a construção de um partido que precede a revolução são uma coisa, os princípios de uma organização como a nossa, que se constitui como decorrência da ação revolucionária, são outra coisa. Estes princípios são quatro: o dever de todo revolucionário é fazer a revolução; não pedimos licença a ninguém para praticar atos revolucionários; só temos compromissos com a revolução; só agimos por meio revolucionários".*²⁸

O fundamental para a extrema-esquerda é promover certos valores políticos na luta, o que confere à ação educativa um lugar muito importante; a educação revolucionária dos militantes assume, pois, lugar de grande relevância no seu projeto de ação. A teoria e os problemas ideológicos desempenham um papel fundamental para a extrema-esquerda.

Em termos de direção política, a extrema-esquerda tem os profissionais das organizações - cujas vidas são dedicadas em tempo integral ao partido - que tendem a formar uma cúpula dirigente e assumir certa autoridade. Aliás, Robert Michels²⁹ descreveu, em termos sempre atuais, as tendências oligárquicas das organizações; quando elas ocorrem, há pouca renovação da direção do partido.

Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara foram, também, homens profundamente apaixonados à causa revolucionária, e em seus escritos assumem isso. Por esta razão talvez, por isso a extrema-esquerda parece associar um alto sentimento de oposição às desigualdades econômicas, uma paixão política avassaladora e uma disciplina de uma espécie de exército. Conseqüentemente, a causa não exige apenas uma adesão política, mas um grande engajamento de vida, e a militância parece entender que a vida política não se separa muito da vida privada. No imaginário da extrema-esquerda, é o operário que encarna os valores revolucionários, e há o risco do conceito

²⁷ Caderno nº 2 - Teses Programáticas para a Revolução Proletária. São Paulo, Editora Desafio, 1994, p. 31.

²⁸ Mir, Luis. A Revolução impossível. p. 413.

²⁹ Michels, Robert. Sociologia dos Partidos Políticos. Brasília, Edit. da UNB, 1982.



“operário” se alicerçar numa espécie de abstração. O dirigente revolucionário internacional Nahuel Moreno, a propósito, alertava a extrema-esquerda brasileira, em maio de 1984:

“É muito perigoso querer aplicar esquemas à realidade, em lugar de partir de um estudo objetivo da própria realidade para ver de que forma específica se dão nela as nossas definições”.(...)

“Fazer fetiche da greve geral, como fazem os sindicalistas revolucionários, é muito perigoso. A greve geral é uma ferramenta colossal do processo revolucionário, mas este não começa nem termina com ela. A greve geral é um método e uma consigna a mais, de enorme importância, evidentemente, do processo revolucionário.”³⁰

A estrutura do partido constitui o quadro geral da atividade dos militantes e determina os mecanismos de seleção dos dirigentes e os poderes destes. Os alvos da extrema-esquerda são os sindicatos e associações de operárias e camponeses. A maior parte da extrema-esquerda tem os seguintes elementos organizacionais de base: direção nacional, direção regional e células. A direção nacional, evidentemente, reúne pequeno número de militantes importantes, escolhidos em razão de sua influência. Há, portanto, uma coordenação que reúne os pequenos núcleos, componentes da organização.

Cada segmento da organização é uma parte de um todo, cuja existência autônoma não é concebível. As organizações procuram conquistar quadros e adquirir partidários para engrossar suas fileiras. A Convergência Socialista³¹, por exemplo, chamou a esse processo de “cooptação política”. Na esfera de cada organização, encontramos várias categorias de membros. Na esfera de influência da extrema-esquerda e dentre as várias categorias de membros, encontramos os “simpatizantes” (que declaram-se favoráveis ao partido e lhe dão, às vezes, o seu apoio, permanecendo, porém, fora da organização; eles não são, a rigor, militantes do partido) e os “permanentes” (que são a substância da ação da extrema-esquerda). É evidente que há condições de adesão; e o seu fundamento é a educação político-partidária. Durante a guerrilha urbana, o que mais credenciava um revolucionário aos olhos dos militantes era ter participado de uma ação armada, ou mesmo ter sido preso. Na verdade, a noção de “simpatizante” é vaga e complexa, mas na extrema-esquerda esse conceito não permanece puramente passivo: envolve leitura regular de seu jornal, contribuição financeira em campanhas, comparecimento a algumas de suas manifestações. A noção de “militante”

³⁰ Convergência Socialista. Caderno de Formação nº 3, Carta de Capa à Direção de Alicerce: Começou a Revolução Brasileira? p. 35.



também não é de fácil definição; ele é, basicamente, aquele que trabalha efetivamente para o partido, comparece às reuniões e participa de suas ações. Os partidos compõem uma comunidade diversificada, complexa e hierarquizada, já que a natureza da participação não é igual para todos os militantes.

Não há, na maioria das vezes, um mecanismo formal de adesão (assinatura, fichamento, por exemplo); porém, há critérios político-educativos de adesão, controle financeiro e construção partidária. O militante se compromete a acatar a disciplina do partido e trabalhar coletivamente. Do ponto de vista financeiro, as organizações se mantêm essencialmente das contribuições e de um mecanismo de quotizações individuais muito rigorosas, feitas pelos seus militantes, no qual se apoiam as finanças. Nos anos 60 e 70 os fundos eram “expropriados”, preferencialmente dos bancos. De qualquer forma, as organizações têm que garantir os recursos necessários à sua ação político-educativa e às suas atividades do dia a dia. Vejamos o caso atual do PSTU:

*“Ser militante do PSTU não é tarefa para qualquer um. São quatro requisitos básicos. O primeiro é assistir semanalmente a reuniões de seu núcleo de base. O segundo é levar a política do partido para os movimentos sociais. O terceiro ponto é divulgar o jornal quinzenal e o quarto é dar 5% do seu rendimento para o partido”.*³²

É o “bureau” das organizações que garante o seu funcionamento cotidiano. Os seus dirigentes são eleitos pelos seus membros. O partido é um centro de educação e de informação, pois como diz Duverger:

*“(...) as doutrinas não bastam para garantir o funcionamento das instituições, se estas últimas não forem adaptadas à infra-estrutura que as sustenta”.*³³

Os arquivos e documentação da extrema-esquerda raramente são bem conservados, e mais raramente ainda são suficientes para que se possa históriá-las de modo adequado. Durante os períodos de repressão - além de se evitar ao máximo o uso de registros por escrito - muitos documentos são destruídos pelos próprios militantes, sem contar que muita coisa importante deixa de ser documentada. No caso de Marighella, por exemplo, quando foi executado pela repressão em São Paulo, levou para o túmulo toda uma rede de infra-estrutura e de planejamento, além de todo esquema de guerrilha rural, que envolvia finanças, propriedades, contatos e logística que somente ele conhecia em sua totalidade e que, por medida de segurança, não podia

³¹ Trata-se de uma organização trotsquista, ligada à LIT e filiada à IV Internacional, que foi expulsa do PT em 1992 e que hoje compõe o PSTU.

³² Andrade, Patrícia. *Profissão Radical*. Revista IstoÉ 15/04/98, p. 21.

³³ Duverger, Maurice. *Os Partidos Políticos*. R.J., Zahar, 1970, p. 62



registrar por escrito. Marighella queria educar os guerrilheiros numa proibição rigorosa do uso de papéis e cadernetas com nomes, endereços, planos ou apontamentos. O caso da organização de extrema-esquerda, nos anos 60, MOLIPO também é significativo neste aspecto; ao que consta, foi fundada verbalmente; nenhum documento foi escrito. Além disso, ainda hoje, o próprio acesso às fontes documentais da extrema-esquerda é difícil, também por motivos de segurança, dado o caráter semiclandestino dos partidos. No estudo da extrema-esquerda militarista encontramos uma última dificuldade, porém não a menor: encontrar sobreviventes que tenham vivenciado todo o processo guerrilheiro:

“Não existem muitas pessoas que, por sua experiência direta, tenham conhecido o cotidiano e as entranhas da luta armada desde o seu começo até o fim. As quedas nas organizações revolucionárias, como a ALN, o Colina, a VPR, o MR-8, a VAR-Palmares, o MRT, a Rede etc., sucediam-se com tal rapidez, que seus dirigentes mal tinham tempo para esquentar as cadeiras. Por isso mesmo, os que sobreviveram, geralmente, só podem falar com segurança sobre períodos muito curtos. Raríssimos são aqueles que puderam formar uma visão completa do processo (...)”³⁴

Para as organizações radicais, além da questão fundamental do trabalho político, constituem peça fundamental a vida do militante, a paixão política e a mística revolucionária, como já mencionamos.

“Porém, muitas pessoas não se filiam somente a um partido para trabalhar: elas procuram ali também um derivativo para as suas preocupações quotidianas, um alargamento dos seus horizontes, um “derivativo”, diria Pascal.”³⁵

A célula repousa numa base profissional (que tem o mesmo local de trabalho): células de indústria, de banco, de loja, etc. Nos antigos partidos comunistas, era preciso ao menos três militantes para constituírem uma célula. Já durante a guerrilha urbana brasileira, por exemplo, haviam os GTAs (grupos táticos armados) que eram espécies de células voltadas para ações armadas. Na ALN havia revolucionários para três diferentes funções: Equipe-de-Fogo, Pontos-de-Apoio, e Frente de Massas. Na recente extrema-esquerda podem existir células locais, que reúnem militantes isolados: células de bairro, por exemplo. Em seu início, as células foram, precisamente, criadas para a ação clandestina.

Cada organização de extrema-esquerda imprime, sua orientação geral, sua tática, sua originalidade e seu estilo. A forma como as seções ou regionais se relacionam

³⁴ Martins, Franklin. Prefácio, in: Paz, Carlos Eugênio *Viagem à Luta Armada* / RJ, Civilização Brasileira, 1996, p. 9-10.

³⁵ Idem, p. 68.



entre si e com outras unidades elementares do partido influi profundamente sobre os seus militantes, sobre seu corpo teórico e sua eficácia de ação, e ainda sobre os seus métodos e os seus princípios. O congresso partidário é a instância suprema do partido, que indica a maioria dos membros da Direção Nacional. Cada regional ou seção elege seus próprios delegados ao Congresso Nacional do partido. Evidentemente, o funcionamento da extrema-esquerda em plena luta armada não permitia congressos e amplas discussões.

Em suas articulações, as organizações têm ligações verticais e horizontais de um lado, e a centralização e a descentralização, por outro. Ou seja, ligações verticais e horizontais definem modalidades de coordenação dos militantes de base, que compõem as organizações de extrema-esquerda; centralização e descentralização referem-se à repartição dos poderes entre os níveis de direção partidária.

Ao estudarmos a extrema-esquerda não nos devemos prender à letra dos estatutos e normas, mas analisar-lhes também a aplicação concreta. A extrema-esquerda fomenta uma atmosfera de discussão e de rivalidade intelectual, desde que não se rompam os princípios da doutrina e da disciplina partidária. Em princípio, quanto menor a organização, maior é o controle sobre a militância e a preservação da “pureza” ideológica. A extrema-esquerda busca ser unidade de contrários: julga-se composta pelas pessoas mais conscientes e ativas que devem se separar das massas, mas contraditoriamente também devem estar integradas à classe operária. Esta unidade, entretanto, não é fácil; conseqüentemente, há um outro risco para as organizações de extrema-esquerda, que é o de se separarem e não se integrarem na luta política concreta e, assim, caírem num sectarismo estéril e autofágico.

Para a extrema-esquerda, o partido é basicamente a expressão de uma das classes fundamentais, por isso a extrema-esquerda empenha-se em convencer a classe dos explorados, em educá-la politicamente e, assim, retirar a classe operária da tutela dos partidos “burgueses”. Há partidos de massas e partidos de quadros; a extrema-esquerda parece não se encaixar plenamente em nenhum destes conceitos, pois é composta de partidos de militantes, que são mais abertos que os partidos de quadros, e mais fechados que os partidos de massas. Para Lenin e Trotsky, o partido não deve enquadrar toda a classe operária, porque ele é a ponta avançada, a “parte mais consciente”. Daí que os partidos de extrema-esquerda parecem existir mais em nível de quadros e menos de massa, apesar, evidentemente, de pretenderem ser direção polí-



tica e pedagógica para as massas. Neste sentido, um órgão trotsquista chamado *Boletim de Informações Internacionais* colocava a seguinte questão, que, em seguida, tentava responder:

"(...) Por que foi impossível até hoje, e parece tão difícil para o futuro do trotskismo em geral e para nós em particular construir partidos com influência de massas? A premissa básica do trotsquismo é a seguinte: o único sujeito da história capaz de fazer a revolução socialista mundial, de levá-la ao triunfo em todo o planeta, é o proletariado. (...) Neste sentido o proletariado é o chefe insubstituível, por mais vitórias parciais e conjunturais que obtenham outros processos revolucionários. Todo o segredo das dificuldades do trotskismo está vinculado às dificuldades do proletariado para atuar como centro desse processo revolucionário mundial. Se por um ou outro motivo o proletariado fracassa em sua tarefa histórica, se não se converte no sujeito da história do fim do século XX, ou começo do século XXI, ou se estoura uma terrível guerra nuclear, o trotskismo também seguirá fracassando"³⁶

Os militantes também levam uma vida de sacrifício; mas sacrifícios fazem parte das convicções e da paixão política. Pagar mensalmente sua quotização financeira, para quem não tem uma renda elevada, por exemplo, implica quase sempre em sacrifício: essa ação exterioriza a adesão profunda do militante à sua organização. Também, abdicar de uma vida comum, sacrificando horas de lazer em ações partidárias ou longas reuniões acontece, em grande parte, porque

"(...) alguém se apega a uma comunidade, como a um ser, em proporção aos sacrifícios que se faz por ele"³⁷

Desse modo, há um desprendimento dos bens materiais, numa vida rude e austera. Havia uma legenda do PC do B, que exprimia essa realidade: "Primeiro o Partido, depois tua vida se possível".³⁸ Contribuição, sacrifícios e adesão, neste caso, são inseparáveis. A extrema-esquerda preocupa-se em fortalecer o sentimento revolucionário dos seus membros, em aprofundar-lhes a educação política, em desenvolver-lhes a disciplina partidária. A solidariedade política é reforçada pela identidade dos interesses entre os militantes. A militância, porém, não proporciona apenas satisfação, é um trabalho muitas vezes difícil, em que se pode ser surpreendido pelo desânimo, pela dúvida ou pelo medo. Mao dizia que se trata de uma luta de vida ou morte:

"Por completamente em jogo o nosso estilo de combate: coragem, espírito de sacrifício, desprezo pela fadiga e tenacidade nos combates contínuos (combates sucessivos travados num curto espaço de tempo e sem descanso)". (...)
"Devemos estar preparados a seguir um caminho sinuoso, e não tentar obter as

³⁶ *Boletim de Informações Internacionais*, impresso em Portugal, s/d, p. 39.

³⁷ Duverger. Op. Cit, p. 112.

³⁸ P C do B. *Guerrilha do Araguaia*. São Paulo, Anita Garibaldi, p. 11.



*coisas a baixo preço. Não devemos imaginar que, de sua livre iniciativa, um belo dia todos os reacionários cairão de joelhos aos nossos pés”.*³⁹

O partido proporciona aos seus membros um quadro geral de idéias, um sistema total de explicação do mundo e uma cosmogonia espiritual. Em outras palavras, ele dá uma orientação no conjunto da vida. O partido partilha algo de seu patrimônio e é um tipo de escola de pensamento.

*“Os partidos políticos são comunidades de fins gerais: apresentam-se como sistemas completos e coerentes de explicação social; visam a uma organização de conjunto da vida nacional e mesmo internacional”.*⁴⁰

Na extrema-esquerda, as divergências e a heterogeneidade podem assumir forma coletiva: grupos de trabalho ou frações, com caráter transitório. Não se permite, no entanto, facções permanentes: o grupo divergente ou é convencido pelos outros militantes ou os convence. Se nenhuma destas opções ocorrer, pode se dar o caso de expulsão. É muito caro ao militante o caráter de legitimidade e, salvo naqueles níveis de base (seções de células), de forma geral os dirigentes do partido não são eleitos diretamente pelos militantes de base, mas por aqueles delegados originários de eleição.

No seu contexto, Lenin travou uma grande luta para que o jornal *Iskra* fugisse ao controle do comitê central de seu partido; já atualmente, sob outras circunstâncias, os jornais da extrema-esquerda parecem submeter-se totalmente à direção do partido. Ou seja, o corpo redatorial não conserva independência em relação aos dirigentes políticos. Apesar de eleitos democraticamente, muitos dos membros da direção dos partidos podem tender a se manter por muito tempo, constituindo um círculo de dirigentes.

*“Nos partidos socialistas, onde o recrutamento dos chefes é mais democrático que alhures, sua renovação é igualmente difícil”.*⁴¹

Além disso, são os atuais dirigentes que normalmente indicam e “trabalham” os futuros dirigentes. Daí o risco, sempre possível, de surgirem camarilhas, que se revestem de características de uma oligarquia. Os quadros permanentes (a burocracia) podem vir a se constituir num tipo de oligarquia institucional.

A este respeito, entretanto, a extrema-esquerda massista tem argumentado que apesar de nenhum dirigente ser providencial ou perfeito, sua ausência, perda ou morte, pode retardar o processo revolucionário.

³⁹ Tse-Tung, Mao. *O Livro Vermelho*. São Paulo, Global Editora, 1972, pp. 198 e 214.

⁴⁰ Duverger, Maurice. *Op. Cit.*, p. 153.

⁴¹ *Idem*, p. 168.



“Por exemplo, há organizações que dizem: vamos ter uma direção rotativa, todos os militantes vão ser dirigentes. Não. O dirigente é aquele que resume toda a experiência da classe, é insubstituível, e por isso esse indivíduo é o dirigente ou um quadro do partido e tem uma importância fundamental no processo de transformação da classe. No entanto, o dirigente não pode atuar arbitrariamente; tem que atuar em condições pré-estabelecidas pelo desenvolvimento das forças produtivas, sua importância se coloca nos limites deste estreito marco, mas não deixa de ter importância”.⁴²

A extrema-esquerda, inspirada em Lenin e Trotsky, principalmente, compreende o núcleo do partido como uma espécie de “exército” profissional, que é composto basicamente por militantes com dedicação permanente e total ao partido. Lenin levou tão a sério o seu trabalho revolucionário que, ao que consta, abdicou até mesmo da possibilidade de criar filhos, para se dedicar completamente ao partido. Muitos militantes universitários abandonaram seus cursos de graduação, em prol do partido. Desta concepção surgem os revolucionários profissionais, que dedicam, não alguns dias da semana para a agitação política, propaganda revolucionária, construção partidária e educação política das massas, mas toda a sua vida, “pessoas cuja profissão seja a ação revolucionária”.

Sob o ponto de vista do leninismo, um quadro revolucionário deve almejar ser capaz de organizar uma greve, de publicar uma revista teórica, de formar um sindicato, de ser eleito para o parlamento, de pegar em armas, de debater uma questão filosófica, de articular uma comissão de mulheres contra a carestia e ajudar a planejar a futura sociedade socialista, etc.⁴³ O militante deve diferenciar-se da maioria por não abandonar seu trabalho educativo quotidiano, numa retomada paciente e fastidiosa, nem durante o refluxo das lutas, derrotas políticas, repressão ou contra-revolução.

Vale ressaltar que não são somente os partidos de esquerda ou de extrema-esquerda que possuem os profissionais do partido e que são ideológicos. Os “partidos da burguesia” também são necessariamente partidos de quadros profissionais de tipo elitista e também têm uma “ideologia”.

“(…) porque ela não precisa (a não ser em momentos de grave crise política) exercer diretamente a sua direção para fazer valer os seus interesses. Ela pode esperar que outros o façam por ela e, como por definição não precisa nem desejar a ação das massas, trabalha bem com os modelos de partidos de ocasião, comitês eleitorais ou partidos onde só os dirigentes decidem”.⁴⁴

⁴² Lora, Guillermo. *Teoria Marxista do Partido Político*. Caderno n° 7. São Paulo, *Causa Operária*, 1987, p. 25.

⁴³ Cfr. Mandel, Ernest. *Teoria Leninista da Organização*. São Paulo, ed. Aparte, 1984, pp. 38 e 39.

⁴⁴ Moisés, José Alvaro. *Partido de Massas: democrático e socialista*, p. 181. in: *E Agora PT - Caráter e Identidade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.



Em termos de educação política, inicialmente os partidos socialistas - com o intuito de formar quadros políticos no interior da classe operária - criaram "Escolas de Quadros". Os partidos comunistas também desenvolveram sistematicamente tais escolas. E, com métodos e conteúdos diferentes, os partidos nazifascistas criaram "Escolas de Chefes". O PCB, por exemplo, desenvolveu atividades educativas internas (Escolas de Quadros) e externas (cursos de alfabetização e de marxismo para trabalhadores), objetivando "refazer corações e mentes". O dirigente comunista Prestes, numa de suas cadernetas apreendidas pela polícia, em 1964, afirmava:

"Necessário fortalecer o PC por meio de recrutamento audaz e educar seus militantes na doutrina de Marx e Lenin".⁴⁵

Em São Paulo, nos anos 50, havia cursos sobre os estatutos e o programa do partido, bem como de capacitação política para militantes de base, nos quais ensinava Carlos Marighella, entre outros dirigentes. Desse modo, o próprio PCUS oferecia, regularmente, cursos para comunistas do mundo inteiro:

"Alunos mandados pelo PCB para a Escola de Quadros do PCUS em Moscou, na década de 70, contam que na aula de informações, aprendiam noções de clandestinidade, códigos, destruição de documentos sigilosos, fabricação de tinta invisível e outras habilidades".⁴⁶

Para citarmos um exemplo no campo comunista, o PC do B criou o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais e também colocou em circulação interna o boletim *Organização e Educação*, órgão de divulgação da Comissão Nacional de Educação, realizando seminários e atividades a respeito do trabalho de educação no partido. No informe político, apresentado por João Amazonas, no 8º Congresso do PC do B, podemos ler:

"Vale salientar o trabalho de formação desempenhado pela Escola Nacional do Partido. Desde sua instalação, já passaram por cursos de diferentes níveis mais de dois mil comunistas. Em 1991, realizou-se um curso especial de estudo da filosofia, da economia política e da teoria do Partido do qual participaram 160 camaradas."⁴⁷

A "escola cubana" e a "escola chinesa" foram as que mais influenciaram a extrema-esquerda militarista. Mesmo na extrema-esquerda militarista, cujas organizações eram mais flexíveis, alguns revolucionários dos anos 60 recorriam simbolicamente ao termo "escola" com o significado de treinamento, e ao de "estrutura escolar" com o

⁴⁵ Mir, Luis. *A Revolução Impossível*. Rio de Janeiro, Best Seller, 1994, p. 143.

⁴⁶ Mir, Luis. Op. Cit., p. 432.

⁴⁷ PC do B - *O Socialismo vive*. São Paulo, ed. Anita Garibaldi, 1992, p. 58.



de guerrilha. Encontramos tais expressões, por exemplo, numa detalhada carta sobre o movimento guerrillheiro no Brasil e suas articulações internacionais, encontrada pela polícia no bolso de Câmara Ferreira, no momento de sua prisão:

*“O companheiro (...) que não aceitou sua advertência e causava problemas graves na escola, prejudicando o rendimento do conjunto, foi punido; afastamô-lo da escola. Isto teve excelente efeito imediato na tropa. O comando no Brasil foi valorizado. A organização se fez presente. Por outro lado, a fim de evitar maiores problemas e após minucioso exame da situação, criamos para o grupo em treinamento uma coordenação independentemente da estrutura escolar”.*⁴⁸

Estudos sobre partidos considerados clássicos, apontam que os partidos são sempre mais desenvolvidos à esquerda que à direita. Os socialistas, desde o início, deram um outro conteúdo para o termo partido. Com o surgimento dos partidos socialistas no século XIX, alterou-se a amável anarquia, a independência liberal e a autonomia individual que predominava nos partidos burgueses. E isto pelo fato de que não se tratavam mais de reduzidos círculos de pessoas, mas enquadravam grandes massas, e somente um tipo de disciplina e uma ideologia poderiam lhe dar coesão e identidade.

O êxito de Lenin, Trotsky e do partido bolchevique, em 1917, parece ter provindo do fato de que eles deram prioridade à organização do partido e à disciplina. Na extrema-esquerda, há “comissões de disciplina” para julgar atos de indisciplina dos membros, e há um sistema de sanções: suspensão, interdição para ocupar funções no partido, e expulsão. Nos anos 60, no Brasil, tais comissões podiam deliberar até pela execução de algum militante considerado traidor ou que ameaçasse a organização, como se deu com a ALN, por exemplo. Ao educar o militante revolucionário, Mao afirmara que:

*“Os métodos para tratar os contra-revolucionários são: execução, prisão, vigilância e libertação. (...) É necessário tratar de maneira diferenciada os elementos contra-revolucionários, conforme cada caso.”*⁴⁹

O PC do B, no Araraquã, por exemplo, executou o pistoleiro Pedro Mineiro e chegou a realizar algumas outras “ações punitivas”. Neste sentido, o militante e comandante militar da ALN - Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz – falou também sobre a execução de militantes considerados uma ameaça à sua organização. E referindo-se à execução do militante da ALN, Márcio Leite de Toledo, disse:

“Tomamos essa decisão em duas reuniões. Em ambas, eu fui a favor da execução. No total, oito militantes foram ouvidos, e a decisão foi unânime. Por quê? Por que ele era um dirigente que sabia tudo sobre a organização. Havia

⁴⁸ Mir, Luis. Op. Cit. p. 564.

⁴⁹ Tse-Tung, Mao. O Livro Vermelho, Global Editora, 1972, pp. 181-2.



*estado em Cuba para treinar guerrilha, mas ao voltar ao Brasil dava sinais de fraqueza. Num assalto, em vez de proteger os militantes, como combinado, fugiu correndo. Estava fraco, querendo deixar a luta. Concordamos que saísse da organização. Mas, exigimos que deixasse o Brasil - poderíamos até mandá-lo ao exterior por um período de pelo menos seis meses. Ele discordava. Queria sair da ALN e ficar no país. Ora naquela circunstância, com a polícia cada vez mais perto, ele seria preso e levaria outros quinze militantes com ele. Marcamos um ponto com ele, fomos lá explicamos que tínhamos deliberado por sua execução e o matamos”.*⁵⁰

Hoje é sabido que o militante Mário nunca fora um traidor. Esta execução arranhou a moral revolucionária. Entretanto, referir-se aos últimos anos da luta armada é também penetrar num período de muito sofrimento e desespero, particularmente para os que arriscavam a vida, num processo em que a duração de vida de um militante era muito curta.

Na extrema-esquerda, há o domínio do partido sobre os seus parlamentares. Nesta concepção, os parlamentares devem ser executantes da política do partido. Quando dizemos que a extrema-esquerda considera fundamental e prioritária a agitação, a educação das massas, a propaganda política e a construção de partidos revolucionários, não queremos dizer que em processos eleitorais nunca lancem candidatos próprios. Ao contrário, quase sempre lançam seus candidatos, seja através da “ política do partido dentro do partido”, (e para isto basta lembrar das tendências que trabalhavam no interior do PT), seja autonomamente (basta lembrar também do registro eleitoral do PSTU e do PCO, depois da expulsão das principais tendências do interior do PT). É verdade, porém, que pela sua ação política agressiva de extrema-esquerda que de *per si* a isola, e pela sua retórica contundente, não logra eleger muitos dos seus candidatos. Portanto, seus exíguos parlamentares, em situações limites, subordinam-se aos dirigentes partidários, acatando o chamado centralismo democrático. Talvez porque, como bem exprimiu Duverger:

*“Um deputado operário é sempre mais deputado que operário e torna-se cada vez mais menos operário e cada vez mais deputado à medida que o tempo passa”.*⁵¹

A Internacional Comunista, sob este enfoque, chegou a afirmar que:

*“Cada deputado do partido não é um legislador a procura de uma linguagem comum com outros legisladores, porém um agitador do partido enviado para as hostes do inimigo a fim de aplicar decisões do partido”.*⁵²

⁵⁰ Entrevista: Carlos Eugênio S. Coelho da Paz, Revista *Veja*, nº 31, do dia 31 de julho de 1996, pp. 7 e 8.

⁵¹ Duverger, Maurice. *Op.Cit.*, p. 227

⁵² Citado por Duverger, Maurice. *Op. Cit.* p. 234



Em termos das dificuldades de se eleger, atualmente, parlamentares de extrema-esquerda massista, vejamos mais de perto a questão numérica, tomando alguns exemplos. Nas eleições de 1988, a Convergência Socialista elegeu sete vereadores, basicamente em Porto Alegre, Contagem, Rio de Janeiro, Belém, e Diadema. Nessas eleições, ela também conseguiu eleger um deputado. Já nas eleições de 1992, elegeu apenas um vereador no Rio de Janeiro. Foi eleito, também, como prefeito municipal da cidade de Timóteo, no Estado de Minas Gerais, um militante da Convergência Socialista. Num dos últimos levantamentos feitos pela direção do PSTU, o número de seus filiados ultrapassava a casa dos 12.000.

Na evolução dos partidos, observamos a transformação da sua natureza e de seu papel. Historicamente, os partidos foram organizações puramente eleitorais: a eleição era o fim; o partido, o meio. Progressivamente, essa situação foi invertida: o partido tornou-se o fim; a eleição, o meio. Não se trata somente de ser eleito, mas de fazer conhecer o partido.

Para a extrema-esquerda, os possíveis (mas difíceis) êxitos eleitorais são considerados somente como meios de desenvolver o poder do partido, que permanece o elemento fundamental. Ela se constitui por partidos de agitação permanente.

A extrema-esquerda é composta, predominantemente, por organizações pequenas e grupúsculos com algumas centenas de militantes. Neste estudo, como já assinalamos, estamos considerando estes micro-partidos ou organizações como partidos, pois apesar de serem as menores partes, não deixam de ser “partidos”, ou uma fração do todo, independentemente do tamanho que represente sua parte. Há, teoricamente, as organizações mais significantes e as menos significantes, bem como as insignificantes numericamente. Os pontos de vista sobre os pequenos partidos variam bastante. Tais partidos têm reduzida representação numérica no parlamento e não se preocupam em desempenhar função governamental ou de oposição institucional. Apesar dos diferentes pontos de vista, é possível distinguir dois tipos de pequenos partidos:

a) Os partidos de personalidade: formam a clientela de uma personalidade política muito influente, e são partidos fluidos e movediços, não se apoiando em ideologia precisa. Esses partidos correspondem a uma fração da opinião pública, acentuadamente minoritária, mas relativamente estável. Podem ser partidos de minorias étnicas ou geográficas.



b) Os partidos de minorias permanentes: a base ideológica é o fundamento de sua organização. Podem ser partidos de caráter religioso ou partidos de minorias políticas.

Pensamos que, de alguma forma, as personalidades mais carismáticas para um setor de qualquer partido acabam por criar, à sua volta, um círculo de interlocutores mais diretos, “uma clientela”. Para este estudo interessam os partidos de minorias políticas, pois a extrema-esquerda corresponde à essa última definição. A extrema-esquerda é, necessariamente, oposição, e exprime idéias que se encontram isoladas no país; por isso é levada a uma postura de protesto e de intransigência.

“(...) um partido extremista, decidido a manter a pureza, deve permanecer na oposição, e só sair dela para participar da revolução ou para ajudar a desencadeá-la”.⁵³

Neste enfoque, Leon Trotsky foi enfático em afirmar que:

“Não somos um partido governamental, somos o partido da oposição irreconciliável. Realizamos nossas tarefas exclusivamente através da educação dos trabalhadores, explicando-lhes o que devem defender e o que devem derrubar”.⁵⁴

Para o pensamento marxista, não há classe sem consciência de classe; porém, não há consciência de classe sem a ação de partido que a suscite e a faça crescer. Os partidos são libertos das opiniões privadas, que são pessoais, variáveis e cambiantes, tendendo a uma ação coletiva - uns mais, outros menos.

“Sem partidos, haveria, apenas, tendências vagas, instintivas, variadas, dependendo do temperamento, da educação, dos costumes, da situação social, etc.”.⁵⁵

Na orientação política das pessoas, intervêm sempre algumas categorias de fatores: particulares (e locais) e gerais, pessoais e ideológicas.

“Historicamente, os partidos nasceram quando as massas populares começaram a entrar, realmente, na vida política: formaram eles o quadro necessário que lhes permitia recrutar nessas próprias massas as suas próprias elites. Os partidos são sempre mais desenvolvidos à esquerda que à direita. Suprimi-los seria, para a direita, um meio admirável de paralisar a esquerda”.⁵⁶

Os partidos políticos, notadamente os mais “ideológicos”, apresentam, em algum grau, uma índole militar, religiosa e autoritária. Os revolucionários, normalmente, tam-

⁵³ Duverger, Maurice. Op. Cit., p. 380.

⁵⁴ Deutscher, Isaac. Trotsky, o Profeta Banido, p. 483.

⁵⁵ idem, p. 413

⁵⁶ idem, p. 459.



bém se amparam num tipo de fé. É comum, nos autores dos textos de extrema-esquerda, as expressões: "fé revolucionária", "crença na revolução", "nossas crenças", "nossas fileiras", "missão", "sacrifício", "doutrina", etc. Como a perspectiva da morte é um cálculo lógico, durante a guerrilha, em períodos insurrecionais ou de forte repressão, o revolucionário deve ser educado para disciplinar o medo e fortalecer a têmpera revolucionária. Quando o militante era preso ou morto, a organização considerava que ele sofreu uma "queda", e como a imagem evoca: queda é, apenas, uma interrupção do caminhar. Além disso, a morte, durante a luta, traz a idéia de sacrifício. Observemos, em alguns escritos de Regis Debray, que quando se referia à memória de algum combatente morto, considerava-o um "sacrificado". Tomemos, por exemplo, seu livro *A Guerrilha do Che*, que é dedicado

"À MEMÓRIA DE JOSÉ CABRERA FLORES, "EL NEGRO"(...) combatente internacionalista que amava seu povo, seu trabalho (...). Sacrificado a 2 de setembro de 1967, próximo ao casario de Palmerito, no sudeste boliviano."

Evidentemente, não é possível equiparar a militância a uma questão religiosa. Postos os devidos limites, é possível observar que Sacrifício também apresenta o primitivo aspecto simbólico de uma oferta à divindade, e atualmente pode se traduzir como imolação de uma vida à causa da revolução, do proletariado, do camponês, do partido do povo, da humanidade, etc. O próprio Mao-Tsé-Tung escreveu que:

"Onde há luta há sacrifício, e a morte é coisa freqüente. Como nós temos em mente os interesses do povo, os sofrimentos da grande maioria do povo, morrer por este é dar à nossa morte toda a significação. Contudo, há que reduzir ao mínimo os sacrifícios desnecessários".⁵⁷

Trotsky também afirmou que morreria com uma fé inabalável no futuro comunista:

"Essa fé no homem, em seu futuro, me proporciona, ainda agora, um poder de resistência que não pode ser proporcionado por nenhuma religião".⁵⁸

Adolf Abramovich Yoffe - que se suicidou, entre outras coisas por terem sido expulsos do partido pelo stalinismo - deixou uma carta a Trotsky, seu amigo pessoal, onde dizia:

(...)"Adotei a opinião de que a vida humana só tem sentido na medida em que é empregada a serviço do infinito - e para nós, a humanidade é o infinito."⁵⁹

⁵⁷ Mao. *O Livro Vermelho*, São Paulo, Global Editora, 1972, p. 188.

⁵⁸ Deutscher, I. Trotsky - *O Profeta Banido*, p. 493.

⁵⁹ idem, Trotsky - *O Profeta Desarmado*, p. 402.



O próprio Che também escreveu: "Sejam realistas, exijam o impossível". Sobre isso o intelectual e militante socialista Mario Pedrosa, discorrendo sobre o otimismo revolucionário de Che que ousava, com um reduzido número de combatentes, desafiar exércitos bem equipados, escreveu:

"Guevara, como todo revolucionário, é um homem de fé".⁶⁰

Antes o próprio Che numa de suas cartas para sua mãe havia assumido isso ao escrever:

"Não lhe posso dizer, nem aproximadamente, em que momento deixei o caminho da razão e adotei algo parecido com a fé, porque o caminho foi muito comprido e com muitos passos para trás".⁶¹

Militar num partido é uma forma particular de fazer política. Para conhecer os partidos, temos que estudar a sua pedagogia política, sua organização, seu funcionamento e seu projeto, pois o surgimento dos partidos se realiza a partir de um projeto identificador de interesses. Apesar de suas especificidades, há experiências parecidas nos vinte e um países que compõem a América Latina. Este estudo trata do caso brasileiro da educação em organizações políticas de extrema-esquerda, mas não há como deixar de relacioná-la com um contexto maior. No estudo dos partidos, encontramos elementos importantes para a compreensão do processo histórico.

Em geral, os partidos se constituem num suporte pedagógico imprescindível das práticas democráticas. Muitas leituras são possíveis sobre o fenômeno partidário, uma vez que o tema é inesgotável: Como se originam, desenvolvem-se, consolidam-se e desaparecem os partidos políticos, no contexto histórico?

Na reflexão sobre a vida democrática predomina, na extrema-esquerda, uma pedagogia anticapitalista. De forma geral, a ação político-pedagógica extremista tem se inspirado nos ideais de importantes educadores políticos, tais como Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara, entre outros. Também é certo que tais práticas políticas, suscitadas por essas pessoas, podem ser a fonte de muitos estudos e reflexões.

Os estudos clássicos de Robert Michels, Moisei Ostrogorski, Max Weber, Maurice Duverger, constituem um importante indicador de que a democracia não é pensável sem a prévia compreensão do fenômeno partidário. Onde não há partidos não encon-

⁶⁰ Pedrosa, Mario. *Che Guevara, o Otimismo Revolucionário*. in: *Praga - revista de estudos marxistas*, nº 2. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.

⁶¹ Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, p. 193.



tramos, a rigor, democracia. Em seu estudo sobre o fenômeno partidário, Alfredo Ramos Jiménez fez uma síntese das perspectivas clássicas:

"La objetivación teórico-metodológica de los hechos o prácticas partidistas ha seguido diversas líneas de desarrollo y construcción: en el nivel más general, podríamos situar los trabajos de Maurice Duverger, Sigmund Neumann y Giovanni Sartori, en los que encontramos las hipótesis básicas para la observación; en un nivel comparativo y con alcance teórico significativo, además de los trabajos de Seymour M. Lipset y Stein Rokkan - se podría hablar de "teorías empíricas" - las investigaciones de Jean Blondel, Daniel Louis, Seiler, Klaus Von Beyme, Angelo Panebianco y la colección de estudios de Joseph La Palombara y Morton Weiner; enfin en un nivel más monográfico y local, tanto en los Estados Unidos como en Europa son ya numerosos los autores que han ido más allá de análisis meramente descriptivos y que han puesto a prueba las hipótesis de los trabajos teóricos generales".⁶²

É um grande desafio para os estudiosos a integração das diversas aproximações teórico-metodológicas. Duverger, Neumann e Sartori analisam os partidos enquanto instituições do poder político e, particularmente, Almond e Apter, enquanto fatores decisivos do desenvolvimento e modernização política. Lipset, Rokkan, Seiler os pensam enquanto instrumentos de integração e de resolução dos conflitos. Os partidos são, ao mesmo tempo, instrumentos de integração e expressão dos conflitos que permeiam a sociedade; são também uma comunidade de vida, na qual são satisfeitos interesses privados, sociais e culturais. Uma sociedade minimamente democrática produz organizações políticas, na medida de suas contradições, conflitos ou clivagens. E tais fenômenos podem não estar contemplados nos limites institucionais do Estado.

É oportuna a questão: quais são os interesses que impelem os partidos? Inicialmente, diremos que os partidos são sempre portadores de projetos específicos de sociedade e de Estado. Assim, os projetos partidários podem ser vislumbrados em seus programas, em suas declarações de princípio, na sua doutrina. Tais projetos, contudo, extrapolam tudo isso, ao mesmo tempo em que sustentam todos estes fenômenos que o traduzem.

A militância partidária pressupõe a adesão a um projeto político, mas com a generalização das influências do modelo de partido *catch-all* (*agarra-tudo*) está havendo um esvaziamento das identidades partidárias, e uma "norteamericanização" das campanhas eleitorais nos países latino-americanos. Daí a elevação dos profissionais do *marketing* aos postos de direção das campanhas partidárias. Tais campanhas, bem feitas do ponto de vista publicitário, caracterizam-se pela mesmice partidária, por uma



fraca politização e por um discurso genérico, destinado a atrair o maior número de eleitores.

Em um dos seus escritos - *Necessidade de Uma Preparação Ideológica de Massas* - Gramsci afirma que a luta de interesses acontece em três níveis: a) na atividade teórico-ideológica b) na atividade econômico-sindical c) na atividade político-partidária. Neste sentido, para Gramsci, é fundamental o trabalho educativo dos partidos políticos. Diz ele:

*“Deve-se sublinhar a importância e o significado que têm os partidos políticos, no mundo moderno, na elaboração e difusão das concepções do mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequadas a ela, isto é, em que funcionam quase como “experimentadores” históricos de tais concepções”.*⁶³

Antonio Gramsci caracterizou o partido como “intelectual orgânico”, e nesse sentido se referiu ao papel de iniciador da transformação política que cabia ao partido político:

*“A primeira célula em que se reúnem os germes de uma vontade coletiva que tende a se tornar universal e geral”.*⁶⁴

Importante mencionar, ainda, que para Gramsci o partido é o intelectual coletivo que busca a hegemonia nas relações sociais que se estabelecem na sociedade, por isso a função do partido é diretiva e organizativa, isto é, educativa:

*“Que todos os membros de um partido político devam ser considerados intelectuais(...)”*⁶⁵

Como já foi ressaltado, não há democracia sem partidos. As classes sociais e grupos têm necessidade de uma organização, como meio de criar a vontade coletiva. Para os dominados, é uma arma de luta política contra os mais fortes.

A extrema-esquerda é crítica das teorias ultra-esquerdistas, anarquistas e individualistas, pois consideram que tais teorias, ao secundarizarem a organização, podem acabar beneficiando as classes dominantes, com a dispersão e desagregação daqueles que são mais fracos politicamente. O operário isolado torna-se o elemento mais fraco da sociedade. Daí que princípio de organização é considerado a condição absoluta da luta política pelos mais fracos. Esta mesma organização, por outro lado e contraditória-

⁶² Ramos Jiménez, Alfredo. *Los Partidos en las Democracias Latinoamericanas*. Universidade de los Andes; Consejo de Publicaciones, 1995, pp. 74 - 5.

⁶³ Gramsci, Antonio. *Concepção Dialética de História*. p. 22

⁶⁴ Gramsci, Antonio. *Notas Sobre Maquiavel e o Estado Moderno*. p. 129.

⁶⁵ Gramsci, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. p. 17.



mente, também é meio de entrada de correntes conservadoras no seio da democracia. A organização política busca o poder; porém, o poder tem um aspecto conservador. Aliás, idéias conservadoras manifestam-se também no campo do socialismo. Desse modo, o êxito eleitoral contínuo e a conseqüente massificação de um partido revolucionário pode cortar suas garras revolucionárias.

Michels defende a tese da “impossibilidade mecânica e técnica de um governo diretamente exercido pelas massas”. Para Michels, nos partidos políticos modernos há a necessidade de formar técnicos em política e políticos profissionais. E as organizações operárias serão forçadas a abdicar do exclusivismo proletário e, preferencialmente, serão representadas por pessoas com instrução superior. Sob este ponto de vista, com a organização, pouco a pouco o poder de decisão é retirado das massas e concentrado nas mãos dos dirigentes. Por isso, para Michels, quem diz organização, diz tendência para a oligarquia. Desse modo, para este autor, há duas teses fundamentais: a) A doença oligárquica dos partidos é incurável., b) É impossível que um partido democrático siga uma política democrática, um partido revolucionário, uma política revolucionária.

A principal causa dos fenômenos oligárquicos, verificados em partidos democráticos, está no fato de que os dirigentes são tecnicamente indispensáveis. Portanto, para este autor toda organização partidária representa uma espécie de oligarquia que se apoia numa base democrática. Assim, a revolução social não traz qualquer modificação na estrutura interna da massa; somente mudam as oligarquias:

“a música continua a mesma, só muda o maestro”.⁶⁶

Acabamos de ver que, para Michels, com a organização não há garantia contra a formação de um estado-maior oligárquico, e como as massas seriam “irracionais”, elas podem ser sugestionadas:

“É mais fácil dominar a massa do que um pequeno auditório”.⁶⁷

Teoricamente, quanto menor uma reunião partidária, mais os seus militantes podem discutir demorada e profundamente entre si. Daí a necessidade de delegados capazes de representar a massa, e realizar sua vontade. Pouco a pouco, a tarefa dos

⁶⁶ Michels, Robert. Op. Cit., p. 244.

⁶⁷ Idem, p. 10.



representantes políticos se complexificou; passou a exigir certas habilidades pessoais, bons conhecimentos objetivos, além de boa oratória.

A princípio, para a extrema-esquerda, os militantes nada mais são do que organizadores, educadores e servidores da massa, e todos os membros têm os mesmos direitos. Todos têm voz e voto; todos são elegíveis para as tarefas partidárias. Como todo partido político, a extrema-esquerda também aspira ter em suas fileiras o maior número de filiados, mas buscando, em primeira instância, a “qualidade”, e depois a “quantidade”. Assim, todos os que puderem e quiserem podem aderir ao partido, subordinando seus interesses ao projeto político partidário. Fundamentalmente, a base de um partido é formada pelo seu projeto político que, em tese, exprime algum tipo de ideologia, enfim uma concepção de mundo e de sociedade.

No campo do pensamento socialista utópico, Saint-Simon afirmava ser necessária a criação de uma nova hierarquia dirigente, fundada sobre as pessoas “mais generosas, mais inteligentes e mais fortes”.

Para alguns autores, a instauração plena da democracia não será possível. Por outro lado, todo movimento operário revolucionário, inspirado por sincero espírito democrático, pode contribuir para o enfraquecimento das tendências oligárquicas. Desse modo, é à pedagogia social que compete a grande tarefa de elevar o nível das massas, com o intuito de deixá-las em condições de se opor à tendências oligárquicas que as ameaçam sempre. Robert Michels concluiu o seguinte:

*“A democracia é também um tesouro que ninguém jamais encontrará. Mas, prosseguindo na busca e pesquisando infatigavelmente para encontrar o que não pode ser encontrado, estar-se-á realizando um trabalho não menos fecundo e proveitoso pela democracia”.*⁶⁸

⁶⁸ Idem, p.251.



Capítulo II

Elementos de Teoria e História dos Partidos, como referencial de análise





2.1. Fenômeno partidário e a noção de partido

Os partidos políticos não constituem fenômenos ilhados da sociedade, considerando-se que entram em relação com outros elementos que compõem os sistemas políticos, tais como grupos de interesse, grupos de pressão, sistemas eleitorais, cultura política, entre outros. Os sistemas de partidos são diferentes maneiras históricas de resolução dos conflitos político-sociais. Os partidos são canais em que o poder legalmente constituído busca institucionalizar as diversas clivagens, como resultado das relações de forças que se exprimem nos conflitos.

A noção de partido político pode ser compreendida de forma mais completa examinando-se a origem e as funções dos partidos, distinguindo-os das outras formas de organizações. Conforme La Palombara e Weiner,⁶⁹ o partido político moderno se assenta na reunião de quatro critérios, que tentamos resumir:

- a) A continuidade da organização, que permite distinguir os partidos e as simples clientelas, facções, bandos ou camarilhas.
- b) Uma organização completa feita, inclusive, até ao nível local.
- c) A vontade de exercer o poder, com um elemento suplementar: os partidos se assentam também numa solidariedade geral.
- d) A busca de sustentação popular, especialmente pelo canal das eleições, que permite opor os partidos aos simples clubes, por exemplo.

Assim, o partido político é uma realidade relativamente recente; só apareceu no decurso do século XIX - e sobretudo na segunda metade do século. Duverger faz uma distinção entre partidos de criação eleitoral e partidos de criação externa. Os primeiros nascem e se desenvolvem com a democracia, isto é, com a extensão das prerrogativas parlamentares e do sufrágio popular. Os segundos foram gerados fora do mecanismo eleitoral e parlamentar; possuem "origem externa", tais como sindicatos, sociedades de



pensamento, etc. O modelo de Duverger, entretanto, aplica-se perfeitamente aos países ocidentais; porém, adapta-se mal aos novos Estados do chamado Terceiro Mundo.

A atividade do partido, em suas áreas de influência, pode contribuir para modelar a cultura política das pessoas, em algumas dimensões como a cognitiva, a afetiva e a avaliativa. No aspecto cognitivo, o partido é também fonte de informações sobre a realidade. No aspecto afetivo, a participação nas atividades do partido implica no sentimento de identificação com um projeto coletivo; os símbolos do partido e da hierarquia (qualquer hierarquia) podem contribuir para a satisfação de algumas necessidades emocionais das pessoas, agregando-as. No aspecto avaliativo, o partido fornece, simultaneamente, objetivos e critérios para a apreciação das realidades políticas ou econômicas; propõe uma ideologia e engaja as pessoas.

Desse modo, para inventariar satisfatoriamente as atividades dos partidos; é necessário ultrapassá-las, ou seja, é preciso ir além dos seus objetivos conscientes, desejados e confessados, bem como das suas intenções subjetivas, distinguindo funções manifestas e funções latentes.

Todas as formações políticas têm uma comunicação (mensagens) a realizar; porém, a comunicação política não é um diálogo entre iguais. As organizações políticas são canais de expressão, ou seja, são agências de representação do povo e das minorias políticas, expressando suas reivindicações. Ao se desenvolverem, os partidos pretendem transmitir à sociedade as necessidades das autoridades, mas, antes, para transmitir às autoridades as necessidades da sociedade. Isto não significa que todos os partidos expressam e representam, sempre, as necessidades do povo. Os partidos expressam, canalizam, agregam, selecionam essas necessidades e, em certos casos, as desviam e deformam.

O fenômeno partidário é passível de vários tipos de análise. Podemos situá-lo em diversos ângulos, para estudá-lo em toda sua complexidade. A análise dos partidos pode se dar sob o enfoque do estudo das idéias políticas e da investigação sociológica. No primeiro ponto de vista, que prevaleceu na primeira metade do século XIX, o partido é considerado como o porta-voz de uma doutrina. Depois, os estudiosos da sociologia política iriam enfatizar as estruturas do partido, considerando, sobretudo, o seu aspecto

⁶⁰ Cfr.: La Palombara, Joseph e Weiner, Myron. *Political Parties and Political Development*. Princeton, 1966.



organizacional, o caráter de “aparelho” ou “máquina”. A abordagem organizacional ou estrutural prevaleceu com Ostrogorsky, Michels e Bryce, principalmente.

Para compreendermos o partido político, as questões do projeto partidário e da organização ocupam um lugar importante e estratégico, em suas implicações teóricas e práticas. O projeto partidário vincula-se aos objetivos do partido e à organização, ou seja, aos meios que permitem assegurar o primeiro. O estudo da unidade partidária, no entanto, não se reduz ao simples estudo da estrutura partidária; pode-se analisar também a imagem que o partidário tem da sua organização, de seu projeto político, da significação de sua adesão, da natureza do laço de filiação ideológica. Sob este ponto de vista, considera-se o partido como uma sociedade especial, como um microcosmo específico, com suas leis, os seus ritos, os seus sentimentos coletivos, etc. A ação dos partidos na vida política se realiza mediante a organização, que assegura aos partidos as condições para trabalhar em direção do cumprimento de seus objetivos.

Na América Latina, considera-se que há quatro principais famílias políticas ou de partidos: “oligárquica”, “socialista”, “popular” e “democrática”; mas um partido pode um- dar de projeto e de “família” política. O tema deste nosso estudo vincula-se à família socialista, cujo projeto é anticapitalista. Esta família engloba toda a esquerda e a extrema-esquerda, incluindo os socialistas moderados, os comunistas e os partidos revolucionários de forma geral. O maoísmo está incluído na subfamília comunista, e o guevarismo, nos partidos revolucionários guerrilheiros. O trotsquismo vincula-se ao socialismo radical.

Alguns autores vêem vestígios do maoísmo e guevarismo em algumas organizações armadas da América Latina, que, ao que parece, apenas subsistem residualmente, uma vez que a perspectiva de tomada do poder pela guerrilha não existe (por exemplo: zapatistas, no México), ou então deslocou-se para um futuro cada vez mais distante e pouco provável, cujo recurso armado principal parece ter sido um grande peso atribuído às ações terroristas (por exemplo: sendero luminoso, no Peru) A extrema-esquerda brasileira atual tem sido ocupada, predominantemente, por trotsquistas - apesar de quase sempre terem sido minoritários ao longo da história, são mais duradouros como guardiães de um certo integrismo marxista-leninista; e têm difíceis possi-



bilidades de chegar ao poder. Encontramos, da mesma forma, um certo integrismo não-igualitário na extrema-direita⁷⁰ latino-americana.

Entre a dimensão da teoria da revolução e da organização encontra-se o projeto partidário que identifica e singulariza a vontade política. Este estudo trata daquelas organizações que defendem a primazia da doutrina e da ação direta. Nesses pequenos partidos (que alguns consideram meros grupúsculos), os militantes realizam uma adesão “principista” aos postulados do marxismo-leninismo, em suas vertentes guevaristas, maoístas ou trotsquista, cujas linhas de ação geral vão definindo todo um corpo doutrinário, e que resistem aos “desvios”. Trata-se, portanto, daquilo que alguns autores chamaram “Partidos Ideológicos”.

Em geral, os partidos de esquerda e extrema-esquerda foram classificados de “partidos ideológicos” como se os outros também não se orientassem por princípios ideológicos. Parece-nos que, a rigor, todo partido tem princípios ideológicos, mesmo que não tenham consciência deles, mesmo que não os explicitem ou comportem-se contraditoriamente frente a ideologia que lhes dá alguma direção.

*“Se os outros partidos podem se dar ao luxo de não ter um perfil ideológico definido - e não parecem angustiar-se demasiadamente com isso - é porque se candidatam à gestão do poder constituído, com maiores ou menores retoques, não representando uma renovação radical nem das estruturas políticas nem das relações sociais ou das ideologias dominantes”.*⁷¹

Sobre os chamados partidos ideológicos, Jiménez diz que:

*“En este tipo de partidos, el proyecto pretende abarcar todos los aspectos de la vida social: desde una concepción general del mundo y la sociedad, hasta la determinación, a menudo formal, del rol y función de los ciudadanos frente a las tareas de la dirección y control (gobierno) del aparato estatal. Para ello, se importa con frecuencia “corpus doctrinales” en los que se enmarca la acción y las expectativas de los miembros de la organización partidista. Este doctrinarismo parece más evidente en los primeros partidos socialistas que se fueron formando en las tres primeras décadas de este siglo y que parece mantenerse en muy pocos partidos de la extrema izquierda integrista”.*⁷²

Tais partidos sustentam-se exclusivamente no trabalho contínuo ou permanente de seus militantes, dado o número reduzido de seus membros. São, portanto, partidos de tendências minoritárias que se revelam em suas expressões políticas radicais. No campo da extrema-esquerda, em muitos casos, as discussões internas - que podem produzir rupturas - constituem-se em alimento para a organização militante. E o pouco

⁷⁰ Seria interessante um estudo que identificasse com maior precisão esta extrema-direita

⁷¹ Sader, Emir. *O que é que está escrito na estrela?* p. 173, in: *E Agora PT - Caráter e Identidade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

⁷² Ramos Jiménez, Alfredo. Op. Cit. pp. 139-140.



flexível espírito militante, que se considera a parte mais consciente e conseqüente da organização, pode favorecer um progressivo isolamento da organização. Outro risco para tais "partidos ideológicos" é ocupar-se demais com a educação e depuração interna, e ocupar-se menos com os adversários mais poderosos. Um "partido ideológico" dificilmente será "pragmático", assim como um "partido de notáveis" não tem sido e não parece tender a ser "ideológico".



2.2. Os tipos de partidos políticos

Como já pudemos constatar, os partidos são fenômenos complexos situados no espaço e no tempo. Para analisá-los e descrevê-los é necessário localizá-los na história, no meio social, no conjunto nacional de que são partes. Críticas recentes e ponderadas parecem ser pertinentes, porque recolocam em questão a tipologia de Duverger, confrontando-a com a realidade dos países economicamente subdesenvolvidos e a do chamado Primeiro Mundo, num contexto de globalização.

No âmbito da estrutura e da vida interna dos partidos, a distinção fundamental continua a ser a dos “partidos de quadros” e dos “partidos de massa”, que Duverger formulou em 1951. Sigmund Neumann⁷³ apresentou uma divisão análoga, opondo os “partidos de representação individual” (partidos cujos membros são pouco numerosos e pouco ativos) e os “partidos de integração social” (partidos mais exigentes em relação aos seus filiados). Na verdade, porém, tanto nos países de Terceiro Mundo, como nas sociedades altamente desenvolvidas, há a necessidade de ultrapassar a grande divisão proposta por Duverger ou por Neumann.

Pretendendo não se fixar em classes sociais ou ideologias tem surgido o “partido agarra-tudo” (*catch-all parties*), como um fenômeno relativamente novo, para atrair o máximo de sufrágios de todas as categorias sócio-profissionais. O partido “agarra-tudo” intensifica e diversifica as suas relações com os grupos de interesses, que constituem reservatórios eleitorais.

Para que possamos compreender a organização de qualquer partido é preciso investigar, antes de mais nada, sua estrutura de poder, seus objetivos confessos e sua “subjetividade”. Ou seja, a distribuição do poder na organização: como ele se reproduz e como e com que conseqüências se modificam as relações de poder. Em outras pala-

⁷³ Cfr.: Neumann, Sigmund. *Modern Political Parties. Approaches to Comparative Politics*. Chicago, 1956.



vras, temos que dispor de uma definição suficientemente precisa do que é poder em uma organização e saber quais são suas propriedades.

Trata-se de um fenômeno contraditório. Desde que Michels analisou a “lei de ferro da oligarquia”, surgiram argumentos contra e a favor de tais idéias. Porém, as duas linhas de análise captam e apreendem aspectos do fenômeno do poder, que coexistem sempre em qualquer organização. O que ocorre é que realçam somente um aspecto da questão. Assim, não podemos negar que os dirigentes e lideranças têm grande capacidade de controle e manipulação, entretanto - por outro lado - elas buscam manter-se, de alguma forma, em sintonia com a base da organização, capaz de condicionar suas decisões. A ambigüidade do fenômeno explica as dificuldades dos estudiosos do partido. Mas, de qualquer forma, é necessário uma definição de poder diferente da proposta por Michels, que é unidirecional e dos que diluem o conceito a uma genérica relação de “influência recíproca”.

Para alguns autores, o que necessitamos é de uma definição que explique tanto a capacidade de manipulação dos dirigentes e líderes, como - ao contrário - a capacidade da base de uma organização de exercer pressões eficazes sobre os líderes. A teoria do poder, como “relação de intercâmbio”, parece explicar melhor esta relação. O poder seria um tipo de relação assimétrica (uma das partes pode obter, normalmente, mais da outra), porém recíproca, e que se traduz em uma “negociação desequilibrada”. Assim, o poder jamais é absoluto; a interação lhe impõe limites de exigências e expectativas; ele não pode ignorar totalmente as pressões de base. Em uma dada organização partidária, qualquer militante ou membro controla ainda que seja somente uma mínima “área de incerteza”. O que vale dizer: mesmo o último dos militantes possui recursos utilizáveis nos jogos de poder.

Surge, agora, uma questão: Como identificar o conteúdo do intercâmbio em que se concretiza o poder organizativo?

É preciso distinguir as negociações entre líderes (“jogos de poder horizontal”) e as negociações entre os líderes e a base (“jogos de poder verticais”). Nas negociações verticais temos a teoria dos incentivos, na qual os líderes intercambiam incentivos (coletivos e/ou seletivos) por participação. O desequilíbrio está no fato de que a liberdade de ação que os dirigentes obtêm é maior que a liberdade de ação que obtêm as bases. As relações de poder “verticais” são condição das relações de poder “horizontais”.



Toda organização tem os seus “incentivos” para estimular sua área de influência. Os incentivos organizativos (coletivos e/ou seletivos) encontram-se relacionados com a ideologia da organização, com os fins oficiais do partido. É preferível, na prática, distinguir somente entre incentivos seletivos de tipo material (compensações materiais) e de status. Num partido podemos distinguir três níveis de participação: os eleitores, os filiados e os militantes. Todos os membros da organização tendem a desfrutar mais que de um só tipo de incentivo, de uma combinação de incentivos coletivos e seletivos.

Para Duverger, os destinatários dos incentivos organizativos são os eleitores, os filiados e os militantes. Para obter essa forma mínima de participação que é o voto, as lideranças do partido devem distribuir incentivos também aos eleitores que participam estavelmente da subcultura do partido. Este eleitorado participa na esfera de incentivos coletivos de identidade, como já falamos. Os filiados, muito mais que os simples eleitores, por seus contatos mais diretos com os militantes, entre outras coisas, têm mais oportunidades de beneficiar-se das “redes de solidariedade”, que se articulam em torno as organizações do partido.

Não obstante, uma separação clara entre os filiados e os eleitores é, pelo menos, problemática; igualmente incerta é a que se dá entre filiados e militantes. Podemos nos referir a uma escala de participação, mas não de grupos claramente distintos, com características de participação completamente diferentes. O “núcleo duro” dos militantes - a reduzida minoria que em todo partido participa real e continuamente - ainda que seja com uma intensidade variável - e com sua atividade faz funcionar a organização, constitui o grupo mais importante. Os intercâmbios que os dirigentes mantêm com este grupo são os que têm conseqüências organizativas mais relevantes.

No grupo dos militantes, Panebianco⁷⁴ distingue - somente para efeito de análise - entre um tipo de militante cuja participação depende predominantemente de incentivos coletivos de identidade (os “crentes”) e um tipo de militante cuja participação depende predominantemente de incentivos seletivos materiais e/ou de status (os “arrivistas”). A militância, seja do tipo crente ou arrivista se vê recompensada com uma mescla de incentivos de identidade, incentivos materiais e incentivos de status. Habitualmente, a maioria dos militantes de extrema-esquerda parece que tende a aproximar-se do tipo “crente”, e somente uma minoria, do tipo “arrivista”.

⁷⁴ Panebianco, Angelo. *Modelli di partito – organizzazione e potere nei partiti politici*. Bologna, Società editrice Il Mulino, 1982.



Panebianco também procura identificar os recursos do poder organizativo; aqueles fatores cujo controle permite a certos membros desequilibrar, em seu favor, os jogos de poder. Assim, na teoria do poder organizativo esses fatores se concebem como “zonas de incerteza”; quer dizer, determinados âmbitos que são imprevisíveis para a organização. É possível situar as principais zonas de incerteza em um número bastante limitado de atividades vitais para a organização. Seis são os fatores em torno dos quais se desenvolvem atividades vitais para a organização: 1) competência (é o poder do possuidor de um saber especializado. 2) as relações com o círculo: as organizações têm um mundo exterior sobre o qual exercem um controle limitado. 3) a comunicação: a organização somente funciona na medida em que existam canais de comunicação da informação 4) as regras formais: fixar o “campo de jogo”, eleger o terreno em que se desenvolverão os conflitos, as negociações ou os jogos de poder com outros membros organizados. 5) a finança: quem controla os canais, através dos quais afluí o dinheiro que serve para financiar a organização, controla outro recurso crucial. 6) o recrutamento: decidir quem pode ou não entrar e tomar parte na organização; decidir sobre quem, dentre outros que lutam para ascender, fará carreira em algum dos ramos da organização e quais são os requisitos necessários.

Desse modo, a coalizão dominante de um partido está integrada por aqueles membros que, pertençam ou não formalmente à organização, controlam as zonas de incertezas mais vitais. O controle destes recursos faz da coalizão dominante o principal centro de distribuição dos incentivos organizativos do partido.

O objetivo básico dos dirigentes e lideranças é conservar a estabilidade organizativa (conservação das linhas internas de autoridade no partido). O sistema organizativo constitui sempre uma ordem negociada, que resulta do equilíbrio entre pressões e demandas. É desse compromisso que surge a articulação dos fins e a inteligibilidade dos comportamentos e as atividades das organizações; um compromisso cujas características vêm definidas pela forma como se configura a coalizão dominante de um partido.

Para Sartori,⁷⁵ enquanto os partidos forem partes (no plural), um sistema partidário presta-se à expressão do que vem das bases, muito mais do que à manipulação feita de cima. Há diferentes tipos de manipulação. E, para Sartori, a “manipulação repressiva” surge exatamente quando o pluralismo partidário desaparece. O

⁷⁵ Cfr.: Sartori, Giovanni. **Partidos Políticos e Sistemas Partidários**, Brasília, UNB, 1982.



partido que nega a existência de outros, não se pode materializar na mecânica de um sistema de pluralismo partidário. O partido que não for parte, nega inversamente o princípio mesmo da diversidade e institucionaliza a repressão da discordância. O que vale dizer: se a formação política for concebida como um todo pluralista, então o necessário é um todo feito de partes no plural.



2.3. Da significância do partido

Na atualidade, há uma concordância quase unânime quanto ao fato que a distinção entre sistemas unipartidários, bipartidários e multipartidários não é muito adequada. E quase todos os estudiosos apresentam um esquema próprio. Em nossos dias, encontramos inúmeras classificações e tipologias dos sistemas partidários.

Sartori desenvolveu o critério da polarização, para estudar situações em que as diversas forças mantêm oposições mutuamente excludentes de competição partidária. Este autor distinguiu dois principais tipos, que correspondem ao multipartidarismo e que originam os sistemas pluralistas moderados e sistemas pluralistas polarizados. E, nestes últimos, encontramos uma grande distância ideológica entre os partidos, que até permite a existência de "partidos anti-sistema".

Sartori também afirmou que não podemos rejeitar o critério numérico de classificação, antes que aprendamos a usá-lo de forma mais adequada. O número de partidos é importante: indica as proporções em que o poder político está fragmentado ou não, disperso ou concentrado. O número de votos e de cadeiras que cada partido conquistou eleitoralmente são os nossos melhores e mais seguros dados básicos. O número tem relação com a força, como sabemos. Sartori escreveu que o critério numérico pode proporcionar sete classes de partidos:

1. Partido Único: nenhum outro partido pode existir, além deste;
2. Partido Hegemônico: somente é permitida a existência de outros partidos como satélites ou subordinados a este;
3. Partido Predominante: é um partido que governa sozinho, sem estar sujeito à alternância com outros partidos no poder;



4. Dois Partidos: ambos competem por uma maioria absoluta que está ao alcance dos dois.
5. Pluralismo Limitado: quando os partidos são fragmentados, mas não polarizados entre si;
6. Pluralismo Extremado: quando os partidos são fragmentados e polarizados e,
7. Atomizados: tais partidos entram na classificação como uma classe residual, para indicar o ponto em que já não precisamos de uma contagem precisa.

Um problema que surge, portanto, é: quais os partidos relevantes? Para responder a isso Sartori afirmou que:

“À falta de uma melhor solução, estabelecemos geralmente um limite abaixo do qual o partido deixa de ser levado em conta. Mas, isso não constitui solução, pois não há nenhum metro absoluto para avaliar a relevância do tamanho. Se esse limite é estabelecido - como ocorre com frequência - ao nível de 5% leva a omissões sérias. Por outro lado, quanto mais baixo for tal limite, maiores as possibilidades de serem incluídos partidos irrelevantes. A relevância de um partido é uma função não só da distribuição relativa do poder - como é óbvio - mas, também, e especialmente, de seu valor de posição, isto é, de seu posicionamento ao longo da dimensão esquerda-direita. Assim, um partido que se situa no nível de 10% pode ser bem menos importante do que outro que obtenha apenas um nível de 3%.”⁷⁶

A solução desta questão, para Sartori, está na definição de algumas regras, de acordo com as quais o partido deve ser incluído ou não. Vejamos tais regras:

“Regra 1. Um partido menor pode ser excluído como irrelevante sempre que continua, no decorrer do tempo, sendo supérfluo, no sentido de não necessário a ou integrado em qualquer coalizão majoritária possível. Inversamente, um partido menor deve ser levado em conta, por menor que seja, se estiver em posição de determinar, com o tempo e em certo momento, pelo menos uma das maiorias governamentais possíveis”⁷⁷

Na realidade, essa regra tem uma limitação, pois somente se aplica aos partidos que buscam o governo e, ainda mais, que sejam ideologicamente aceitáveis (“coalizões exeqüíveis”) para os outros participantes da coalizão. E isso pode relegar alguns partidos de oposição permanente, tais como os partidos contrários ao sistema. Podemos excluir, segundo Sartori, os partidos que não têm “potencial de coalizão” ou “potencial de chantagem”.

“Regra 2. Um partido tem condições de relevância sempre que sua existência, ou aparência, reflete a tática da competição partidária e particularmente quando

⁷⁶ idem, op. cit. p.p. 145-6.

⁷⁷ idem, op. cit. p. 147.



modifica a direção da competição - determinando uma transferência da competição centrípeta para a centrífuga, sejam para a esquerda, para a direita, ou em ambas as direções - dos partidos voltados para o governo".⁷⁸

Para Duverger, existem dois mecanismos dos quais decorre a multiplicação dos partidos: a) o seccionamento, b) a criação de novos partidos. Assim, ele entende que a tendência multiplicadora de partidos manifesta-se, em primeiro lugar, pela criação de novos partidos e, em segundo lugar, pela divisão dos antigos.

Estudos apontam três aspectos importantes na análise da distinção fundamental entre a representação proporcional e a pluralidade quanto à sua ação sobre o sistema partidário: a) que a representação proporcional segura, ou ao menos retarda, o declínio eleitoral dos partidos consolidados ou existentes e, contraditoriamente, viabiliza (embora nem sempre estimule) a criação de novos partidos na sociedade. b) que a pluralidade acelera a decadência dos partidos já existentes. c) que os processos históricos e as condições sócio-políticas estão a indicar que existe um movimento em direção ao pluri-partidarismo, e não ao dualismo.

Podemos observar que também há uma oligopolização dos sistemas partidários. Douglas W. Rae, em seu livro *The Political Consequences of Electoral Laws*, fez um balanço das tendências fundamentais que atravessam a interação entre sistemas partidários e sistemas eleitorais. Observemos algumas das suas conclusões:

- a) Todos os sistemas eleitorais tendem a beneficiar os partidos fortes e a desconsiderar seus competidores mais fracos, ou seja, super-representam os grandes partidos e sub-representam os pequenos.
- b) Este efeito concentrador, acima referido, das fórmulas eleitorais não fica só na sub-representação dos pequenos partidos; tende a eliminá-los do sistema parlamentar.
- c) Persistem, contudo, as diferenças fundamentais entre fórmulas proporcionais e fórmulas de pluralidade, ou de maioria. A representação proporcional tende a enfraquecer as tendenciosidades dos sistemas majoritários e de pluralidade, mas não consegue eliminá-las, nem mesmo revertê-las.

⁷⁸ Idem, op. cit. p. 147.



d) As eleições expressam a ação recíproca de forças políticas, que se exprimem nos resultados eleitorais. As leis eleitorais apenas modificam estes resultados, em grau marginal.

e) Há, por outro lado, dois limites capazes de bloquear o impacto, pelo menos a curto prazo, da tendência à concentração do sistema partidário: as forças centrífugas e divisionistas que operam no interior dos grandes partidos, e a capacidade de organização auto-sustentada dos pequenos partidos. Ao estimular o voto nos grandes partidos e desestimulá-los nos pequenos, conduz-se à oligopolização do sistema partidário.

f) Os efeitos que os sistemas eleitorais exercem no sentido da oligopolização do sistema partidário parlamentar e, a médio e longo prazo, também do sistema partidário eleitoral, são autônomos em relação às pressões exercidas pelas diferentes variáveis societárias e, até mesmo, em alguns casos, apesar delas e contra elas.

g) A repetição sistemática de efeitos marginais é uma força política potencialmente importante. A representação política implica, sob quaisquer circunstâncias, em concentração e em oligopolização do mercado político, simplesmente porque ela deve reduzir, compactar e unificar o mundo dos representados, a fim de movimentá-lo.

Fundamentalmente, na compreensão do conceito de partido, utilizado neste estudo, é importante a idéia de partidos enquanto "partes" que compõem um determinado tipo de "família", desse modo mesmo os militantes mais radicais e as organizações mais isoladas têm vínculos explícitos e implícitos num sistema complexo de ramificações, a partir da díade esquerda-direita e das diferentes concepções que permitem diferentes classificações. Dentre as inúmeras classificações e tipologias dos sistemas partidários quase não encontramos estudos aprofundados do fenômeno da extrema-esquerda brasileira. Isto parece se dever ao fato de que a extrema-esquerda tem difíceis possibilidades de chegar ao poder, pois como a quantidade, para os partidos, tem relação com um determinado tipo de força política, numericamente a extrema-esquerda é pouca expressiva. Além disso, os sistemas eleitorais tendem a beneficiar os partidos fortes e sub-representam os pequenos. Esta realidade agrava-se com a



tradição de ausência de participação política institucional das camadas populares no Brasil.

Assim, o estudo dos partidos “relevantes” tem desconsiderado uma análise mais aprofundada da extrema-esquerda, bem como o fato de que minorias ativas e organizadas têm sido, ao longo da história, fatores primordiais em processos revolucionários. É neste sentido que este trabalho busca contribuir para a verificação de alguns aspectos do grau de organização da extrema-esquerda, e das condições que julgam existentes para a ação revolucionária.

Como vimos, esquerda e direita são parâmetros que têm uma definição relacional e comparativa, portanto são flexíveis e nos ajudam a entender o fenômeno político. São, na verdade, parâmetros que irão sempre se opor, ainda que os conteúdos dos pólos possam mudar. O fundamental, para nós, é que a díade esquerda-direita indica ideologias diferentes, programas contrapostos e projetos divergentes de sociedade, e que entre estes dois pólos há posições intermediárias. Há, inclusive, posições políticas que tendem aos extremos dos pólos: extrema-direita e extrema-esquerda. Quanto menor for o tamanho de tais organizações políticas, maior a tendência ao controle sobre a militância e a preservação dos “princípios” e da “pureza ideológica”. Na luta política o centro de gravidade de tais organizações está na atividade extraparlamentar.

Como na concepção da extrema-esquerda a ruptura da ordem social destina-se a criar uma outra sociedade, o fundamental, para a pedagogia da extrema-esquerda, é promover certos valores revolucionários na luta política, o que confere à ação um lugar muito importante.



2.4. A questão partidária no Brasil: tendências e características

Como já vimos anteriormente, e como explica a literatura especializada, os partidos foram, inicialmente, constituídos e teorizados como grupos de notáveis; mera legalização de facções ou agrupamentos parlamentares. No Brasil, o Estado tem um papel condicionante, uma vez que o Estado tem modelado o sistema partidário. Além disso, a fraqueza do sistema partidário é sintoma da não institucionalização da participação política no Brasil, permanecendo sob controle das elites.

O estudo dos partidos políticos imperiais nos permite explorar as clivagens internas da elite, relacionando a composição dos partidos com diferenças programáticas, e os seus efeitos sobre o comportamento político, considerando os fatores de socialização, treinamento e origem social. No estudo dos partidos imperiais, em termos da composição e da ideologia da sua burocracia, podemos relacionar três posições radicalmente distintas:

- a) Há os que negam qualquer diferença entre os partidos, principalmente o Conservador e o Liberal.
- b) Há os que os distinguem em termos de classe social.
- c) Há os que os distinguem por outras características, como a origem regional ou a origem rural ou urbana.

Os partidos refletem estas variadas concepções, assumindo as mais diversas fisionomias. Para José Murilo de Carvalho⁷⁹, a divergência de opiniões provém, em parte, de premissas teóricas inadequadas e em parte, da falta de maior preocupação com o embasamento empírico das afirmações.

⁷⁹ Cfr.: Murilo de Carvalho, José. *A Construção da Ordem - A Elite Política Imperial*, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1980.



Até 1837, não se pode falar em partidos políticos no Brasil. As organizações políticas ou parapolíticas que existiram antes da Independência, consistiam numa espécie de sociedade secreta, a maioria sob influência da maçonaria. Posteriormente à abdicação do imperador, organizaram-se sociedades mais abertas, mas todas elas orbitavam em torno do problema político criado pela abdicação. Com o falecimento do ex-imperador e a reformulação constitucional, pelo Ato Adicional, tais organizações políticas deixaram de existir.

Assim, as conseqüências da descentralização e das rebeliões das províncias, durante a Regência, é que iriam, ao final da década, possibilitar a formação dos dois grandes partidos, que controlaram a vida política do Império. O Partido Conservador objetivava reformar as leis de descentralização. Já os defensores das leis descentralizantes articularam-se no que passou a ser chamado Partido Liberal.

O Partido Progressista - que teve curta duração - surgiu em torno de 1864; era composto por conservadores dissidentes e liberais históricos, e dissolveu-se em 1868. Uma parte dos progressistas formou o novo Partido Liberal, e outra parte ingressou no Partido Republicano, fundado em 1870.

Até o final do Império, o sistema partidário permaneceu tripartite, tendo, de um lado, os dois partidos monárquicos e, de outro, o Partido Republicano. No que se refere a programas partidários, somente em 1864 foi elaborado o primeiro deles, pelo Partido Progressista. O Partido Conservador, no entanto, não apresentou qualquer programa escrito. O programa mais radical proposto oficialmente, durante o Império, foi o do Clube Radical, cuja composição era de liberais históricos. Seu programa reivindicava: a) abolição do Conselho de Estado, b) abolição da Guarda Nacional, c) eliminação da vitaliciedade do Senado, d) eleição dos presidentes de Província, e) o voto direto e universal e, f) abolição da escravidão.

Em São Paulo, houve a transformação de clubes radicais em republicanos, em 1870. Entretanto, o desenvolvimento do partido paulista se deu em bases muito mais pragmáticas. Os paulistas não se deram ao trabalho de publicar manifestos, dedicando-se, antes, a produzir uma sólida estrutura organizacional, com base em células municipais. A conseqüência de tudo isto foi que, no fim do Império, os republicanos paulistas constituíam o único grupo político civil organizado, num claro contraste com os republi-



canos do Rio de Janeiro, que nunca conseguiram organizar-se num sólido partido político.

A maioria do Partido Conservador era composto por uma coalizão de burocratas e donos de terra, ao passo que o Partido Liberal era composto por uma coalizão de profissionais liberais e donos de terra. Os funcionários públicos concentravam-se mais no Partido Conservador, e os profissionais liberais no Partido Liberal. Os funcionários públicos encontravam-se quase totalmente ausentes. do Partido Republicano. Naturalmente, esta ausência tem a ver com outros fatores e não somente com a origem social ou a socialização.

“Ser republicano na época era equivalente a ser subversivo.”⁸⁰

Advogados e jornalistas formavam também o núcleo do radicalismo, dentro do partido republicano, mas a composição da imensa maioria se distanciava do radicalismo. O P.R.P. somente apoiaria abertamente a abolição um ano antes de sua efetivação, exatamente na mesma época em que o próprio Partido Conservador de São Paulo tomava decisão parecida.

Os partidos imperiais, em sua liderança nacional, eram compostos de uma intrincada combinação de grupos diversos em termos de ocupação, origem social e provincial. Não cabem a seu respeito divisões e classificações simplificadas. A complexidade dos partidos se refletia naturalmente na ideologia e no comportamento político de seus participantes, dando, de vez em quando, ao observador desatento, a impressão de ausência de distinção entre os partidos imperiais.

Os grupos republicanos que estavam surgindo tiveram, nas províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, seus principais núcleos. Desse modo, não é à toa que a oposição à centralização - durante o período de 1831 a 1850 - seja proveniente, em grande parte, dessas províncias

O estudo dos partidos confirmou a posição típica dos magistrados como os principais construtores do Estado, através do Partido Conservador, e a posição divergente do clero, engajado principalmente no Partido Liberal. O Partido Conservador teve sua força diminuída, com o alijamento dos magistrados e com o enfraquecimento das antigas regiões de agricultura de exportação. O Partido Liberal também perdeu substância, com

⁸⁰ idem, op. cit. p. 166



a debandada para o Partido Republicano dos líderes das antigas regiões marginais, agora colocadas à frente da nova agricultura de exportação, e dos liberais urbanos.

A área militar da burocracia não se identificava com nenhum dos grupos civis em ascensão em nível nacional. Sua aliança tática com o novo Partido Conservador consolidaria a República, mas as divergências latentes fariam dos militares um elemento de instabilidade política, ao longo de toda a República Velha. Na realidade, as fissuras da elite eram de natureza a produzir apenas reajustes no sistema, e os partidos foram instrumentos úteis para entender tais fissuras.

A partir de 1945, influiu em nosso sistema partidário a tendência autoritária e centralizadora dos períodos anteriores, notadamente a partir da Revolução de 30. Daí a importância de se compreender a dinâmica do sistema de representação política brasileira. Como já frisamos, o partido materializa interesses e aspirações, mas também disciplina o protesto e produz lideranças. Os partidos são, pois, produtos do desenvolvimento econômico-social e da sua complexidade crescente, porém, simultaneamente, são produtos das instituições ideológicas e do Estado. Campello de Souza⁸¹ procura destacar o peso condicionante que a expansão acentuadamente burocrática do Estado brasileiro exerceu sobre o sistema partidário, criado em 1945. E, apesar dos condicionantes prévios de origem, o sistema partidário se foi transformando durante o período, sob o influxo das transformações sócio-econômicas, notadamente dos processos de industrialização e urbanização.

Para esta autora, há uma relação recíproca entre a institucionalização do poder legislativo e o desenvolvimento do sistema partidário. Não é o sistema partidário que modela o Estado, mas este que modela aquele. Nesta linha, não se deve tomar como hipótese fundamental, na análise dos partidos políticos, o estudo da representatividade com base nos interesses das classes sociais que eles representam, ou de idéias tão genéricas como "interesses agrários" em contraposição a "interesses urbanos", entendendo que possam ser mais explicativas da atividade do Congresso ou do Executivo do que outros elementos como, por exemplo, a regionalização das forças políticas.

A referida autora realizou uma sistematização e avaliação crítica dos principais diagnósticos da crise do regime de 1945-1964, dando maior destaque àqueles que privilegiam os processos políticos em nível do sistema partidário. O sistema partidário

⁸¹ Cfr.: Campello de Souza, Maria do Carmo. *O Estado e os Partidos Políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.



de 1945 surgiu numa atmosfera ideológica desfavorável. Pensava-se, nos anos 20 e 30, que a estrutura sócio-econômica brasileira era muito precária e que os partidos a serem formados seriam mais de fachada do que de conteúdo, ou seja, eram frágeis e de pouco enraizamento nas bases eleitorais. Entretanto, podemos observar que, contraditoriamente, foi aos poucos ocorrendo um realinhamento e um relativo fortalecimento do sistema partidário.

Já tentamos mostrar que, teoricamente, em quaisquer partidos - mesmo naqueles considerados de extrema-direita - há um campo mais à esquerda e outro mais à direita, e a forma como se dá esta classificação depende da concepção de cada autor. As classificações são diferentes porque diferentes são as leituras históricas e as concepções subjacentes. Assim, os partidos políticos anteriores a 1964, os três principais, especialmente, eram percebidos como ideologicamente diferenciados, por alguns autores: o PSD e a UDN eram próximos do polo direitista ou conservador, e o PTB do polo "esquerdista".

No Brasil, o Partido Comunista foi fundado em 1922 com o nome de "PC do B" (Partido Comunista do Brasil) e reconhecido, mais tarde, como "seção brasileira da IIIª Internacional". Em 1960, buscando voltar a uma possível legalização, mudou de nome: PCB (Partido Comunista Brasileiro). Entretanto, um setor crítico aos rumos políticos tomados pelo partido, rompe politicamente com a linha de Moscou e conserva o nome com o qual foi fundado: PC do B; aproximam-se politicamente da China e, mais tarde, da Albânia. Nos anos 80, com o desmantelamento do socialismo real, o PCB mudou de nome pela segunda vez, passando a chamar-se PPS (Partido Popular Socialista), mas um outro setor divergente de sua militância rompeu politicamente e conserva, atualmente, a sigla PCB. Como veremos, nos anos 60 e 70, o papel dos partidos, como *locus* da luta pelo poder, passou a ser desempenhado por outros tipos de agrupamento: organizações minoritárias ou dissidências, que atuam como partidos e difundem concepções ideológicas radicais.

No Brasil, ao fim da Segunda Guerra, a luta contra o fascismo e o nazismo mostrou a necessidade de atuação de partidos políticos para a realização de eleições presidenciais. Mas, contraditoriamente, a maioria dos legisladores e políticos, responsáveis pela formulação teórica da vida partidária, era a mesma que apoiara, anteriormente, a ditadura de Getúlio Vargas.



Observamos, neste contexto brasileiro, as tensões da passagem da “política de notáveis” para a “política de massas”, e a questão do partido surgindo a partir de formulações teóricas e de condicionantes conjunturais. Teoricamente, Oliveira Viana é a expressão máxima da doutrina antipartido, no caso brasileiro. Nos anos 30, havia uma ideologia antipartido, pró centralização autoritária, numa visão antiliberal de vida política e partidária. Mas, nos anos 40, grupos civis e militares eram favoráveis a um governo liberal-democrático no Brasil.

A esquerda, principalmente o PCB, ao fazer a crítica ao regionalismo e ao defender a necessidade de centralização, fortaleceu a visão autoritária de vida política e partidária. Com exceção do PCB, que trabalhava na clandestinidade, e dos partidos integralistas, nota-se concretamente a inexistência de qualquer partido político nacional, durante o ano de 1937. Ainda que permanecessem as atomizadas agremiações estaduais, o Partido Socialista durou cerca de um ano.

Pelo Código Eleitoral (Decreto-Lei nº. 7.586 de 28 de maio de 1945), os partidos deveriam totalizar assinaturas de 10.000 eleitores (passou, posteriormente, a 50.000), entre, no mínimo, cinco Estados, e nenhum Estado deveria ter menos de 500 assinaturas, para obterem o registro legal. Como podemos constatar, o Código Eleitoral beneficiava Getúlio Vargas, dadas as dificuldades de articulação política que criava, e isso retardou e obstaculizou ao máximo a estrutura partidária das oposições.

A concessão do registro legal ao Partido Comunista, em 1945, deu-se em termos provisórios e hesitantes. Foi justificada pela interpretação ou alegação de que o PC teria abandonado os princípios marxistas-leninistas de revolução. Entretanto, apesar dos protestos solitários do Partido Comunista, foi decretado o fechamento da UJC (União da Juventude Comunista). O golpe de misericórdia foi a Lei nº. 211, de 07 de março de 1948, que decretou a cassação de deputados comunistas.



2.4. Aspectos da configuração dos partidos políticos, no Brasil, de 1945 a 1994

Como já foi mencionado, de acordo com os seus referenciais teóricos, ideológicos e de qual seja o objeto de estudo de cada um, os diferentes autores classificam os partidos de diversas maneiras. Tentando observar alguns aspectos da configuração dos partidos, veremos rapidamente, neste tópico, algumas idéias sobre partidos, de alguns renomados estudiosos, como David Fleischer, Antonio Lavareda, Wanderley Guilherme dos Santos, Luiz Fernandes e Regina Vinhaes Gracindo. Vejamos, inicialmente, a classificação realizada por David Fleischer, num de seus importantes estudos sobre partidos políticos.

a) Um estudo de David Fleischer

Fleischer⁸² descreveu e analisou o recrutamento partidário no Brasil durante a fase pluri-partidária de 1945 a 1964, em termos dos antecedentes sócio-econômicos e políticos dos 1047 deputados federais, eleitos para a Câmara dos Deputados, no referido período. A Câmara dos Deputados foi escolhida porque, segundo ele, refletiria mais claramente variações estaduais e regionais, e seus membros são eleitos proporcionalmente de quatro em quatro anos.

Este autor compara os partidos a partir dos seguintes indicadores: configuração ocupacional, localismo, nível educacional, padrões de carreira política pré-Câmara dos deputados, e mudanças longitudinais por coorte e legislatura. O autor também faz uma discriminação regional dos três partidos maiores (PTB, PSD, e UDN), destacando diferenças regionais dentro destas bancadas. Fundamentado com tais indicadores, Fleischer diferencia estilos de recrutamento partidário.

⁸² Fleischer, David. *Os Partidos Políticos no Brasil*. Brasília, cadernos da UNB, 1981.



Ao término da 2ª. Guerra Mundial, em resposta a pressões para a realização de eleições e o retorno do sistema democrático constitucional, Getúlio Vargas afirmou que o processo eleitoral seria reativado e regulamentado. Antes desta regulamentação ser confirmada, porém, várias facções pré-partidárias começaram a se organizar no país. De uma frente anti-getulista bastante eclética (que reunia oligárquicos, ex-tenentes, dissidentes dos golpes de 30 e/ou 37, a esquerda socialista, um membro do Partido Comunista, e alguns representantes das oligarquias rurais do Nordeste) emergiu a UDN, que escolheu como seu candidato à presidência o ex-tenente Brigadeiro Eduardo Gomes.

Muitos dos primeiros integrantes da frente anti-getulista, entretanto, se retiraram para articular seus próprios partidos como o PR, PCB, PSP, PL, PSB, ED. E as forças getulistas também organizaram o Partido Social Democrático (PSD), apresentando como candidato presidencial o ex-Ministro da Guerra Marechal Eurico Gaspar Dutra. Essas mesmas forças organizaram ainda o PTB, aproveitando a estrutura dos sindicatos "oficiais", manipulados pelo Ministério do Trabalho.

Feischer realizou uma classificação, sob um determinado ponto de vista, onde reuniu os partidos em diferentes blocos, denominados: progressistas, ideológicos e conservadores. Como os partidos podem mudar de "família" ao longo dos anos, sua classificação leva em conta a atuação dos partidos de 1945 a 1964. Há uma somatória geral de 15 partidos que conseguiram se apresentar durante esse período de vinte anos. Ao todo, são 1047 deputados titulares no período. Fleischer estuda, então, a configuração ocupacional, localismo, nível educacional, padrões de carreira política, e outros indicadores, nos três tipos de partidos que considera: progressistas, ideológicos, e conservadores. Vejamos sua classificação:

a.1) Os Partidos Progressistas, segundo Fleischer.

- O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro): o PTB tinha como presidente de honra Getúlio Vargas, mas também recebia fortes influências de João Goulart e de Leonel Brizola. Apesar de ser chamado "o partido dos trabalhadores", a maioria dos seus representantes era proveniente das classes média e alta. Seus níveis de educação e localismo foram baixos, e chegaram à Câmara em idade muito jovem. De forma geral, adaptou-se aos quadros de um partido de massas, principalmente sua bancada paulista. Este estilo de recrutamento, muito jovem, em parte era



devido à expansão muito rápida da sua bancada e ao fato do PTB ter sido beneficiado pela decretação de ilegalidade do PCB, em 1948.

- O PSP (Partido Social Progressista): inicialmente o PSP foi uma das correntes da frente anti-getulista, liderada pela UDN. Essa corrente era dirigida por Adhemar de Barros, que tinha ficado descontente com a sua acomodação dentro da UDN em São Paulo, e partira para a organização de seu próprio partido. Em 1950, Adhemar de Barros aceitou apoiar a candidatura de Vargas à presidência, com o compromisso de que, em 1955, Getúlio e o PTB/PSD apoiariam a sua própria candidatura. Entretanto, o suicídio de Getúlio rompeu essa promessa futura. O PSP elegeu deputados de diversos setores: "agricultores, profissionais da saúde, comércio-bancos-finanças, jornalistas e militares". Seus níveis de educação e localismo são baixos, suas carreiras medianas, e entraram na política partidária em idade muito avançada. Era grande a agilidade deste partido em usar o aparelho do Estado. Recrutava "forasteiros", sem ligações regionais/locais, de diversos setores da economia, que usavam a política como um meio para a ascensão social, ou para melhorar seus negócios.

- O PST (Partido Social Trabalhista): surgiu, inicialmente, sob a denominação Partido Proletário do Brasil e era de um clientelismo-conservador, de bases exclusivamente rurais. Alguns anos mais tarde, quando a direção do partido ficou com o industrial paulista Ortiz Monteiro, tornou-se mais progressista e aproximou-se do trabalhismo e o populismo das áreas urbanas do Centro-Sul. Desse modo, com um perfil histórico muito mesclado, a interpretação do estilo de recrutamento dos seus poucos deputados se torna um pouco difícil. Seus membros vinham dos setores da saúde, do funcionalismo e dos profissionais-liberais, com educação e localismo baixos, carreiras longas e bastante institucionalizadas nas administrações federal, estadual e municipal, com um estilo intimamente ligado ao aparelho estatal.

- O PTN (Partido Trabalhista Nacional): esse partido atuava no mesmo espaço do PST e PRT, às vezes coligando-se com o PSP ou PTB. Foi um dos pequenos partidos que deram apoio à subida meteórica de Jânio Quadros. Seu perfil ocupacional conta com "advogados, profissionais da saúde, comércio-bancos-finanças e jornalistas"; tinha um nível educacional baixo e localismo mediano. Apresentava um estilo de recrutamento lateral (de cooptação), concentrando-se



nas assembleias estaduais, nas administrações federais, nas administrações estaduais, e em cargos eletivos locais.

- O PRT (Partido Rural Trabalhista): foi a menor agremiação do período pluripartidário, com exceção do MTR. Foi organizado originalmente em 1945, com outro nome, o de Partido Republicano Democrático, por grupos protestantes do Rio de Janeiro e de Santos. Este partido apoiava o PSP, em coligação. Em 1958, Hugo Borge assumiu a direção do PRD e alterou seu nome para PRT. Nas mãos deste "agro-especulador", o PRT ganhou uma atuação mais "progressista", como no caso do PST, com Ortiz Monteiro. Seus quatro deputados eleitos para as últimas quatro legislaturas eram provenientes dos "setores indústria-transportes e jurídico", apresentavam um localismo alto, e nível educacional baixo, sem carreiras prévias e chegaram à Câmara dos Deputados em idades mais avançadas, constituindo outro exemplo de recrutamento lateral.

a.2) Os Partidos Ideológicos

- O PCB (Partido Comunista Brasileiro): foi o primeiro desses partidos a se organizar, ainda na década de 20, e foi muito ativo a partir de 1934, como carro chefe da Aliança Nacional Libertadora. Embora o PCB viesse a se opor a Getúlio, no início de 1945 desfez-se da frente anti-getulista e passou a defender a continuação de Getúlio na presidência. Entretanto, depois da derrubada de Vargas, o PCB lançou seu próprio candidato, Yeddo Fiúza.

Apesar de sua exígua atuação na legalidade, o PCB teve um estilo de recrutamento muito marcante. Ajudou decisivamente no triunfo eleitoral do candidato a governador Adhemar de Barros. Em 1947, o PCB encontrava-se em vias de se tornar um partido de âmbito nacional, pois já era a quarta força política do país, depois do PSD, UDN e PTB. Ao contrário das tendências dos sistemas partidários na Europa ocidental, com a decretação da ilegalidade o PCB não fortaleceu o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Os comunistas dividiam seu apoio clandestino entre candidatos de quase todas as legendas partidárias. De 1948 a 1964, seu apoio se concentrou dentro do PTB, às vezes com o PSP, e de vez em quando, no PSD.

Os deputados do PCB, em sua maioria, eram "operários do setor indústria-transportes, além de outros profissionais da saúde e imprensa"; por isso seu nível educacional foi baixo. Não apresentavam raízes locais, uma vez que muitos dos que se



elegeram por Rio e São Paulo eram migrantes do Norte e Nordeste. Suas carreiras foram muito curtas e entraram para a Câmara mais jovens que os deputados de todos os outros partidos. A maioria ocupou posições de liderança na hierarquia do próprio partido, o que fez com que seus membros ocupassem poucos cargos públicos.

- O PSB (Partido Socialista Brasileiro): apesar de adotar uma linha socialista, a maioria dos seus deputados era proveniente dos setores da burguesia nacional, do comércio-bancos-finança), além de advogados e professores. Os membros do PSB apresentavam um alto grau de localismo e um baixo nível de educação; tinham carreiras curtas e entrada na política em idade mais avançada. Ocupavam mais cargos eletivos do que administrativos.

- O PDC (Partido Democrata Cristão): este partido apresentava, como bases principais, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Apresentava um perfil ocupacional muito diverso: "profissionais, advogados e militares". O PDC aprofundou raízes nos movimentos políticos da Igreja, no começo dos anos 30, que mesclado com as doutrinas corporativistas, surgiu como outra alternativa, no final dos anos 40; porém, nunca conseguiu unificar completamente a sua ideologia.

Como resultado de suas atividades de mobilização antes de 1964, o PDC estava construindo uma base popular, através de seus movimentos entre jovens, ação comunitária, setor operário no Centro-Sul, e as alternativas cristãs dentro das ligas camponesas no Nordeste. O PDC recrutava técnicos e profissionais como candidatos e teve seus objetivos coligados aos de Jânio Quadros.

- O PRP (Partido de Representação Popular): esse partido nasceu sob a bandeira da Ação Integralista Brasileira - na década de 30 - que tentou implementar uma versão do modelo fascista/corporativista no Brasil. Seu dirigente, Plínio Salgado, candidatou-se à presidência em 1955 e obteve 8,3 % dos votos. Fora do Rio Grande do Sul e Paraná, o PRP quase nunca agia com legenda própria, mas sempre em coligação com um outro partido de caráter conservador. Ao contrário do PCB (seu grande inimigo ideológico), cujos representantes eram, na maioria, operários, os membros do PRP eram pequenos empresários, jornalistas e indústria-transportes. Suas carreiras políticas eram longas, e através de cargos eletivos.



- A E.D. (Esquerda Democrática): esse partido apresentou uma curta existência durante a Constituinte e a primeira legislatura, constituindo-se numa pequena cisão de dois deputados socialistas eleitos pela UDN. Notadamente a partir de 1951, esta linha ideológica foi assumida pelo PSB.

a. 3) Os Partidos Conservadores.

- O PSD (Partido Social Democrático): no período pluripartidário de 1945 a 1964, dois partidos (PSD e UDN) são, geralmente, considerados “conservadores”, mas essa classificação, segundo Fleischer, tornou-se tênue no final dos anos 50 e no começo dos 60, quando tais partidos elegeram deputados de ideologias mais “progressistas” como, por exemplo, a “Ala Moça” da UDN. Esses deputados foram membros ativos da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), sendo que muitos tiveram direitos políticos e/ou mandato cassados entre 1964 e 1969.

Para Fleischer, os representantes do PSD, na sua maioria, eram advogados, profissionais da saúde, funcionários públicos e dos setores comércio-bancos-finanças. Este autor afirma, ainda, a possibilidade de que estes deputados representassem interesses agrários, embora ocupacionalmente não fossem desse setor, e sim, de setores ligados à burocracia do Estado, profissionais de intermediação clientelística e da burguesia nacional. Os deputados do PSD tinham níveis de educação e localismo altos. Tiveram carreiras bem longas, iniciando-se na política muito jovens e chegando à Câmara mais velhos. Além de terem sido deputados estaduais, ocuparam cargos na Secretária Estadual da Administração Estadual e na Prefeitura Municipal. Com maior frequência, passaram por cargos administrativos; porém, em Minas Gerais e no Centro-Sul, sua atuação predominava em cargos eletivos.

Representado, especialmente, pelas seções de Minas e Rio Grande do Sul, o PSD apresentava o estilo de uma “escola política” muito ligado à política estadual e municipal, e recrutava seus deputados entre aqueles membros que já haviam passado por uma “sargenteação” (seleção e treinamento) em funções inferiores e em outras instâncias.

- A UDN (União Democrática Nacional): alguns estudos afirmam que a UDN possuía uma “personalidade dupla”, seccionada entre os chefes rurais



conservadores e as classes médias liberais, nos centros maiores. Também o líder da UDN, Afonso Arinos, afirmou que a cabeça do partido se encontrava nas cidades, mas que seu corpo estava no interior.

Em termos de representação na Câmara Federal, o estudo de Fleischer aponta a predominância de advogados, profissionais da saúde, fazendeiros e outros profissionais. O nível de educação e o localismo de seus parlamentares eram altos, e as suas carreiras, de duração mediana. Ocuparam, também, cargos na administração e secretarias estaduais, e na administração federal. A UDN obteve sucessos eleitorais relativos em Minas Gerais, Bahia e Paraíba; em outros Estados, tinha atuação mais fraca.

- O PR (Partido Republicano): este é o partido que apresenta origens históricas mais antigas. Foi fundado em 1870, na cidade de Itu, no Estado de São Paulo. Dominou a política nacional durante a República Velha, e com o falecimento de seu líder máximo Arthur Bernardes, em 1955, entrou em declínio. Os deputados do PR tinham ocupações bem típicas da política coronelística desta época, ou seja, na agricultura, na saúde e na advocacia; tinham educação e localismo muito altos, e carreiras muito longas e mais administrativas.

- O PL (Partido Libertador): esse partido também apresentava raízes históricas - ainda que não tão antigas - no republicanismo e também estava destinado a desaparecer no pleito de 1966. Tinha bases partidárias no Rio Grande do Sul, Bahia e em poucos outros Estados. Concentrou o recrutamento dos seus deputados entre jornalistas, profissionais da saúde e outros. Possuíam um nível educacional baixo e localismo alto, e em sua maioria passaram por carreiras longas e por eleições.

A coligação PSD/PTB, embora exibindo um determinado grau de instabilidade, coordenava tranqüilamente uma maioria. Nas duas ocasiões em que a UDN esteve no governo, com Café Filho e com Jânio Quadros, não dispôs de uma maioria parlamentar. No Brasil, distinguiam-se dois pólos partidários que se compuseram em novos partidos, em 1945, de acordo com suas afinidades, a favor ou contra Vargas. E, no Rio Grande do Sul, especialmente, essa divisão exprimia as antigas divisões, provenientes das guerras internas anteriores a 1930. Para Fleischer, a herança histórica de uma República descentralizada e federativa, sobreposta à regionalização da cultura brasilei-



ra, fez-se sentir no sistema partidário. As funções internas, nos grandes partidos, eram mais de cunho regional.

b) Um estudo de Antonio Lavareda

No que tange ao período democrático de 1945/1964, Lavareda⁸³ diz que os partidos políticos não eram tão frágeis, não caminhavam para a desintegração e não podem ser responsabilizados pelo colapso do sistema democrático em 1964. Isto, de qualquer modo, não vem contradizer a tese mais antiga, de que os partidos desse período, considerados como organizações, eram fracos. Ou seja, eles tendiam ao fortalecimento, mas a partir de um pico modesto; não eram atores políticos hegemônicos ou decisivos na sociedade brasileira. O Brasil sofria, nesses anos, o primeiro grande impacto da modernização e da industrialização, processos que trouxeram benefícios, mas também tensões, rupturas e deslocamentos em todos os níveis da vida social.

Para Lavareda, o período de 1945-1964 foi de exercício democrático, em linhas gerais, em que pese a exclusão dos analfabetos, e dos partidos comunistas. Nesse período, mais de uma dezena de partidos disputou o poder político nas urnas, de forma regular. O referido autor julga possível e necessário distinguir a competição eleitoral (sistema partidário-eleitoral) daquelas relações que se estabelecem entre os partidos no espaço parlamentar (sistema partidário-parlamentar). O estudo de Lavareda limita-se à primeira esfera, a da competição eleitoral.

Para ele, os trabalhos dedicados à análise da competição eleitoral brasileira, logo após a Segunda Guerra, carecem de rigor teórico. Assim, muitos dos conceitos utilizados não foram acompanhados por definições operacionais mais precisas, o que favoreceu - entre outras coisas - que algumas discussões se desviassem até aspectos simplesmente "nominalistas".

Lavareda, portanto, busca inicialmente identificar as ambigüidades, lacunas e questões que ainda aguardam respostas. Classificando os estudiosos do assunto, elenca três tipos de observações. Ou seja, as proposições que concernem aos rumos pela disputa partidária eleitoral de 1945 a 1964, embora diversificadas devido ao uso de



diferentes unidades analíticas, que resultou em um rol de evidências não de todo comparáveis, podem, em geral, ser reduzidas a três amplas categorias:

- proposições que enfatizaram a presumida “desestruturação” do sistema partidário-eleitoral;
- proposições que caracterizaram o “formato” da competição, como de “bipolarização” ou de “partidos dominantes”;
- proposições que identificaram e ressaltaram uma tendência supostamente em marcha, desde o começo do período, de redefinição ou “realinhamento” da força relativa dos competidores.

Discordando das teses de “desestruturação”, de “bipolarização” e de “realinhamento”, Lavareda oferece a hipótese de “consolidação” desse sistema, argumentando que tal processo caracterizou-se, em primeiro lugar, pela heterogeneidade, posto que, nas diferentes categorias, vários competidores vivenciavam trajetórias diferenciadas. Em segundo lugar, caracteriza-se pelo desequilíbrio entre os dois planos eleitorais, uma vez que nas competições, no plano majoritário, o sistema avançava em ritmo acelerado para a consolidação, enquanto no plano das eleições proporcionais - onde os graus elevados de congruência já haviam sido obtidos muito tempo atrás – vislumbrava-se uma fissura importante, separando a composição das bancadas do formato eleitoral da competição, desligando as opções do eleitorado da prática parlamentar.

c) Um estudo de Wanderley G. dos Santos.

Num enfoque diferente de Lavareda, Wanderley G. dos Santos⁸⁴ procura explicar como o sistema político brasileiro enredou-se em uma crise de paralisia decisória, no período que precedeu o golpe militar de 64. Segundo ele, a fragmentação política e a radicalização são duas das mais prováveis linhas de explicação: durante o governo Goulart, o sistema partidário definitivamente acercou-se da condição de polarismo

⁸³ Lavareda, Antonio. *A Democracia nas Urnas*. Rio de Janeiro, IUPERJ, Rio Fundo Editora, 1991.

⁸⁴ Santos, Wanderley G. dos. *Sessenta e Quatro: Anatomia da Crise*. Rio, Vértice, 1986



polarizado, ou seja, o sistema estava sendo corroído por um processo simultâneo de fragmentação e radicalização.

Segundo esse enfoque, o poder legislativo mais parecia uma praça de guerra que um foro de negociações e compromissos. Grupos, facções e frações de grupos, alguns no interior dos canais partidários tradicionais, outros rompendo estes limites, contribuíram, com seu comportamento cada vez mais inflexível, para o processo de paralisia. E esta multiplicidade de organizações não possuía liderança unificada, nem programa comum, nem sequer um foro legítimo onde expressar e conciliar pontos de vista diversos. Quanto mais paralisado parecia o processo, mais se aprofundava a radicalização, e mais o conflito parecia girar em torno de slogans extremistas. Foi em parte como produto deste processo, que o sistema partidário brasileiro evoluiu em direção a um tipo de pluralismo polarizado.

Para o autor citado acima, o processo de fragmentação política, tanto dentro quanto fora do Congresso, começou imediatamente após a posse de Jânio Quadros, na esteira de sua política, em alguns aspectos inovadora nas relações internacionais. A nova política externa de Jânio provocou, de imediato, pelo menos três importantes e duradouras conseqüências:

- provocou uma cisão na UDN, supostamente a mais importante base de sustentação parlamentar de Jânio. Enquanto os udenistas mais conservadores suspeitavam profundamente da estratégia do presidente, uma nova facção da UDN era organizada para apoiar um vigoroso programa reformista, mais identificado com o das esquerdas do que com este próprio partido.
- como contrapeso a esse movimento na UDN, ocorreu uma segunda cisão, esta dentro do PSD. Um grupo preferiu voltar-se para a extrema-direita, pois estava mais temeroso do que lhe parecia ser uma transformação política drástica.
- Finalmente, vários membros ilustres do PTB, oficialmente na oposição, iniciaram aproximação com o governo, em torno de determinadas questões ideológicas.

Ainda conforme essa ótica, os três anos incompletos do governo Goulart podem ser divididos em três períodos distintos. O primeiro vai de setembro de 1961 até o plebiscito de janeiro de 1963, e caracterizou-se pelas manobras e contramanobras que conduziram à restauração dos plenos poderes presidenciais. A segunda fase do



governo Goulart abarca o período que vai da publicação do Plano Trienal, em 30 de dezembro de 1962, ao dia em que presidente comprometeu oficialmente o futuro de seu governo com o destino da reforma agrária (16 de maio de 1963). O terceiro e último período do governo Goulart concentrou-se nas iniciativas presidenciais para articular uma coalizão governamental extra Congresso, suficientemente ampla para forçá-lo a aceitar reformas constitucionais dirigidas pelo Executivo.

Por um motivo ou outro, quase todos os agrupamentos políticos - à exceção dos mais radicais - foram incapazes de um comportamento consistente, durante o governo Goulart. A principal dificuldade para um acordo negociado, quanto ao que o Executivo julgava uma premissa para um governo eficiente, isto é, as reformas constitucionais, era o nível de suspeita com que o Congresso encarava os objetivos de médio prazo do presidente, e dos que o apoiavam. A radicalização política de um lado, talvez como tática para testar as boas intenções do outro, resultou num aumento das desconfianças em ambos os lados. O resultado final foi uma queda na capacidade de negociação e de transigência

Wanderley G. dos Santos indica como a distribuição da força parlamentar entre os partidos no Brasil passou de uma alta concentração bipartidária (PSD e UDN) para uma dispersão acentuada, logo após as eleições gerais de 1962. Sua hipótese é a de que, de 1946 a 1964, o Congresso brasileiro sofreu um processo de crescente fragmentação. Embora a quantidade de partidos com representação no Congresso tivesse permanecido razoavelmente estável, ao longo do período, variando de dez em 1946 para treze em 1962, o índice de fragmentação nominal cresceu de 0,64 %, no começo do período, para 0,78% em 1962. Para quaisquer dos membros do Congresso, tomados aleatoriamente, haveria 78 possibilidades em 100 de que cada um deles pertencesse a partidos diferentes. Essa elevação no valor do índice alçou o parlamento brasileiro do vigésimo quinto lugar, em 1946, para o oitavo lugar em 1962, em uma lista de 101 países para os quais o índice foi calculado.

O alto nível de fragmentação do Legislativo brasileiro exigia muita habilidade política para a articulação de coalizões governamentais. As clivagens acentuavam-se, de um pleito eleitoral para outro e, apesar da fragmentação, foi nesse Congresso que Goulart, após a eleição de 1962, pretendeu obter apoio para a aprovação de suas emendas constitucionais.



A participação de uma variedade de partidos, como produto da representação proporcional, e de um alto grau de fragmentação, não indica, necessariamente, que o comportamento parlamentar seria imprevisível. Isto acontece somente na medida em que a dispersão política seja conseqüência da dispersão partidária, pois a ideologia desempenha importante papel intermediário na transformação de um sistema nominalmente fragmentado, em um sistema politicamente fragmentado.

Desse modo, somente no último caso a multiplicidade de partidos eleva a probabilidade de instabilidade parlamentar. De acordo com Sartori, a fragmentação pode indicar "segmentação", bem como "polarização", e é a ideologia que transforma um sistema segmentado em um sistema polarizado. É pertinente dizer que o processo de fragmentação por que passou o sistema parlamentar no Brasil não foi aleatório mas, ao contrário, significou uma ação de distanciamento da votação, concentrada em um ou dois partidos, para uma distribuição de forças mais equilibrada entre partidos de convicções definidas. O sistema não sofreu um afrouxamento das ligações políticas; ao contrário, ocorreu uma polarização, segundo Wanderley G. dos Santos.

Vejamos uma outra classificação dos partidos do período pré-64 feita por Wanderley G. Dos Santos: à esquerda situa: PSB, PTB, PDC; à direita, UDN, PL, PRL e, ao centro, PSD, PR, PSP). Para ele, as claras divergências entre essas posições políticas com respeito à estratégia constitucional de Goulart deixariam bem mais sensíveis as deliberações O parlamento brasileiro, como estrutura política em geral, direcionava-se para a polarização, isto é, uma divisão equilibrada de forças entre partidos políticos divergentes, e não em direção à dispersão aleatória. E, no interior dos partidos, as facções mais radicais contribuíram para a crescente instabilidade dos acordos políticos que poderiam, de outro modo, oferecer ao governo Goulart alguma expectativa de chegar a termo sem grandes crises.

Como sabemos, a ditadura militar brasileira, que se iniciou com a deposição de Goulart, durou mais de duas décadas e, em termos educacionais, se caracterizou pela repressão, pelo tecnicismo pedagógico, pela desmobilização do magistério, pela institucionalização do ensino profissionalizante, etc. Entre junho de 1964 e janeiro de 1968 foram firmados vários acordos MEC-USAID, e a política educacional do país passou a ser dirigida de acordo com as determinações dos técnicos americanos. O golpe acabou com o projeto de reformas de base desse período, bem como inviabilizou a chamada "política de massas". Todos os partidos políticos foram cassados e, em seu



lugar, foram criados dois partidos: ARENA, da “situação”, e MDB, da “oposição”. Esses dois partidos perduraram até o governo Figueiredo, que promoveu uma reforma partidária: extinguiu a ARENA e o MDB, e criou uma nova legislação partidária de onde nasceram o PMDB, o PDS, o PTB, o PDT, o PT e o PP.

d) Um estudo de Luis Fernandes.

Como sabemos, o resultado da eleição presidencial, no Brasil, em 1994, teve como vitorioso Fernando Henrique Cardoso, que à frente de uma coalizão de “centro-direita”, foi eleito já no primeiro turno. Em um estudo sobre a questão, Luiz Fernandes⁸⁵ procurou responder a algumas perguntas, tais como: “que correlação de forças se expressou e se materializou no país? Será que, como asseguram alguns, a esquerda cresceu e se fortaleceu nas eleições, apesar de não eleger seu candidato à presidência?” A análise do autor é desdobrada em cinco níveis: Presidência da República, Câmara dos Deputados, Senado Federal, Governo de Estado e Assembleias Legislativas. Em cada um destes níveis, examina o desempenho relativo dos partidos, congregados em três grandes categorias político-ideológicas: Esquerda, Direita e Centro. Luiz Fernandes realizou a seguinte classificação:

- Direita: PFL, PPR (fusão do PDS com PDC), PTB, PL, PSD, PSC, PRP, e PRONA.
- Centro: PMDB, PSDB, PP (fusão do PTR com o PST) e PRS.
- Esquerda: PT, PDT, PSB, PC, do B, PMN, PPS, (antigo PCB) e PV.

Isto posto, se compararmos as eleições presidenciais de 1989 com a de 1994 poderemos observar que, em 1989, a tendência dominante foi a de apresentar candidaturas isoladas por agremiação. A maior exceção foi a Frente Brasil Popular (PT, PSB, PC do B e PV); porém, mesmo assim esta coalizão agregou partidos do mesmo campo político-ideológico. As eleições de 1989 foram marcadas pela polarização direita versus esquerda. O total dos candidatos de direita somou 47% dos votos válidos, enquanto os

⁸⁵ Luiz Fernandes. Muito Barulho por Nada? O Realinhamento Político-Ideológico nas Eleições de 1994. Dados, 995, Vol. 38.



de esquerda chegou a 35%. Os candidatos dos partidos de centro foram espremidos, obtendo pouco mais de 16% nas eleições.

No ano de 1994, ocorreu uma maior propensão à formação de alianças, com a conseqüente quebra da anterior polarização direita x esquerda. Em 1994, as eleições para a presidência da República marcaram o fortalecimento do novo campo de centro-direita, graças ao esvaziamento eleitoral da direita "pura" e do relativo enfraquecimento da esquerda. A votação da esquerda, nas eleições presidenciais, comparativamente caiu de 35%, em 1989, para 30% em 1994.

Para Luiz Fernandes, o quadro geral, que surge dos resultados da eleição para a Câmara dos Deputados, mostra um enfraquecimento importante da representação dos partidos de direita, um aumento significativo do centro e um pequeno crescimento da esquerda. Os partidos de direita, como um todo, perderam quase um quarto da sua força na Câmara, cuja bancada, eleita em 1990, foi de 248 deputados e em 1994 foi de 193. Os partidos considerados de centro conseguiram aumentar em quase um terço a sua participação na Câmara, já que em 1990 obtiveram 154 deputados e em 1994, 205. Este crescimento do centro deveu-se ao aumento em quase dois terços da bancada do PSDB e ao surgimento do PP, que em 1994 elegeu 36 deputados.. Os partidos de esquerda obtiveram um ligeiro crescimento na Câmara, passando de uma bancada de 101 deputados, em 1990, para 115, em 1994. Nesse ano, o PT passou a ter a maior bancada de esquerda; de 35 passou para 49. O PC do B também dobrou sua bancada; passou de cinco para dez deputados.

O autor considera ainda que, se voltarmos no tempo e acompanharmos o processo de realinhamento em curso desde a primeira eleição congressual com liberdade partidária (1986), veremos que se operou uma espécie de "efeito sanfona": as forças de centro, que tinham uma maioria quase esmagadora em 1986, foram espremidas pela polarização direita x esquerda em 1990, e voltaram a crescer em 1994, com base na rearticulação de uma aliança com a maioria das forças de direita.

Dessa forma, deu-se o crescimento da esquerda na Câmara dos Deputados, nas eleições de 1990, quando dobrou a sua participação em relação a 1986 (de 9,7 em 1986 passou para 20,1% em 1990). E, em 1994, a esquerda basicamente consolidou posições, passando para 22,4%. Já os partidos de centro tiveram o campo político mais fortalecido no último pleito, sobretudo a partir do crescimento do PSDB, que reorientou



sua política para a direita. O pleito para a Câmara acompanha, assim, o eixo predominante do realinhamento político-ideológico, já identificado nas eleições para presidente da República de 1989 e 1994.

As eleições para o Senado se diferenciaram das realizadas em todos os demais níveis, por serem as únicas em que a totalidade dos cargos eletivos não se encontrava em disputa. O pleito de 1994 renovou dois terços das cadeiras do Senado, contra um terço em 1990. Portanto, não ocorreu simultaneidade na disputa de todos os cargos eletivos no Senado. Assim, Luiz Fernandes optou por examinar a composição político-ideológica do Senado no começo da legislatura que deu posse aos senadores que foram eleitos em 1990 e 1994.

Em nível de Senado, também a representação dos partidos de direita se enfraqueceu, e a do centro se fortaleceu. Foi a esquerda que mais cresceu neste nível, entre 1990 e 1994 ; de 9 senadores passou para 13. O PT elegeu cinco senadores e o PDT elegeu seis, em 1994. O centro se fortaleceu na mesma proporção do declínio da direita.

A disputa pelos governos de Estado diferencia-se dos níveis examinados anteriormente pela natureza qualitativamente diferenciada dos postos em contenda. Nesse nível, há uma desproporção gigantesca entre os diversos Estados, no que se refere à influência, poder, força política, infra-estrutura, recursos, etc. Por exemplo, não podemos atribuir o mesmo peso aos governos de São Paulo e de Roraima. Considerando isto, o autor optou por tomar a proporção da população brasileira governada por cada administração estadual como referência para computar sua importância relativa.

Assim, o número de Estados governados por partidos de direita caiu em 51,2% em relação às eleições de 1990 (de 13, para 6). O centro absorveu as posições perdidas pela direita. O total de governadores oriundos de partidos de centro subiu de 11, após as eleições de 1990, para 15, em 1994. Esse crescimento dos partidos de centro não se deu por igual: em 1990 o PMDB governava 38,6% da população brasileira, e em 1994 caiu para 21,2 %, ainda que em termos de governadores eleitos tenha passado de 7 para 9. O partido de centro que mais cresceu foi o PSDB que, em 1990, governava 4,3% da população (com apenas um governador eleito) e passou a governar, em 1994, 50,2% da população (com 6 governadores).



Apesar da esquerda ter aumentado seu número de governadores estaduais de três para seis, houve um ligeiro retrocesso na proporção da população brasileira sob sua administração (de 17,1% caiu para 15,1%)

Segundo o autor, o único nível em que o campo da direita se mostra majoritário é o da representação dos partidos nas assembleias legislativas, porém, mesmo assim, ela enfraqueceu de 1990 para 1994 (de 522 deputados eleitos caiu para 444). A capitalização com esta queda dos partidos de direita, foi distribuída de maneira equilibrada entre o centro e a esquerda. A esquerda, como um todo, aumentou a sua participação; o PT superou o PDT como o partido com maior número de deputados estaduais: o PT subiu de 83 para 92, e o PDT caiu de 91 para 88.

No pleito de 1994, em vez de uma virada à esquerda, o que se verificou foi a reconstituição do centro, a partir da formação de um novo polo político dominante de centro-direita (com base na aliança PSDB-PFL), embora esta tônica tenha se concretizado de forma diferente nos seus distintos níveis. Para Luiz Fernandes, a esquerda ainda não tem força para triunfar sozinha eleitoralmente, e isto aponta para a necessidade de que a esquerda não só deve manter a sua unidade, como deve ampliar suas alianças com forças do centro. Mas, a questão crucial que surge é: Que centro?

e) Um estudo de Regina Vinhaes Gracindo

Em importante análise,⁸⁶ Gracindo buscou o desvelamento da concepção fundamental que norteia a prática política dos partidos políticos, no Brasil, e propôs uma tipologia dos partidos políticos, a partir de algumas idéias de Gramsci sobre Partido Orgânico. Para esta autora, o sistema partidário brasileiro é composto de partidos políticos que são, na realidade, "frações" de um partido "maior".

Em 1992, dos 41 partidos políticos que possuíam registro no Tribunal Superior Eleitoral, a autora selecionou, para o seu estudo, somente um total de 18 que tinham parlamentares eleitos para o Congresso Nacional, e os agrupou em três grandes partidos: o Invariante, o Mudancista e o Transformador. Nesse estudo foi feita uma tipologia que se propõe a ser um instrumento operacional para que as idéias, conceitos e valores defendidos pelos partidos a respeito de educação/ensino fundamental possam ser conhecidos. Ou seja, a autora busca o desvelamento da concepção de educação fundamental que orienta a prática política dos partidos. Vejamos sua classificação:



- Partidos Invariantes: são partidos politicamente “conservadores” e de direita; vinculam-se à manutenção do capitalismo. Aqui temos o seguinte agrupamento: PDC, PDS, PFL, PRN, PSC, PTB. Eles apresentam uma concepção, predominantemente, “privatista” do ensino público. Tais partidos querem adaptar as pessoas à sociedade capitalista e à democracia restrita.

- Partidos Mudancistas: são partidos politicamente de “centro-esquerda”; defendem um capitalismo mais “civilizado”. Aqui temos o seguinte agrupamento: PDT, PL, PMDB, PRS, PSDB, PST. Mas, estão divididos, pois possuem dois grupos, um que reforça a escola pública, outro que privilegia a escola privada. Tais partidos querem uma “democracia de classe média”, menos restritiva, mas ainda excludente.

- Partidos Transformadores: são partidos politicamente de “esquerda”; aqueles que visam transformações mais radicais no Estado e na sociedade. Aqui temos o seguinte agrupamento: PC do B, PPS, PSB, PT, e PV. Apresentam uma concepção de que compete ao Estado oferecer e assegurar a oferta do ensino fundamental público, obrigatório e de forma gratuita. Tais partidos preconizam uma educação que possa contribuir com as transformações sociais desejadas.

Como dizíamos, os parâmetros esquerda e direita têm conteúdo relacional e comparativo, sendo, portanto, flexíveis. Além disso, no início desse tópico, ressaltamos que as classificações ou tipologias não pretendem ser definitivas, pois além das diferenças na fundamentação teórica dos autores, há que se observar o respectivo objeto de estudo de cada um, e o que cada autor pretende com sua pesquisa.

Após a tentativa de uma breve exposição desses cinco significativos estudos, algumas indagações se sobressaem: será que o custo político para o crescimento eleitoral da esquerda significa abdicação do seu programa e direitização de seu projeto? A corrosão do marxismo-leninismo na ação da esquerda aumenta na mesma medida em que crescem as influências da social-democracia? O leque amplo de alianças eleitorais com forças do “centro” feitas pela esquerda levará a um isolamento cada vez maior da extrema-esquerda? Para onde vai a extrema-esquerda?

⁸⁶ Gracindo, R. V. *O Escrito, o Dito e o Feito: Educação e Partidos Políticos*. Campinas, Papyrus, 1994.



Capítulo III

A teoria da revolução como fundamento educativo da Extrema-Esquerda





3.1. Educar contra a ordem capitalista: os partidos e a teoria da revolução

A teoria da revolução implica numa concepção de história. Nos anos 60 e 70, o grande problema, para a maioria da extrema-esquerda, não residia tanto na teoria, mas na organização, e no seu entendimento geral do pensamento marxista. Muitas leituras foram feitas no âmbito do marxismo. Julgava-se que a teoria podia convencer as pessoas, num processo educativo mais moroso, mas a ação podia arrastá-las, num processo educativo mais rápido. A VPR, em seu documento *A Vanguarda e as Massas Na Primeira Fase da Revolução*, afirmava que se considerava “*uma vanguarda que exerce uma violência didática no sentido de levar ao povo a demonstração da força da luta armada*”. A VAR-Palmares em seu documento *Situação Nacional e Análise de Classe*, reafirmava, também, esta pedagogia revolucionária, “*educando as massas na perspectiva da violência e do socialismo*”. Este documento encerra sua página final com uma frase de Mao: “Ousar Lutar! Ousar Vencer!”.

Considerar, entretanto, que a extrema-esquerda militarista não possuía uma teoria, também não é verdade, em última instância. Ela buscou, principalmente em Mao Tse-Tung, em Fidel Castro, em Guevara e em Debray a legitimidade teórica de que precisou para se entregar à luta armada. Portanto, havia teoria como instrumento para a elaboração de planos de ação, pelos quais a guerrilha dirigiria e educaria as massas para a tomada do poder. Ela tinha a sua teoria, mesmo que seja avaliada por alguns autores como “equivocada”, “linear”, “mecanicista”, “ingênua”, etc. A premissa fundamental de sua teoria era aquela que impelia para a ação, e o que todos os revolucionários consideravam indiscutível, era que grande parte do restante da teoria seria elaborada durante a luta.

“Havia um interesse especial por aquelas obras que, de uma maneira ou de outra, traziam uma contribuição prática à pedagogia revolucionária. Revolução na revolução de Régis Debray, Os pensamentos de Mao, o Diário de Guevara, funcionavam como manuais ou cartilhas. Era comum perguntar-se não ‘por que’, mas ‘para que você está lendo esse livro’.”⁸⁷

⁸⁷ Zuenir, Ventura. 1968: *O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 55.



Muitos guerrilheiros brasileiros somente foram travar contato direto com as idéias de Marx no exílio. Ao que consta, o principal livro de Marx, *O Capital*, somente foi publicado no Brasil em 1968,⁸⁸ enquanto no México, por exemplo, desde os anos 20, a Universidade abrigava obras de Marx. Tentando simplificar, digamos que, predominantemente, a extrema-esquerda militarista secundarizava a teoria, e a extrema-esquerda massista a privilegiava.

Nos anos setenta, com a derrota das guerrilhas urbanas e rurais – além da própria morte do Che - o pensamento guevarista e maoísta passa a sofrer severas críticas. Com a crise do socialismo real, nos anos oitenta e noventa, os partidos de esquerda, internamente, registraram uma diminuição da hegemonia do pensamento leninista e/ou trotsquista. Essa desagregação tem levado a uma paulatina corrosão do marxismo-leninismo na ação das esquerdas. Por outro lado, houve uma ampliação dos espaços de influência da social-democracia e dos partido tipo *cath all* (agarra-tudo). Podemos utilizar, como exemplo, a maior força de esquerda no Brasil, atualmente, que tem crescido no plano eleitoral: o Partido dos Trabalhadores. O PT vem decidindo aceitar concessões e compromissos (trade-offs), tecendo alianças com diferentes classes, visando ampliar, cada vez mais, seu campo eleitoral. Buscando aumentar a base político-partidária para a candidatura de Lula, dirigentes do PT buscaram apoio de dissidentes do PMDB, e de setores mais à direita, para crescer eleitoralmente entre a classe média. Outra consequência dessa nova postura foi a expulsão da Causa Operária em 1991, da Convergência Socialista em 1992, e de outras correntes radicais do PT.

Dentre as diversas organizações de esquerda e de extrema-esquerda que decidiram trabalhar no interior do Partido dos Trabalhadores (P.T.), criando o problema dos "partidos dentro do partido", destacam-se: a CS, Causa Operária, PCBR, MEP, O Trabalho, Em Tempo (Organização Revolucionária Marxista – Democracia Socialista) e a Ala Vermelha. Dentre estas siglas, ganhou maior relevância a Convergência Socialista, a mais forte das organizações radicais no interior do P.T.⁸⁹ A Causa Operária e a Convergência Socialista se destacaram dentre as correntes defensoras da idéia de um partido dos trabalhadores. Desde 1.978, por exemplo, a CS vinha propondo a discussão da necessidade de se criar, de baixo para cima, um partido socialista. Foi destacada a sua importância no trabalho de filiação partidária que muito contribuiu para a fundação

⁸⁸ *Onde fica Marx neste mundo? IstoÉ*, 9 de março de 1983, p. 32.

⁸⁹ Cfr.: Kech, M.E. *PT – A Lógica da Diferença*. São Paulo, Editora Ática, 1991.



do PT. As organizações radicais no interior do PT militavam, no mínimo para “ampliar o grupo de revolucionário” se não fosse possível transformá-lo num partido revolucionário de massa.

Nos anos sessenta e setenta, conviveram duas visões fundamentais no interior da extrema-esquerda: os militaristas e os massistas, com hegemonia dos primeiros. Nosso estudo quer evidenciar também que, a partir dos anos oitenta, a extrema-esquerda é de característica predominantemente massista.

Com relação à educação política e ao doutrinamento da militância da extrema-esquerda militarista - influenciada pelo guevarismo e maoísmo, nos anos 60 e 70 - praticamente não há abundância de propostas de cursos de formação teórica. Há muito mais preocupações com a formação militar do guerrilheiro e indicações de preceitos revolucionários. Discutia-se muito, também, a tática para a tomada do poder. Seria a partir do núcleo guevarista de combatentes? Ou o cerco da cidade pelo campo, segundo o maoísmo? Seria insurreição ou guerrilha? Curiosamente, autores chamam a atenção para as influências do guevarismo e maoísmo até mesmo na “moda” de um setor estudantil dos anos 60 e 70, cujas roupas, de forma geral, mimetizavam a cor e o corte dos fardamentos guerrilheiros.

Como já expusemos, atualmente consideramos extrema-esquerda brasileira dois partidos de inspiração trotsquista: o P.S.T.U. e o PCO (Partido da Causa Operária). As organizações e grupos que compuseram estes partidos, consideram que mesmo com a crise dos partidos comunistas “burocratizados”, as profundas transformações sociais não se dão pelo processo eleitoral, mas sim pela luta direta dos trabalhadores. Estas organizações condenam os acordos, pactos e compromissos com a elite patronal e com o governo, bem como acordos eleitorais com os partidos “burgueses”. Atualmente, Rui Costa Pimenta é presidente nacional do PCO e, Valério Arcary, presidente nacional do PSTU. O número de filiados ao PCO é de cerca de 10.000, segundo informações dadas em janeiro de 1999. A campanha eleitoral do PSTU pela televisão, em 1998, insistentemente destacou a palavra-de-ordem: “*Contra Burguês, Vote 16!*”, com candidatura própria à presidência. Já o PCO apoiou o nome de Lula. Para a extrema-esquerda, se houver algum tipo de compromisso, ele tem estar tensionando, ao máximo, à luta de classes. Entretanto, tal postura não se dá no vazio, por mais radicalizada e isolada que sejam suas posições. Para tentarmos ser mais precisos, a extrema-esquerda, em princípio, até pode aceitar algum tipo de compromissos com



setores de outras classes, solidários aos trabalha-dores, uma vez que, como alertou Lenin, há diferentes tipos de compromissos:

“É preciso analisar a situação e as circunstâncias concretas de cada compromisso, ou de cada variedade de compromisso. É preciso aprender a distinguir o homem que entregou aos bandidos sua bolsa e suas armas para diminuir o mal causado por eles e facilitar sua captura e execução, daquele que dá aos bandidos sua bolsa e suas armas para participar da divisão do saque.”⁹⁰

Atualmente, se fizermos uma comparação, a extrema-esquerda tende a valorizar muito mais a teoria. Num passado bem recente, as organizações de extrema-esquerda militarista pagaram um preço alto com a opção pelas armas e, de armas na mão, há menos tempo para reflexão e estudo. Mas era outro contexto, outro entendimento teórico e outras organizações predominantes. A idéia de luta armada não surgiu ao acaso; havia fatores internacionais e aspectos da política nacional que influenciaram a extrema-esquerda militarista a priorizar as ações armadas, contra aquilo que considerava o imobilismo de partidos como o PCB. Entretanto, há uma certa leitura, que parece predominar no senso comum, que não apreende a questão da luta armada em sua totalidade histórica e enquanto projeto revolucionário. A crítica à luta armada é necessária, mas os guerrilheiros dos anos 60 e 70 não eram tão caricatos e despreparados como, às vezes, são apresentados. Até porque - além daqueles poucos que “difamaram a causa que traíram” - há um trabalho que as forças da ordem realizam, que é o de rebaixar a pedagogia da transgressão dos que se ergueram contra a ditadura, associados a “grandes transgressores políticos como Marighella, Câmara Ferreira e Lamarca”⁹¹.

“A versão mais difundida apresenta os movimentos revolucionários dos anos 60 como uma grande aventura, no limite da irresponsabilidade: ações trelouçadas. Boas intenções, claro, mas equivocadas. Uma fulguração cheia de luz e de alegria, com contrapontos trágicos, muita ingenuidade, vontade pura, puros desejos, ilusões.”⁹²

A maioria dos guerrilheiros tinha algum hábito de leitura, estudo e reflexão, sem que esqueçamos o alto percentual de estudantes localizados entre os combatentes. A guerrilheira Vera Sílvia Magalhães, que militava no MR-8 quando participou do sequestro do embaixador americano, em 1969, afirmou recentemente em entrevista:

“Pensávamos num processo insurrecional, de ação vanguardista, e então decidimos que iríamos pegar o homem, isto é, o embaixador norte-americano. E esperávamos que dessa ação resultasse um rebuliço social. Mas nós não éramos uns bobos. Ao contrário, a gente estudava desde os teóricos mais evidentes, como Marx e Engels, até Kant, Hegel, Ilamos Caio Prado Jr., Wanderley

⁹⁰ Lenin. *Esquerdismo, Doença infantil do Comunismo*. São Paulo, Global Editora, 1981, p. 32.

⁹¹ Quartim de Moraes, J. *Luta Armada: Memória e Biografia*. IDÉIAS – Revista do IFCH/Unicamp, p. 154.

⁹² Aarão Reis Filho, Daniel. *Um Passado Imprevisível: a Construção da Memória da Esquerda nos Anos 60*. in: *Versões e Ficções: o Sequestro da História*, 1997, p. 34.



Guilherme - isso no que a gente chamava Organização Parapartidária, as OPPs, antes de entrarmos para a organização mesmo.⁹³

Os principais autores brasileiros que influenciaram a idéia de revolução entre a militância sobressaem-se Nelson Werneck Sodré, Caio Prado e Florestan Fernandes. Na bibliografia de um **Plano de Estudos**, rascunhado pelo militante da ALN Gilney Amorim Viana constam livros de 20 autores diferentes, entre os quais obras de Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Junior. Também o que chama a atenção é a preocupação com o estudo do cangaço (muitos guerrilheiros buscavam estudar suas táticas de combate); há seis livros que tratam deste tema: a) *Bandoleiros da Caatinga*, de Melchiades da Rocha, b) *Lampião* (documentário), de Ranulpho Prata, c) *Lampião, Rei dos Cangaceiros*, de Eduardo Barbosa, d) *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó, e) *História do Cangaceirismo no Ceará*, de Abelardo F. Montenegro, f) *Lampião e seus cabras*, de Luis Lima. No referido Plano de Estudo, constata-se, também, um interesse especial pelo estudo de Canudos, Contestado e Coluna Prestes.

Como já afirmamos, os guerrilheiros consideravam-se educadores do povo, e a preocupação com a educação política pode ser percebida na frequência com que a maioria dos documentos políticos das organizações de extrema-esquerda dos anos 1961-1971⁹⁴ fazem referência ao termo “educação”. Ao que parece, compreendia-se que a elevação cultural dos trabalhadores contribuiria para o processo revolucionário. Assim, tais documentos defendem o direito à escola pública e a busca incessante da auto-educação. Inclusive militantes da ALN, inicialmente dedicavam parte de seu tempo na alfabetização de pessoas que não puderam frequentar a escola regular:

*“Subíamos alegremente as favelas do Rio de Janeiro para alfabetizar adultos e fazer contatos, treinávamos artes marciais e tiro ao alvo nas praias desertas, pichávamos palavras-de-ordem nos muros da cidade, recolhíamos medicamentos para a infra-estrutura da coluna guerrilheira, possuíamos slogans maravilhosos, ideais nobres, energia de sobra e a certeza da necessidade e possibilidade de mudar profundamente o país, acabando com a miséria e a exploração”.*⁹⁵

No caso do PC do B, dentre o trabalho com a população, militantes que seriam futuros guerrilheiros do Araguaia também se dedicaram ao ensino nas escolas daquela região. Em 1966, seu documento **União dos Brasileiros Para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista**, buscava “educar o partido no espírito do internacionalismo proletário” e entre as tarefas do partido no plano político-nacional estava colocado:

⁹³ Salem, Helena. *Ex-Militante Inspira Personagens Femininas*. In: *Versões e Ficções: o Sequestro da História*, 1997, p. 63.

⁹⁴ Aarão Reis Filho, D. *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1985.

⁹⁵ Paz, Carlos Eugênio. *Viagem à Luta Armada*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996, p. 56.



“Difundir a idéia da revolução. Fazer propaganda da luta armada e ajudar as massas a se preparar concretamente para a guerra popular.”⁹⁶

É reconhecida a dedicação do guerrilheiro à causa revolucionária, o que se explicita no grau de adesão política e de engajamento total de vida, inclusive em nível militar; uma disposição para matar ou morrer. Entretanto, devido ao peso exclusivo que acabou por atribuir às ações armadas detonadas por um pequeno núcleo de combatentes, e devido à tentativa de aplicar esquemas à realidade, a partir de algumas idéias de Guevara, Debray e Mao, a guerrilha foi se afastando da realidade. Che, a propósito, já havia dado mostras de preocupação com a difusão apressada do “guevarismo”, ou seja, em alguns países havia organizações revolucionárias tentando *“implantar la experiencia cubana sin ponerse a razonar mucho si es o no el lugar adecuado, simplemente toman una experiencia que se há realizado en América y tratan de llevarla hacia cada uno de los países.”⁹⁷*

Soma-se a tudo isto, o cerco e o isolamento da guerrilha, em relação às suas bases, operado pela repressão, que passou a utilizar-se amplamente da tortura e da eliminação física de militantes. A maioria dos revolucionários parece considerar o governo Médici como *“o patriarca da tortura”⁹⁸*. A idéia de “educação exemplar” - tão cara à pedagogia guevarista, por meio da qual arrastariam para a revolução através do exemplo, sempre com o apoio do povo, que pensava educar politicamente - teve profundas influências na extrema-esquerda militarista. O mais grave foi o isolamento a que ela foi relegada. Para algumas guerrilheiras, foi um choque quando constataram, ao serem presas, o tamanho do isolamento de suas organizações:

“Uma mulher começou a gritar: ‘Morra, sua terrorista!’. Isso foi um impacto. Depois disso eu acho que não ouvi mais nada. Na saída do bar ela gritou: ‘Morra, terrorista’. Foi terrível. Você tinha a ilusão, você pensava que estava fazendo a coisa numa direção, mas essas mesmas pessoas pelas quais você assumia uma postura, o povo, o teu povo, não estava entendendo. É duro você sentir isso num momento desses. É um tapa na cara. Foi exatamente o que eu senti. Como se as coisas se estilhasassem, uma manhã que se quebrou. O sol, as coisas e o grito da mulher. É um negócio que te gela, te joga meio pras sombras. Um momento muito horrível. Eu sentia: estou sozinha. Estamos sozinhos.”⁹⁹

É bem verdade que, nestes anos 90, é possível discutir quais seriam as características viscerais desta teoria da revolução. Não obstante, a preocupação com a formação teórica e com a educação política do militante, direcionadas pelo partido, é

⁹⁶ Aarão Reis Filho, D. e Ferreira de Sá, J. *Imagens da Revolução*. Op. Cit., p. 74.

⁹⁷ Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967*. Tomo II. *La transformación política, económica y social*. p. 473.

⁹⁸ *Revista Debate*. nº33, junho/1979, p. 18.



maior que a das últimas décadas. De um lado, há a possibilidade de crítica da experiência guerrilheira passada; de outro, a compreensão hegemônica, que atualmente tem a extrema-esquerda, de que o trabalho educativo das massas é mais lento porque as pessoas têm que ser convencidas, educadas para atuar politicamente, e não arrastadas para a ação. Sem fazer uma dicotomia entre formação e ação, ao que parece os dirigentes das atuais organizações de extrema-esquerda produzem documentos teóricos, procuram ler bastante e fazer com que outros quadros também leiam e atuem.

Para muitos estudiosos, o dilema da esquerda brasileira nunca foi realmente de organização; o seu grande problema estaria mais na teoria da revolução, justamente o aspecto secundarizado pela extrema-esquerda dos anos 60 e 70.

*“Cuando llega la hora favorable para la acción por la toma violenta del poder político no hay tiempo para ponerse a estudiar la teoría o la técnica”.*¹⁰⁰

A linha política depende da concepção da revolução, uma vez que não há linha política no vácuo ideológico. Uma teoria de revolução condiciona uma dada organização política, seus agentes sociais constitutivos e suas possíveis alianças. Desde Lenin, a grande maioria dos revolucionários previa para breve a derrocada do capitalismo, inclusive a III e a IV Internacionais. Principalmente para Trotsky, a revolução socialista estava na ordem do dia, mesmo em países com formas econômicas mais primitivas; por essa razão ele se opunha a qualquer acordo que significasse capitulação para com a burguesia - seja ela mais ou menos revolucionária. Neste ponto, a IV Internacional distinguia-se da III Internacional stalinista que admitia acordos com a burguesia, muitos até próximos da “traição”¹⁰¹.

Os stalinistas tinham uma concepção “etapista” de revolução, ou seja, revolução democrático-burguesa antes de se chegar ao socialismo, e defendiam a possibilidade de se construir o socialismo num só país. Assim, o PCB objetivava aplicar ao Brasil as teses da III Internacional para os países coloniais e atrasados, destacando o caráter semifeudal da agricultura brasileira, indicando que o socialismo só seria atingido após um período de profundas transformações burguesas.

Nos estudos sobre a relação entre Internacional e os partidos comunistas, a problemática da “imposição de fora para dentro” tem suscitado debates. Talvez, não se

⁹⁹ Depoimento de Maria Aparecida da Costa. In: *A Vida Secreta das Guerrilheiras*. Caderno Mais. Folha de São Paulo, 3 de maio de 1998. P. 5.6.

¹⁰⁰ Lussu, Emilio. *Teoría de los Procesos Insurreccionales Contemporáneos*. Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporáneo, 1972, p. 11.

¹⁰¹ Cfr.: Neto, José Paulo. *O Que é Stalinismo*. São Paulo, Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense.



possa pontificar que os partidos comunistas nacionais fossem simplesmente marionetes. Há alguns autores que consideram a Internacional Comunista como um centro que impingia diretrizes para os PCs, numa linha de “mão-única”. Mas, se em grande parte isto é verdade, o é até determinado ponto, porque os informes e as avaliações dos diferentes PCs locais é que descreviam o quadro político nacional, sobre o qual a Internacional atuava. As ordens finais foram dadas pelos comunistas locais. Assim, sob o stalinismo, de modo geral os partidos comunistas de todo o mundo faziam uma assimilação de um “modelo”, que passou a ser seguido fielmente. Atribuía-se ao partido comunista russo o papel de guia indiscutível da revolução mundial, educando seus militantes numa disciplina que visava cumprir o que seus dirigentes decidiam, e numa pedagogia do imobilismo político, tão criticada por Guevara. Mesmo as dissidências do PCB que se traduziram em outros partidos, continuaram ainda a seguir modelos, tais como os da China e Albânia. Assim, aspectos da política implementada por Stalin sobreviveu à sua própria pessoa, e passou do partido russo para todo o movimento comunista internacional. Portanto, embora o stalinismo esteja ligado indissoluvelmente ao nome de Stalin, isso não quer dizer que tenha terminado com sua morte. Considera-se que o stalinismo existiu, predominantemente, até a chamada “*glasno?*” (transparência), implementada por Gorbachev. Desse modo, a própria Terceira Internacional transformou-se num meio auxiliar da política externa russa e instrumento de educação.

*“Quanto aos comunistas dos outros países, também eles não foram simplesmente ‘enganados’ pela propaganda. Com as suas lideranças forjadas na escola política da Terceira Internacional, eles já estavam predispostos a admitir a ‘natural’ supremacia do partido russo e de seus dirigentes”.*¹⁰²

Já os trotsquistas defendiam uma concepção de revolução “permanente”, em âmbito internacional. Assim sendo, para os trotsquistas brasileiros o Brasil não era, nem nunca fora, predominantemente feudal, uma vez que se tratava de um país capitalista retardatário, onde dominavam relações de produção capitalistas subdesenvolvidas. Assim, não haveria revolução burguesa a fazer, pois as transformações burguesas já se haviam realizado. Nessas condições, o que se colocava era a revolução socialista, sem a etapa intermediária prevista pelo PCB.

Além do círculo restrito do trotsquismo ortodoxo e orgânico, o pensamento de Trotsky influenciou muitos marxistas. O próprio estudo das raízes do pensamento econômico marxista brasileiro salienta que

¹⁰². Idem, Op. Cit., p. 61.



*“Dentre os pensadores que mais contribuíram para a formação de uma economia política crítica no Brasil destacam-se os representantes da esquerda marxista brasileira. Considerando-se intérpretes da obra de Marx, esses autores foram fortemente influenciados pelo movimento comunista internacional e, principalmente por Lênin e Trotsky, (...)”*¹⁰³

A prática e o referencial teórico de Lenin serviram para a criação de vários partidos comunistas no mundo, na linha do que disse Maiakovsky: “com Lenin na cabeça e um fuzil na mão”. Mas além do pensamento de Lenin, as teses de Trotsky foram incorporadas ao conjunto teórico dos bolcheviques e serviram de base para a elaboração política realizada nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Porém, depois da morte de Lenin e com a ascensão do stalinismo, a teoria da revolução permanente¹⁰⁴, bem como todo o pensamento de Trotsky, foi duramente atacado e proscrito.

Após a morte de Lenin, ainda Stalin e Trotsky produziram vertentes teóricas que reuniram os marxistas de todo o mundo ao redor de duas concepções revolucionárias distintas: a primeira desembocando nas teses da III Internacional, e a segunda consubstanciada nas teses da IV Internacional. Uma terceira vertente, baseada no pensamento de Mao-Tsé-Tung, permanece muito próxima das idéias básicas da III Internacional.

Em grande parte, a extrema-esquerda é uma ruptura com o stalinismo, no sentido de que se opôs às orientações do partido russo, enquanto único padrão revolucionário legítimo para todos os países.

Encontramos algumas categorias, na extrema-esquerda, que estão umbilicalmente ligadas ao seu discurso, tais como: luta de classes, proletariado, socialismo, exploração, imperialismo, revolução, etc. Para a extrema-esquerda massista o desencadeamento da luta armada ocorre, predominantemente, no auge do movimento de massas. Nesta ótica, quando os conflitos políticos não podem ser contidos mediante as leis se produz a insurreição, a qual origina novos direitos que não são outra coisa que a revolução vitoriosa. A insurreição é uma fase do processo político que se denomina revolução. Mas, revolução é o todo, e a insurreição apenas uma parte. Para a extrema-esquerda militarista, a guerrilha pode servir como catalisador político, mas somente o impulso do núcleo guerrilheiro não basta para provocar a revolução. A guerrilha deve ter apoio da luta de massas. A luta de massas é o todo e a guerrilha é uma parte. Assim, a

¹⁰² Mantega, Guido. **A Economia Política Brasileira**. Petrópolis, Polis/Vozes, 1985, p. 134.

¹⁰⁴ Cfr.: Trotsky, L. **A Revolução Permanente**. Lisboa: Ciências Humans, 1979.



vitória revolucionária deverá ser sempre o resultado da ação de um exército regular, embora suas origens estejam no exército guerrilheiro.

Durante a insurreição, na ótica da extrema-esquerda massista, o proletariado deve constituir sua vanguarda armada, pois a insurreição é um problema terrível, onde os revolucionários arriscam a vida. A extrema-esquerda militarista privilegia a guerrilha no processo global da guerra revolucionária. Os revolucionários entendem que uma ideologia político-revolucionária deve ser acompanhada também por uma preocupação militar. Se esta faltar, não se produz a insurreição nem a revolução. A extrema-esquerda se preocupa com a formação de uma psicologia revolucionária.

Lenin, por exemplo, colocava o problema da insurreição armada junto aos principais problemas políticos e sociais que o proletariado deve enfrentar. Para ele, o erro não está em pegar em armas, mas em empunhá-las sem a habilidade necessária.

*"Plejánov incita al arrepentimiento, Lenin al perfeccionamento"*¹⁰⁵

Lenin, Trotsky, Mao e Guevara explicitaram que não é possível a revolução sem a adequação às condições objetivas e subjetivas das massas, e que em toda insurreição há uma incógnita. Além disso, apesar de muito importante, não basta o conhecimento do que fazer em termos políticos e militares; a questão fundamental é concretizá-lo. Se não houvesse esse fator incerto, a revolução seria sempre uma operação segura, sem riscos nem perigos.

Até bem recentemente, a extrema-esquerda brasileira, por exemplo, entendia que vivíamos uma situação pré-revolucionária. Daí a característica de seu discurso inflamado e radical de véspera de insurreição. Há, entretanto, riscos de que uma caracterização política de extrema-esquerda possa induzir a avaliar determinado momento do país como uma "situação revolucionária", sem que tal caracterização encontre plenamente amparo na realidade. As situações revolucionárias não se colocam somente segundo a vontade dos revolucionários.

*"La insurrección siempre es la explosión de una presión económica o política que se ha tornado insoportable. La caldera está tan encendida que todo salta por los aires. Si no existe una presión semejante y se ésta no corresponde a una situación general insufrible, es inútil hablar de insurrección y de consignas. Las insurrecciones existirían solo en la fantasía de algun solitario y las consignas caerían en el vacío".*¹⁰⁶

¹⁰⁵Lussu, Emilio. Op. Cit. p. 25

¹⁰⁶Lussu, Emilio. Op. Cit. p.107.



Para tentarmos compreender melhor a teoria da revolução como fundamento educativo da extrema-esquerda, é necessário recuperarmos um pouco da história de suas organizações, suas origens e desdobramentos, suas diferenças, suas continuidades e suas rupturas político-partidárias. São muitas as siglas, especialmente as da extrema-esquerda militarista; estudos referem-se a quase 50 organizações¹⁰⁷ que foram atingidas pelos processos da repressão, no Brasil, após a situação que se seguiu ao golpe de 64. A maioria delas resultou de divisões ou subdivisões verificadas a partir do PCB. Assim, buscaremos traçar brevemente um quadro histórico da extrema-esquerda no Brasil.

Em seu livro *Agrarismo e Industrialização*, escrito em 1924 e publicado em 1926 – portanto, antes da ascensão do stalinismo - Brandão considerava o jovem Partido Comunista como sendo de extrema-esquerda:

*“Dois únicos partidos organizados – o Comunista ainda fraco, pobre, fundado há pouco mais de dois anos, e o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, partido forte, rico, partido do governo – quer dizer, os dois extremos, a extrema-esquerda e a extrema-direita”.*¹⁰⁸

Este autor reconhece que a disposição para a entrega total à causa revolucionária é uma característica forte, nos militantes radicais. Neste livro que, reconhecidamente, constituiu-se num primeiro esforço teórico do comunismo brasileiro, Otávio Brandão assim se referiu-se à trajetória do binômio martírio/militância que tem marcado a história dos revolucionários:

*“O martírio da vanguarda é maior. É o martírio econômico: mal vista pelos patrões, luta contra a falta de trabalho; seus deveres, as batalhas, obrigam-na a dedicar à canana horas que poderiam ser empregadas no ganha-pão. Passa pelas mil pequeninas misérias, mal dormida, mal nutrida, privada de tudo, acaba no mais profundo depauperamento... Além do martírio econômico, a vanguarda sofre o martírio político; a vigilância policial - horas e horas, seguida por agentes secretos; as provocações; os insultos; os encarceramentos com a pior escória social; as torturas; as doenças apanhadas nas prisões... Por último, o martírio psicológico; as humilhações, as calúnias; as desilusões com os indivíduos; a luta contra a família; a dor de não ser compreendida ou de não se fazer compreender pelas massas; o sentimento da realização distante do ideal”.*¹⁰⁹

Queremos referir-nos, ainda, a um outro aspecto, presente no citado livro, e que interessa ao nosso estudo. Trata-se da visão deste autor sobre a forma como deveriam ser educados, no caso, os revolucionários brasileiros:

“Estudantes do marxismo, devorador dos textos, absorvedor da essência da teoria; analisador da realidade histórica; organizador; propagandista; agitador;

¹⁰⁷ Arq. de São Paulo, Brasil: *Nunca Mais*. Petrópolis, ed. Vozes, 1985.

¹⁰⁸ Brandão. *Agrarismo e Industrialização*. Buenos Aires, 1926, p. 8.

¹⁰⁹ Idem, p. 52.



*estrategista; teórico e prático; político e dialético; amalgamado com a classe operária, vivendo por ela e para ela; implacável contra as teorias adversárias; brutal contra o reformismo; encarando todos os problemas, de um ponto de vista concreto; membro da classe proletária; tendo a sua mentalidade; organizando-a e agitando-a; mergulhando, pelo pensamento e pela ação, no seio dos milhares e milhões de trabalhadores, e dirigindo-os de dentro, amalgamado com eles.*¹¹⁰

¹¹⁰ *idem*, p. 60.



3.2. A extrema-esquerda massista

Como já dissemos, via de regra, a extrema-esquerda caracterizou-se como rupturas no partido comunista; a de caráter massista surgiu nos anos 30, a partir de Trotsky, e a de caráter militarista, nos anos 60, com Fidel Castro, Guevara, Debray e Mao. Em âmbito mundial, o trotsquismo parece se constituir em extrema-esquerda a partir de 1930. Nessa década, na União Soviética, os que não concordavam com as posições oficiais do Partido passaram a ser perseguidos, condenados e fuzilados. Uma pequena apresentação de um ponto de vista diferente, por parte de um simples militante de base, numa reunião do Partido Comunista ou de comitês sindicais, era considerada uma "tentativa fracionista", que exigia uma punição severa. Para vencer Trotsky e seus companheiros, Stálin implementou um sistema de terror, que culminou com o assassinato de inúmeros opositores, e do próprio Trotsky.

O terrorismo de Estado deu a tônica nos métodos empregados por Stalin; conhecidos pela dureza, entendida por muitos como criminosa. No plano teórico, suas concepções parecem não ter contribuído com subsídios originais ao pensamento revolucionário; tem-se a impressão de que era uma pessoa "pragmática", com muita força e habilidades para articulações de bastidores, para acordos subterrâneos e para disputas internas. Ele fora educado, fundamentalmente, na clandestinidade e não nos confrontos ideológicos. Sob a direção de Stalin, o centralismo democrático do partido foi substituído pelo centralismo burocrático e na sua ótica, o proletariado não pode ter mais de um autêntico partido

Leon Trotsky, líder mais importante dos dissidentes, fora deportado, pois havia discordado da política oficial stalinista. Sua posição foi se radicalizando contra a política de Stálin, até que, para Trotsky e muitos outros, a burocracia russa e os partidos comunistas burocratizados se transformaram em inimigos da revolução. Trotsky procurou



organizar principalmente os revolucionários dissidentes do PCs. Isto se deu com o fortalecimento da Oposição de Esquerda Internacional, com seções em vários países.

Na década de trinta, havia no Brasil, México, Bolívia, Argentina, Uruguai, Panamá, Porto Rico, Chile e Cuba, trinta e quatro grupos que concordavam com as teses da Oposição de Esquerda. Quem divulgou tais teses, em 1929, no Brasil, foi Mário Pedrosa, junto com outros companheiros, entre eles vários expulsos do Partido Comunista Brasileiro. Na realidade, a organização da Oposição de Esquerda, seção brasileira, originou-se no âmbito do PCB e se tornou basicamente crítica ao Partido e à teoria da revolução stalinista. Os escritos sobre a revolução socialista no Brasil, desenvolvidos pela Liga Comunista, a partir do texto de Mário Pedrosa e Lívio Xavier, tiveram influência sobre o trotsquismo brasileiro, durante os anos 30. Nestes anos, outros agrupamentos dissidentes do Partido Comunista também divulgaram escritos de Trotsky, tais como o Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil, o Partido Operário Leninista, e os Bolcheviques-Leninistas do Brasil – Pela IV Internacional.

O Grupo Comunista Lenin, mais tarde passou a chamar-se LCI. Muitos dos que defendiam as posições de Trotsky, no Brasil¹¹¹, aliaram-se em 1931, à Liga Comunista Internacionalista. A L.C.I. combateu, ao lado dos anarquistas, pela independência dos sindicatos, que eram atrelados ao Ministério do Trabalho. A exigüidade dos meios de propaganda e a repressão, que recolhia e destruía tudo o que consideravam subversão, fizeram desaparecer quase tudo o que a LCI produziu; além disso, para não se exporem mais ainda à repressão e perseguição política, os próprios militantes eliminaram parte de sua documentação. A L.C.I foi atingida por divisões internas e pela perseguição do governo. Assim, em 1936, Mario Pedrosa criou o pequeno POL (Partido Operário Leninista), seção brasileira da IV Internacional. Nesse ano, uma ala liderada por Hermínio Sachetta rompeu com o Partido Comunista e se aproximou dos trotsquistas. O grupo Dissidência Pro-Reagrupamento da Vanguarda aproximou-se do trotsquismo do POL, unindo-se no Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil. Em 1939, estas forças políticas trotsquistas se fundiram no PSR, filiado à IV Internacional. Este partido lutou, junto com outras organizações, pela queda de Getúlio Vargas. Para o PSR, o pleito eleitoral deveria servir de momento para educação das massas e, em seu jornal **Orientação Socialista**, de 25 de outubro de 1947, afirmava:

¹¹¹ Raquel de Queiroz, Aristides da Silveira Lobo, Lívio Xavier, João da Costa Pimenta, Rodolfo Coutinho, Mirmo Tibor, Arnaldo Tommasini, Lélla Abramo, Fúlvio Abramo, e outros.



“O que objetivamos com a obtenção de cadeiras nas Câmaras Municipais é a posse de cátedras de educação socialista das massas, de tribunais por meio dos quais possamos implacavelmente denunciar os crimes da classe dominante contra os interesses dos oprimidos”.¹¹²

O PSR significou, na conjuntura do imediato pós Segunda Guerra, a tese de nenhum acordo e nenhum pacto com as forças políticas do capital. E, ainda que esse partido não buscasse prioritariamente o seu registro legal, contrariava o decreto-lei 8063, de maio de 1946, que proibia “orientação política do exterior”, entre outras coisas. Como já falamos, o PSR ligou-se à IV internacional e, portanto, fazia a defesa da tática de “Frente Única”, da teoria do “desenvolvimento desigual e combinado”, da teoria da “revolução permanente,” de sindicatos não atrelados ao Estado, etc. O partido tinha pouco mais de uma centena de militantes. Inclusive, Florestan Fernandes foi um dos seus militantes mais ilustres. A crise da IV Internacional, nos anos 1950/52, provocou a dissolução do PSR; porém, em seu lugar, surgiu o POR (T) – Partido Operário Revolucionário (Trotsquista). Tal dissolução ocorreu porque em 1953 a IV Internacional dividiu-se em dois órgãos independentes: o SI (Secretariado Internacional), dirigido por Michel Pablo, e o CI (Comitê Internacional da IV Internacional). Nahuel Moreno apoiou o CI e, em 1954, constituiu o SLATO (Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo). Em 1963, Moreno optou pela reunificação com o SI, e este novo agrupamento internacional foi chamado de SU (Secretariado Unificado da IV Internacional).

Assim, se os trotsquistas não conseguiram organizar um influente partido, deixaram uma contribuição para o movimento operário. E a proposta do PSR, de “Frente Única” dos operários com todos os seus partidos, opunha-se à “Frente Popular” do Partido Comunista, que aceitava aliança com a “burguesia progressista”. De qualquer forma, parece justificado conferir aos trotsquistas um posicionamento extremista e “principista”, em termos de marxismo-leninismo.

Queremos mencionar, ainda, um outro membro da “família socialista”: o PSB (Partido Socialista Brasileiro), que informava pelo seu jornal *A Luta Operária*,¹¹³ de 1951, que visando, a formação de sua militância, estava organizando um extenso “curso de doutrinação” com os seguintes tópicos: a) Os Fundamentos do Socialismo, b) História do Movimento Socialista até o Manifesto Comunista, c) História do Movimento Socialista de 1848 até a Revolução Russa, d) O desenvolvimento da política socialista de 1917 até os dias atuais.

¹¹² Citado por Teixeira, Pedro Roberto. Op. Cit. p.139.

¹¹³ *A Luta Operária*. Belo Horizonte, 31 de janeiro de 1951.



O anarquismo se constitui, também, numa força radical e extremista; entretanto, não o situamos neste estudo sobre a extrema-esquerda pelo fato de não se constituir, organizadamente, em partido político. No Brasil, o anarco-sindicalismo se constituiu com alguma organização e disciplina, ao contrário do anarquismo europeu. Pensava Bakunin, por exemplo, que a revolução poderia ser provocada por uma vanguarda que explorasse o potencial revolucionário em sua tarefa educativa, deixando à espontaneidade a tarefa de criar uma nova ordem social, sendo desnecessária e prejudicial qualquer organização partidária. O anarco-sindicalismo, porém, reviu alguns aspectos dessas premissas. A greve geral era considerada o maior instrumento estratégico revolucionário. Inclusive, por volta de 1890, no sul do Brasil, aconteceu uma importante experiência de comunidade anarquista, a Colônia Cecília.

“O que defendem os anarquistas é uma negação de toda e qualquer forma de ação política clássica com a qual temos contato diuturnamente, isto é, a política baseada no poder e na dominação, base e perneio dessa sociedade de exploração e injustiças que vivemos. Isso não significa, de modo algum, a destruição da política, mas sim a busca de uma nova política, fundada em bases outras. (...)”

“Daí o repúdio aos partidos como forma de organização política e a negação a participar do jogo parlamentar e da democracia representativa, instrumentos da política sob a estrutura do capitalismo, e a opção pelos sindicatos, comissões de fábrica, de bairro, de escola, etc, e por qualquer tipo legítimo de organização dos indivíduos em estruturas não autoritárias, mas livres e solidárias”.¹¹⁴

Até 1920, a maior parte dos sindicatos do Brasil, México, Peru, Chile, Uruguai e Argentina estiveram sob a orientação geral dos anarco-sindicalistas. A greve geral de 1917, no Brasil, foi em grande parte dirigida pelos anarquistas. Entretanto, os anarquistas começaram a perder influência entre a classe operária brasileira a partir de 1922, com a fundação do Partido Comunista do Brasil. Os primeiros quadros do PCB, vale observar, eram de origem anarquista.

No Brasil, os anarquistas posicionaram-se favoravelmente à Revolução Russa, até meados de 1920. Supunham que se tratava de uma revolução de caráter libertário e consideravam que “a Revolução Russa abria o caminho da anarquia”. Mais tarde, as diferenças entre as concepções bolcheviques e anarquistas apareceram claramente. Na Internacional Comunista havia 21 condições de adesão, adotadas pelo seu II Congresso, em 1920, cujo 12º Congresso previa que os partidos comunistas deveriam “organizar-se sobre o centralismo democrático e numa disciplina de ferro, próxima da disciplina militar”.

¹¹⁴ Gallo, Silvio. *Educação Anarquista: Um Paradigma para Hoje*. Piracicaba, Ed. Unimep, 1995, p 99-100.



De qualquer forma, outro marco importante, para a extrema-esquerda, foi a fundação do primeiro partido nacional, o PCB, uma vez que eram os partidos regionais que detinham maior poder político. Nos anos 30, o espaço político do Partido Comunista passou a ser disputado, no movimento sindical, pelos trotsquistas. Como vimos, o trotsquismo pode ser entendido como uma ruptura com os rumos da Revolução Russa e com o Partido Comunista. Chamar uma pessoa de “trotsquista” era considerado um xingamento, pelos comunistas. Muitos militantes expulsos do Partido recebiam o epíteto de “renegados trotsquistas”, ainda que nem todos o fossem. Até cumprimentar trotsquista era proibido, pelo artigo 13 do **Estatuto do Partido Comunista**:

“Nenhum membro do Partido pode manter relações pessoais, familiares ou políticas com trotsquistas”..

Em 1953, surgiu uma nova organização trotsquista, que passou a chamar-se Partido Operário Revolucionário (Trotsquista), ligado a J. Posadas, dirigente da IV Internacional. O POR (T), depois do golpe militar, recomendava o voto nulo nas eleições, e repeliu acordos com o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). As pendências internacionais do trotsquismo levaram a diferentes cisões, também no Brasil, mas aos poucos buscaram unificar-se: a Fração Bolchevique-Trotskista (FBT) uniu-se ao Grupo Outubro, à Organização pela Mobilização Operária (dissidência do grupo Primeiro de Maio) e formaram a ORM (Organização Marxista Brasileira). A fusão final deu-se com a unificação da ORM com o grupo comunista Primeiro de Maio, dando origem à O.S.I. (Organização Socialista Internacional). Aos poucos a OSI foi diluindo-se no PT, passando a chamar-se Fração IV Internacional, depois O Trabalho, considerando-se como uma simples corrente do PT. Por diluir-se no PT, O Trabalho não foi expulso do PT, em 1992, como ocorreu com outras organizações já citadas.

A partir de 1973, um setor da FBT seguiu rumo diferente, pois junto com um grupo de brasileiros exilados na Argentina, denominado “Ponto de Partida” formam a Liga Operária. Em 1977, a Liga mudou seu nome para PST (Partido Socialista dos Trabalhadores). No ano seguinte, lançou o Movimento Convergência Socialista, com jornal do mesmo nome, até que, em 1979, o PST foi extinto formalmente, e passou a chamar-se Convergência Socialista, sob influência da chamada “Minoria da IV Internacional”, onde o dirigente trotsquista Nahuel Moreno era uma das principais referências internacionais.



Em 1979, por divergências políticas, militantes foram expulsos da OSI e formaram a Organização Quarta Internacional (OQI), mais conhecida pelo nome de seu jornal: Causa Operária. Vejamos aspectos das críticas que as organizações de extrema-esquerda fazem entre si. Uma das críticas que se faz à Causa Operária é a de que sua atuação, ao longo dos anos, tem se caracterizado por um “obrerismo” acentuado. Quando do surgimento do Partido dos Trabalhadores, propôs uma formação que se articulasse “Por um PT classista”, uma vez que esse partido poderia se constituir em freio das explosões sociais e em “sustentação da burguesia”. Igualmente, a Convergência Socialista é acusada de fazer a “apologia do operário”.

A grande maioria dos trotsquistas, no Brasil, rejeitou e criticou abertamente o “foquismo” e os métodos das organizações guerrilheiras, enquanto método permanente de luta, opondo-lhes a perspectiva do trabalho de reorganização dos trabalhadores, nos sindicatos e nas indústrias. Isto não significa que, em última instância, abdicavam do confronto armado; a divergência era quanto à organização e à forma como se dariam tais confrontos. No Brasil, para citarmos um documento trotsquista dos anos 70 com críticas à guerrilha temos **Algumas Considerações Sobre a Formação da Direção Revolucionária do Proletariado**¹¹⁵, da OC-1º (Organização Comunista 1º de Maio). Mesmo sendo críticos do maoísmo e do guevarismo, os trotsquistas parecem ter mantido sempre em alta conta a sua solidariedade aos guerrilheiros, de tal forma que, mesmo sendo trotsquista e discordando da luta armada guerrilheira, Sachetta, por exemplo, tinha encontros políticos com Câmara Ferreira.

O PCB foi predominantemente uma força de esquerda, mas assumiu, em alguns momentos, circunstancialmente, posições de extrema-esquerda. Como exemplos disso, além daqueles acontecimentos de 1935, conhecidos por “intentona comunista”, podemos recordar os anos que se seguiram à sua cassação, no final dos anos 40: de uma proposição de “coexistência pacífica” e de “entendimento entre trabalhadores e patrões” foi para um outro extremo: passando a defender “violência revolucionária imediata”. Parece que, já nos anos 50, o PCB retornou para seu posicionamento de esquerda. Até por volta dos anos sessenta, na esfera da esquerda, o P.C. era um dos partidos mais influentes na luta sindical e política, e suas propostas nacional-reformistas buscavam realizar a “revolução burguesa no Brasil”, admitindo possíveis alianças com setores da burguesia, numa estratégia de transição pacífica ao socialismo. Desse modo, até os anos setenta a extrema-esquerda compunha-se, predominantemente, de guevaristas,



trotsquistas e maoístas, (seja de forma pura, seja de forma híbrida o que era mais comum), que se opunham à ortodoxia stalinista dos PCs.

¹¹⁵ Aarão Reis Filho, D. e Ferreira de Sá, J. *Imagens da Revolução*. Op. Cit., p. 307.



3.3. A extrema-esquerda militarista

O guevarismo e o maoísmo atraíram muitos quadros oriundos das classes médias. Talvez pelo fato de que o guevarismo - enquanto caminho revolucionário de libertação, identificado com os explorados - além de canalizar um certo tipo de radicalização, questionava as perspectivas de vida das camadas médias urbanas. A linha maoísta de proletarianização dos militantes, inserindo-os na produção, além de ser caudatária de uma espécie de radicalização política, era também perfeita como negação da cultura, formação e origem dos quadros estudantis. Mao dizia que os militantes deveriam conceder primazia à audácia:

"A verdadeira rota que orienta o mundo é aquela da mudança radical".¹¹⁶

Como já vimos, a partir dos anos 30 o trotsquismo, e a partir dos anos 60 o guevarismo, alimentaram muitas dissidências nos partidos comunistas, enquanto o maoísmo fez aflorar diferenças nos partidos comunistas internacionais, a partir dos anos 50. O PCB atacava as concepções da guerra popular chinesa e, mais tarde, as de Guevara. Os chineses, por sua vez, consideravam o guevarismo frágil demais. Já na década de 60, o guevarismo e o maoísmo e, em menor escala, o trotsquismo, alimentaram dissidências no interior do PCB. Em 1967, dissidentes do PCB, discordando da linha pacifista do partido, propunham:

"(...) Precisamos fazer um balanço para verificarmos de quantos militantes dispomos em condições de fazer um coquetel molotov, de quantos dispomos em condições de lidar com dinamite, quantos serão capazes de transformar uma tampa de batom em espoleta, quantos sabem atirar, quantos seriam capazes de assaltar um banco e assim mil outros exemplos".¹¹⁷

Da oposição e de divergências no interior e fora do PCB, no início da década de sessenta, e como alternativa a ele, surgiram as organizações: o P C do B, a Ação Popular, a POLOP, a ALN, o PCBR, a VPR, o MR-8, entre outras, que propunham a luta armada revolucionária pelo socialismo, e não o proselitismo e a conversa. A luta da ALN

¹¹⁶ Garza, Hedda. *Mao Tsé-Tung*. Coleção Os Grandes Líderes, São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988, p. 74.

¹¹⁷ Mir, Luis. *A Revolução Impossível*. p. 205.



era de “libertação nacional e antimperialista, por isso mesmo anticapitalista”. A VPR e o MR-8 propunham “o caráter imediatamente socialista da revolução”. Para o PCBR, a Ala, o PRT e o POC caberia ao partido dirigir a guerrilha, bem como o conjunto do processo revolucionário. A ALN, VPR, MNR e COLINA salientaram a emergência do partido político num segundo momento, depois da tomada do poder. Portanto, essas organizações eram críticas ao “caminho pacífico para a conquista do poder”, tese defendida pelo stalinismo. Exceção deve ser feita ao PC do B, que aderiu à luta armada, mas não concordou com as críticas a Stálin.

Uma porta oficial importante de crítica ao stalinismo foi aberta por Krushev. Suas revelações, ao confirmarem denúncias feitas anteriormente por Trotsky, permitiram o relativo aumento da influência trotsquista. O PC do B repudiou as críticas a Stalin e, de outro lado, rejeitou o chamado caminho pacífico, afirmando que o Brasil jamais se libertaria de seus opressores sem empreender a luta armada. Gorender considera que o PC do B, durante a luta armada, era um “partido stalinista-maoísta”.¹¹⁸ O PC do B entendeu que Krushev - no XX Congresso do PCUS, em 1956 - traiu o marxismo

“Usando criminosamente o prestígio e a autoridade de Lenin e Stalin(...)”¹¹⁹

Isto se deveu ao fato de que, anteriormente, um setor do PCB - crítico de Krushev - rompeu com este partido e se articulou, sob a sigla PC do B, em 1962. E, em 1966, na 6ª Conferência Nacional do PC do B, sob influência maoísta, destacou-se a necessidade de utilizar todas as formas de luta, tendo como eixo a luta armada e a concepção de que o campo seria o mais importante espaço para se desenvolver a revolução, uma vez que nele a reação é mais débil. Assim, o PC do B rompeu relações com o PC soviético e alinou-se ao PC chinês, sendo que sua linha política discordava dos movimentos de guerrilha urbana e do foquismo em geral, por considerar que não tinham expressivo apoio popular. Desse modo, o PC do B aproximou-se das concepções da Revolução Chinesa e, portanto, do maoísmo, sendo, posteriormente, também crítico da Revolução Cultural na China, e por questões internacionais, o PC do B afastando-se oficialmente do maoísmo e aproximando-se da Albânia. Considera-se o ano de 1978 o momento em que, oficialmente, o PC do B passou a criticar Mao. A partir deste marco

¹¹⁸ Gorender, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo, ed. Ática, 1967, p. 102.

¹¹⁹ *Partido Comunista do Brasil - Cinquenta Anos de Luta*, São Paulo, ed. Anita Garibaldi, p. 52.



considerou os herdeiros de Mao como revisionistas, tal como considerava, também, os trotsquistas.¹²⁰

No período que vai de 1965 a 1968, as bases estudantis de extrema-esquerda também romperam com o PCB, constituindo as dissidências estudantis (as "DIs"), que deram origem a algumas organizações revolucionárias. Mesmo estas divisões sofreram subdivisões como, por exemplo a DDD (Dissidência da Dissidência), que surgiu do agrupamento de militantes oriundos de diferentes organizações. As dissidências estudantis deram origem a duas organizações principais, inspiradas em Guevara, entre outras: o MR-8 e a CORRENTE. Na realidade, o MR-8 originou-se na Dissidência da Guanabara, que adotara esse nome de uma outra organização guevarista que atuou nos Estados do Rio de Janeiro e do Paraná. Ainda que o MR-8 tenha considerado, inicialmente, a necessidade de construção de um partido do tipo bolchevique clássico, acabou se identificando com as organizações armadas do tipo guevarista.

Uma dissidência de peso do PCB foi o PC do B - conforme já falamos - que planejou uma guerrilha rural, inspirada em Mao: "uma fagulha poderia incendiar a pradaria". Na avaliação política do PC do B, Marighella e outros desencadearam a "onda liquidacionista do Partido".¹²¹

Falávamos, há pouco, que as posições políticas das organizações nas quais predominava determinada linha política, eram normalmente híbridas. O Agrupamento Comunista de São Paulo, liderado por Marighella, passou a chamar-se Ação Libertadora Nacional. No **Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo** afirmava-se que "para nós o que vale é o exemplo do Guerrilheiro Heróico de Che Guevara". Este agrupamento publicou um documento em seu jornal, chamado **O Guerrilheiro** e o esboço do seu programa reflete influências de Lenin, Mao Tse-Tung, Ho Chi Minh, Fidel e Guevara. Para a ALN "*a guerrilha brasileira tem que estar educada para operações móveis*"¹²². O documento da ALN **O Papel da Ação Revolucionária na Organização** afirmava que a guerrilha vinha com a finalidade de "*não permitir qualquer negociação política de conciliação com a burguesia e de eliminar os obstáculos para o socialismo*". Portanto, citando, inicialmente, apenas algumas personalidades, dentre os muitos dissidentes importantes do P.C.B, no âmbito da extrema-esquerda temos: Carlos Marighella-Câmara Ferreira e Mario Alves-Jacob Gorender, que, junto com outros mili-

¹²⁰ Cfr. Documento do Comitê Regional. PC do B, São Paulo, dezembro de 1978, p. 3.

¹²¹ Documento do Comitê Regional do PC do B, São Paulo, dezembro de 1978, p. 6.



tantes, criaram respectivamente a ALN e o PCBR. Quando ambos ainda pertenciam ao mesmo grupo de comunistas que internamente discordava da linha do PC, Mário Alves considerou seu companheiro Marighella como “esquerdista”, por causa daquilo que a maioria considerava “radical” em suas propostas. Havia discordância entre eles no tocante à estrutura partidária, daí a impossibilidade de união entre as duas mais importante “frações” do PCB. Mário Alves morreu nas mãos da repressão, em 1969. Em sua Conferência Nacional o PCBR aprovou o documento **Linha Política**, cujo programa defendia uma reforma radical e a ampliação do sistema educacional, no sentido de estender a educação e a cultura a grandes massas do povo.

No interior da extrema-esquerda militarista, no caso, podemos estabelecer algumas diferenças entre as organizações que a compunham, ainda que elas se situem no mesmo campo político. As principais diferenças eram em torno das questões “programáticas”, “estratégicas” e “táticas”. Assim, podemos observar que havia algumas organizações de inspiração guevarista mais radicais, em termos de luta armada imediata, como a ALN e a VPR, por exemplo, e outras, menos radicais, como o PCBR, cuja concepção era de “revolução popular”. Há outras, ainda, que foram radicalizando sua linha política como a AP, por exemplo, deslocando-se de uma posição com influências cristãs para o campo do maoísmo. Como é sabido, AP originou-se de um setor da Juventude Universitária Católica,¹²³ que foi a primeira força do movimento estudantil a abordar claramente em congressos e seminários o tema “revolução”. Depois do Golpe de 64, a AP passou a editar um jornal clandestino chamado *Revolução*. Em outubro de 1969 foi aprovado pela direção da AP, o documento **Preparar Ativamente a Guerra Popular**, confirmando sua adesão à luta armada, sob a ótica do maoísmo. A AP passou a considerar-se marxista-leninista e, em 1972, incorporou-se ao PC do B. O estudo do marxismo, implementada pelos seus dirigentes, daria à AP um instrumental de análise:

“O Comando Nacional editou uma série de ‘Textos Para Debate’, com os quais se iniciou o estudo organizado do marxismo na AP. Os textos eram obras básicas, prefácios importantes, passagens fundamentais de volumes de maior fôlego, especialmente de Marx e Engels. Editaram-se muitos escritos de Mao Tsé-Tung e ensaios de autores como Louis Althusser. Em conjunto essas foram as publicações da fase de abertura do debate”¹²⁴

Uma pergunta inevitável que surge é sobre o número de revolucionários inseridos na luta armada. Estudos indicam que os guerrilheiros brasileiros não foram mais que

¹²² Marighella, C. *Escritos de Carlos Marighella*. p. 120.

¹²³ Cfr.: Lima, Haroldo e Arantes, Aldo. *História da Ação Popular da JUC ao PC do B*. São Paulo, ed. Alfa-ômega, 1984.

¹²⁴ Idem, Op. Cit., p. 69.



poucos milhares. Para que possamos ter uma ideia aproximada do tamanho numérico de algumas organizações, vejamos algumas estimativas:

a) Apesar da dificuldade em se quantificar precisamente, alguns membros da direção do PCB avaliam que cerca de 10 mil militantes e simpatizantes acompanharam Carlos Marighella na criação da ALN. Estimam, também, que mais ou menos 5.000 seguiram Jacob Gorender e Mário Alves na organização do PCBR. E que outros 5.000 teriam se dispersado nas diferentes dissidências, que deram origem a outras organizações. Outros autores apontam que

"Marighella liderou um contingente aproximado de 4.000 militantes, entre guerrilheiros treinados e simpatizantes."¹²⁵

b) Na ALN, ainda, o GTA (Grupo Tático Armado) comandado por Virgílio Gomes da Silva, chegou a ter 40 guerrilheiros.

c) A Dissidência estudantil de Niterói, que em 1968 já participava de expropriações de dinheiro, armas e automóveis, reunia por volta de 100 a 200 pessoas.

d) Quando a VPR instalou sua escola de guerrilha, no Vale da Ribeira, mais de 20 revolucionários – sob a direção de Lamarca – conviveram durante cinco meses, até serem descobertos pela repressão. Mesmo assim, comandados por Lamarca, muitos deles conseguiram romper o cerco.

e) No processo de cisão e recomposição das organizações, foi criada a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares), que em seu primeiro congresso reuniu 27 delegados, representando cerca de 300 militantes. Depois do congresso, a VAR-Palmares montou o Subsetor de Treinamento de Guerrilha.

"O plano consistia no funcionamento de uma escola de guerrilha na fazenda comprada no Pará, prevista para cursos de três a cinco meses. Projetou-se a estimativa do treinamento de 150 combatentes."¹²⁶

¹²⁵ Paiva, Marcelo Rubens. *Carlos Marighella Ganha Biografia*. Folha de S. Paulo, 30 de março de 1998, p. 5.3.

¹²⁶ Gorender, Jacob. Op. Cit. p.155.



- f) Em sua segunda versão, a VPR contava com cerca de 100 militantes, afora os simpatizantes de apoio..
- g) A REDE (Resistência Democrática) teve um número que se aproxima de uma dezena de guerrilheiros, com outro tanto de apoio.
- h) A Segunda versão do MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes) agregou algo em torno de 40 militantes.
- i) O MOLIPO (Movimento de Libertação Popular), que foi uma cisão da ALN, reuniu pouco mais de 30 revolucionários.

Sob um outro aspecto, tentando dar alguma idéia, ainda, de quantificação nas organizações guerrilheiras, na histórica **Pesquisa BNM**¹²⁷ podemos constatar que: a) nos processos judiciais relativos à POLOP há cerca de 100 pessoas envolvidas, b) relativos ao POC há um total que se aproxima de 200 pessoas atingidas, c) relativos à VPR, que teve diferentes reagrupamentos, há aproximadamente 500 pessoas envolvidas, d) relativos à ALN há cerca de 1.000 pessoas atingidas.

Marighella e Câmara Ferreira participaram da luta armada imediata quando já tinham quase 60 anos de idade; porém, tratava-se de uma opção difícil até mesmo para os jovens. Eram comandantes que iam à frente de muitas ações. Era muito grande a influência de Marighella na extrema-esquerda brasileira, apesar das restrições e críticas que lhe faziam alguns dirigentes, como as que lhe fez Lamarca, numa carta à sua esposa.¹²⁸ Alguns autores consideram, inclusive, que Marighella - apesar da completa autonomia de cada uma das organizações guerrilheiras, era referência para todas elas. Aliás, ele, pessoalmente, pensava que a melhor maneira de juntar esforços seria uma Frente Armada, aglutinando todas as organizações. Na prática, porém, isso não foi possível. Por isso, apesar do evidente exagero por parte da repressão, em considerá-lo “cabeça de toda a guerrilha”, havia algo de verdadeiro em atribuir-lhe tanta importância.

Esta idéia de unidade também foi tentada, em 1970, por Câmara Ferreira e Lamarca, quando, então, se encontraram visando a unidade de comando da guerrilha: Lamarca teria o comando militar e Câmara Ferreira o comando político. Lamarca

¹²⁷ **Brasil Nunca Mais**. Petrópolis, Vozes, 1985.

¹²⁸ José, Emiliano e Miranda, Oldack. **Lamarca: o Capitão da Guerrilha**. São Paulo, Global, 1984, p. 46



chegou a apresentar o esboço histórico de uma coligação de organizações em um de seus escritos, chamado Frente – A Grande Tarefa. Mas, ambos os dirigentes morreram nas mãos da repressão.

Há excelentes estudos sobre a extrema-esquerda brasileira que aderiu à luta armada, mas parece que o mesmo não ocorre em relação a um setor minoritário da extrema-esquerda que se opunha à guerrilha, enquanto instrumental permanente de conquista do poder, e que não mereceu a devida atenção dos estudiosos. Além do PCB, o POR (T), o PC do B e a AP e de modo geral, a maioria dos trotsquistas e anarquistas não se envolveram com a luta armada imediata, por motivos diferentes. Mas todos foram perseguidos pela repressão, até mesmo aqueles partidos que reivindicavam o leninismo, numa posição de crítica ao stalinismo e discordante do trotsquismo, e que nem advogavam o emprego de métodos militares.



3.3.1. As escolas cubana e chinesa

Como acabamos de ver, com a perda de hegemonia do PCB, no universo das esquerdas, surgem numerosas organizações radicais sob influência do pensamento revolucionário “clássico” (Marx, Engel, Lênin, Trotsky), bem como das concepções de líderes como Marighela e Lamarca, do guevarismo e do maoísmo, voltadas para o desenvolvimento da guerrilha brasileira.

Após a 2ª. Guerra, aumentara, no Brasil, a classe operária industrial, e expandiram-se novas camadas de uma classe média reivindicadora., mas o golpe de 1964 eliminou as reformas de base e asfixiou a participação política e cultural, bem como estrangulou os canais convencionais de oposição. Ainda que a proposta de luta armada existisse antes, isso contribuiu para que a maior parte da extrema-esquerda partisse para a organização da luta armada, o que produziu um maior recrudescimento dos golpistas. As classes médias contribuíram com número maior de militantes para a guerrilha, e depois, de maneira desigual, os operários, os camponeses, os militares, os religiosos e as mulheres.

Como mencionamos, até os anos sessenta, na esfera da esquerda, o PCB era um dos partidos mais influentes. O populismo de esquerda e o PCB tinham concordância em muitos pontos. A partir das dissidências radicalizadas do principal representante da esquerda, o PCB, originaram-se as organizações de extrema-esquerda militarista. No início da década de sessenta, surgiram organizações de extrema-esquerda como alternativas, buscando constituir-se no embrião de uma guerrilha rural-urbana mas, na prática, limitaram suas atuações às grandes cidades. Basicamente, foram Cuba, em maior escala, e Argélia, que deram apoio militar e financeiro para a guerrilha brasileira. Alguns grupos de guerrilheiros brasileiros também passaram pela escola chinesa.



"Bem às vésperas do golpe, a 29 de março de 1964, viajou para a China uma turma de dez militantes do PC do B, a primeira a realizar ali um curso político-militar. Até 1966, mais duas turmas farão este curso".¹²⁹

Assim, na década de 60, a educação e formação guerrilheira eram proporcionadas hegemonicamente por Cuba e ocorriam em duas etapas: guerrilha urbana e guerrilha rural, acompanhadas com estudos das experiências do movimento revolucionário internacional. Os guerrilheiros não eram tão despreparados militarmente, como interpretaram alguns autores; muitas de suas ações urbanas foram bem executadas e planejadas. A ALN passou a ser considerada a organização preferencial pelos dirigentes cubanos. Sobre os cursos em Cuba, um guerrilheiro - numa carta para um de seus companheiros - fez uma longa análise da guerrilha brasileira e, avalia, entre outras coisas, aspectos da escola de guerrilha cubana:

"Acho que é bobagem fazer o curso de guerrilha rural. Demora 7 meses em que se fica aprendendo coisas em que em um mês se aprende, a parte de operações você já sabe, é aquilo mesmo. A convivência do grupo de combatentes no mato com os problemas que apresenta já sabemos como é; além disso, é melhor se acostumar com esses problemas na prática do que de 'mentirinha'. Leia a apostila de saúde do curso, isso é importante".

"O curso de guerrilha urbana também é bobagem, você sabe mais que o professor. Leia a apostila, principalmente a parte de comunicações, checagem, contra-checagem, inteligência, isso é bom saber".

"Faça o curso de 'Ponto O': explosivos, sabotagem, minas e tiro. Aplique-se bem para fazer bem este curso, é em dois meses e é muito importante. Se você tiver condições faça o curso de granadas, armamento leve, lá no 'Ponto O', se tiver vocação, senão não é preciso".

"Fale com a Cláudia para você fazer o curso de artilharia que eu fiz: de canhão 75, morteiro 82, bazuca, lança-chamas, granada antitanque e antipessoal (granada de fuzil automático leve), granadas de mão, metralhadoras de tripé, FAP (fuzil automático pesado), FAL, submetralhadoras e pistola. É rápido e muito necessário".

"(...) Eu de FAL e de metralhadora de mão sou foda. De FAL a 300 metros não erro nenhum. De Garand, M-1, M-2 também tenho bastante pontaria. De metralhadora a 20, 30 metros e no tiro-a-tiro a uns 45 metros também sou fudido".¹³⁰

De forma geral, no seio da extrema-esquerda passaram a predominar as idéias "militaristas": a) de cunho guevarista: confrontação armada a partir de um núcleo guerrilheiro, tanto na cidade como no campo b) de cunho maoísta: luta guerrilheira através da guerra popular prolongada. Mas, enquanto minoria radical, havia os trotsquistas, que se opunham ao foquismo e ao maoísmo e, portanto, à luta armada nesses moldes. Dessa maneira, como vimos, havia o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) – P.O.R(T), que era um pequeno agrupamento trotsquista-posadista, e um dos poucos que não aderiu à resistência armada ao regime militar, pois ligava-se exclusivamente ao bolche-

¹²⁹ Gorender, Jacob. Op. Cit. p. 107

¹³⁰ Mir, Luis. A Revolução Impossível. p. 628.



vismo e à insurreição das massas trabalhadoras. Ao término dos anos sessenta e começo dos anos setenta, apareceram outras organizações trotsquistas. Entretanto, só a partir do final da década de setenta é que essas organizações passaram a ter projeção. Como consequência de radicalizações de militantes e endurecimento do regime militar, muitos militantes, que julgavam que o Partido Comunista do Brasil era muito lento na preparação da luta armada, romperam com ele e fundaram o Partido Comunista Revolucionário (P.C.R.) e a Ala Vermelha (dissidência do PC do B) que, por sua vez, também sofreu uma cisão que produziu um outro M.R.T. Maoísmo e guevarismo influenciavam-se reciprocamente. As dissidências do PC do B continuaram a ser influenciadas pelo maoísmo, que buscavam conciliar com o guevarismo. A Ala Vermelha, em seu documento *Crítica ao Oportunismo e Subjetivismo da “União dos Brasileiros Para Livrar o País da Crise, da Ditadura, e da Ameaça Neo-Colonialista”* citou, várias vezes, trechos dos escritos de Mao, especialmente um deles: *A Tática da Luta Contra o Imperialismo Japonês*.¹³¹ As dissidências do PC do B dirigiram muitas críticas a este partido.

“O PCR denunciou a inação ‘traidora’ do PC do B e partiu para atos de efeito imediato. Dedicou-se ao incêndio de canaviais e outras ações com vistas à desorganização da produção açucareira na Zona da Mata”. (...)

“(...) Em dezembro de 1967, a Ala Vermelha, como ficou conhecida, aprovou um documento programático-doutrinário, cujo ponto de partida é o ataque à incoerência tático-estratégica da Resolução política da Sexta Conferência Nacional do PC do B. Carregado de terminologia maoísta, o principal objetivo do documento consistiu na justificação da luta armada imediata. A justificação é fornecida pela teoria do foco. (...) O documento da Ala Vermelha se singulariza pela conciliação entre a guerra popular e o foquismo.”¹³²

Da Ação Popular (A.P.) surgiu também o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (P.R.T.), que se inclinou para o guevarismo, porém com algumas modificações: ao lado da preparação de áreas rurais para a luta armada, dedicou um setor da militância para o trabalho no meio operário. Todas essas siglas pretenderam fundamentar-se no marxismo-leninismo, apesar de todas as suas diferenças.

Podemos observar que, por outro lado, também de setores da esquerda cristã, extremistas nacionalistas (“nacionalismo revolucionário”) defenderam a luta armada, assim como militares cassados e nacionalistas, que criaram o Movimento Nacionalista Revolucionário (M.N.R.), e tentaram articular aquilo que conhecemos como “guerrilha de Caparaó”, vinculada à escola cubana de guerra revolucionária. Depois da derrota do

¹³¹ Tse-Tung, Mao. *A Tática da Luta Contra o Imperialismo Japonês*. Obras Escolhidas, vol. 1, Editorial Vitória.

¹²⁹ Gorender, J. Op. Cit., pp. 107-110.



MNR, Cuba passou a depositar esperanças na ALN. A escola cubana também inspirou o MAR (Movimento de Ação Revolucionária), que foi igualmente derrotado naquilo que se chamou “guerrilha de Angra dos Reis”. A POLOP (Política Operária) foi fundada em 1961, sob influências de algumas idéias de Trotsky e Rosa Luxemburgo, portanto surgiu de uma confluência de diferentes correntes políticas (socialistas, trabalhistas e trotsquistas), buscava formar um partido de “novo tipo” e foi derrotada naquilo que se chamou “guerrilha de Copacabana”. Em 1968, a Organização (que mais tarde adotaria a sigla COLINA) em sua revista teórica *América Latina* fez circular artigos de Debray e Guevara. Apesar de sugerir algumas modificações, os COLINA (Comando de Libertação Nacional) era guevarista: a guerrilha rural deveria combinar-se com militância urbana. Em seu documento *Concepção da Luta Revolucionária*, os COLINA citam trechos dos escritos de Guevara, um deles, *Guerra de Guerrilhas*¹³³, de modo particular.

De uma fusão de setores do M.N.R. (Movimento Nacionalista Revolucionário), sobretudo militares nacionalistas com dissidentes paulistas da POLOP, surgiu a Vanguarda Popular Revolucionária (V.P.R.), uma das primeiras organizações a passar à luta armada. Durante algum tempo a VPR teve como um de seus mais importantes dirigentes Lamarca, que pretendia deflagar o processo revolucionário a partir de um núcleo guerrilheiro em zona rural. Ao que consta, considera-se que a VPR, juntamente com a ALN, foram duas das mais importantes organizações da guerrilha urbana no Brasil. A VPR teve sucessivas cisões e reagrupamentos que adotaram o mesmo nome. Lamarca, mais tarde, aderiu ao MR-8. Dissidentes de Minas Gerais da POLOP fundaram, posteriormente, Comandos de Libertação Nacional (COLINA).

A Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) surgiu, em 1969, de uma unificação entre a VPR e o COLINA. O nome Palmares era alusão à conhecida resistência oferecida pelos escravos negros do Quilombo dos Palmares. Também, mais tarde, veio a sofrer cisões, surgindo a V.P.R. reconstituída e a Dissidência da VAR-Palmares (DVP). Depois das duas dissidências, o restante dos militantes da POLOP aliaram-se a alguns setores dissidentes do PCB, no Rio Grande do Sul, fundando o Partido Operário Comunista (POC).

As dissidências e cisões continuaram; porém como a análise de todas as cisões e reagrupamentos da guerrilha foge daquilo que nos propusemos, pensamos que, para

¹³³ Aarão Reis Filho, D. Ferreira de Sá, J. *Imagens da Revolução*. Op. Cit., p. 144.



os nossos objetivos, o brevíssimo quadro esboçado, das principais organizações, é minimamente suficiente.

De alguma forma, quase todas as organizações radicais que se dividiram em várias siglas influenciaram diferentes setores profissionais do teatro, do cinema, da música. Tais artistas objetivavam “abrir uma série de Vietnãs” no campo da cultura e do comportamento. Assim, a “guerrilha teatral” combatia a cultura oficial de consumo. No caso de artistas ligados ao teatro, nos anos 60 afirmaram que:

“Os participantes do Teatro Oficina mergulhavam na investigação da realidade brasileira, devorando de Caio Prado Júnior a Mario de Andrade, passando por Guevara, Louis Althusser, Celso Furtado, Mario da Silva Brito, Régis Debray, Brecht, Maiakovski, Artaud, Reich, Meyeehold, Leôncio Basbaum, Edgar Carone e, claro, Gláuber Rocha (...)”¹³⁴

Ao que consta, no período que vai de 65 a 75 surgiram cerca de cinquenta organizações de extrema-esquerda no Brasil, e a forma mais utilizada para manter tais organizações e preparar a guerrilha rural, era a da “expropriação” de recursos, normalmente através de assaltos a bancos e a estabelecimentos comerciais ou de operações especiais. Marighella dizia que o dinheiro estava nos bancos e as armas nos quartéis, e incitava os revolucionários a buscá-los. Algumas operações de cunho propagandístico e educativo tiveram repercussão ampla e positiva para o movimento armado brasileiro. Outras ações de repercussão eram as ocupações de rádio para colocar, no ar, pronunciamentos da guerrilha, que os jornais acabavam divulgando.

De acordo com a particularidade do momento histórico, a opção pela guerrilha, no Brasil, não era tão absurda, como pode parecer com o passar dos anos. A decisão pela luta armada, feita pela maior parte da extrema-esquerda brasileira, deu-se sob influência da Revolução Chinesa, no contexto da Revolução Cubana, da guerrilha dirigida por Ernesto Che Guevara na Bolívia, da Primavera de Praga, do Maio de 1968 na França, da guerra do Vietnã, e de mudanças culturais, que se refletiam na música, nos costumes e na sexualidade.

Como já frisamos, grande parte da extrema-esquerda era antiteoricista e privilegiava ações revolucionárias; buscava mais ação e menos teorias. Para Marighella “o conceito teórico pelo qual nos guiamos é o de que a ação faz a vanguarda”¹³⁵. Essa postura era uma reação à burocratização do P.C.B., às reuniões intermináveis, aos longos discursos que substituíam a prática e que levavam ao imobilismo político. A

¹³⁴ Ventura, Zuenir. 1968: *O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 89.

¹³⁵ Marighella, C. *Escritos de Carlos Marighella*. p. 137.



extrema-esquerda entendia que a teoria da revolução surgiria no processo de ações armadas. Assim, muitas organizações não se preocupavam em produzir documentos teóricos. Desse modo, o próprio Marighella escreveu:

*“É necessário ação e mais ação. Distribuir panfletos, pintar paredes, sabotar, fazer a política da terra arrasada, tudo isso com o trabuco na cintura. Ninguém deve deixar-se deter sem resistência. Para isso, deve andar armado. E atirar para matar contra policiais e informantes”.*¹³⁶

Também nesta linha, Mao já havia dito anteriormente:

*“Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução, há que participar na revolução. Todos os conhecimentos autênticos resultam da experiência direta”.*¹³⁷

Dirigida por Marighella e Câmara Ferreira, a sigla ALN (Ação Libertadora Nacional) lembra e se contrapõe, num primeiro momento, numa espécie de jogo de palavras, a uma outra sigla, surgida nos anos 30: a ANL (Aliança Nacional Libertadora), dirigida por Carlos Prestes. As siglas partidárias podem nos mostrar elementos da sua teoria da revolução, e de suas diferenças contextuais. A ANL foi uma frente da qual participava o PCB. A ALN, por sua vez, foi uma organização guerrilheira. Na primeira sigla, pode ser observado um grande peso atribuído à palavra *aliança*, enquanto na segunda, o peso está na palavra *ação*.

Marighella foi um homem de ação, chegando a participar pessoalmente de ações guerrilheiras, e deixou alguns escritos que influenciaram a extrema-esquerda brasileira. O livro de Marighella, *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*,¹³⁸ ao tratar da educação e formação dos militantes de extrema-esquerda, incluindo o preparo técnico, refere-se à importância da frieza e eficiência nas operações, ressalta a importância da boa forma física e das escolhas das armas, no sentido de que o tiro e a pontaria são, para o guerrilheiro urbano, o que a água e o ar são para os seres humanos. O guerrilheiro urbano somente pode manter-se vivo se estiver disposto a matar. Marighella também aborda a necessidade de ser prático de enfermagem e farmácia, bem como enfermeiro de campanha. Além disso, é importante que o guerrilheiro domine a técnica fotográfica e a química dos explosivos, e que também saiba pilotar um avião, velejar um barco, dirigir carro, ser mecânico e técnico em rádio e saiba, ainda, falsificar documentos. De qualquer forma, ele também se refere à importância de guerrilheiros urbanos “especializados”, tais como “guerrilheiro motorista” ou “guerrilheiro metralhador”. Para ele, o guerrilheiro deveria ter capacidade de decisão rápida, iniciativa, audácia e criatividade,

¹³⁶ Mir, Luis. *A Revolução Impossível*. p. 345.

¹³⁷ Mao. *O Livro Vermelho*. Op. Cit., p. 227.

¹³⁸ Marighella, C. *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*. 1969. In: BNM – Anexo nº 80.



por isso a estrutura de comando das organizações deveria ser a mais simplificada possível. O Manual, ao enumerar as características e qualidades básicas de um guerrilheiro, salienta que a maior dessas qualidades é a paciência. O Manual também estabelece os procedimentos necessários para cada tipo de operação armada: assalto, atentado, emboscada, expropriação de armas, sequestro, execução, sabotagem, guerra de nervos, etc. Em qualquer destas operações, um dos princípios básicos era nunca abandonar um companheiro ferido, como ensinava Guevara. Aliás, já na introdução do seu Mini-manual, Marighella diz ser indispensável ao guerrilheiro a leitura e divulgação do livro de Guevara **Guerra de Guerrilhas**.

Significativamente, a lápide de Marighella, desenhada por Oscar Niemeyer, em Salvador, mostra o perfil de um homem com o braço erguido, junto à inscrição: "Não tive tempo para ter medo". Em Cuba, há uma escola secundária chamada "Carlos Marighella"¹³⁹

Outra referência importante da extrema-esquerda brasileira, nos anos 60 e 70, foi Carlos Lamarca, que era muito influenciado pelo guevarismo. Ele também tinha especial preocupação com a formação dos guerrilheiros e com a escola de guerrilha:

"Formar quadros político-militares, esse o objetivo. Dividiam-se então em grupos de estudo. Jam de O Capital, de Marx, passando pela Teoria do Desenvolvimento Capitalista, de Paul Sweezy, até Trotsky, o Profeta Desarmado, de Isaac Deutscher. Nos estudos militares recorriam a Mao-Tsé-Tung, Giap, textos de Régis Debray e Che Guevara. Para uma visão das lutas da cidade, liam Lenin. E consumiam ainda manuais de sobrevivência e primeiros-socorros. Lamarca exercitava toda a sua capacidade, nas aulas teóricas e práticas, sobre o uso de explosivos, montagem e desmontagem de armas, tiro-alvo e armadilhas contra tropas. Em momentos mais amenos reliam Poemas do Cárcere, de Ho Chi-Min".¹⁴⁰

Em seu "Diário", Lamarca menciona outros livros que estudou durante a guerrilha, tais como **Mao e a China**, de Roberto Muggiati, **Moral e Revolução**, de Trotsky, **Estratégia e Tática**, de Stalin, **Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária da China**, de Mao, entre outros. O próprio Lamarca também escreveu alguns textos para a guerrilha, tais como: **Quando a Luta Começa o que Fazem os Parasitas**, **Formação Revolucionária Cultural**, **O Comportamento do Revolucionário**. Inclusive, quando pertencia à VPR, escreveu aos guerrilheiros:

"Constatamos que periodicamente passamos por crises pessoais, e percebemos a capacidade de cada companheiro superá-las. Tal acontece devido o grande desgaste porque passamos, principalmente nas cidades, onde vivemos sob

¹³⁹ Cfr. **Morte na Emboscada**. Afinal, 5 de março de 1985, p.22.

¹⁴⁰ José, Emiliano e Miranda, Oldack. **Lamarca: o Capitão da Guerrilha**. São Paulo, Global, 1984, p. 69.



tensão as 24 horas do dia. É necessário uma preocupação grande com a saúde, e em certos casos o companheiro deve fazer um check-up para diagnose dos problemas de saúde. Pensamos que locais especiais para curto descanso e estudos têm de ser montados - embora não tenhamos visão clara sobre isto, não confundimos com recreio de bandeirantes.

"Nunca subestimamos o inimigo. É fundamental conhecer as fraquezas deles mas não esquecer que eles também têm pontos fortes. Saber onde, como e quando golpear o inimigo é uma ciência política e militar. O nosso objetivo é aniquilar o nosso inimigo, mas por enquanto não podemos, então usamos táticas de guerrilha para formar um exército mais forte, o Exército Popular Revolucionário".¹⁴¹

Numa entrevista dada por Lamarca - publicada no Dossiê sobre o Brasil, em janeiro de 1971, pelo Centro d'Azione e Documentazione America Latina - respondendo a pergunta de número 9 ("Quais são as condições para ser guerrilheiro?"), disse:

"A guerrilha não deve ser considerada coisa para super-homens. Devemos considerá-la sem romantismo. O treinamento mostra que aquele que mais produz é o que possui o mais alto nível ideológico; as capacidades físicas formam-se pouco a pouco e o problema das limitações individuais é resolvido pelo conjunto. Insistimos sobre o fato de que levar a guerrilha p'ra frente não é um problema de heroísmo, mas de técnica e esta pode ser assimilada por qualquer pessoa. (...)"¹⁴²

Lamarca buscava partir do nível de consciência do camponês para desenvolver um trabalho educativo mais sistematizado e, para isto, considerava também os elementos religiosos arraigados na consciência camponesa.

"Decididamente temos de incorporar aspectos religiosos nesta fase de implantação política.(...) A prática vai me exigir esforços muito grande e muita habilidade política - não vai ser fácil, mas é necessário..."

"Também não sei qual o meu "santo", aqui caberia S.Francisco de Assis, o lance que conversava com os pássaros. S.Cristovão nos "ajudou" na viagem; S. Antonio não funcionou pois que deveria promover nosso encontro muito antes para nos casarmos e sermos bem recebidos pela massa. S.Pedro é um canalha, essa seca que o diga; S. Cosme e Damião são 'reaças' repressores; S.Jorge é milico burro, e ainda foi cassado (...) Mas, se a massa quiser, a gente diz a mãe confundindo com amém".¹⁴³

Ainda sobre essa questão religiosa, Lamarca, no texto citado, relata um caso curioso de uma família de camponeses que estava sendo educada pela guerrilha, em que o marido, discutindo com a esposa, afirmou que "o homem só é homem quando pega em armas para mudar seu destino", e o filho de pouca idade, nos debates escolares, algum tempo depois, passou a dizer que "o homem só é homem quando pega nas almas para mudar seu destino". E Lamarca, divertindo-se com o acontecido escreveu:

"Belo jeito, de armas para almas houve uma tremenda regressão" (...)

¹⁴¹ Diário de Lamarca. Folha de São Paulo, 10 de julho de 1987. Folhetim, nº 543, p. B-5.

¹⁴² José, Emiliano e Miranda, Oldack. Op. Cit. p. 92.

¹⁴³ Diário Carlos Lamarca. Folha de São Paulo, 10 de julho de 1987. Folhetim nº 543, pp. B-3 e B-4.



*“De qualquer maneira estou contente em termos iniciado, sentindo-me útil, fazendo (embora afastado) mas chegará o dia em que participarei junto a massa - educando, politizando, lutando, sofrendo, vencendo”.*¹⁴⁴

Como sabemos, todo guerrilheiro deveria observar em sua militância determinadas regras de segurança, que variavam um pouco de organização para organização. Dentre elas, “fugas de militantes presos não controladas devem ser investigadas”, “só os militantes que irão comparecer a um encontro devem conhecer o local e a hora precisos em que irá ocorrer”, “importância do silêncio e do segredo na clandestinidade”, “não esquecer objetos em ‘aparelhos’ abandonados”, “ninguém pode conhecer nenhum aparelho onde não more”, “a pontualidade deve ser norma rígida, os prazos devem ser respeitados”, “estado de alerta total”, etc. Entretanto, ex-guerrilheiros avaliam que muitas medidas de segurança não eram respeitadas pelas organizações, havendo alguns casos em que um companheiro matou o outro acidentalmente, enquanto manuseava armas de fogo.

O Cel. Ustra, que trabalhou nos órgãos de repressão, sob os quais muitos militantes foram torturados, transcreveu em seu livro¹⁴⁵ um documento apreendido que tratava das Normas de Conduta Individual do Guerrilheiro Urbano, encontrado em algum dos “aparelhos” destruídos por militares e agentes sob seu comando. De acordo com este documento, o guerrilheiro urbano deveria:

- a) *Evitar a concentração de material, dinheiro e armas num mesmo local;*
- b) *Não tomar taxi no ponto. Preferir os que estão em movimento. Não dar o endereço exato para onde se dirige. O uso do taxi, entretanto, é desaconselhável, pois dificulta a manobra de despistamento e facilita a perseguição por parte dos agentes das forças de segurança;*
- c) *Mais de dois militantes não devem viajar no mesmo transporte coletivo, salvo por questões de ‘fachada’. No interior desse transporte devem ocupar lugares separados que permitam observar o movimento de embarque e desembarque dos passageiros, além de possibilitar a saída rápida nas situações de perigo,*
- d) *Nos coletivos, procurar viajar sempre sentado, evitando assim que a arma seja vista;*
- e) *Jamais manter discussões ideológicas em público;*
- f) *Não freqüentar bares ou restaurantes onde se reúnem elementos de esquerda. Variar constantemente os locais de refeição, neles permanecendo o menor tempo possível ;*
- g) *Não guardar consigo listas de nomes, endereços ou número de telefones de quadros, apoios ou simpatizantes;*

¹⁴⁴ idem, pp. B-6 e B-8.

¹⁴⁵ Brilhante Ustra, Carlos A. *Rompendo o Silêncio*. ed. Editerra Editorial Ltda, 1987, pp. 110 - 111.



- h) *Queimar qualquer correspondência ou documento que represente risco de segurança individual ou coletivo;*
- i) *Toda comunicação escrita deverá ser codificada. Nunca escrever à mão e em papel timbrado;*
- j) *Realizar a manutenção das armas, munições, explosivos, ferramentas e demais materiais da Organização que se encontre sob sua responsabilidade;*
- l) *Os quadros não podem se deixar prender. Em último caso, resistir à prisão;*
- m) *Os militantes legais que atuam diretamente no Trabalho de Massa não devem ter no seu local de trabalho e na sua moradia qualquer material comprometedor. Caso se tornem suspeitos e passem a ser procurados pelos Órgãos de Segurança, não devem entrar por iniciativa própria na ilegalidade absoluta. Caberá apresentação aos Órgãos de Segurança;*
- n) *Os contatos com os amigos que não pertençam à Organização devem ser furtivos. Estes amigos deverão ser procurados para serem aliciados. Em tais casos, a situação de militante não deve ser revelada. Esses encontros nunca são marcados com antecipação. Chegar de surpresa, visitar os amigos e se retirar, também de surpresa, nunca deixando um endereço onde possa ser encontrado;*
- o) *Evitar abordar companheiros da Organização fora do "ponto";*
- p) *Carregar sempre uma arma de reserva e devidamente acondicionada;*
- q) *Após a prisão de um companheiro evitar qualquer contato dentro do prazo de segurança;*
- r) *Ninguém deve saber mais do que o indispensável, a respeito da Organização e de seus membros, para a execução de seu trabalho;*
- s) *No caso de aparecer um militante tentando restabelecer o contato e sem a credencial (senha), só ligá-lo à Organização depois de verificado o motivo da perda do seu contato ou da falta de credencial;*
- t) *Manter uma preocupação constante com os militantes que fogem da prisão(...)*
- u) *Todo militante deve estar preparado para o interrogatório que terá início logo após a prisão. Preparar-se ideologicamente para não abrir em hipótese alguma: pontos, aparelhos, nome de companheiros, nome de participantes de ações armadas, regiões de pontos, áreas de treinamento, militantes de base, simpatizantes, apoios, ligações com outras Organizações. Caso necessário, só abrir o aparelho após 48 horas ou 72 horas, para proporcionar um espaço suficiente para que a "limpeza" do aparelho e a desova sejam realizadas;*
- v) *Lembrar-se sempre que se resistir ao interrogatório durante 4 ou 6 horas, a repressão perderá a oportunidade de prender um grande número de militantes.(...)*

A direita e seus órgãos de repressão também sabem da importância da educação política dos cidadãos. O DOI-CODI, particularmente, tinha preocupações quanto à educação e formação dos militantes de extrema-esquerda. Assim, em suas depen-



dências procuravam realizar uma “reeducação política” de muitos militantes presos. Muito dessa “reeducação” era feita nos porões da tortura, seguindo a pedagogia do terror de Estado e a didática do sofrimento como método rotineiro de “reeducação”. Tortura essa que não era uma prática isolada de alguns interrogadores sádicos, e sim como parte integrante do sistema repressivo. Os torturadores eram agentes conscientes¹⁴⁶. Para alguns “simpatizantes” da guerrilha, bastava apenas o ambiente de terror, tão pavoroso quanto a tortura, e as ameaças nos interrogatórios, para que informassem “o que sabiam e o que não sabiam”. Há militantes que resistiram aos torturadores até à morte. Disse o Cel Ustra - Comandante do DOI-CODI II Exército:

“Os pais desses jovens foram convidados para uma reunião no auditório do DOI. A esta altura, como seus filhos já tinham sido interrogados, fiz um resumo da militância de cada um e das ações que até então praticaram. Tranquilei-os quanto à situação deles e pedi que tivessem paciência, pois ainda não chegara a hora de visitá-los. Terminei a reunião dizendo:

*“Os senhores devem dar graças a Deus por termos prendido os seus filhos agora, na fase em que se encontravam. Vamos devolvê-los aos senhores, após mostrar-lhes uma outra concepção de vida e de liberdade, longe da subversão”.*¹⁴⁷

Em síntese, apoiado em estudos sobre o tema,¹⁴⁸ é possível resumir em três pontos fundamentais as divergências entre as organizações revolucionárias:

- a) O caráter da revolução brasileira.
- b) As formas de luta para chegar ao poder
- c) O tipo de organização necessária à revolução.

¹⁴⁶ Petry, André. Porão Iluminado, p. 42, Otramari, Alexandre. Torturei uns trinta, p. 44, Esse Maldito Passado, p. 50, In: Veja, 9.12.98, “Eu torturei” – Ex-tenente conta como e por que torturou trinta pessoas. É a primeira vez que um agente do porão da ditadura assume o que fez.

¹⁴⁷ Brihante Ustra, Carlos A. Op. Cit. pp. 273-4.

¹⁴⁸ Cfr.: Garcia, M. A. Contribuições para uma história da esquerda brasileira. In: Moraes, R. et al. Inteligência Brasileira. SP: Brasiliense, 1986.





3.4. “Apocalípticos”, “dogmáticos”, “sectários”, “dinossauros”, etc.

Muitas organizações que aderiram às armas mantiveram, em seu caráter fundamental, as teses do PCB, que previam a primeira etapa da revolução como “burguesa” ou de “libertação nacional”. Portanto, o caráter da revolução brasileira não seria imediatamente socialista. Assim, o inimigo principal da maioria da população era considerado o imperialismo norte-americano. Havia divergências quanto à direção da revolução, nessa etapa. Outras organizações defendiam o caráter imediatamente socialista.

Quanto ao ponto “b”, várias organizações não prescreviam a necessidade do partido deflagrar a guerrilha e conduzir a revolução, a exemplo de Cuba. Para outras organizações, caberia ao partido, inspirado no marxismo-leninismo, dirigir a guerrilha rural com a luta armada urbana, e o conjunto do processo revolucionário. Ou seja, entendia-se que o marxismo-leninismo, associado às idéias de Guevara, Mao e Marighella, seriam suficientes para impulsionar a revolução brasileira e latino-americana. Inclusive, uma das dissidências da ALN se denominou M3G (“Marx, Mao, Marighella e Guevara”). Na realidade, Marighella inspirou-se na experiência cubana, embora reformulasse a teoria do foco. Aliás, ele chegou a afirmar que “a guerrilha não é um foco”. Para ele era necessário adaptar essa teoria à realidade brasileira. Sob o seu ponto de vista, as condições brasileiras não dispensavam a guerrilha rural, mas requeriam maior atenção às cidades. E tais adaptações resultaram na concepção de “guerrilha urbana”.

A extrema-esquerda compartilhava a visão de que ela seria a grande educadora dos caminhos da revolução, conhecedora das leis da história, materializando uma consciência preestabelecida de classe que seria levada aos trabalhadores. Para participar de instâncias dirigentes, o militante tinha que realizar ações armadas. Sobre o perfil de Marighella, enquanto educador político de uma organização revolucionária,



vejamos a impressão que causava em seus companheiros, relatada por um militante da ALN:

"Ele me deixava fascinado como imagino que um jovem indiano teria ficado se tivesse a sorte de encontrar Mahatma Gandhi durante a luta pela independência da Índia. Era a glória. Dava a impressão de sempre ter razão, sabia argumentar, explicar. Ele fundou a ALN, fez acordos com Fidel Castro, com Che Guevara"¹⁴⁹

Com relação ao ponto "c", os trotsquistas brasileiros, que eram contra as idéias guevaristas, permaneceram com a tradição de Lênin e Trotsky (*"insurreição das massas"*) e partiram para um trabalho de base; não aderiram à guerrilha, apesar de concordarem com a necessidade do confronto armado em algum momento da luta de classes. Como já afirmamos, os inspiradores mais diretos da guerrilha rural brasileira eram o guevarismo e o maoísmo, com várias posições híbridas entre eles.

A maior parte da extrema-esquerda propunha o desenvolvimento de operações armadas nas grandes cidades brasileiras com vistas a recolher fundos para o lançamento da guerrilha rural, e a guerrilha urbana era admitida com o intuito de educar e treinar o guerrilheiro. Assim, as ações armadas nas cidades eram entendidas também como ações educativas e como forma de propaganda armada da revolução, tais como desvio de rota de aviões e navios. As organizações, apesar das críticas que faziam ao dogmatismo do PCB, também partiram de premissas "idealistas", que não recebiam questionamento mais profundo. Faziam-se críticas, mas em cima de novas certezas. Com a extermínio física de seus militantes e com o aumento da repressão, as organizações de extrema-esquerda envolvidas na luta armada foram perdendo suas bases sociais e, ao manterem a guerrilha, foram se isolando da sociedade civil. A criação da Rota, em 1970, por exemplo, foi para reprimir as ações guerrilheiras nos centros urbanos. Esta eficiência na eliminação de guerrilheiros fez com que alguns policiais, que atuaram na repressão política, fossem promovidos, e depois passassem a atuar contra criminosos comuns. Ainda hoje, alguns policiais militares, da referida unidade militar, que se destacam na eliminação física de "suspeitos", anteriormente combateram a guerrilha urbana¹⁵⁰.

Referindo-se às características das organizações nos anos sessenta, estudos apontam que poderiam ser assim subdivididas: os mais "militaristas", que se destacaram pelo volume de ações armadas, as quais tiveram papel fundamental no seu projeto revolucionário (ALN, VPR, COLINA, FLN, MAR, MCR, MNR, MOLIPO, MR-26, MR-8), e

¹⁴⁹ Seção Entrevista: Carlos Eugênio Paz, VEJA, 31 de Julho de 1996, p. 08.

¹⁵⁰ Barcellos, Caco. *Rota 66 – a História da Polícia que Mata*. São Paulo:Globo, p. 69.



os mais "massistas", que faziam defesa da idéia de efetuar um trabalho mais profundo junto às massas, em paralelo ao desenvolvimento das ações armadas, urbanas e rurais (ALA, PCBR, POC, PRT e VAR). Porém, é importante atentarmos para a seguinte afirmação:

"Contudo, a distinção entre tais propostas deve ser feita com prudência, visto haver alguns grupos tipicamente militaristas com presença significativa nos movimentos de massas de 1.968, como a V.P.R., no movimento operário de Osasco e, a A.L.N., no movimento estudantil paulista. Enquanto grupos "massistas" até com tendências "obreiristas", caso do P.O.C., encontravam dificuldades para penetrar nos movimentos de massas"¹⁵¹

As mortes de Marighella, Câmara Ferreira, Lamarca e outros dirigentes, ao lado de centenas de guerrilheiros mortos e milhares de militantes presos, mostraram que a guerrilha estava sendo liquidada. A derrota da guerrilha urbana e rural já era perceptível no final de 1970, e o golpe final foi a eliminação da Guerrilha do Araguaia, dirigida pelo PC do B, em 1974, e de inspiração maoísta.

"Por um lado, houve um forte componente das idéias maoístas na preparação do movimento, o que sempre foi visto de forma reticente, talvez com excessiva cautela, pelo que foi aquele acontecimento num momento de transformações revolucionárias e no auge da Guerra Fria. A experiência da revolução chinesa e a estratégia e fática adotadas para sua vitória deveriam ser estudadas por qualquer organização revolucionária. É evidente que são realidades completamente distintas, comparando-se Brasil e China, sob diversos aspectos, e seguramente é aí que devem ser procuradas as debilidades que acometeram o movimento"¹⁵²

A atual extrema-esquerda é de característica predominantemente massista. Apesar disto, sabemos que houve um fato extemporâneo que mostra um último ato isolado da extrema-esquerda militarista brasileira: no começo de 1.986, no Estado da Bahia, reeditou-se, por um comando do PCBR, um assalto a banco. Alguns dos que participaram nesta assalto eram militantes desde os anos sessenta, mas havia outros, ainda jovens. Ao que parece, o objetivo de tais militantes era levantar fundos para guerrilhas latino-americanas, particularmente a salvadorenha.

Mencionamos, anteriormente, a corrosão do marxismo-leninismo no interior da esquerda, e a manutenção e isolamento do pensamento revolucionário em pequenas organizações radicais. Isto ocorre, em primeiro lugar, por causa da crise do chamado socialismo real, e depois porque, no contexto do Estado brasileiro - cujos mecanismos de funcionamento são arranjos fortemente clientelísticos e onde as siglas dos partidos, em sua grande maioria, são apenas fachadas para as elites; para crescer eleitoralmente - a esquerda foi obrigada a solapar a organização dos trabalhadores como classe

¹⁵¹ Ridenti, Marcelo S. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Ed. Univ. Est. Paulista, (PRISMAS), 1993, p. 57.

¹⁵² Pessoa Campos Filho, Romualdo. *A Guerrilha do Araguaia: um resgate para a história*. Princípios, nº 42, ago./ set/ out/ 96.



autônoma. Os partidos políticos brasileiros são, na sua grande maioria, partidos sem propostas definidas, com programas muito semelhantes, que resultam em uma indiferenciação partidária.

Não se pode compreender plenamente a vida partidária da extrema-esquerda, sua dinâmica e seus interesses, desconectados da realidade global. A extrema-esquerda também é produto do desenvolvimento capitalista. Nesse contexto, a extrema-esquerda destoa da esquerda, ao insistir em princípios do marxismo-leninismo (ditadura do proletariado, luta de classes, centralismo democrático, etc.). Assim, no geral, tanto os partidos de direita quanto os de esquerda vão colecionando rótulos para designar os militantes de extrema-esquerda, como: "sectários", "dinossauros", "dogmáticos", "apocalípticos", "demodês" ou, de forma mais chula, como "porra-loucas" e outros.

Para a extrema-esquerda massista, o conceito de "centralismo democrático" não implica em absurdo, como afirmam alguns de seus críticos, que indagam: como tais organizações podem ser democráticas, se se é obrigado a acatar o centralismo dos dirigentes partidários? Na realidade, a extrema-esquerda procura delimitar a fronteira dos que são membros das organizações e dos que não o são; porém, defende que todos os militantes que participam no interior do partido devam usufruir, realmente, do direito de influir e determinar a orientação da sua política.

Para Lenin, o centralismo democrático não envolvia somente a vanguarda. O partido era mais abrangente, contando para isso com várias organizações. O partido é a organização superior; é o centro de treinamento e educação para revolucionários profissionais. Lenin, em sua obra *O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*, considerou a atividade parlamentar também para educar, instruir, para despertar os trabalhadores, endereçando-os para a vida revolucionária. Para ele, não se pode reduzir a política operária a uma política parlamentar, sem denúncias, sem uma crítica ao capitalismo, sem uma crítica à sua dominação.

Como a teoria de revolução implica uma concepção de história, e como a teoria da revolução é um dos fundamentos educativos da extrema-esquerda, julgamos pertinente estudar os principais matrizes teóricas que pensaram o conceito de revolução e implementaram uma teoria da revolução. Sobre seus escritos e ações pesam, não raramente, muitas controvérsias.



3.5. Concepções que influenciaram a extrema-esquerda brasileira

Fundamentalmente há seis revolucionários que influenciaram, com suas ações, posturas e escritos políticos, a organização, a doutrina e a educação político-partidária da extrema-esquerda brasileira: Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Guevara e Mao Tse-Tung. É importante mencionar que, para eles, uma “educação revolucionária”, por si só, não pode produzir uma revolução vitoriosa, porém nem esta pode consolidar-se sem aquela. Para a extrema-esquerda, a transformação revolucionária exige uma transformação profunda das estruturas mentais das pessoas, daí o relevo atribuído à educação, à elevação do nível cultural, à propaganda e ao trabalho ideológico. Tentaremos pontuar algumas diferenças entre a extrema-esquerda inspirada em Mao e Guevara e aquela que se inspira em Lenin e Trotsky, isto porque a existência de partidos exige um projeto político-social, uma organização teórica e prática, bem como instrumentos de ação e símbolos. Evidentemente, tais autores revolucionários não são heróis imaculados, e não há revolução perfeita.

Nossa intenção, com este capítulo, não é sintetizar toda a complexidade dos autores referidos, mas buscar e apontar alguns traços e algumas de suas idéias que, a partir deles, foram assimilados pela extrema-esquerda brasileira, no tocante à prática revolucionária e à educação política.

A trajetória de vida de tais autores apresenta aspectos pelos quais sofrem os revolucionários de todas as épocas. Marx, Lenin, Trotsky - como quase todos os revolucionários - conheceram o desconforto, a prisão, a perseguição, o exílio, a difamação, bem como a tensão nervosa que os esgotavam tanto que, em muitos ocasiões, mal conseguiam dormir ou comer. Para citar um exemplo, no Brasil, resgatemos que Lamarca também tinha momentos de angústia e ansiedade profunda, durante a guerrilha.



"Lamarca, (...) não conseguia dormir mais que duas horas seguidas. Durante a noite acordava sobressaltado. Tenso, preocupado, fumava quatro maços de cigarro por dia".¹⁵³

No chamado **Diário de Carlos Lamarca** que, na realidade, é uma longa carta endereçada por ele, do meio da mata, onde preparava a guerrilha, à sua companheira Iara Iavelberg ele afirmava:

"Resolvi escrever, e eis-me: a mesa uma pedra, a cadeira, o chão, a 'cuca' aí contigo (...). Aqui tem um mosquitinho sui generis, gosta dos olhos - veja só como incomoda. Comecei a mudar de cigarro e a me adaptar ao palheiro - marquei no relógio e vi que sentia vontade de fumar de vinte em vinte minutos (...)"

"Aqui muitos pássaros lindos de variadas cores - perto está uma juriti pronta para tomar um tiro no peito - mas não daria, e a vida dela continua em homenagem a ti. Ela voou".¹⁵⁴

No momento em que o cerco da repressão foi se fechando sobre a guerrilha urbana brasileira, os revolucionários conviviam diariamente com alta taxa de adrenalina, estressados, frente à situação de alto risco de vida, atentos a tudo; o sentimento de morte eminente era uma constante. Relatou um ex-guerrilheiro que durante o cerco à luta armada, ficavam o tempo todo prontos para a reação instantânea, visto que a repressão podia surgir a qualquer momento:

"Vivíamos acesos 24 horas por dia. Não tínhamos tempo de pensar em nada mais que não fosse a sobrevivência".¹⁵⁵

É sobejamente conhecida as dificuldades econômicas de Marx, o caso de seus três filhos mortos na pobreza, os colapsos nervosos de sua mulher, etc. Foi perseguido na Alemanha, fugiu para a França, depois para a Inglaterra. Nesta linha, podemos lembrar que também o irmão mais velho de Lenin foi enforcado a mando do Csar. Com relação a Mao, sua primeira mulher foi presa pelas tropas nacionalistas, torturada, estrangulada com garrote, depois decapitada publicamente. Sobre isto Mao chegou a escrever o seguinte poema:

*"Cortei as mãos na corda do garrote
Mas não saiu uma gota só de sangue.
Em vez de sangue, vi pidedade escorrendo de mim."¹⁵⁶*

A mãe de Guevara também foi insultada e presa na Argentina. Trotsky, neste particular, sofreu muito, especificamente no caso de perda dolorosa de seus dois filhos assassinados a mando de Stálin. Além disso:

¹⁵³ José, Emiliano e Miranda, Oldack. **Lamarca: o Capitão da Guerrilha**. São Paulo, Global, 1984, p.107.

¹⁵⁴ **Diário de Carlos Lamarca**. Folha de São Paulo, 10 de julho de 1987. Folhetim, nº 543, p. B-2.

¹⁵⁵ Mir, Luis. **A Revolução Impossível**. p. 69.

¹⁵⁶ Krieg, E. **Mao Tsé-Tung - O Imperador Vermelho de Pequim**. São Paulo, Otto Pierre Editores, p.12.



"(...) A morte por suicídio de sua filha mais velha, foi para Trotsky um golpe muito duro, marcado pelo embranquecimento dos seus cabelos em apenas alguns dias".¹⁵⁷

Lenin, Trotsky, Guevara e Mao não explicitaram nem definiram sistematicamente conteúdos educativos específicos, nem programas de estudo para os militantes revolucionários; ofereceram orientações gerais. Assim, nossa idéia é analisar, seletivamente, as obras completas dos citados autores, no que se refere à educação e formação gerais de militantes, confrontá-los com alguns aspectos da prática revolucionária das organizações de extrema-esquerda e chegar a algumas conclusões.

¹⁵⁷ Na Contracorrente da História: Documentos da LCI 1930-1933, p. 20



3.5.1. Marx e Engels

O horizonte político pensado por Marx e Engels, de um mundo pós-capitalista, no qual a classe operária seria proprietária dos meios de produção não se concretizou plenamente; entretanto, a crítica que fizeram ao capitalismo tem inspirado partidos políticos, e milhões de pessoas, tornando-se fenômeno de massa, e instrumento teórico para as maiores revoluções de nosso tempo. Eles sugerem uma relação orgânica entre o pensamento e a ação. Para eles, não se tratava somente de pensar sobre a sociedade, mas de transformá-la, e consideravam que a violência revolucionária é a parteira da história. A Comuna de Paris, em 1871, foi a primeira insurreição proletária, e a única que Marx, em vida, acompanhou, mesmo sem estar lá. Foi um dos fundadores da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) - que entrou para a história como a 1ª Internacional - e foi ele, também, incumbido de redigir seus estatuto. Marx contribuiu para a expulsão dos anarquistas da Internacional.

A reflexão de Marx e Engels se deu a partir da filosofia clássica alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês. Na ótica de Marx e Engels, enquanto todas as revoluções do passado somente apresentavam a substituição de uma forma de exploração por outra, o objetivo da revolução proletária é a liquidação de toda exploração do homem pelo homem, de todas as formas de opressão social, e a criação do comunismo. Eles combateram a concepção burguesa de liberdade, de educação, direito, etc.

“Mas, a sua educação também não é determinada pela sociedade? Por acaso vocês não educam através de relações sociais, através de ingerência direta ou indireta da sociedade, com ajuda das escolas, etc.? Os comunistas não inventaram a interferência da sociedade na educação; eles apenas modificam seu caráter e tiram a educação da influência da classe dominante.”¹⁵⁸

O **Manifesto do Partido Comunista**, certamente, é um dos textos mais citados, conhecidos e lidos pelos militantes, ao longo da história. Na América Latina, ele é con-

¹⁵⁸ Marx, Engels/Carlos Nelson Coutinho... (et al.); Daniel Aarão Reis Filho (org.). **O Manifesto do Partido Comunista 160 anos depois.**, Rio de Janeiro: Contraponto; SP: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 25.



siderado como a grande carta de apresentação do marxismo, e uma das interpretações fundamentais do capitalismo. Ao lado deste texto, outras obras foram importantes na América Latina:

*“A idéia central – de que ‘a história de todas as sociedades até agora tem sido a história da luta de classes’ – teve grande influências no continente, e o Manifesto foi seu principal meio de difusão. Pode-se dizer que só nele essas idéias essenciais se encontravam formuladas expressamente. Lia-se O 18 Brumário, de Marx, o trecho inicial de A ideologia alemã, de Marx e Engels, O Estado e a revolução, de Lenin, mas as formulações clássicas do marxismo chegavam mesmo através do Manifesto, salvo se quiséssemos nos submeter aos manuais, tanto de autores do ‘marxismo ocidental’ – antes de todos, Lefebvre – ou dos famigerados alfarrábios da Academia de Ciências da União Soviética”.*¹⁵⁹

O Manifesto foi escrito num contexto revolucionário. A redação deste documento foi solicitado a Marx e Engels pela Liga dos Comunistas, antes conhecida por *Liga dos Justos*, que se organizava conforme os jacobinos, em grupos conspirativos fechados, de cunho radical. Para os jacobinos, a possibilidade de constituição da “vontade geral” estaria na consciência das pessoas “virtuosas”. A antiga palavra-de-ordem da Liga era: *“todos os homens são irmãos”*, Marx e Engels propuseram uma outra: *“proletários de todos os países, uni-vos!”*. Posteriormente, Marx e Engels criticaram este modelo de organização revolucionária, e propuseram a dissolução da Liga. Este texto procura mostrar que a burguesia produz seus próprios coveiros, lembrando que a contradição burguesia-proletariado será superada em direção ao socialismo e ao comunismo. Os trabalhadores, organizando-se num partido revolucionário, deverão destruir o Estado burguês e organizar um novo tipo de Estado, capaz de eliminar a propriedade privada dos meios de produção. Para tais autores, a principal tarefa de uma revolução vitoriosa é a de destruir o velho aparato estatal (jurídico, burocrático, policial e militar). Esta destruição foi chamada por eles de “ditadura do proletariado”. Segundo Marx, as revoluções são as locomotivas da história, mas não se pode criar uma revolução do nada. Referindo-se ao revolucionar de todas as relações sociais, feitas pela burguesia – que cria um mundo à sua imagem e semelhança - escreveram:

*“Tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.”*¹⁶⁰

Há um caráter revolucionário nas novas formas de sociabilidade que o capitalismo introduziu. Nesta ótica, a burguesia continuaria revolucionando até o momento em que

¹⁵⁹ Sader, Emir. *O Manifesto Comunista visto da América Latina*. In: *O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois*. Op. Cit., p. 181.



passaria a ficar parecida com “o feiticeiro que não consegue controlar os poderes subterrâneos que ele mesmo invocou”; uma vez que ela produziu os proletários que a levarão à morte. Marx e Engels consideravam que a revolução socialista ocorreria primeiro nos países avançados como a Inglaterra, porém coube à Rússia tornar-se o primeiro país socialista, sob a liderança do Partido Bolchevique; que era uma fração majoritária do Partido Social-Democrata.

É sabido que Marx e Engels não puderam desenvolver satisfatoriamente uma teoria acabada dos partidos políticos; os quais, inclusive, estavam somente se iniciando nas formas sob as quais as conhecemos atualmente. Também não nos legaram uma teoria completa da formação da consciência de classe do proletariado. Para os dois autores, os partidos eram a expressão, mais ou menos adequada, de classes e frações de classes, mas não consideravam que toda e qualquer luta partidária devesse exprimir interesses econômicos conflitantes. O proletariado só poderia agir como classe organizando-se em partido. Ou seja, para eles a importância do partido está em que ele é o principal instrumento que promoveria a passagem da “classe em si” à “classe para si”, ou seja, como sujeito coletivo autoconsciente. Segundo Marx, o programa é o padrão do partido. No **Manifesto do Partido Comunista**, o partido político era entendido como forma de organização do proletariado com vistas à revolução, uma vez que ela possibilitaria coordenar a intervenção. A burguesia, por conceber o mundo no qual ela domina como o melhor dos mundos, ao ter seus interesses mortalmente feridos, usará de todos os recursos para perpetuá-lo, inclusive recorrendo à violência contra-revolucionária. Daí o caráter sangrento da revolução.

*“Os comunistas não ocultam suas opiniões e objetivos. Declaram abertamente que seus fins só serão alcançados com a derrubada violenta da ordem social existente. Que todas as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder nela, além de seus grilhões. Têm um mundo a conquistar”.*¹⁶¹

A luta contra a burguesia não pode ser apenas literária, pois ela é fundamentalmente política, portanto, também, organizativa. Marx e Engels participaram da fundação e da direção da AIT, mais tarde conhecida como Primeira Internacional. Em setembro de 1871, a Conferência da Associação Internacional dos Trabalhadores aprovou seus **Estatutos**, redigidos por Marx, e neles podemos ler:

“Em sua luta contra o poder coletivo das classes possuidoras, o proletariado só pode atuar como classe constituindo-se em um partido político distinto, em oposição a todos os velhos partidos constituídos pelas classes possuidoras.

¹⁶⁰ Marx e Engels. **O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois**. Op. Cit., p.11.

¹⁶¹ Marx e Engels. **O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois**. Op. Cit., p. 41.



*“Essa constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e desse objetivo supremo: a abolição das classes”.*¹⁶²

Para ambos, as superestruturas (especialmente a ideologia política) derivam da infra-estrutura. Assim, as idéias são o reflexo de uma realidade socio-econômica concreta: os partidos representam as diversas classes sociais em luta. Para eles, ainda, deve-se distinguir as frases e fantasias dos partidos, de sua formação real e de seus interesses reais, o conceito que fazem de si e o que são na realidade. Aliás, em 1883, Engels recebeu um jornal brasileiro, enviado pelo líder da Social-democracia Karl Kaus-
tsky, e comentou:

*“A importância desses partidos sul-americanos está sempre em relação inversa à retumbância de seus programas.”*¹⁶³

Marx, Engels, Lenin e Trotsky defenderam a constituição de um partido proletário independente, porém, no pensamento de todos eles, há mais de uma única idéia de partido, de acordo com os contextos históricos em que viviam (e que se modificavam). Entretanto, parece que podemos destacar uma idéia comum a todos os “modelos” de partidos, pensados por eles: uma vanguarda centralizada e dedicada a conjugar a teoria e a consciência socialista com o movimento operário e camponês espontâneo; vanguarda esta composta de educadores de massa. Tais autores, incluindo Guevara e Mao, também compreendiam que a abolição da propriedade privada implicava numa luta feroz, mas também pensavam que, á medida em que a revolução fosse se consolidando, os trabalhadores estariam conscientes da necessidade das medidas duras tomadas. Lenin, mesmo, teria dito, a propósito:

*“A crueldade de nossa vida, imposta pelas circunstâncias, será compreendida e perdoada. Tudo será compreendido. Tudo”.*¹⁶⁴

Em **Contribuição à Crítica da Economia Política**, Marx considera que a consciência humana é sempre social e histórica, ou seja, ela é determinada pelas condições concretas de nossa existência, porém isso não quer dizer que nossas idéias representem a realidade tal como esta é em si mesma. As idéias das classes dominantes são transmitidas para toda a sociedade, em representações coletivas, gerais e universais.

Para Marx, a história de todas as sociedades tem sido a história das lutas de classe, e entendia que os seres humanos fazem a sua própria história, mas não a fazem em condições escolhidas, voluntariamente, por eles. As possibilidades de “emanci-

¹⁶² Marx, K. Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores. Obras Escolhidas, vol. 1, p. 324.

¹⁶³ Revista IstoÉ, Como o Brasil descobriu Marx..., 9 de março de 1983, p. 53.

¹⁶⁴ O Livro Negro do Comunismo - Norberto Bobbio e Eric Hobsbawm discutem obra polêmica que contabiliza os crimes cometidos em todo o mundo pelos regimes comunistas. Mais! Folha de São Paulo, 24 de maio de 1998, p. 5.5



pação” do homem (ou o comunismo), trazidas pelo capitalismo, somente poderão ser realizadas com a superação do próprio capitalismo. Estes dois autores, portanto, fizeram uma rejeição total da opressão e dos privilégios, e manifestaram o desejo de universalizar a fruição da beleza e da alegria.

Para Guevara, a vanguarda exprime-se na guerrilha, considerada o “pequeno motor” que impulsionará a revolução, a partir do núcleo que deverá se multiplicar a partir do campo. Por isso o partido deve ser dirigido pela guerrilha. Em Mao, também há a valorização da guerrilha rural, porém - ao contrário de Che - dirigida pelo partido, objetivando o cerco das cidades pelo campo.



3.5.2. Lenin

Curiosamente, no início de 1900, a censura russa permitira a publicação de *O Capital*, porém impedira a publicação e venda do *Leviatã* de Hobbes e das obras de Spinoza. Em 1868, Marx foi informado de que uma tradução de *O Capital* estava sendo impressa em russo, antes de ser traduzido para qualquer outro idioma. Nos anos de 1880, Lenin estava entre aqueles jovens russos que já liam Marx. Sobre a figura de Lenin, Edmund Wilson afirma que:

"Havia algo de sua postura de irmão mais velho e muito da autoridade de um inspirado diretor de escola. 'Que grande professor perdemos em Vladimir Ilitch', exclamou Maksim Kovalevski quando ouviu Lenin pronunciar uma conferência em Paris; e seus opositores no Congresso gritavam: "Não banque o professor conosco: não somos escolares"(...)

"Até mesmo quando discute questões filosóficas, Lenin trata seus adversários como se fossem alunos obtusos que não conseguem entender a explicação"¹⁶⁵

Segundo Lenin, o partido é a forma superior da organização política, por isso deve contribuir para a autodeterminação do proletariado e para que adquira consciência revolucionária do seu papel histórico internacional, incorporando-a na luta. Os objetivos fundamentais do partido é a destruição do capitalismo, a instauração da ditadura do proletariado, a transformação socialista, a vitória do comunismo. Os militantes podem atuar como um "destacamento", mas, individualmente, o militante pode ser chamado a desenvolver um trabalho político como "lutador solitário". A militância quotidiana exige muito da organização revolucionária, enquanto vanguarda da luta política; seus líderes, militantes, e simpatizantes são mais visados pelos "esbirros e provocadores", bem como por todo aparelho repressivo:

"Temos em frente a fortaleza inimiga, bem artilhada, donde nos lançam uma chuva de metralha que arrebatá os nossos melhores lutadores. Devemos tomar esta fortaleza e tomá-la-emos se unirmos todas as forças do proletariado que desperta com as forças dos revolucionários num só partido, para o qual tendem todos os elementos ativos e honestos (...)".¹⁶⁶

¹⁶⁵ Wilson, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo, Cia das Letras, 1986, pp. 365-6

¹⁶⁶ Lénine, V.I. *Tarefas Urgentes do Nosso Movimento*. In: *Partido Proletário de Novo Tipo (a importância mundial do bolchevismo)*. textos selecionados. Lisboa, edições Avante, p. 83.



*“Pequeno grupo compacto, seguimos por um caminho escarpado e difícil, vigorosamente de mãos dadas. Rodeados de inimigos por todos os lados, temos de prosseguir quase sempre debaixo de fogo. Havemo-nos unido em virtude de uma decisão livremente adotada, precisamente para combater o inimigo e não cairmos de tropeção no pantano vizinho, cujos moradores nos reprovam desde o começo o termo-nos separado em grupo à parte e preferido o caminho da luta ao da conciliação”.*¹⁶⁷

Lenin tinha em alta conta a atuação pedagógica do partido, criando, inclusive, a Escola do Partido em Longjuncan, durante o ano de 1911. Ele não se limitava apenas em exprimir a consciência revolucionária ou aspirações práticas dos explorados. Lutava, antes, para formar tal consciência, e criar e desenvolver tais aspirações. Para ele, toda arte da organização conspirativa deveria consistir em saber utilizar tudo e todos, pois militantes que se revelam insatisfatórios como “organizadores”, podem ser bons “agitadores”, e aqueles que se revelarem mais frágeis para o trabalho conspirativo podem se mostrar bons “propagandistas”. Assim, haveria trabalho, inclusive, para revolucionários “princípios”. Em relação aos militantes considerados menos preparados intelectualmente, Lenin demonstrava muita paciência em sua dedicação a eles, insistindo e retomando cada conceito até que eles conseguissem compreendê-lo em suas mentes, e mesmo em relação aos militantes mais brilhantes, ele nunca deixava de ser exigente e vigilante. O autor citado no início deste tópico, apesar de entender que traçou um perfil lisonjeiro de Lenin ao falar dele e dos que discordavam dele, afirmou que este:

*“Jamais deixava que tais sentimentos influenciasssem sua atividade política, do mesmo modo que um professor não pode se permitir ser influenciado, na hora de dar notas ou disciplinar a turma, por sua afeição por um aluno predileto”*¹⁶⁸

Lenin, inicialmente - e em condições de ilegalidade e repressão - defendia a necessidade de um partido de militantes profissionais, de número reduzido e organizado hierarquicamente. Membros passivos, sem nível de consciência revolucionária, estão mais sujeitos à pedagogia capitalista do que membros ativistas, comprometidos totalmente com o partido. Militantes ativos são a maior garantia contra a burocratização. A ação dirigente desses revolucionários profissionais não quer dizer que as bases do partido não tomassem parte ativa na definição e efetivação do projeto revolucionário. Na realidade, Lenin aplicou modelos diferentes de organização da disciplina interna, de acordo com determinadas situações especiais, ou seja, quanto mais dura a perseguição policial nas condições de clandestinidade, mais centralizada a direção do partido. Mais tarde, no entanto - numa situação de relativa liberdade - defendeu a necessidade de um amplo partido de massa, baseado no centralismo democrático, com eleições,

¹⁶⁷ Lénine, V.I. Que Fazer?. In: Partido Proletário de Novo Tipo (a importância mundial do bolchevismo). Op. Cit., p. 84.



responsabilidade e possibilidade de afastamento das lideranças, se as bases políticas assim decidissem. O conceito clássico leninista de organização assinala que o militante revolucionário é aquele que está de acordo com o programa do partido, que pertence a uma célula e que cotiza regularmente. Como na classe trabalhadora também há confusão, oportunismo, hesitação, se o partido não fizer uma seleção rigorosa de seus militantes, então absorverá em suas fileiras muitos elementos de fraqueza. Assim, Lenin insistia em restringir a filiação a militantes que somente se dispusessem a trabalhar ativamente e submeter-se à disciplina partidária; tese que até hoje é forte, no seio da extrema-esquerda.

*“Receamos ampliar excessivamente o Partido porque os arrivistas e aventureiros, que nada merecem além de ser fuzilados, tendem inevitavelmente a infiltrar-se no partido(...)”.*¹⁶⁹

Por sugestão de Lenin era necessário definir uma hierarquia especial, baseada no mérito educativo pessoal e no tempo de trabalho revolucionário. Alguns cargos importantes só poderiam ser preenchidos por militantes que haviam ingressado na organização pelo menos ao início da guerra civil. Certos postos que envolviam maior responsabilidade seriam ocupados pelos que serviram ao partido desde o começo da revolução, enquanto as mais altas posições em geral ficavam reservadas aos veteranos da luta clandestina contra o czar. O próprio Guevara também adotou algo parecido com este tipo de seleção político-educativa, no período de consolidação da Revolução Cubana:

*“Como parte das mudanças do partido foi reformado o sistema de educação, premiando com ela não os ‘esclarecidos’, os ‘bachareis do marxismo’, como no passado, mas aos melhores trabalhadores, aos homens que demonstraram, com sua atitude para com a revolução, com seu trabalho diário, seu entusiasmo e seu espírito de sacrifício as superiores qualidades de membro do partido dirigente”.*¹⁷⁰

Lenin ficou à frente de um partido centralizado, ágil, e com algumas características militares porque preparado para a tomada do poder do Estado. O centralismo democrático pensado por Lenin buscava conciliar as necessidades de discussão com o imperativo de segurança, diante da repressão. Se uma decisão tomada sob o centralismo democrático se revelar equivocada, a avaliação crítica deve ser feita no interior do partido, pois a crítica também é instrumento educativo do coletivo do partido contra o individualismo, a oligarquização e o oportunismo.

¹⁶⁸ Wilson, Edmund. Op. Cit., p. 366.

¹⁶⁹ Lenin. *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. São Paulo, ed. Global Edit., 1981, p. 46.

¹⁷⁰ Guevara, Che. *Textos Revolucionários*. São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano, 1980, p. 59.



Lenin ainda concebeu a idéia de um jornal para articular os descontentamentos e reivindicações, e para agir como principal educador de um partido de revolucionários profissionais “seguros e de provada observância conspirativa”, que dirigisse a revolução. Para ele, o jornal pode e deve: assumir a direção ideológica do partido, desenvolver a concepção de revolução, as teses táticas, as idéias gerais de organização e as tarefas gerais do partido¹⁷¹. A ditadura do proletariado teria que ser exercida pelo partido, ou seja, Lenin legitimava a ação revolucionária do partido em nome da classe operária. Para Lenin, a consciência política de classes só pode ser levada ao operário de fora, isto é, só de fora da luta econômica. A visão leninista sobre educação política está fundamentada na necessidade de ação conjunta na luta contra a burguesia.

Para Lenin, o partido é formado de militantes que são também educadores políticos porque dotados de consciência de classe, convictos e teoricamente preparados, organizados centralizadamente, e dedicados totalmente ao projeto revolucionário, dispostos a sacrificar o estilo de vida comum à maioria das pessoas. O partido é, assim, um educador político que leva a teoria revolucionária e a organização política às massas exploradas. Para Lenin, a relação entre os militantes e as massas surge como modo de conscientização política e de organização; o que vale dizer: trata-se da educação das massas como forma de organizá-las e conscientizá-las de seu papel revolucionário.

Não era inutilmente que Plekhanov, em suas polêmicas, acusava Lenin de “blanquismo”(que previa a organização de uma elite de conspiradores pequena, centralizada e hierárquica, que realizasse uma insurreição para tomar o poder de Estado), mas Lenin repudiou essa idéia de conjurados blanquistas, em seus escritos, afirmando que a diferença entre o socialismo democrático e o blanquismo está no fato de que, no primeiro, existe um proletariado organizado e provido de uma consciência de classe, em lugar de uma associação de conjurados. Guevara também foi acusado de blanquismo.

Após a morte de Lenin, com os “desvios” da política stalinista, outros marxistas reivindicaram para si a herança revolucionária leninista. Desses, os expoentes mais significativos são Trotsky e MaoTse-Tung. Trotsquistas e maoístas são leninistas no sentido de que afirmam a função de vanguarda do partido e a prioridade da ação política. Nos anos 60 e 70, os partidos trotsquistas apesar da sua importância, parecem não

¹⁷¹ Lénine. V.I. Carta a um camarada sobre as nossas tarefas de organização. In: Partido Proletário de Novo Tipo. Op. Cit., p.



haver alcançado nem a dimensão, nem a presença dos maoístas, em parte por causa do apego aos princípios do marxismo-leninismo, tais como a consideração de que o agente revolucionário fundamental é o proletariado e, geralmente, sua oposição às guerrilhas, que naqueles anos parecia o melhor caminho para muitos revolucionários.

Há um elemento forte de ativismo na visão que Lenin tem do partido, ao acentuar a importância de a luta de classes ter, como direção, um partido centralizadamente organizado. Os membros participam da formulação da política a ser seguida e da escolha da direção; porém, a execução dessa política deve ser disciplinada, e a lealdade à direção do partido é exigida. Como sabemos, Lenin contribuiu para a fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo e organizou o grupo que, naquele contexto, consideramos de extrema-esquerda, ou seja, a facção bolchevique do PSODR, que sob sua liderança cresceu em termos partidário, ideológico e político, pleiteando a revolução armada como forma de tomar o poder. Depois da conquista do poder passou a ser o Partido Comunista da Rússia.

Inicialmente, o processo revolucionário - para Lenin - assume a forma de uma revolução democrático-burguesa, ou seja, a revolução burguesa tem como objetivo resolver a questão agrária, pois sobre as relações sociais do campo se assenta a conservação da ordem, que obstaculiza o desenvolvimento das forças produtivas sobre a base capitalista. Esta revolução, ao penetrar no campo, mina os vínculos de dominação pessoal baseados no trabalho servil, e acelera a expansão do capitalismo, transformando, assim, grandes massas do campesinato em proletários. E o proletariado luta, ao mesmo tempo, contra a economia latifundiária baseada na escravidão, e contra a exploração capitalista.

As condições para qualquer revolução, segundo Lenin, são: a) que os governantes não tenham capacidade de continuar governando como antes; b) que os governados, em sua miséria, desespero e fúria, recusem-se a continuar vivendo como antes; c) que exista um partido revolucionário disposto e capaz de aproveitar a oportunidade.

O partido pensado por Lenin necessita estar junto aos trabalhadores para que possa executar sua função política, pedagógica e organizadora, pois seus militantes devem ir a todas as classes da população como teóricos, como propagandistas, como agitadores e como organizadores. Assim, o partido revolucionário deve propiciar uma



educação e uma formação que integre a teoria com a realidade concreta do trabalhador; o militante não pode se limitar aos estudos teóricos sem relação com a vida do povo.

“Na atividade política do partido social-democrata há e haverá sempre certos elementos de pedagogia: é preciso educar toda a classe dos trabalhadores assalariados a fim de que desempenhem o papel de combatentes para libertar toda a humanidade de qualquer opressão; é preciso educar constantemente novas e novas camadas desta classe, saber aproximar-se dos elementos mais atrasados, menos desenvolvidos, menos influenciados por nossa ciência e pela ciência da vida, para poder falar e estabelecer contato com eles e elevá-los paciente e firmemente ao nível da consciência social-democrata sem converter nossa doutrina em um dogma sem vida, ensinando-a não apenas com livros, mas também por meio da participação das camadas mais atrasadas, e menos desenvolvidas do proletariado na luta diária e prática”¹⁷²

Segundo Lenin e Trotsky, normalmente apenas entram para o partido os membros mais avançados da classe, os mais educados politicamente para o processo revolucionário, os mais conscientes dos seus interesses de classe, os mais tenazes, enérgicos e audazes. Por isso o partido é sempre bem menos numeroso do que a classe cujos interesses defende. Porém, como defende exatamente estes interesses, o partido tem um papel educativo dirigente, porque a luta de classes se expressa numa luta de partidos políticos pelo poder.

¹⁷² Lenin. Sobre a Confusão da Política e a Pedagogia. In: O Trabalho do Partido entre as Massas. P. 34-35.



3.5.3. Trotsky

Trotsky era “outro brilhante jovem judeu”¹⁷³, quase dez anos mais jovem do que Lenin, o qual, mesmo dirigindo-lhe algumas críticas, considerava-o o homem mais capaz do Comitê Central. Era um orador extraordinário e possuía a capacidade de compelir as massas para a ação.

*“Sabia utilizar a árida lógica marxista com agilidade e liberdade, fazendo dela um instrumento de persuasão; e sabia brandir a faca da ironia marxista em público, esfolando vivas as autoridades, virando-lhes a pele ao avesso, exibindo as carcaças vergonhas escondidas por suas afirmações e promessas; sabia descer o nível para arrancar uma gargalhada do camponês que há no âmago de todo trabalhador russo, com um provérbio ou fábula do interior da Ucrânia, onde passara a infância; sabia afiar epigramas com uma rapidez e uma limpeza que maravilhavam os mais argutos intelectuais; e sabia escancarar os horizontes da mente para a visão daquela dignidade e liberdade a que todo homem tinha direito. Exibindo essa visão e as carcaças horríveis que se colocavam como obstáculo à sua concretização, levava sua platéia à fúria”.*¹⁷⁴

Trotsky, inicialmente, e Rosa Luxemburgo¹⁷⁵ criticaram o que consideraram natureza centralista excessiva do partido pensado por Lenin. A tese fundamental do trotsquismo, a que já nos referimos, é a da revolução permanente: uma série de transformações sociais, políticas e econômicas, ligadas entre si e interdependentes. O desenvolvimento desigual e combinado entre as nações transcende as fronteiras nacionais, daí que o processo revolucionário é internacional, mesmo começando em bases nacionais. A revolução russa, para Trotsky, seria o prelúdio da revolução ocidental.

A concepção de Trotsky sobre o partido também variou em diferentes contextos do processo revolucionário russo, desde uma fase em que considerou o partido como

¹⁷³ Wilson, Edmund. Op. Cit. p. 394-5. (Observamos que embora fosse crítico à religião judaica e à qualquer outra, bem como ao sionismo, ainda assim Trotsky estava marcado pela condição de judeu.)

¹⁷⁴ idem. Op. Cit. pgs. 394-5

¹⁷⁵ Segundo alguns estudos, no pensamento de Rosa “a consciência de classe é muito mais fruto da ação espontânea das massas que da educação do partido. Muito mais, porém não exclusivamente. Os dois polos estão sempre presentes na análise, como momentos de uma mesma totalidade - as massas elementares, desorganizadas, inconscientes ao entrarem espontaneamente em ação criam respostas inesperadas aos problemas postos pela conjuntura, respostas que nem a teoria, nem o partido haviam previsto. Só que o papel do partido, apesar de secundário nesta peça, não deixa de existir. O partido é de certa maneira o elemento introdutor da razão, aquele que detém a teoria sobre o desenvolvimento do capitalismo (e sobre o consequente papel revolucionário do proletariado).” Cfr. Loureiro, Isabel Maria. Democracia e Socialismo em Rosa Luxemburgo. in: Crítica Marxista, v. 1, tomo 4, Xamã, 1997, p.46.



uma oposição ampla e flexível, até uma fase mais centralista. Na primeira fase, Trotsky advertiu Lenin de que o partido devia evitar substituir o proletariado ou subjugar-lo, pois no seu entender a visão de partido de Lenin conduzia ao fato de que a organização do Partido coloca-se, a princípio, em lugar do Partido como um todo; em seguida, o Comitê Central coloca-se no lugar da liderança; finalmente, um único "ditador" coloca-se no lugar do Comitê Central.

Com o aprofundamento do processo revolucionário russo, Trotsky concordou com a visão de partido de Lenin, e este aceitou a teoria da revolução permanente daquele. Em Abril, Lenin chamou a classe operária para tomar o poder, abandonando a idéia de "revolução democrático-burguesa", aproximando-se de Trotsky que entendia o objetivo socialista como uma necessidade imediata da revolução. Para Trotsky, existindo democracia interna o partido nunca pode estar errado, pois ele é o único instrumento histórico de que dispõe o proletariado para resolver seu problema de classe; se ele estiver errado, a causa está errada. Sobre este assunto, a Causa Operária concorda com as observações de Lora:

"Este foi outro dos erros de Trotsky, quando em discussões com o stalinismo, ele começou declarando que o programa nunca erra. Mais tarde, ele iria comprovar na própria pele que o partido erra. É uma pena que Trotsky nunca houvesse explicado teoricamente este problema e é fácil se considera o que é a política e o que é o programa - um prognóstico simplesmente - e que nenhuma situação política se repete. É indubitável que diante de uma situação inédita o partido no seu conjunto pode se equivocar; o que dizer de um dirigente!

"Os dirigentes não são dirigentes por vontade divina. Às vezes são dirigentes por um equívoco do partido ou por uma série de circunstâncias: o baixo nível político da militância, o enorme peso dos militantes novos, etc. Pode haver um partido com uma péssima direção, o que não lhe corresponde, que não está a altura do seu programa e, portanto, esta direção deve ser severamente criticada pelas bases revolucionárias; este é o sentido da democracia interna".¹⁷⁶

Para o trotsquismo é a educação das massas, dirigidas pelo partido classista, que é a base do processo revolucionário. Trotsky, durante a guerra civil russa¹⁷⁷, fez uma rejeição inflexível da tática de guerrilhas, considerando-a anárquica e com poucos resultados.

Apesar disso, Trotsky nunca deixou de reconhecer a importância das teses leninistas sobre a organização - mesmo divergindo ou subestimando a importância do partido - ele parece que compreendia que uma organização não constitui, em si, garantia alguma para o processo revolucionário e que até podia tornar-se um obstáculo para a classe operária.

¹⁷⁶ Lora, Guillermo. Teoria Marxista do Partido Político. Causa Operária, São Paulo, 1987, pp.34-5.



A concepção de partido de Trotsky, a rigor, não foi completamente original, e se aproximou das teses leninistas. A questão do partido somente, surgiu com maior razão para Trotsky, às portas da insurreição. Assim, não é à toa que nele o desenvolvimento da concepção de partido apareça nos capítulos que abordam a arte da insurreição.

Os principais temas de Trotsky, em alguns de seus escritos, eram o papel dos dirigentes partidários numa situação revolucionária, e a estratégia e tática da insurreição. Segundo ele, o partido não produz, somente com a sua vontade, situações revolucionárias, visto que estas surgem como resultado de crises da ordem social. Trotsky, porém, entendia que o partido pode perder sua oportunidade pela ausência de dirigentes políticos revolucionários e de educadores do partido.

Segundo Trotsky, o partido ensina aos revolucionários a disciplina fraternal, a capacidade de atividades coletivas, a submissão do particular a coletividade, o sacrifício de si, etc. Trotsky compreende as massas como a força propulsora de transformação, porém é uma força que necessita ser concentrada e dirigida pelo partido. Este, por sua vez, deve aprender incessantemente com as massas, bem como educá-las. Rakovski - companheiro de partido e um grande amigo de Trotsky - afirmou que a educação política somente frutifica muito lentamente, por isso os revolucionários deveriam dirigir seus esforços, principalmente, para a educação política, a longo prazo, da classe operária.¹⁷⁸ Na ótica de Trotsky, a revolução "desperta, ensina e educa" e considera que o analfabetismo e o obscurantismo são condições pouco favoráveis à militância.

Em 1921, Lenin e Trotsky elaboraram a tática da "frente única" como trampolim da revolução, e como ação educativa para afastar os trabalhadores dos padrões de pensamento reformista e desenvolver, neles, uma consciência revolucionária.

*"Alguns consideravam a frente única como uma tentativa séria para unificar a classe trabalhadora na luta pelas exigências parciais. Outros viam essa tática apenas como uma artimanha sagaz. Outros, ainda, oscilavam entre opiniões diversas. E assim a Internacional começou a dividir-se em alas direita e esquerda e grupos intermediários e extremados, "centristas" e "ultra-esquerdistas".*¹⁷⁹

Lenin defendeu a política militar aconselhada por Trotsky, que tinha especial preocupação com a educação política dos soldados revolucionários e que, como é sabido, foi o criador do Exército Vermelho, consolidando seu espírito, suas regras e regulamentos. Trotsky entrava até em minúcias, na orientação aos combatentes, afir-

¹⁷⁷ Cfr. Trotsky, León. *Escritos Militares: Ejército, Milicias, Guerrillas*. Argentina, Ediciones Amaicha, s/d.

¹⁷⁸ Cfr.: Deutscher, I. *Trotsky - O Profeta Desarmado*. Edit. Civação Brasileira, 1984, p. 460.

¹⁷⁹ Idem, p. 75.



mando que o aspirante a soldado tomasse primeiramente “um bom banho”¹⁸⁰, que suas botas deviam ser engraxadas e que seus cadarços fossem bem atados, pois para ele não se podia entrar maltrapilho e sujo para o Exército Vermelho.

Trotsky também buscou fazer da escola militar “um centro não somente de formação militar, mas também de formação geral e de educação política”¹⁸¹. Trotsky se referia, muitas vezes, ao que considerava “educação revolucionária de classe” e falava em “construir o exército sobre princípios de classe”¹⁸². O texto do **Juramento Socialista**¹⁸³ do Exército Vermelho, inclusive, foi preparado por Trotsky. O Exército Vermelho era educado no bolchevismo: socialista e internacionalista, portanto os combatentes não se consideravam exército da Rússia, e sim exército da revolução. Observemos alguns aspectos educativos dos **Regulamentos da Infantaria do Exército Vermelho**, destinado aos soldados:

*“Você é igual aos seus camaradas, seus superiores são seus irmãos mais experimentados e mais instruídos no combate, no treinamento, no quartel ou no trabalho, deve observar a eles. Quando tiver deixado o quartel, você tem absoluta liberdade... Se lhe perguntarem como luta, responda: - Luto com o fuzil, a baioneta e a metralhadora. Mas, também luto com a palavra da verdade. Dirijo-a aos soldados do inimigo, que também são trabalhadores e camponeses para que saibam que na verdade sou seu irmão e não seu inimigo”*¹⁸⁴

Ao lado da guerra civil, os problemas político-educativos do Exército Vermelho preocuparam Trotsky – a este propósito pode-se observar, em **Escritos Militares**, a frequência com que se refere ao tema “educação” – por isso o problema da educação e da doutrina militar ocuparam um lugar importante nos seus escritos. Ele buscava formar combatentes ferozes durante o combate, mas magnânimos para com os prisioneiros; o inimigo cativo não deveria sofrer retaliações. Ao mesmo tempo que exigia “nenhuma piedade para os traidores”, dizia, nos comícios com os soldados, que nem mesmo o inimigo deveria ser caluniado, e numa ordem do dia escreveu:

“Que seja cortada a mão de qualquer soldado do Exército Vermelho que levante sua faca contra um prisioneiro de guerra, contra os desarmados, os enfermos e os feridos”.¹⁸⁵

Trotsky fez uma rejeição inflexível de qualquer tutela do partido sobre a ciência e a arte. E com a enfermidade de Lenin, Trotsky se tornou o principal e mais autorizado

¹⁸⁰ Trotsky, L. **Escritos Militares: Ejército, Milicias, Guerrillas**. Argentina, Ed. Amaicha, s/d, p. 142.

¹⁸¹ Trotsky, L. **Escritos Militares**. Op. Cit., p. 82.

¹⁸² Trotsky, L. **Escritos Militares**. Op. Cit., p. 38, p.178.

¹⁸³ Trotsky, L. **Escritos Militares**. Op. Cit., p. 60

¹⁸⁴ Deutscher, I. **O Profeta Desarmado**. Op. Cit. p. 36

¹⁸⁵ Deutscher, Isaac. **Trotsky - o Profeta Armado**. RJ, Civilização Brasileira, 1968, p. 490.



porta-voz do partido. Alguns estudos apontam a importância do trotsquismo em polêmicas e debates teóricos colocados por novos temas no interior do marxismo:

*"A perspectiva revolucionária, que reata com a tradição bolchevista instaurada sobretudo a partir de 1917, está presente nas correntes que reivindicam o 'leninismo'. Estas tiveram, em alguns casos, uma importância no debate teórico - os trotskistas, por exemplo - mas uma escassa incidência na política revolucionária concreta".*¹⁸⁶

Trotsky, escrevendo sobre os problemas relacionados com a vida cotidiana das massas trabalhadoras,¹⁸⁷ preocupou-se com os meios educativos de elevar o nível de cultura das massas: "cultura no trabalho e cultura na vida diária". Para ele, a revolução é, primordialmente, o despertar da personalidade humana no seio das massas.

Depois do rompimento com Stálin, que considerava o "coveiro da revolução", Trotsky passou a defender, na Rússia, uma revolução política, para destruir o poder da burocracia. Como sabemos, a partir desse momento, passou a existir uma crescente polarização¹⁸⁸ entre duas correntes que representavam concepções diferentes, e reivindicavam, tanto uma como a outra, o leninismo; são elas: teoria do "socialismo em um só país" e teoria da "revolução permanente". Este autor, em seu **Programa de Transição**, combateu o sectarismo, pois "*grupos e organizações sectárias de todos os gêneros*"¹⁸⁹ estavam nascendo na periferia da IV Internacional. Neste texto, ele também se referiu à covardia e traição das "organizações históricas do proletariado", para ele havia uma contradição fundamental entre a maturidade das condições objetivas (crise do capitalismo e grandes movimentos das massas) e a imaturidade das condições subjetivas (baixo nível político-educativo dos dirigentes e do proletariado), ambas necessárias para a revolução socialista. Trotsky buscou ultrapassar esta contradição, e criou uma alternativa para a ação; preocupou-se com a "pedagogia política" ao refletir sobre a questão de saber como trazer os trabalhadores ao programa revolucionário, e se o programa propõe "uma orientação correta". Para ele, quando a disciplina do partido provém da compreensão é a expressão da personalidade, mas sem isso é um jugo.

¹⁸⁶ Garcia, Marco Aurélio. *Marxismo, Leninismo e Social-Democracia*, pp.90-91. in: *O PT e o Marxismo*. São Paulo, Teoria e Debate, 1991.

¹⁸⁷ Trotsky, L. *El Nuevo Curso e Problemas de la Vida Cotidiana*. México, siglo xxi editores, 1978.

¹⁸⁸ Cfr.: Trotsky, L. *A Revolução Desfigurada*. SP: Ciências Humanas, 1979.

¹⁸⁹ Trotsky, L. *Programa de Transição Para a Revolução Socialista*. Lisboa: Antídoto, 1978, p. 70.



3.5.4. Che Guevara

Modernamente, os grandes teorizadores, implementadores e educadores políticos do método guerrilheiro enquanto instrumento revolucionário, são Mao Tse-Tung, na China, e Che Guevara, em Cuba, principalmente; eles tiveram, inclusive, um encontro em Pequim, em 1960, embora os maoístas fossem críticos do guevarismo e considerassem a importância de Mao e Ho Chi Minh superior à de Che. Seus escritos sobre guerrilha são conhecidos internacionalmente como uma espécie de "manuais da guerrilha". Guevara tinha admiração por Mao, conhecia seus escritos, e compreendia que o caminho dos chineses para o socialismo estava mais próximo da América Latina do que o dos soviéticos. Che não via no homem soviético uma nova humanidade, e sua crítica à burocracia combinava-se com a de Trotsky. Moscou considerava Guevara como um aventureiro que tinha aproximações ideológicas com o maoísmo e com o trotsquismo. Guevara afirmou ter conhecido os escritos de Mao, quando o processo revolucionário cubano estava bem adiantado.¹⁹⁰ Outros autores consideram que, apesar desta afirmação de Che, na realidade ele teria se inspirado nos textos de Mao sobre a guerra de guerrilhas e, com sua experiência em Cuba, num patamar criador, os teria adaptado para os países da América latina. O fundamental é que Fidel Castro, Guevara e Debray criaram a partir da prática cubana. Quando nasceu sua primeira filha, Che se referia a ela como "minha pequena Mao" e numa carta para seus familiares, escreveu:

"Minha alma comunista se expande pletoricamente: ela saiu exatamente como Mao Tsé-Tung. Até mesmo agora, pode-se notar a área calva no meio da cabeça, os olhos piedosos do chefe e suas bochechas protuberantes. Por enquanto ela pesa menos que o líder, cinco quilos, mas com o tempo isso vai ficar igual".¹⁹¹

Por mais que se queira tomar Guevara um produto de consumo há um núcleo em seu pensamento que insiste em ser inflexível, irreconciliável, extremista (porque preconizava soluções extremas: a luta armada o mais rápido possível) e radical (porque desce à raiz do fenômeno social). Guevara opunha-se a toda moderação com os exploradores:

¹⁹⁰ Guevara, Che. Obras 1957n – 1967. Tomo II. *La transformación política, económica y social*. p. 391.

¹⁹¹ Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, p. 237.



"La 'moderación' es otra de las palabras que les gusta usar a los agentes de la colonia, son moderados, todos los que tienen miedo o todos los que piensan traicionar de alguna forma... El pueblo no es de ninguna manera moderado".¹⁹²

Debray, um dos contatos da organização guerrilheira comandada por Guevara, na Bolívia, começa assim um de seus relatos sobre Che:

"Foi em La Paz, em 1953, que um médico argentino de temperamento vagabundo, Ernesto Guevara de La Serna, que terminara recentemente seus estudos..."¹⁹³

Sobre os personagens de qualquer revolução pode pairar uma aura, maior ou menor, de romantismo. Assim, a figura de Guevara parece que condensava uma idéia de rebeldia e liberdade, atraindo a radicalização de muitos jovens que queriam trabalhar pela revolução, porém eram avessos à militância sob a ortodoxia stalinista dos Pcs. A própria organização guerrilheira, composta por homens generosos, cabeludos e barbu-dos - cujo objetivo, apesar de proporcionalmente menor número de homens e arma-mentos, era a destruição física da coluna vertebral do Estado: o Exército - submetidos às intempéries, à fome e à sede, atraía, inclusive, jovens de classe média. Desde a juventude, seu lema era "pouca bagagem, pernas fortes e estômago de faquir".¹⁹⁴ Che falava de revolução e sensibilidade, pólvora e poesia: "Hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás". Em seu discurso, no ato de abertura do Primeiro Congresso Latinoamericano de Juventude, em 1960, afirmou:

"Aquí estamos. La palabra nos viene húmeda de los bosques cubanos. Hemos subido a la Sierra Maestra, y hemos conocido a la aurora, y tenemos nuestra mente y nuestras manos llenas de la semilla de la aurora, y estamos dispuestos a sembrarla en esta tierra y a defender para que fructifique".¹⁹⁵

Classificá-lo apressadamente de romântico e sonhador, entretanto, não dá conta da complexidade de suas concepções. O guevarismo também é uma espécie de reação humanista-voluntarista contra a domesticação e passividade político-educativa dos partidos. Parece que os partidos comunistas tinham como centro de sua pedagogia a disciplina da resistência; todavia, Guevara buscava fundamentar-se numa pedagogia que educasse para a ação e para a ousadia.

"Vocês são capazes de criar quadros que se deixam despedaçar na obscuridade de uma prisão, sem falarem nada, mas não de quadros que tomem de assalto um ninho de metralhadoras".¹⁹⁶

Para Guevara, a questão do partido, enquanto dirigente decisivo do processo revolucionário, não se colocou de maneira fundamental na Revolução Cubana. Ao que

¹⁹² Guevara, Che. *Obras 1957 - 1967. Tomo II. La transformación política, económica y social.* p. 395-6.

¹⁹³ Debray, Régis. *A Guerrilha do Che.* São Paulo, Edições Populares, 1980, p. 26.

¹⁹⁴ Anderson, Jon Lee. *Op. Cit.*, p.184.

¹⁹⁵ Guevara, Che. *Obras 1957-1967. Tomo II. La transformación política, económica y social.* p. 402.

¹⁹⁶ Debray, Régis. *Revolução na Revolução.* São Paulo, Centro Editorial Latino Americano, p. 82 - 3.



tudo indica, aliás, Guevara, particularmente, não teve um relacionamento harmônico com as ambiguidades do Partido Comunista, como também demonstrou sua derradeira campanha guerrilheira na Bolívia. Inclusive, a direção da juventude comunista boliviana excluiu de seus quadros os militantes que optaram por permanecer com o movimento guerrilheiro guevarista. Che e Debray, no caso boliviano, não apreciaram trabalhar com os partidos comunistas orientados pela União Soviética. E julgavam que a guerrilha não pode se submeter a nenhum partido, pelo contrário: os partidos ou organizações é que devem ser convencidos e dirigidos pela guerrilha. De acordo com a concepção guevarista, a ação guerrilheira era o eixo central da luta. Na China e no Vietnã – diferentemente de Cuba - o partido comunista foi o centro de organização e de educação, a partir e ao redor do qual se desenvolveram as guerrilhas, mesmo que estas se opusessem a algumas orientações de Moscou aos comunistas do mundo inteiro. Já na América-Latina o partido comunista não se constituiu em núcleo dirigente dos movimentos de libertação nacional, assim, em Cuba, a guerrilha foi o núcleo dirigente do partido. Desse modo, a prioridade dos revolucionários deveria ser o desenvolvimento das guerrilhas e não o fortalecimento dos partidos, uma vez que a guerrilha é o partido em formação, pois uma força militar necessita se converter em força política. Ao que parece, as influências guevaristas, no Brasil, na prática, acabaram por se voltar mais para a criação de "núcleos militares", e menos para "núcleos políticos". Ainda que para o Che a vanguarda devesse promover conjuntamente às ações armadas um intensivo trabalho de massa. Não nos devemos esquecer que, a rigor, o guevarismo, a exemplo do próprio Che, buscava formar uma vanguarda cujos militantes reunissem em si, numa unidade criadora, o político e o militar, o administrador e o artista, o intelectual e o trabalhador.

"O exército popular será o núcleo do Partido, e não o inverso. A guerrilha é a vanguarda política 'in nuce', e apenas do seu desenvolvimento pode surgir o Partido. Por isso é preciso desenvolver a vanguarda política".¹⁹⁷

Para o guevarismo, tanto o maniqueísmo partidário (sem partido não há revolução) como o maniqueísmo antipartidário (com o partido não é possível a revolução) são imobilistas. A importância de um revolucionário ou de um partido é dado pela sua ação. E a ação revolucionária fundamental é a guerra de guerrilhas. Em vista disso, Guevara tinha especial preocupação com a educação e a formação dos guerrilheiros. Para ele, a disciplina guerrilheira era interior, nascendo do convencimento profundo da pessoa. Considerava que tanto o bom, como o mau exemplo "es muy

¹⁹⁷ *idem*, p. 94.



contagioso". Ele fundava sua disciplina na consciência moral do combatente e na força vigorosa de seu exemplo pessoal.

*"Discorri, a seguir, sobre as vantagens da guerrilha, ressaltando a necessidade de absoluta disciplina. Expliquei, também, que a nossa missão, antes de tudo, consistia em formar um núcleo exemplar, forte como aço e ressaltei a significação do estudo, da maior importância para o futuro".*¹⁹⁸

Segundo Guevara, a revolução traz em suas mãos a escola¹⁹⁹, por isso queria que o conjunto da nova sociedade se convertesse em uma gigantesca escola: "escuela práctica y cotidiana de autoeducación política". Portanto, esta educação não era passiva; implicava, também, num elevado grau de autoconvencimento na busca da eliminação do interesse individual estreito e na busca do "estímulo moral", em contraposição ao "estímulo material", forjando uma nova consciência:

*"La acción del Partido de vanguardia es la de levantar al máximo la bandera opuesta, la del interés moral, la del estímulo moral, la de los hombres que luchan y se sacrifican y no esperan otra cosa que el reconocimiento de sus compañeros".*²⁰⁰

Um ensaio autobiográfico dedicado ao seu pai, que Guevara escreveu quando ainda era estudante de medicina, traz em seu frontispício uma citação de Ibsen de que ele gostava muito: "A educação é a capacidade de confrontar as situações criadas pela vida".²⁰¹ Há uma outra frase de Martí que ele citava, de vez em quando, discursando ou escrevendo: "La mejor manera de decir, es hacer". Anos mais tarde, em 1960, falando na Universidad de La Habana sobre o papel da universidade no desenvolvimento econômico de Cuba, ele discorreu sobre a relação entre educação e economia, deixando bem claro que, para ele, a educação sozinha não define a sociedade:

*"No creo que sea la educación la que modele a un país, y hemos demostrado incluso que no es así, (...) pero tampoco es cierto que el proceso económico solo, vaya a conferir a la educación por el solo efecto de una transformación económica, una transformación a esse nivel. La educación y el desarrollo económico están constantemente actuando entre sí y configurándose plenamente. (...)"*²⁰²

No pensamento de Guevara os revolucionários deviam aprender na grande fonte de sabedoria que é o povo, por isso dizia que todos os revolucionário também teriam que ser "un poco pedagogos, a veces un mucho pedagogos"²⁰³. A autocrítica também é muito importante no guevarismo, "não como flagelação, mas como análise da atitude de

¹⁹⁸ Guevara, Che. *Diário da Guerrilha Boliviana*. São Paulo, Edições Populares, 1980, p. 40.

¹⁹⁹ Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967. II. La Transformación política, económica y social*. Habana, Casa de las Américas, 1970, p. 16.

²⁰⁰ Citado por Lowi, M. *El Pensamiento del Che Guevara*. p. 73.

²⁰¹ Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1997, p. 89.

²⁰² Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967. La Transformación política, económica y social*. p. 42.

²⁰³ Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967. La transformación política, económica y social*. p. 77.



cada um". A preocupação do Che com a formação dos militantes revolucionários pode ser percebida desde seus primeiros momentos de engajamento ao lado de Fidel Castro: foi ele quem selecionou livros marxistas destinados à biblioteca do campo de adestramento do Movimento 26 de Julho, no México. Em seu livro *Guerra de Guerrilhas*, no ponto em que trata do "Treinamento e Doutrinação" do combatente revolucionário ele afirmou que:

"A parte importante, a que nunca se deve descuidar, numa escola de recrutas é o doutrinação, importante porque os homens chegam a ingressar sem uma concepção clara do porque vem, somente com conceitos totalmente difusos sobre a liberdade, a liberdade de imprensa, etc, sem fundamento lógico algum. Por isto o doutrinação deve ser feito durante o maior tempo possível e com a maior dedicação. Durante estes cursos, dar-se-ão, noções elementares da história do país, explicada com um sentido claro dos fatos econômicos, dos fatos que motivaram cada um dos atos históricos; os heróis nacionais, sua forma de reagir a determinadas injustiças e, depois de uma análise da situação nacional do país ou da situação de uma zona (...)"

"Deve existir também uma escola de capacitação para professores onde precisamente se ponham de acordo sobre os textos escolhidos, sobre a experiência que possa trazer cada um no aspecto educacional".

"Deve-se estimular a todo momento a leitura, também tratando-se de escolher livros para que não se perca o tempo em coisas que não deixem absolutamente nada sedimentado, ir dando ao recruta facilidades no contato com o mundo das letras e com os grandes problemas nacionais".²⁰⁴

Fundamentalmente, Guevara secundariza a educação livresca, verborrágica e academicista; para ele, as massas são educadas mais rapidamente através da ação do que pelo discurso. E ao que consta, Fidel Castro, por exemplo, em dois anos de luta, não realizou nenhum comício em sua área de operações guerrilheiras, por isso Che chegou a afirmar que:

"Numerosos companheiros têm tirado dessas experiências a conclusão de que uma emboscada contra a coluna de reforços ou um outro golpe encetado ao inimigo nas vizinhanças, teria suscitado mais entusiasmo nessas aldeias, atraindo novos recrutas; teria dado uma lição política e moral mais profunda aos seus habitantes e sobretudo obtido armas, o que é essencial para uma guerrilha que começa. A destruição de um caminhão de transporte de tropas ou a execução pública de um policial torturador fazem mais propaganda efetiva entre a população vizinha, propaganda alta e profundamente política, que duzentos cursos".²⁰⁵

A preocupação de Che com a educação política dos guerrilheiros *per se* tinha sua razão de ser, evidentemente, além disso, um outro detalhe que vale a pena mencionar - e que com certeza realçava suas preocupações com a formação da consciência revolucionária - é que as fileiras dos rebeldes cubanos, por exemplo, também passaram a receber alguns marginais foragidos, delinquentes juvenis, traficantes de "marijuana",

²⁰⁴ Guevara, Che. *Guerra de Guerrilhas*. Op. Cit., p. 93

²⁰⁵ Debray, Régis. *Revolução na Revolução*. São Paulo, Centro Editorial Latino America, pp.37-8.



etc. Quando um desertor da guerrilha foi aprisionado e morto pelas tropas do exército, Che qualificou o acontecimento de "triste, porém educativo".²⁰⁶ Para ele, três delitos deveriam ser castigados com a pena de morte: a insubordinação, a deserção e o derrotismo.²⁰⁷ Inclusive, a guerrilha cubana executou muitas pessoas consideradas anti-sociais, que se utilizavam da atmosfera criada pela guerrilha para cometer crimes. A guerrilha era considerada uma escola mais eficiente para a revolução do que a Escola de Quadros dos partidos comunistas. Neste enfoque, Debray também afirmou que:

"A experiência de Cuba, e mais recentemente da Venezuela, Guatemala e outros países, mostra que na guerra de guerrilhas os combatentes formam-se politicamente mais depressa e com maior profundidade do que passando igual tempo numa escola de quadros, ainda que se trate de um pequeno-burguês ou um camponês. É o resultado do caráter essencial e totalmente político da guerra de guerrilhas. Dupla vantagem sobre a formação 'tradicional', ainda que seja no seio de um partido, da luta sindical ou de uma escola de quadros nacional ou internacional; nesse 'cursum honorum' político é patente que não se formará militarmente (salvo em detalhes) e não é seguro que a formação política recebida seja a melhor".²⁰⁸

Para Guevara, o atentado e o terrorismo - enquanto atos político-educativos da revolução não devem ser executados de forma indiscriminada. Ele prefere o trabalho em grandes concentrações de pessoas, onde se possa desenvolver a idéia revolucionária, num trabalho metódico de convencimento, a partir do exemplo educativo guerrilheiro.

*"É conveniente a educação dos guerrilheiros desde o primeiro momento do início da luta, explicando-lhes o sentido social da mesma e seus deveres, esclarecendo sua mente, dando-lhe lições de moral que vão forjando o caráter e façam com que cada experiência adquirida se converta em uma nova arma de superação (...)
"Um dos grandes fatores educativos é o exemplo. Por isto os chefes devem constantemente oferecer o exemplo de uma vida cristalina e sacrificada"²⁰⁹*

Durante o processo guerrilheiro cubano, em Minas del Frío, onde havia estabelecido uma base recuada permanente, Guevara criou uma escola de recrutas para produzir combatentes "com educação integral". Além disso, em sua coluna, ele iniciou círculos de estudos diários, evoluindo de história e doutrina militar para política e marxismo. Inclusive, ensinou pessoalmente alguns guerrilheiros a ler e a escrever. A obra de Cervantes D. Quixote também era base para os "cursos de literatura" que ele dava aos combatentes. Como afirmou Harry Villegas Tamayo, que combateu ao lado de Guevara:

²⁰⁶ Cfr. Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, p. 282.

²⁰⁷ Cfr. Guevara, E. *Obras 1957-1967*. Tomo I. Habana, Casas de las Américas., 1970, p. 218.

²⁰⁸ idem, Op. Cit. p.

²⁰⁹ Guevara, Che. *Guerra de Guerrilhas*, p.



"Para Che, a campanha de guerrilha não era apenas um campo de adestramento militar, mas também cultural e educacional. Ele se preocupava com a formação dos futuros quadros da Revolução".²¹⁰

Segundo Che, a guerra revoluciona as pessoas, por isso considera que a experiência mais profunda para um revolucionário é a experiência da guerra. Ele escreveu que o revolucionário deve lutar contra o imperialismo com *"la sensación de cumplir con el más sagrado de los deberes"*. Guevara na obra citada, analisou, sob dois aspectos, a educação para a guerra de guerrilhas: "O Guerrilheiro, Reformador Social" e "O Guerrilheiro Como Combatente", destacando a importância da compreensão política da possibilidade real da morte, em ação, e da própria coragem revolucionária, ao dizer que

"O combatente guerrilheiro deve arriscar sua vida quantas vezes seja necessário, estar disposto a rendê-la sem a menor sombra de dúvida no momento preciso, mas ao mesmo tempo deve ser precavido e não expor-se desnecessariamente"²¹¹

Concordando com Camilo Cinfuegos que dizia aos seus companheiros: *"Aqui no se rinde nadie"*,²¹² Che também organizou pelotões suicidas durante o processo revolucionário cubano, e um dos mais conhecidos foi aquele comandado por El Vaquerito.²¹³ Os pelotões suicidas eram um exemplo de moral revolucionária e nele somente eram aceitos voluntários escolhidos. Segundo Guevara, o revolucionário deve educar por meio da pedagogia do exemplo sobre as verdades e lemas da revolução, com sua capacidade de sacrifício e com seu espírito de fraternidade, pois na campanha guerrilheira um precisa do outro, todos necessitam compartilhar para sobreviver. A conduta do revolucionário é espelho de suas convicções. Daí a alta valorização que tem pela ética da vida de guerrilheiro.

São muitos os escritos de Guevara que se referem à educação, tanto durante a guerrilha como após a vitória dos revolucionários, na consolidação da Revolução. Quando ele recebeu o grau de Doctor Honoris Causa da Facultad de Pedagogia, na Universidad de Las Villas pediu *"que la universidad se pinte de negro, de mulato, de obrero y de campesino, que se pinte de pueblo, porque la Universidad no es patrimonio de nadie y pertenece al pueblo de Cuba..."*²¹⁴ Ele entendia que todos deveriam ter uma nova atitude frente ao trabalho ao se envolver com o trabalho voluntário, em especial os revolucionários com maior responsabilidade. Considerava o trabalho voluntário como "uma escola criadora de consciência". Ressalta, também, a importância da pontualidade

²¹⁰ Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, p. 364.

²¹¹ Guevara, Che. *Guerra de Guerrilhas*. p. 41.

²¹² Guevara, E. Che. *Obras 1957 -1967*. Habana, Casa de las Américas, 1970, p. 200.

²¹³ Idem, p. 409.



nos compromissos. Entregando suas horas de descanso, sua tranquilidade pessoal, sua família ou sua vida à revolução, os quadros do partido devem ser os

"Primeiros no estudo, primeiros no sacrifício, primeiros no entusiasmo revolucionário; a cada momento melhores, mais puros, mais humanos que os demais, assim devem ser os quadros de nosso partido".

"(...) Um militante do partido que vive e vibra em contato com as massas; um orientador que plasma em diretivas concretas os desejos por vezes obscuros das massas (...)"²¹⁵

Che foi um educador político exigente, duro com os indolentes, implacável com os delatores da repressão e com os desertores, tendo como antecedente mediato mais próximo a visão de Augusto César Sandino, para quem a liberdade não se conquista com flores. A coluna de Che, na Sierra Maestra, tinha uma hierarquia: todos começavam fazendo "trabalho braçal" até serem admitidos como combatentes. Assim, para ele, durante a ação, a capacidade do combatente de entregar-se, integralmente - como educador político de seus companheiros - ao processo revolucionário, implica em resistir aos ferimentos, às intempéries, bem como a todo tipo de sofrimento e aos prazeres fáceis, numa vida estóica e espartana:

"O guerrilheiro, como elemento consciente da vanguarda popular, deve ter uma conduta moral que o acredite como verdadeiro sacerdote da reforma que pretende. (...) O soldado guerrilheiro deve ser um asceta"²¹⁶

A influência da mística guevarista, após o êxito da revolução Cubana, também era muito grande; praticamente no mundo inteiro. No Brasil, por exemplo, a VPR e a ALN, quando realizavam algumas de suas ações, chegaram a lançar à rua panfletos que concluíam com as palavras-de-ordem guevaristas: "Criar dois, três, muitos Vietnãs". Marighella declarara, inclusive, em sua última entrevista à revista trotsquista *Front*, antes de ser morto, que "o Brasil será um novo Vietnã".

Após a vitória da guerrilha cubana, e com o passar do tempo, Che deixou de ser considerado dirigente "simpático" à causa soviética, para ser visto como extremista perigoso pelos partidos comunistas; um "maoísta" ou um "trotsquista". Na realidade, qualquer iniciativa política à esquerda da linha soviética era classificada pró-China e pró-trotsquista. Um membro do partido comunista russo, a propósito, foi enviado a Cuba, em 1963, para determinar com precisão a fidelidade ideológica de Guevara, e fez a seguinte avaliação:

"Externamente, podia-se verdadeiramente dizer que, sim, Che Guevara estava contaminado pelo maoísmo, em função de seu slogan de que o fuzil é capaz de

²¹⁴ Guevara, Che. *Obras 1957 – 1967*. tomo II. Op. C it., pp. 34-35.

²¹⁵ Guevara, Che. *Textos Revolucionários*. São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano, 1980, pp.60-1.

²¹⁶ idem, Op. Cit. p. 39



*criar o poder. Certamente, ele pode ser considerado um troskista, porque ele foi para a América Latina a fim de estimular o movimento revolucionário (...), porém, de qualquer modo, acho que esses são sinais exteriores, superficiais, e que bem no fundo, o que tinha de mais profundo era sua aspiração de ajudar o homem com base no marxismo-leninismo”.*²¹⁷

Outro ensinamento visceral de Che, muito acatado pelas organizações guerrilheiras, é o de jamais abandonar um companheiro ferido em ações, a não ser que haja o risco de aniquilamento de todo o pelotão guerrilheiro. Neste particular, Guevara fez um relato pungente de um momento em que tal orientação sua foi levada até os seus limites. Trata-se de um episódio da guerrilha cubana, quando Guevara, acossado pelo exército, foi obrigado a deixar dois companheiros feridos - um deles com a espinha partida. Che assim relatou o momento de se despedir deles:

*“(...) Estuve tentado en aquel momento de depositar en su frente un beso de despedida pero, en mi más que nadie, significaba la sentencia de muerte para el compañero y el deber me indicaba que no debía amargar más sus últimos momentos con la confirmación de algo de lo que él ya tenía casi absoluta certeza. Me despedí, lo más cariñosamente que pude y con enorme dolor, de los combatientes que quedaban en manos del enemigo”.*²¹⁸

Para Guevara, o militante ou o quadro era a coluna vertebral da revolução. E compreendia por “quadro” um dirigente político muito criativo, de bom nível político, com capacidade de análise própria e que conhecesse e praticasse o centralismo democrático. Che afirmava que, além da formação de tais quadros, que se dá nos afazeres diários do trabalho revolucionário, é preciso criar escolas especiais, que os eduquem sistematicamente. Desse modo, sob o ponto de vista de Guevara é fundamental desenvolver diferentes quadros, o que ele sintetizava em três tipos: quadros políticos, quadros militares, e quadros econômicos.

*“Para assegurar o triunfo e a consolidação total da revolução necessitamos desenvolver quadros de diferentes tipos: o quadro político que seja a base de nossas organizações de massas, os que as orientem através da ação do Partido Unido da Revolução Socialista (já se começa a criar tal base, com a criação das escolas nacionais e provinciais de Instrução Revolucionária e com os estudos e círculos de estudos em todos os níveis). Também necessitamos de quadros militares e para consegui-lo podemos utilizar a seleção feita pela guerra em nossos jovens combatentes, já que uma boa quantidade sobreviveu, sem grandes conhecimentos teóricos, mas provados no fogo, testados nas contradições mais duras da luta e de uma fidelidade a toda prova ao regime revolucionário a cujo nascimento e desenvolvimento estão intimamente ligados desde as primeiras guerrilhas da serra. Também devemos promover quadros econômicos que se dediquem especificamente às tarefas difíceis da planificação e às tarefas da organização do estado socialista nesses momentos de criação.”*²¹⁹

²¹⁷ Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, p. 666.

²¹⁸ Guevara, Che. *Obras 1957-1967*. Habana, Casa de las Americas, 1970, p. 271.

²¹⁹ Guevara, Che. *Textos Revolucionários*. São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano, V.3, 1980, p. 47 e 48.



No processo de construção do socialismo Che refere-se aos “retardatários” (não têm o mesmo significado de contra-revolucionários, evidentemente) que se dedicam pouco e lentamente à revolução, e sobre eles afirmou que

“Nossa função não é a de liquidar os retardatários, não é a de esmagá-los e obrigá-los a acatar uma vanguarda armada, mas é de educá-los, de levá-los em frente, de fazer com que nos sigam através de nosso exemplo, a compulsão moral (...) Quem é que não sente a vontade de participar, que não sente a necessidade de fazer, ante o exemplo de seus melhores companheiros que o fazem com entusiasmo, com fervor, com alegria, dia após dia?”²²⁰

Um detalhe que chama a atenção é que tanto Guevara, alguns meses antes de ser executado na Bolívia - como podemos ver nas anotações em seu Diário, no dia 31 de julho de 1967 - quanto Lamarca, antes de ser morto no Brasil, estavam também lendo livros de Trotsky.

Curiosamente, cidades bolivianas onde o guerrilheiro Guevara - que pelo que sabemos, era ateu - foi visto pela última vez o veneram e lhe atribuem milagres. Inclusive, não é difícil encontrar fotografias de Che junto a imagens de Jesus e do Papa, em altares domésticos de muitas casas populares. Talvez porque os povos da América Latina, especialmente, venerem há anos imagens de santos martirizados e ensanguentados, bem como imagens de Cristo, tenha havido identificação popular com as fotografias de Guevara morto. Para esta parcela do povo, Che se sacrificou pelos pobres, amou os povos e morreu injustamente, como Jesus. Segundo a população das localidades bolivianas de Vallegrande e La Higuera, o espírito de Che realiza milagres. Assim, muitos agricultores e pessoas do povo dirigem orações a Guevara e há alguns milagres atribuídos a ele. Por isso, afirmou recentemente um camponês:

Che é “um santo muito milagroso. Tínhamos safras muito ruins nos últimos anos, mas neste ano, pedimos à alma dele e colhemos muita batata, trigo e milho”.²²¹

Para os jovens bolivianos contemporâneos, entretanto, a chamada santidade de Che não interessa muito. A tentativa de torná-lo um novo Cristo ou S. Francisco de Assis dificulta uma avaliação mais objetiva de seu percurso e de seu pensamento, pois tende a retirar seu caráter político e histórico. E, sobre isso, um estudante boliviano foi enfático ao afirmar:

“Ele virou santo para as senhoras daqui, mas nós queremos resgatá-lo por seus ideais”.²²²

²²⁰ idem, p.74.

²²¹ Bertolotto, Rodrigo. Che Vira Santo Ernesto de la Higuera. Folha de São Paulo, 22 de junho de 1997. Mundo. pgs. 27, 28,

²²² idem, p. 28.



3.5.5. Mao-Tsé-Tung

Na juventude de Mao, a China tinha por senhores os estrangeiros; os quais chegavam a colocar, na entrada dos seus estabelecimentos, o humilhante cartaz: “*Proibido a cães e a chineses*”. Apenas 13% da população rural detinha 81% das terras cultiváveis e, mesmo nos anos 30 e 40, a China não passava de um país agrário.

Lenin e Trotsky foram produto de um processo revolucionário e interagiram nesse processo aproximando-se mais do “clássico”, sob a ótica marxista: peso expressivo do proletariado na mobilização e sob a direção de um partido marxista-leninista. Mao, entretanto, aparece num

*“processo diverso, contraditório, apaixonante, que culminou com a tomada do poder no país mais explorado pelo imperialismo mundial em toda a sua história, mas onde, apesar disso não se puderam destruir os traços mais ancestrais, que deram um caráter específico às formas e organismos da Revolução Chinesa”.*²²³

Mao é uma das principais figuras na fundação do Partido Comunista chinês. Por orientação de Stalin, após muita discussão, o Partido Comunista Chinês ingressou no Kuomintang, em 1925, pois a concepção etapista do stalinismo previa que na China só estava colocada na ordem do dia uma revolução democrático-bruguesa, antes da socialista. O Kuomintang era um partido nacionalista burguês. Mao tornou-se responsável pelo Instituto de Formação do Movimento camponês do Kuomintang, verdadeira escola de quadros revolucionários, à qual ele empreendeu seus melhores esforços de educador político. Mao também era educador por formação, pois licenciou-se, em 1918, na escola normal de Changsha, onde depois trabalhou como professor. Assim, a necessidade de educar os camponeses sempre lhe foi muito cara, inclusive em seu *Informe Sobre Una Investigacion Del Movimiento Campesino En Junan*, em março de 1927, Mao escreveu:

“No está lejano el día en que se verán surgir decenas de miles de escuelas en las aldeas de toda la provincia; eso será muy diferente de la vana charlatanería de

²²³ Moreno, Nahuel. *Revolução Chinesa e Indochinesa*. pp. IV e V.



*los intelectuales y de los llamados 'pedagogos' en torno a la 'educación universal', que, a pesar de toda su alharaca, jamás ha pasado de ser una frase hueca."*²²⁴

Alguns anos mais tarde deu-se o fim da colaboração com o partido nacionalista Kuomintang, após o massacre dos comunistas, sobretudo em Shangai, Pequim, Cantão e nas zonas rurais mais conflituosas. Em 1927, Mao se retira para os montanhas e concita o Comitê Central a remover o Partido das cidades para o campo. Para Mao, o campesinato se transforma numa força social importante, por isso ele vê nos países subdesenvolvidos economicamente, e não nos países capitalistas avançados, o cenário provável da revolução socialista. Por causa de suas situações explosivas, escreveu que, em condições de descontentamento, de greves operárias, de insurreições camponesas, de mobilizações estudantis, uma fagulha pode incendiar a pradaria. Ou seja, forças revolucionárias, inicialmente pequenas, poderão desenvolver-se rapidamente. Nos países subdesenvolvidos, o campesinato é incorporado como um agente da transformação revolucionária. Para educar os camponeses para a realização das grandes tarefas, além de uma visão política dos grandes objetivos, os revolucionários devem estar atentos ao imediato, desse modo, em seu texto *Preocupemonos por las Condiciones de Vida de las Masas*, Mao afirmou que:

*"Propongo seriamente a este Congreso que prestemos gran atención a los problemas relativos a la vida de las masas, desde los de la tierra y el trabajo hasta los del combustible, el arroz, el aceite y la sal. Las mujeres quieren aprender a arar y a gradar la tierra. A quiénes enviar para que les enseñem? Los niños quieren ir a la escuela. Hemos abierto escuelas primarias? El puente de madera que tenemos enfrente es demasiado estrecho y la gente corre el riesgo de caer. No debemos repararlo? Muchas personas padecern de furúnculos u otras dolencias. Qué vamos hacer para curarlas? Todos estos problemas relativos a la vida de las masas deben figurar en nuestro orden del día."*²²⁵

Na sua ótica, todas as pessoas devem ter a oportunidade de reeducar-se. Exemplo forte disto foi o próprio chefe do Exército Vermelho, Chu-Té, que tivera uma vida devassa, viciado em álcool e ópio, antes de se tornar revolucionário. Assim, a partir de 1928, Mao afirmava que, inclusive, muitos vagabundos ou marginalizados rurais, e outras pessoas semelhantes, poderiam ser reeducados em vanguarda combativa proletária, através de uma combinação do estudo e da participação na prática revolucionária.

*"Em pouco tempo, alguns líderes de bandos de salteadores que habitavam a região se agregaram às forças de Mao, sob a promessa de que seus homens seguiriam as regras impostas aos soldados"*²²⁶

²²⁴ Tsé-Tung, Mao. *Obras Escogidas*, Tomo I, Caracas, Editorial Fundamentos, 1974, p.54.

²²⁵ Tsé-Tung, Mao. *Obras Escogidas*, Tomo I, Caracas, Editorial Fundamentos, 1974, p.161.

²²⁶ Garza, Hedda. *Mao Tsé-Tung*. coleção Os Grandes Líderes. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988, p. 10.



Em toda a obra de Mao, aliás, o campesinato aparece como força revolucionária, com um peso que nenhum marxista havia, anteriormente, colocado. Em Mao encontramos, na teoria do partido e na relação com as massas camponesas, uma importante originalidade. Ele defendia a necessidade de uma atividade política e militar centrada no campo, através da ação guerrilheira, com o objetivo de organizar bases para o enfrentamento do poder repressivo estatal. Por causa disso, Mao foi muitas vezes acusado - entre outras coisas - de privilegiar a organização rural, em vez de urbano, e de substituir os operários pelos camponeses, enquanto base social da revolução. Na realidade, Mao, para salvar o movimento camponês do aniquilamento, rompeu, de fato, com a disciplina stalinista e negou-se a abandonar o campo para atacar as cidades. Há semelhanças e diferenças entre o maoísmo e o stalinismo.

Por essa sua "heresia" Mao foi privado, inicialmente, de qualquer posto dirigente na estrutura partidária. Entretanto, a realidade deu razão a Mao: as tentativas insurrecionais nas cidades foram esmagadas, mas as bases guerrilheiras resistiram ao cerco feroz do Kuomintang, e evitaram o extermínio. Foi no transcorrer dessas campanhas que Mao desenvolveu suas táticas de luta guerrilheira, evitando ataques frontais ao inimigo, que era superior em homens e armas.

"Cuando el enemigo avanza, retrocedemos; cuando acampa, lo hostigamos; cuando se fatiga, lo atacamos; cuando se retira lo perseguimos".²²⁷

Com as experiências vitoriosas de Mao e de Guevara, o trotsquismo admite a guerra de guerrilhas como "vanguarda circunstancial da revolução, em circunstâncias excepcionais".²²⁸ Inclusive, no interior da IV Internacional, o dirigente Ernest Mandel propôs uma política de adaptação dos partidos, alinhados com sua corrente, à guerrilha guevarista.

Em setembro de 1926, Mao escreveu *A Revolução e o Movimento Camponês*, onde assinalava que o problema camponês é o problema central da revolução nacional. No desenvolvimento de guerrilhas, Mao escolhia regiões mais fáceis de defender e mais difíceis de atacar. Ele definiu nova concepção e funções para o combatente, na base de três tarefas centrais: combater, mobilizar massas e mobilizar recursos econômicos. Utilizando sua experiência de educador político, sistematizou regras de disciplina, tais como: não retirar dos prisioneiros objetos pessoais, entregar tudo que tivesse

²²⁷ Tsé-Tung, Mao. *Obras Escogidas*. Tomo I, Caracas, Editorial Fundamentos, 1974, p.133.

²²⁸ Cfr. Moreno, Nahuel. Op. Cit. p. XXIII.



sido capturado, e não tomar banho sob a vista das mulheres. Mao sintetizou, a propósito, oito regras fundamentais para os combatentes:

"1. Toma a colocar todas as portas, quando abandonares uma casa, 2. Toma a arrumar a palha em que dormiste, 3. Procura ser cortês e bem educado com o povo e ajuda sempre que possas, 4. Restitui tudo o que emprestares, 5. Substitui tudo que quebraste, 6. Trata de ser honesto nas transações com os camponeses, 7. Paga tudo que comprares, 8. Procura ser limpo e, em especial, faça as privadas longe das habitações".²²⁹

Mao educou seus combatentes para serem corteses e ajudarem os camponeses, prestando-lhes assistência no plantio e na colheita. Quem praticasse estupro - que antes era considerado menos sério do que o roubo ou a tortura - passou a ser punido com a morte. Mao sabia que os soldados do exército regular eram, em geral, indisciplinados, estupradores, ladrões e assassinos, por isso zelava pelo bom comportamento dos revolucionários. Também punia com a morte a deserção em combate, a desobediência debaixo do fogo, a traição, o homicídio, e a pilhagem. Seu trabalho político visava unir os revolucionários e o povo, explorando as fissuras do inimigo. Julgava que, por meio de um processo educativo, era possível transformar "escravos bestializados" em "combatentes valorosos e conscientes", por isso, em geral, tratava os prisioneiros inimigos com correção, alimentava-os bem e cuidava dos feridos, depois, eram reunidos para ouvirem palestras, onde os objetivos e as razões da revolução dos camponeses e dos operários eram expostos e comentados. Muitos deles eram convidados a se integrarem no Exército Vermelho, e a outros era dada a liberdade, pois Mao estava convencido de que vários prisioneiros libertados transformavam-se em agentes de propaganda da revolução.

"Nosso trabalho político no exército tem três princípios cardinais: primeiro, a unidade entre oficiais e soldados; segundo, unidade entre exército e povo, e terceiro, desintegração das forças inimigas".²³⁰

Apesar de entender que a igualdade absoluta nunca poderá existir, nem mesmo sob o socialismo, Mao considerava que a tarefa central, e a forma mais elevada de toda revolução, é a tomada do poder através das armas, isto é: a solução do problema da desigualdade social começa a ser decidido por meio da guerra. As armas constituíam, portanto, o instrumento principal de canalização da luta de classes. Mao considerava a ação política e a ação militar como uma unidade, talvez devido aos muitos anos em que conviveu com a guerra, preocupando-se, simultaneamente, com os objetivos de caráter militar tanto quanto os de caráter político. Assim, ele considerava a própria a luta

²²⁹ Krieg, E. *Mao Tsé-Tung - O Imperador Vermelho de Pequim*. Caracas, Otto Pierre Editores, pp. 61 e 62.

²³⁰ Saint-Pierre, Hector Luiz. *Considerações Sobre a Teoria da Guerra Revolucionária de Mao Tsé-Tung*, p.167. In: *Crítica Marxista*, V. 1, Tomo 4, São Paulo, Xamã, 1997.



política como um combate, sem derramamento de sangue, ainda que nela continuassem a reger as características da guerra. Mao escreveu que o Exército Vermelho deveria, em primeiro lugar, conservar suas forças e, em segundo, aumentá-las, sendo que a principal fonte de suprimento (alimentos, armas e munições, principalmente) era o exército inimigo. O maoísmo atribuía importância à "luta armada contra o imperialismo e o feudalismo", conferindo grande destaque à revolução agrária, que considera a principal força da revolução democrática nacional que deverá preceder a revolução socialista. Para Mao, era necessário proceder, o mais rápido possível, à criação de exércitos regulares, permanecendo, as guerrilhas, como auxiliares. As formações guerrilheiras têm duas funções básicas: a primeira é a de auxiliar o exército regular revolucionário na ação de desgaste e sabotagem das forças inimigas, a segunda é de caráter pedagógico: trabalhar na tarefa de conscientização política nas bases de apoio, e na formação e educação de quadros para integrar as milícias, a guerrilha ou o próprio exército revolucionário. Mao esteve sempre atento para as questões políticas da guerra e também por isso foi acusado de militarizar a política. Na área rural, a revolução, sufocada nas cidades, em 1927, desenvolveu-se com a tática maoísta de cerco das cidades pelo campo. E, em 1938, Mao escreveu seu texto **Problemas Estratégicos das Guerrilhas Anti-japonesas**, que, depois, seria muito lido em toda América-Latina. Ele ensinava o método de aprender a combater no curso mesmo da guerra.

A Revolução chinesa não foi um movimento linear, ao contrário, sofreu sérios reveses. O mais grave foi a "Quinta Campanha de Cerco e Aniquilamento" que os revolucionários sofreram por parte do Kuomintang, forçando-os a recuarem. Enquanto esquadrões de revolucionários suicidas distraíram a atenção do inimigo, o grosso da tropa de Mao iniciava a chamada Longa Marcha, uma das maiores façanhas militares registradas, que cruzou desertos, pântanos e montanhas, utilizando como alimentação até mesmo grama e cascas de árvores, numa caminhada de 16 mil quilômetros, ensanguentados, cobertos de cicatrizes e de parasitas, descalços ou com os pés envoltos em ervas e tiras de panos, carregando centenas de feridos. Apenas cerca de 10% dos revolucionários conseguiu sobreviver para se recompor e reiniciar a luta, mas a medida que a marcha prosseguia, camponeses juntavam-se aos revolucionários. Alguns autores escreveram que a Coluna Prestes antecipou aspectos da luta guevarista e maoísta²³¹. Para Mao, tanto estudar, como praticar, são formas de aprender, mas a

²³¹ "Não se insistirá demais na extraordinária clarividência estratégica que presidiu a marcha de 30.000 km da Coluna Prestes. Mais de trinta anos antes da vitoriosa luta guerrilheira conduzida em Cuba por Fidel



prática é a forma de aprendizagem mais elevada. De qualquer forma, ele considera que “o importante é saber aprender”. Desse modo, para educar estes camponeses que aderiam às fileiras revolucionárias, Mao organizou um Programa de Estudo e Marcha, que era ministrado pelos revolucionários que, por sua vez, haviam passado por extensos programas de educação política, por isso ele chegou a afirmar:

“Aprenda com as massas e depois ensine-as”.²³²

A Longa Marcha mostrou a capacidade estratégica e política de Mao para desenvolver a Guerra Popular Prolongada; trata-se de um tipo de guerra em que a capacidade bélica do exército mais fraco - numa situação adversa - aumenta e se desenvolve com o transcorrer dos anos. É como, nestas condições, o tempo favorece os revolucionários, estes devem evitar o combate frontal com as forças mais numerosas do inimigo, substituindo o aniquilamento pela manobra e o desgaste. A retirada é uma estratégia que visa ganhar tempo, preparando a contra-ofensiva oportunamente, e força o inimigo a perseguir os revolucionários em retirada e ter que combater quando estes assim o decidirem. Para o maoísmo, a defensiva não é contrária à ofensiva.

*“La revolución y la guerra revolucionaria son una ofensiva, pero también implican defensiva y retirada. Esta es la única afirmación enteramente justa. Defenderse a fin de atacar, retirarse a fin de avanzar, atacar el flanco con miras a atacar por el frente y dar un rodeo a fin de tomar el camino directo: todo esto es inevitable en el proceso de desarrollo de muchos fenómenos y con mayor razón en las operaciones militares.”*²³³ (...)

“(...) No obstante, una contraofensiva no es exactamente una ofensiva. Los principios de la contraofensiva se aplican cuando el enemigo está a la ofensiva, y los principios de la ofensiva cuando el enemigo está a la defensiva”.²³⁴

Mao quebrava o cerco estratégico do inimigo que visava o aniquilamento dos revolucionários, através do cerco tático contra partes do exército repressor. Um estudo sobre Mao assim interpreta suas idéias:

“Há duas coisas que o estrategista deve procurar numa guerra: a iniciativa e a liberdade de ação. Muitos imaginam que a iniciativa pertence apenas a quem ataca e que aquele que se defende o faz reativamente e obrigado pelas circunstâncias. Quem pensa assim, não compreenderá a decisão de Mao por uma guerra prolongada na defensiva; não entenderá - como os ‘ultra-esquerdistas’ - o significado estratégico de entregar território para ganhar tempo; achará que ‘ter feito com que o inimigo penetrasse profundamente’ foi apenas uma

Castro e Ernesto Guevara e uma década antes da Longa Marcha dos comunistas chineses dirigidos por Mao Tsé-Tung, a guerrilha dos ‘tenentes’ aplicou, com muito menos sucesso, mas com igual grandeza histórica, o princípio revolucionário da propaganda armada desenvolvida por uma coluna móvel estratégica”. In: Quartim de Moraes, J. *A Esquerda Militar no Brasil*. p. 160.

²³² Garza, Hedda. *Mao Tsé-Tung*. coleção Os Grandes Líderes, São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988, p.25.

²³³ Tsé-Tung, Mao. *Obras Escogidas*. Tomo I, Caracas, Editorial Fundamentos, 1974, p. 220.

²³⁴ Idem, p.243.



consequência óbvia da perseguição que o exército do Kuomintang realizou sobre as tropas revolucionárias e não um stratagema destas".²³⁵

Coerente com tais idéias, notadamente com a de guerra popular prolongada, o maoísmo combateu implacavelmente. Até que, vitorioso, Mao Tse-Tung proclamou, em 1949, a fundação da República Popular da China.

Mesmo considerando que se pode aprender com a experiência revolucionária de outros povos, na visão de Mao cada revolução é uma revolução com especificidades, por isso criticou aqueles que tentavam copiar a Revolução Russa, ignorando as condições particulares da China. Em alguns aspectos, Mao afastou-se do rígido doutrinação stalinista e apontou uma outra via para o comunismo chinês, passando a ser, neste sentido, um pólo renovado para a esquerda e extrema-esquerda mundiais. Nos anos 40, Mao escreveu os seguintes textos, cujos títulos evidenciam sua busca de renovação: "Retifiquemos o estilo de trabalho no Partido", "Contra o estilo de clichê do Partido", "Reformemos nosso estudo".

Divergindo, em alguns aspectos, da política de Stálin, disse Mao:

"Os camaradas da Escola do Partido jamais devem considerar a teoria marxista como um dogma sem vida".²³⁶

A educação política proporcionada pelo Partido deve visar o coletivo, concentrando todos os militantes na causa comum que é a luta revolucionária:

"Os estudantes de nossa Escola de Partido devem dar atenção a este problema. Edificaremos um partido centralizado e unificado e nos desvencilharemos de toda luta fracionista sem princípios. Para que o nosso Partido marche a um só passo e lute por um objetivo comum, termos de combater o individualismo e o sectarismo".²³⁷

Em princípio - durante a educação política - muitos podem errar, não aceitando corretamente as orientações ideológicas e políticas aprovadas e implementadas pelo Partido. Se isso vier a acontecer, é preciso avaliar o militante e o erro cometido. Quando isso ocorrer, o que deverá ser feito? Mao respondeu que:

"Se uma pessoa que cometeu erros não oculta sua doença por temer o tratamento nem persiste em seus erros a ponto de tornar-se incurável, mas, honesta e sinceramente, deseja curar-se e corrigir-se, devemos acolhê-la e curar sua doença, para que se converta em um bom camarada. Jamais teremos êxito se, deixando-nos levar por impulsos momentâneos, a fustigarmos sem moderação. Não se pode tratar com asperezas os males ideológicos ou políticos. É preciso adotar o único método correto e eficaz: "tratar a doença para salvar o paciente".²³⁸

²³⁵ Saint-Pierre, Héctor Luis. *Considerações Sobre a Teoria da Guerra Revolucionária de Mao Tsé-Tung*. Op. Cit. p.173.

²³⁶ Sader, Eder. *Mao-Tse-Tung*. São Paulo, Edif. Ática, 1962, p.72.

²³⁷ *idem* Op. Cit. p. 67

²³⁸ *idem*, Op. Cit. p. 72.



Mao também afirmou que - como ninguém é infalível- é necessário fazer uma fraterna distinção, pois entre aqueles que agiram mal, muitos foram sinceros, por isso carecem da ajuda de todos, a partir de uma crítica bem fundamentada do erro cometido:

*"Alguns dizem ser necessário observar se os camaradas que erraram se corrigem ou não. Eu diria que não basta observar; há que ajudá-los a se corrigirem. Isto implica, por um lado, observar; por outro, ajudar. Todos necessitam de ajuda. Dela necessitam os que não erraram e, com maior razão, os que erraram. Poder-se-ia dizer que ninguém é infalível e que, uns mais, outros menos, todos erramos. Quando alguém incorre em erro, precisa de ajuda. Limitar-se a observar é uma atitude passiva. É necessário criar todo tipo de condições para ajudá-lo a corrigir-se. Devemos distinguir claramente o certo do errado, pois as controvérsias de princípio no Partido são o reflexo, dentro dele, da luta de classes na sociedade e não admitem nenhuma ambigüidade. É normal que, conforme o caso, se façam críticas adequadas e bem fundamentadas aos camaradas que erraram e, inclusive, que se lute contra eles, na medida do necessário. Isto se faz com o objetivo de ajudá-los a se corrigirem. Recusar-se a ajudar os camaradas que cometeram erros e, inclusive, alegrar-se com sua desgraça é uma atitude sectária"*²³⁹

Como já pudemos mencionar, a prática educativa do Partido deve fortalecer a fibra de seus militantes, pois o processo revolucionário implica, também, numa alta porcentagem de sofrimento e violência, com possíveis perdas, inclusive de pessoas amigas, familiares ou conhecidas:

*"Fazer a revolução não é o mesmo que convidar para um banquete ou escrever uma obra, nem pintar um quadro ou fazer um bordado. Não pode ser uma coisa tão elegante, tão tranqüila e delicada, tão aprazível, meiga, gentil, moderada e magnânima. A revolução é uma insurreição, é um ato de violência pelo qual uma classe derruba a outra"*²⁴⁰

Nenhum militante vivo pode ser considerado revolucionário para todo o sempre; espreitando-o, há sempre o risco da capitulação, do medo, da acomodação ou do oportunismo. Estes riscos acompanham sempre a ação revolucionária e a prática partidária de qualquer militante. A rigor, cada momento concreto de atuação requer que o militante deva ser incessantemente convencido da justeza da causa revolucionária, e da necessidade de engrossar as fileiras do partido:

*"Como temos dito, uma casa deve ser varrida regularmente, do contrário, a poeira vai-se acumulando; as nossas caras devem ser lavadas regularmente pois, doutro modo, acabam por ficar cheias de poeira. A mente dos nossos camaradas e o trabalho do nosso Partido igualmente podem ficar cobertos de poeira, razão porque devem ser varridos e lavados também"*²⁴¹

"Para assegurar que o nosso partido e o nosso país não mudem de cor, devemos não somente dispor duma linha e duma política corretas, mas também educar e

²³⁹ Idem, Op. Cit. p. 185.

²⁴⁰ Idem, Op. Cit. p. 42.

²⁴¹ Mao. O Livro Vermelho. São Paulo, Global Editora, 1972, p. 282.



formar dezenas de milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado (...)

"Em todas as nossas organizações, desde as superiores às de base devemos, por toda parte, dispensar uma atenção constante à educação e formação dos continuadores da causa revolucionária".²⁴²

²⁴² idem, Op. Cit. p. 300-1.



Capítulo IV

Conclusões





4.1. A leitura das matrizes revolucionárias pela extrema-esquerda como fundamento da sua prática educativa

Há grandes controvérsias no movimento revolucionário internacional, tais como entre o marxismo e o anarquismo, bolchevismo e menchevismo, ortodoxia e revisionismo, nacionalismo e internacionalismo, podendo ser citadas, ainda, as que existem entre trotsquismo, stalinismo, guevarismo, maoísmo, entre outras. Tais controvérsias abrangem as questões básicas da revolução; programa, estratégia e tática da luta revolucionária. Nosso estudo também se situa no interior dessas controvérsias.

Cada uma dessas "correntes" educa tendo em vista o tipo de militante que quer formar. Em termos de postura pedagógica, a extrema-esquerda considera que, na militância, é fundamental a ousadia e a "humildade revolucionária", notadamente na ação político-educativa do seu cotidiano, principalmente quando a revolução não está posta na ordem do dia. A relação entre o partido de extrema-esquerda e as massas é uma relação pedagógica, na qual seus militantes se "proletarizam".

"A aprendizagem e o ensino encontram-se em constante interação, mesmo entre os quadros revolucionários, que se devem tornar capazes de renunciar à arrogância teórica. (...)"²⁴³

"A relação entre a vanguarda e as massas em período não-revolucionário é antes de mais nada uma relação pedagógica de mediação. (...)"

"Quando falamos de processo pedagógico, não esquecemos, evidentemente, o caráter dialético desse processo, no qual não existe uma verdade acabada que é transmitida de maneira passiva a uma multidão que se supõe ignorante, mas antes um metabolismo de experiências, um fluxo constante de impressões e de idéias, entre a massa menos politizada e a vanguarda organizada. Só quando este fluxo é firmemente estabelecido nos dois sentidos a vanguarda terá superado, definitivamente, o risco de se tornar uma seita ou uma capela (...)"²⁴⁴

Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mao e Guevara consideravam que a educação e formação política dos trabalhadores é um dos elementos para a tomada de consciência

²⁴³ Mandel, Ernest. *A Teoria Leninista da Organização*. São Paulo, Aparte, 1984, p.117.

²⁴⁴ Idem, Op. Cit., p. 139.



de classe, e que não se pode suscitar a consciência revolucionária somente com a educação, a propaganda, a agitação, etc. Para eles, apesar de suas diferenças táticas e estratégicas, a organização revolucionária é o instrumento que possibilita a assimilação do pensamento revolucionário. Assim, eles também tentaram responder a três questões fundamentais: 1. Como organizar para a revolução, inclusive em nível internacional? 2. Como educar os revolucionários e o povo? 3. Como devem agir os trabalhadores? Para estes autores, a revolução não é apenas a transformação da sociedade, mas implica, também, na transformação dos homens, de sua consciência, de seus costumes, valores e hábitos.

Para tais autores – ou matrizes revolucionárias - a luta contra a ordem capitalista se dava em três frentes: na esfera política, na esfera econômica e na esfera teórica; ao que parece, quem mais explicitou tal idéia foram Engels e Lenin. Todos os autores citados inicialmente, consideram que, como os acontecimentos ensinam, a organização revolucionária – seja do tipo guerrilheira ou do partido - permitem uma educação assistemática, através do processo histórico e da vida diária (há a participação militar na guerrilha, no caso da escola militarista e há a participação nas ações partidárias, em greves, ocupações, passeatas, mobilizações de forma geral, etc, no caso da escola massista), mas entendem que tal educação é insuficiente em si mesma; daí que as organizações oferecem, também, uma educação sistemática para educar seus militantes e sua área de influência, por meio de estudos teóricos. Os militantes também sugerem entre si a leitura de livros. Nos cursos iniciais de formação o militante aprende e discute noções gerais de organização, de marxismo, de teoria da revolução como fundamento educativo, e de questões de filosofia e socialismo. Com relação às massas, a extrema-esquerda considera que a elevação do nível educativo, cultural e técnico dos trabalhadores é estratégica na perspectiva de tomada, manutenção e exercício do poder por essa classe, uma vez que o proletariado brasileiro parte de um atraso cultural e político-educativo muito grande.

“O essencial é que busquemos educar as massas no sentido de que elas devem governar (...)”²⁴⁵

Em suma, para esses autores, o revolucionário, enquanto educador político, deve instruir, educar, organizar, convencer, atrair para o socialismo os trabalhadores e o povo. Como a extrema-esquerda tem sido composta por pequenas organizações, ela procura privilegiar um setor avaliado como mais dinâmico, e a maioria dos revolucio-

²⁴⁵ Caderno Desafio n.º 2. Teses Programáticas para a Revolução Mundial. (PSTU) São Paulo, Editora Desafio, agosto/1994, p. 32.



nários trabalhará sobre ele; doutra forma - trabalhando em muitas frentes - se dispersariam as forças. Dependendo de qual seja a inspiração das organizações de extrema-esquerda nas citadas matrizes políticas, há opções diferentes de quais setores seriam mais dinâmicos: por exemplo, no guevarismo e no maoísmo é o exército guerrilheiro apoiado na população rural; no trotsquismo, o proletariado, organizado pelo partido, é o sujeito social da revolução socialista.

Há uma outra característica comum aos matizes leninista, trotsquista, maoísta, guevarista, stalinista que é o fato de se julgarem possuidores de uma teoria da história que lhes garante quais são as "leis objetivas do desenvolvimento histórico". Por isso se consideram guias pedagógicos e vanguardas, construindo uma sociedade mais justa. Entretanto, os trotsquistas (e leninistas) não defendem um partido de massa formado exclusivamente por quadros, porém julgam que ele deve ser, inicialmente, uma organização apenas de militantes. A rigor, somente os militantes que mais se destacam e os mais qualificados se tornam quadros. Segundo o marxismo-leninismo, quando a classe operária se estrutura como classe consciente, estará estruturada como partido. E entende a classe operária como uma classe muito heterogênea: por isso há uma pequena vanguarda avançada junto a uma grande massa indiferente que apenas se interessa por maiores salários. A consciência de classe concentra-se na vanguarda. E, mesmo quando a classe operária está madura para a revolução, esta poderá não acontecer, se não estiverem presentes dirigentes revolucionários. Para o trotsquismo, há uma crise mundial de dirigentes revolucionários.

*"Por estas razões o partido, que é a expressão da consciência de classe, não pode surgir nestes setores tão atrasados, não pode atuar nessas camadas tão grandes da classe operária, mas somente em seu setor minoritário, em sua vanguarda. Assim se entende que o partido revolucionário tem que ser minoritário, não pode abarcar toda a classe operária, porque, para isso, teria que abandonar seu programa. Outra coisa é que, nos momentos de grande agitação, esta pequena vanguarda arraste a grande massa operária radicalizada que excepcionalmente se funde com sua vanguarda. Torna-se muito belicosa, quer destruir tudo o que encontra, inclusive torna-se mais ofensivo que a vanguarda. Mas, esta é uma etapa excepcional de grande radicalização e os operários não podem estar radicalizados sempre, se cansam e retrocedem. Consequentemente, a consciência de classe concentra-se na vanguarda, a qual não é automaticamente partido e que ainda terá que se organizar em torno de idéias claras da política proletária: esta vanguarda organizada é o partido, que por sua vez é somente uma parte da vanguarda".*²⁴⁶

Para a extrema-esquerda, os movimentos de massa, tais como de mulheres, de negros e de homossexuais não podem dispensar a existência de partidos; a ação dos

²⁴⁶ Lora, Guillermo. *Teoria Marxista do Partido Político*. Série Teoria Revolucionária nº7, São Paulo, Causa Operária, 1987, p.13.



militantes desses movimentos é dupla: devem atuar em suas lutas específicas e nos partidos políticos²⁴⁷. O partido deve formar seus quadros, inclusive teoricamente, pois como o operário normalmente não lê livros, nem pode estudar profundamente, a não ser como exceção, o fermento da consciência de classe vem de fora. Por sua vez, os intelectuais se proletarizam quando se identificam com os interesses do proletariado, na atividade revolucionária diária.

“O grupo portador da ciência social é um grupo pequeno, com muitos vícios do círculo de intelectuais e, para ser o fermento da transformação, tem que criar os canais que unam a classe a essa magnífica vanguarda. Esse conjunto de sábios, que por si sós não podem transformar nada, tem que formar seus primeiros quadros operários, caso contrário não poderão atuar sobre a classe. Como irão fazê-lo? Com a oratória dos intelectuais? Com o discurso dos estudantes? Com os panfletos? Não. Tudo isso é auxiliar, a única forma de atuação do partido na massa é através de seu militante operário organizado em célula, no local de trabalho. Mas para isto, esse partido terá que assimilar os elementos de vanguarda, transformá-los, convertê-los em revolucionários profissionais. É uma escola em cujas fileiras, estudantes e operários deixam de ser, em certa medida, estudantes e operários, para adquirirem a categoria de revolucionários profissionais. Os estudantes têm que abandonar sua arrogância pequeno-burguesa, seu individualismo, seu paternalismo sobre os operários ignorantes. Os operários, por sua vez, têm que aprender a pensar, livrar-se da alienação do trabalho, têm que libertar-se da bestialização do trabalho capitalista (estar 8 horas preso à máquina fazendo a mesma operação), fazer funcionar a cabeça, aprender a generalizar. Nesta medida, ambos irão se transformar neste trabalho no interior da classe. Em resumo, quando o partido enfrenta sua grande prática revolucionária, vai se transformar ao transformar a classe, programática e organizativamente, vai variar sua qualidade social”²⁴⁸

Desde 1985, na avaliação de um setor da extrema-esquerda de inspiração trotsquista, a crise mundial pela qual passa a esquerda tem feito esta capitular, na luta política frente à burguesia. Conforme avalia, nesta capitulação a maioria dos partidos de esquerda também se travestem de “realismo político”.

“El ascenso revolucionario mundial siguió poniendo en crisis a los aparatos reformistas de “izquierda”(...)”

“Esta tremenda capitulación a la ofensiva de la derecha y la presión del imperialismo en su propio centro, obligó a la mayoría destas organizaciones a abandonar el camino de la organización revolucionaria (...) Todas ellas rechazaron como utópicas e irrealizables las caracterizaciones de nuestro partido y nuestras publicaciones.”²⁴⁹

Não obstante, mesmo considerando a situação mundial na qual, por diferentes razões, a extrema-esquerda é marginal e, portanto, não tem influência de massa em nenhum país do mundo, ela entende que seus militantes devem ser educados com

²⁴⁷ Okita, Hiro. *Voz da Unidade, Hora do Povo, O Trabalho, Convergência Socialista*. O que a Esquerda Pensa Sobre o Homossexualismo. *Homossexualismo: da opressão à Libertação*. SP: Proposta editorial, s/d.

²⁴⁸ Lora, Guillermo, Op. Cit., p. 22.

²⁴⁹ *Correo Internacional*, Argentina, impresso em “Graffiti”, nº15, diciembre 1985, p. 43.



audácia suficiente para atuarem nas raras ocasiões de “crises revolucionárias”, e para repudiarem o “possível histórico”. Sob seu ponto de vista, tal concepção radical

“Se asienta en la convicción apasionada de Lenin e Trotsky en que ellos y sus organizaciones existían para actuar sobre la lucha de clases, para hacer la revolución, no para plantear políticas “posibles”, según unas condiciones “objetivas” que ellos no se sentían capaces de modificar.”

“O “posibilismo” es un cáncer que impide intervenir en forma revolucionaria en cualquier lucha de clases, incluso en la más defensiva de las huelgas del más estable de los países. Pero ese cáncer es mortal en las situaciones revolucionarias agudas, ya que en ellas el “factor subjetivo” adquiere un peso decisivo. Cuando las masas se lanzan al asalto contra el viejo sistema y éste tambalea en su crisis agónica, la acción de una pequeña organización revolucionaria puede adquirir un peso objetivo: definir la situación con un triunfo revolucionario (precisamente por eso, en esas circunstancias cuando la pequeña organización, si tiene una clara política revolucionaria y la audacia necesaria, puede, en pocos meses o semanas, ganar influencia de masas). Pero, si ha sido educada en el “posibilismo” durante toda su existencia anterior, será totalmente incapaz de formular tal política e de adquirir tal audacia.”²⁵⁰

Apesar de Guevara ser representativo da extrema-esquerda militarista, ele pode ser citado aqui como outro exemplo, na linha do que estamos afirmando. Podemos observar que ele não tinha uma visão puramente voluntarista, mas considerava que a vanguarda podia forçar a marcha dos acontecimentos, dentro do que é objetivamente possível. O que é “objetivamente possível” somente seria conhecido tensionando-se ao máximo a luta e aprofundando-a ininterruptamente. Por isso Che “exigia o impossível”.

Apesar de algumas diferenças na interpretação, a idéia de centralismo democrático foi acatada por praticamente quase todas as organizações de extrema-esquerda brasileira, visando a subordinação do pessoal ao coletivo, a submissão da minoria à maioria. Na clandestinidade o centralismo democrático é mais rígido. Quando não é possível o centralismo democrático há o surgimento de dissidências.

“Un partido para poder enfrentar al régimen, un partido que se construye para la acción debe ser centralista. (...) Centralista es el partido superdisciplinado en su accionar e internamente con extraordinária democracia.(...)”

“¿Cuanto de centralismo y quanto de democracia debe haber en el partido? Es relativo al momento que vive el partido. Si la situación es de clandestinidad el polo centralista y de la disciplina será el determinante, pesará más que el democrático. Si hay mucha legalidade será este último el de mayor peso, pero siempre el polo centralista y disciplinado subsiste. No hay una fórmula estricta de cómo actúan los dos polos, depende de la etapa por la que atraviesa el partido.”²⁵¹

Há uma relação entre a organização de extrema-esquerda e a formação de sua militância. Para tais organizações a ação não deve ser espontânea, nem muito menos imediatista; também não pode ser “pragmática”, no sentido de dispensar a teoria. As or-

²⁵⁰ Idem, p. 11.

²⁵¹ LIT - Documento: Conceptos Elementales Sobre la Construcción del Partido. Argentina: enero/1984, p. 3.



ganizações de extrema-esquerda entendem que o recrutamento indiscriminado e duvidoso de militantes produz uma baixa qualidade de trabalho político, sem considerarmos também que tal prática facilita uma grande infiltração policial. Tal recrutamento não leva em conta o trabalho sistemático e cotidiano de assimilação dos militantes com base na compreensão e convencimento pessoal. Lenin, Trotsky, Guevara e Mao queriam conquistar os trabalhadores pelo convencimento e não pela obrigação.

A educação do militante revolucionário para a extrema-esquerda brasileira é um processo permanente. Assim, tal educação visa, também, possibilitar ao militante capacidade de ação, de argumentação, de questionamentos, de polêmicas, e de desvelar contradições na realidade em que atua. Inclusive, na questão da formação da militância revolucionária, o próprio Florestan Fernandes defendeu que a educação política deveria se processar de forma científica, sistematizada.²⁵²

Em suma, o nível político e teórico dos dirigentes, o jornal, as reuniões, a prática política, os cursos, o estudo individual, as leituras gerais, os documentos internos, e toda a vida orgânica regular, constituem os elementos básicos que concretizam a educação e formação dos militantes de extrema-esquerda. A extrema-esquerda brasileira repudia todos os partidos que ela considera burgueses:

“Por outro lado, se olhamos a política habitual dos partidos burgueses, não custa nada afirmar que é suja, já que conhecemos perfeitamente os conchavos de parentes e amigos, as jogadas nos comitês, as “sucessões” e como as vezes mesmo, se resolvem as diferenças internas não nas discussões democráticas, mas sim com tiros entre capangas, compras de votos, etc.”

“Nós, pelo contrário, acreditamos que é indispensável que todos os operários atuem na política, mas com uma política de classes, contra todos os partidos burgueses ou reformistas. Para isto temos de saber definir o que é um partido de patrões e o que é um partido de esquerda.” (...)

“Os militantes que hoje integram a Convergência Socialista, os revolucionários socialistas, trotskystas, apoiaram decisivamente o PT desde sua fundação, passando pelas eleições de 82 e até os dias de hoje. Nós nos colocamos como a ala socialista revolucionária do PT, aquela que luta intransigentemente para que este partido não se alie à burguesia, não perca sua independência de classe, a que defende uma saída revolucionária para a luta dos trabalhadores, mas sempre reconhecendo e apoiando os passos dos trabalhadores em direção a sua independência de classe.

“Este é a linha divisória entre uma política revolucionária e as demais variantes de esquerda, que têm um caráter confuso, e alentam de uma forma ou de outra a confiança em distintos setores da burguesia ou da pequena-burguesia.”²⁵³

Como já salientamos, em termos de educação das organizações revolucionárias objetivamos explicitar algumas relações entre as influências de Marx, Engels, Lenin,

²⁵² Cfr.: Guiraldelli Jr., P. A Pedagogia Histórico-Crítica no Contexto das Relações entre a Educação e os Partidos Políticos de Esquerda na República. in: Pró-Posições, nº 3, dez.1990, ed. FE/Unicamp. 32.

²⁵³ Alicerce da Juventude Socialista/ C.S. Apostila de Curso I: O que é Socialismo e como chegar a ele, p. 6 e 7.



Trotsky, Mao e Guevara e a prática política do militante. Como sabemos, Marx e Engels entendiam que a origem das divisões sociais era econômica, e viam com muita desconfiança a democracia burguesa. Além disso, para Marx, Engels, Lenin e Trotsky compete ao proletariado urbano organizar-se politicamente em partidos independentes da burguesia, para possibilitar uma direção consciente e acumular forças para educar os trabalhadores para a revolução social.

Recordemos que, para Mao, o partido deve dirigir a guerra popular prolongada, fundamentalmente através de guerrilhas, no cerco da cidade pelo campo, visto que o camponês é considerado base educativa fundamental da revolução. Guevara propõe como órgão de poder e de educação exemplar o exército guerrilheiro, atuando na área rural. Apesar das diferenças táticas e estratégicas entre Guevara e Mao - pois, para o primeiro, a revolução seria imediatamente socialista e capitaneada pela guerrilha; enquanto para o segundo ela seria dirigida pelo partido e em etapas - observamos que Che aproxima-se de Mao, na valorização da guerrilha camponesa como centro aglutinador, na ênfase no caráter revolucionário dos povos do Terceiro Mundo, e no destaque atribuído às ações armadas.

Apesar de Guevara fazer algumas críticas a Trotsky, afirmou, entretanto, que "*del pensamiento de Trotsky se puede tomar una serie de cosas*"²⁵⁴. Che aproxima-se também de Trotsky no espírito do internacionalismo proletário, ao se dedicar à "revolução latino-americana continental e socialista". Há, também, aproximação entre Guevara e Trotsky sobre o caráter da Revolução: Guevara se refere a um "*desarrollo ininterrumpido de la revolución*" e Trotsky, à "revolução permanente". O que os diferencia, entre outros aspectos, é o papel atribuído aos camponeses e ao proletariado na guerra revolucionária.

No contexto da luta armada brasileira, nos anos 60 e 70, a implementação e vulgarização do guevarismo e maoísmo acabou por privilegiar muito mais a ação militar do que o estudo teórico; além disso, a própria vida clandestina dos revolucionários, ameaçados sempre por uma feroz repressão dificultava mais ainda a reflexão teórica e a análise da realidade brasileira; o pouco que era escrito acabava sendo destruído por medida de segurança. Por estas e outras razões, tem sido muito importante o trabalho de levantamento e publicação dos documentos da extrema-esquerda militarista, feita por alguns estudiosos. Naquele contexto, privilegiava-se muito a formação militar e a

²⁵⁴ Cfr.: Lowi, Michael. *El Pensamiento del Che Guevara*. Siglo Veintiuno editores, 1978, p. 78.



maioria dos militantes eram treinados na escola guerrilheira cubana. O debate nas organizações era mais de ordem tática: foquismo ou insurreição popular, guerrilha urbana ou rural, etc.

Por outro lado, se é extremamente difícil, no Brasil, o estudo da educação política da extrema-esquerda guevarista ou maoísta, o mesmo não se dá com a extrema-esquerda massista, que prioriza muito o estudo teórico e o trabalho de base do partido, além do fato de que, em geral, não aderiram à guerra de guerrilhas. Podemos ter acesso a muitos de seus documentos, jornais, cursos de formação e estudos teóricos, etc.

Como sabemos, a Revolução Chinesa foi um sério golpe no monolitismo soviético, pois foi dirigida divergindo das orientações de Stalin. O outro golpe veio com a Revolução Cubana, que também não foi dirigida pelo Partido Comunista. Particularmente as organizações de guerrilhas, no Brasil, inspiradas nas concepções guevaristas e maoístas, nos anos 60 e 70, foram aniquiladas, e grande parte de seus combatentes foram mortos. Um sobrevivente da luta armada fez recentemente a seguinte colocação:

*“Não fomos simplesmente os que amávamos os Beatles e os Rolling Stones. Não fomos mandados à guerra. Eu, Theodomiro e milhares de outros jovens dos meados dos anos 60 decidimos ir à guerra. Dispostos a tudo. Éramos os que amávamos a revolução, (...) embora revolução, aqui, não tenha o sentido de ontem. Seria correto dizer que demos adeus às armas, que o mundo e o país são outros. Mas, estamos sempre de volta, outros e os mesmos. Pedindo sempre o impossível: um mundo justo, no qual as pessoas possam ser felizes, desfrutar sem maiores preocupações dos prazeres da vida, e achando sempre que este mundo, o de agora, envolvido nessa produção desenfreada de mercadorias destinadas ao consumo de quem tem dinheiro, esse mundo da vertigem desenfreada do dinheiro muito nas mãos de poucos, este mundo continua a não ser o que queremos”.*²⁵⁵

Sem dúvida alguma, a esquerda e a extrema-esquerda passam por uma crise geral; em primeiro lugar, pelo desmantelamento do socialismo real e, depois, pelos altos índices mundiais de desemprego que desmoralizam a classe operária, recolocando a questão, agora num tom pessimista: a classe operária será, mesmo, o centro dirigente do processo revolucionário? Atualmente, a essa pergunta a extrema-esquerda responde positivamente, enquanto a esquerda, no mínimo, tem sérias dúvidas quanto à proposta marxista, que se concretizou no partido do tipo leninista, de que a classe operária é a única capaz de formular um projeto societário global. No interior dos primeiros tempos do PT (no momento em que havia uma disputa pela hegemonia do caráter deste partido) um setor da esquerda petista brasileira criticou a extrema-



esquerda petista naquilo que considerava uma dissociação entre os movimentos de curto e de longo prazo

“A história do movimento socialista em geral, e particularmente no Brasil a própria história do PC brasileiro, mostra que a dissociação daquela relação dialética transforma, muitas vezes, a tática numa antiestratégia, ou congela a tática nos objetivos remotos da estratégia, como é comum acontecer nas frações políticas inspiradas, no trotskismo. O PT não pode desconhecer essas relações, como muitas vezes fez no passado, até recente: nos primeiros momentos, negando, por exemplo, validade ao caminho eleitoral para refugiar-se num fraseado pretensamente revolucionário para o que não dispunha de nenhuma concepção, nem mesmo de armadura para tanto.”²⁵⁶

Atualmente, o PT é a maior força de esquerda no país. Tudo indica que o PT tenderá a ser um outro forte partido do tipo eleitoral, e ficará apenas num passado cada vez mais distante seu caráter classista e o seu programa. Algumas bandeiras vermelhas deste partido estão sendo substituídas pela cor branca, e quer nos parecer que isto é um símbolo muito importante, porque traduz um pouco as definições políticas que o PT traçou para os próximos anos. Quando a esquerda desloca-se em direção ao centro, move-se na realidade para uma posição mais à direita, pois não há outra forma da esquerda mover-se em direção ao centro sem que o rumo seja à direita. Com estes deslocamentos da esquerda para o centro, o isolamento da extrema-esquerda tenderá a aumentar, salvo se as lutas dos movimentos sociais - notadamente o MST (Movimento dos Sem-Terra) - atraírem a esquerda para posições mais radicalizadas. Se isso ocorrer, as teses da extrema-esquerda terão maior poder de penetração. A própria definição ou não da extrema-esquerda no sentido de um partido operário e revolucionário com influências de massa, depende da integração dos trabalhadores no seu interior e do curso dos acontecimentos. A primeira condição, entretanto, parece improvável num futuro próximo.

²⁵⁵ José, Emiliano. *A Fuga Histórica*, in: *Caros Amigos*, nº1, abril/1997, p. 22.

²⁵⁶ Oliveira, Francisco de. *Qual é a do PT?* pp. 31-2, in: *E Agora PT*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.



4.2. Sobre as influências trotsquistas e leninistas

Para Trotsky e Lenin, o partido parece ser tanto o produtor como o produto da revolução. A concepção de partido como agente educativo, de Trotsky, identifica-se, em suas linhas gerais, com a de Lenin, e como, a rigor, são as organizações assumidamente trotsquistas que consideramos, atualmente, como as que melhor expressam a extrema-esquerda brasileira, optamos por desenvolver o que chamamos "influências trotsquistas". Portanto, não desenvolveremos à parte as influências leninistas, uma vez que pensamos estarem elas implícitas em Trotsky, ainda que haja algumas diferenças entre os dois autores. De qualquer forma, lembremos que

"Se compreendermos que a teoria leninista da organização procura dar uma resposta à questão da atualidade da revolução e do sujeito revolucionário consegue-se compreender, igualmente, a ligação desta teoria com a tarefa de uma pedagogia histórica: com o problema da transformação da consciência de classe potencial, trade-unionista, em consciência de classe real, política e revolucionária".²⁵⁷

Como já vimos, a partir dos anos 30 as idéias de Trotsky começam a aglutinar núcleos dissidentes do Partido Comunista por todo o mundo. Nestes anos, muitas organizações ou agrupamentos de dissidentes do PCB, eram influenciados pelo trotsquismo, tais como os Bolcheviques-Leninistas do Brasil, Liga Comunista Internacionalista, Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil. Inclusive, em suas publicações, divulgavam alguns escritos de Trotsky. Uma referência importante para a história da extrema-esquerda brasileira é o surgimento do PSR: em 1939 foi formado o Partido Socialista Revolucionário, Seção Brasileira da IV Internacional. Em 1952, por causa das divergências com as diretrizes pablistas, este partido deixou a IV Internacional, e logo após dissolveu-se. Entretanto, para os trotsquistas, no Brasil, nunca houve, a rigor, uma burguesia progressista e que tenha se proposto a realizar "suas tarefas históricas".

"Os trotskistas de São Paulo (e outros) já haviam dito que a nossa burguesia nacional não faria uma revolução burguesa. Estávamos todos de acordo que 30 não foi uma revolução burguesa. Apenas deslocou as oligarquias do centro (São

²⁵⁷ Mandel, Ernest. *Teoria Leninista da Organização*. São Paulo, Aparte, 1984, p.109.



Paulo e Minas) trazendo as demais para o pacto político e abriu espaço para as classes médias urbanas. Foi uma resposta convincente à urbanização".²⁵⁸

No começo dos anos 60, o POR - um outro partido de inspiração trotsquista-posadista - desenvolveu um trabalho nos movimentos de sargentos do Exército, entre os portuários e nos estaleiros na cidade do Rio, e entre os operários das minas de carvão, em Santa Catarina. Entretanto, foi em São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco que esse partido teve suas bases mais destacadas.

"Neste período, os trotsquistas se caracterizam por se apresentarem como o pólo mais radical do movimento de massas. Essa radicalização decorre da análise dos posadistas e de sua Internacional (à qual o POR aderiu), que viam os partidos comunistas como organizações degeneradas e que diante disso, as propostas mais avançadas só poderiam vir da radicalização das correntes nacionalistas de esquerda, isto é, o brizolismo e os movimentos de marinheiros e sargentos. Dessa forma, os militantes posadistas brasileiros passam a imagem de serem os mais radicais e os mais dedicados à luta revolucionária".²⁵⁹

Os escritos iniciais da VPR, parece, inicialmente, que apresentam entre seus inspiradores Trotsky e Rosa Luxemburgo. No período de luta armada brasileira, um outro partido, o POC (Partido Operário Comunista) tinha uma posição política de crítica ao foquismo, e defendia teses que priorizavam um trabalho de base entre os trabalhadores. Apesar de algumas divergências sobre questões estratégicas e táticas, o POC aderiu ao trotsquismo. Quer nos parecer que a POLOP e os COLINA também apresentaram algumas influências trotsquistas.

Em termos de América Latina, foi na Bolívia que o trotsquismo teve maior implantação entre os trabalhadores, e uma maior influência política. Atualmente, como já tentamos mostrar, a principal força da extrema-esquerda brasileira inspira-se no trotsquismo, que é uma força política radicalizada, marginal, internacionalista e sem muita influência de massa. De qualquer forma, em termos numéricos, qual é a força do trotsquismo em todo o mundo? Em meados dos anos oitenta, um estudo, sobre as duas correntes que representavam a grande maioria das forças trotsquistas da IV Internacional - Secretariado Unificado (SU) e o Comitê Internacional - apontava o seguinte:

"Somadas, as duas correntes agrupam hoje aproximadamente quarenta mil militantes, espalhados por mais de 45 países".²⁶⁰

Quando foi publicado o trabalho citado acima, havia duas correntes trotsquistas: de um lado, o Secretariado Unificado, cujo principal expoente era o economista Ernest

²⁵⁸ Tavares, Maria da Conceição. Entrevista. *Da Fronda ao Front*. in: *Praga - Revista de Estudos Marxistas*, nº 2, junho de 1997.

²⁵⁹ Ozai da Silva, A. *História das Tendências no Brasil*. São Paulo, Dag Gráfica, p. 91.

²⁶⁰ Campos, José Roberto, *O que é Trotskismo*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 55.



Mandel. De outro, tínhamos uma fração do SU, dirigida por Nahuel Moreno e Pierre Lambert: o Comitê Internacional da IV Internacional. Mais tarde, por divergências políticas, também o Comitê Internacional cindiu-se e - como interessa mais ao nosso estudo - Moreno foi um dos fundadores da LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores), ao qual se filia o PSTU brasileiro.

“A corrente que hoje se denomina LIT-QI existe como tendência, com nomes diferentes, aproximadamente desde 1953. Portanto, é uma das tendências mais velhas do movimento trotskista mundial. Acharmos que não exageramos se dissemos que o SU e a LIT-QI são as duas correntes mais importantes do trotskismo, movimento mundial dentro do qual também se deve levar em conta outra corrente, ainda que fraca, que é o lambertismo.”²⁶¹

No PSTU, como já sabemos, participam as principais organizações de extrema-esquerda brasileira: a Liga Operária, Democracia Operária, Movimento Socialista Revolucionário, Coletivo Luta Socialista, Luta de Classes, Militante Socialista, Núcleo de Independência Proletária, Socialismo Classista, Convergência Socialista. e dirigentes sindicais independentes.

Apesar das dificuldades que encontramos em quantificar o número de militantes da extrema-esquerda brasileira, num levantamento preliminar, que fizemos, a principal dessas organizações - Convergência Socialista - apresentava um total aproximado de 1500 militantes em todo o país. Com relação às outras organizações que compoem a extrema-esquerda brasileira, estimamos que cada uma delas apresenta um número aproximado de algumas centenas de militantes. O PSTU tem um total de filiados próximos a 12.000, e nesta campanha eleitoral de 1998 englobou um número de “simpatizantes” que varia de 4.000 a 5.000 pessoas, envolvidas diretamente no trabalho partidário-eleitoral pelo país. Conforme pesquisas de intenções de voto, nesta campanha, divulgadas pelos órgãos de imprensa, o índice de votos que seriam endereçados ao PSTU girava de 0,7 % a 1,0 %. Nas eleições municipais de São Paulo, em 1996, a legenda deste partido obteve cerca de 50 mil votos.

Como já mencionamos, por “princípio” o trotsquismo é crítico das concepções guerrilheiras. Mas, nos anos 60 e 70 era tão grande a influência do guevarismo e do maoísmo, que o movimento trotsquista mundial não pode permanecer invulnerável. Assim, um setor da IV Internacional, dirigido por Mandel, no 9º Congresso da Internacional, em 1969, aceita a concepção guerrilheirista, provocando uma divisão.

²⁶¹ Moreno, Nahuel. *O Partido e a Revolução: teoria, programa e política*. São Paulo, ed. Desafio, 1996, p 9.



*"Mandel, com ampla maioria da Internacional reunificada, defendia que fizéssemos guerrilha junto com os guevaristas na América Latina. Sozinhos, se fosse preciso. A linha era fazer focos guerrilheiros, ou seja, a mesma concepção de Che Guevara."*²⁶²

Moreno foi um dos outros dirigentes que se opuseram a essa análise e orientação para a guerrilha, com a argumentação de que não eram contrários à guerrilha, desde que estivesse fundamentada no movimento de massas; o que não era o caso. De qualquer forma, este dirigente trotsquista não ficou totalmente imune às influências do guevarismo e do maoísmo, pois em seu escrito *A Revolução Latinoamericana*, explicitou que as tarefas de sua corrente eram: *"combinar o programa geral correto (trotskismo) com o programa particular correto (castrista ou maoísta) num dado momento"*.²⁶³ Mandel também apoiara criticamente o maoísmo e o esquerdismo em geral. No início dos anos 60, o líder trotsquista Hugo Blanco, no Perú, também dirigiu um movimento guerrilheiro "não foquista", junto a um lento trabalho de construção de sindicatos rurais.²⁶⁴ Ele transformou as milícias em guerrilha e, mais tarde, considerou que a principal causa do esmagamento do movimento foi a falta de um partido político enquanto aparato de apoio de elevada categoria.

*"Consideramos que era necessário educar as massas, mostrando-lhes até às últimas consequências como o campesinato deve combater. Mostrar-lhe o confronto ativo da força armada camponesa, mesmo embrionária, com a força armada do inimigo; mostrar-lhe que mesmo que o camponês morra sob o efeito das balas, ao inimigo isso também pode acontecer; mostrar-lhe que, em grande parte, o uniforme militar é um fetiche, que não é uma couraça impenetrável, como de uma maneira semiconscente como crê o povo."*²⁶⁵

Na ótica da extrema-esquerda brasileira, filiada a LIT, o partido revolucionário somente poderá ser construído verdadeiramente se - além de ter uma política revolucionária - tiver uma inserção social adequada, estruturando-se socialmente e escolhendo para isso as camadas mais dinâmicas do proletariado, os setores mais radicalizados dos ativistas, dos estudantes, dos docentes, dos centros industriais. Conseqüentemente, com esta inserção social, o partido intervirá nos conflitos e nas greves, organizando, captando novos quadros, distribuindo panfletos e vendendo seu jornal, e somando-se a isso o trabalho de estruturação partidária interna, a proletarianização de militantes, a criação de núcleos nos bairros operários e pobres.

Assim, o trabalho educativo é inerente ao partido revolucionário. Ele o põe à prova, tensionando-o em torno de consígnas e campanhas que devem traduzir toda a política

²⁶² idem, p. 17.

²⁶³ Cfr.: Coggiola, *O Trotskismo na América Latina*. São Paulo, Brasiliense, p. 87.

²⁶⁴ Cfr.: Blanco, Hugo *et al.* *Terra ou Morte*. Coleção luta de classes, Editora Versus, 1979.

²⁶⁵ idem, Op. Cit., p. 88. Blanco, Hugo. *Terra ou Morte*. Coleção Luta de Classes, Editora Versus, 1979, p. 88.



educativa do partido para as massas. Tentando resumi-las, podemos dizer que as campanhas ²⁶⁶ da extrema-esquerda, apesar de se entrecruzarem, podem ser: a) de índole metodológica (abrange questões de princípios e questões morais), b) de caráter propagandístico (abrange questões de divulgação), c) de caráter político (abrange questões organizativas e de agitação), d) de solidariedade (apoio solidário a uma luta, a um povo, etc.). A extrema-esquerda não pode sobreviver, apenas baseada nos próprios princípios, projeto histórico e outras formas de coesão interna. Ao buscar a ampliação de sua influência e de seu raio de ação, num trabalho político-educativo, o partido terá melhores condições de crescimento e coesão. O trabalho educativo trotsquista, através de campanhas, pode ter amplitude mundial, como por exemplo:

*"(...) Campanha acompanhada por um esclarecimento teórico-político do significado da América Central como uma única nacionalidade e uma única revolução, que é a consigna programática que orienta todos os nossos partidos da região. Pela primeira vez fazemos uma Escola de Quadros na região centro-americana".*²⁶⁷

O quadro revolucionário é fundamental, a tal ponto que a perda, morte ou ausência dele pode retardar o processo revolucionário. O partido revolucionário deve educar sua militância para ser reflexiva, viva e exigente em relação aos dirigentes partidários, pois como disse Lenin em uma carta a Bukarin:

*"O primeiro dever de um revolucionário é criticar aos seus dirigentes: os discípulos não seriam tão dignos de seu mestre se não se atrevessem a combater seu ponto de vista, quando pensam que está equivocado. Ademais um partido revolucionário não se constrói com robôs".*²⁶⁸

Em vista disso, num **Boletim de Discussão Interna**²⁶⁹ um militante apontava algumas debilidades da extrema-esquerda nos anos 80, e as principais eram:

- a) Despolitização e baixo nível teórico.
- b) Um funcionamento interno com elementos de burocratismo; fruto do período repressivo, onde o partido tinha que se fechar para se proteger.
- c) Uma estrutura de quadros débil e uma base educada a ser pouco exigente.

O mesmo militante também chegou a afirmar:

²⁶⁶ Cfr **Boletim de Informações Internacionais**. impresso em Portugal, s/d., pp. 10-14.

²⁶⁷ **Boletim de Informações Internacionais**. impresso em Portugal, s/d.

²⁶⁸ **Boletim de Discussão Interna**. Setembro/1985, nº 5, p. 7.

²⁶⁹ Idem, pp. 1-10.



“Nossos materiais de formação, até há pouco foram artesanais e faz falta um plano mais definido e ousado, inclusive de materiais de propaganda externa. A publicação de materiais internacionais continua assistemática. Nosso jornal tem avançado no aspecto político e acompanhamento das principais lutas dos trabalhadores, mas continua pouco polêmico, pouco profundo, precisa ter mais assuntos de interesse político-gerais, mais dados. E mesmo que vá melhorando, pelo tipo de jornal para a intervenção que precisamos, não poderá substituir a necessidade de uma revista ou materiais mais teóricos para a propaganda.”²⁷⁰

Apesar de social e estruturalmente marginal, a militância da extrema-esquerda procura trabalhar com parâmetros estatísticos, na avaliação de sua real inserção social, em termos de finanças, de número de jornais vendidos, de número de simpatizantes, de possíveis futuros militantes, etc, como podemos constatar, num de seus documentos:

“A maturação pode ser, então, medida com parâmetros objetivos, devido à estruturação partidária; maturação quer dizer que ao mesmo tempo que intervém politicamente e dirige mobilizações o partido edita o jornal e possui contas corretas, porque somente a inserção social possibilita uma estatística científica. Quantos quadros tem o partido? Quantos militantes e simpatizantes? Quantos cotizam? Quantas pessoas temos organizadas? Estas perguntas só, podem ser respondidas dinamicamente, ou seja, mensal, semestral e anualmente, se estamos estruturados. Só assim podemos responder também às seguintes perguntas: Quantos jornais vendidos e que são pagos? Quantos jornais vende cada quadro ou militante? Quantos, dos que compram o jornal, estamos organizando? Só assim podemos fazer planos, já que temos critérios mais objetivos para responder perguntas do seguinte tipo: Quantos podemos captar este mês, este trimestre ou este semestre?”²⁷¹

Já dissemos que, além da educação assistemática da militância, que acontece difusamente no trabalho político-partidário, há cursos de formação estruturados, que são oferecidos regularmente para os quadros e simpatizantes da extrema-esquerda. A introdução de uma de suas apostilas de uma dessas organizações, intitulada **Para que fazemos cursos**, inicia-se assim:

“Muitos companheiros operários, funcionários, trabalhadores de diversas categorias estão acostumados a não ler, e a considerar que para eles é impossível aprender coisas novas, interessar-se por múltiplos problemas políticos ou teóricos, opinar sobre economia ou sobre arte. (...)”

“Nós da Convergência Socialista estamos convencidos do contrário. Não temos dúvida de que todos os companheiros que se aproximam de nós, inclusive aqueles que mal sabem ler e escrever, são perfeitamente capazes de entender os conceitos fundamentais do marxismo, e que, mais ainda, em suas mãos estes elementos são invencíveis para combater toda manobra da burguesia.”

“O objetivo de nossos cursos básicos é o de educar todos os companheiros com os conceitos fundamentais para estudar nosso país e o mundo, a história, etc, para fortalecer nossa militância de todos os dias na fábrica, no sindicato, no colégio ou no banco. Toda nossa experiência nos confirmou sempre, não somente o fato que é certo de que todos os trabalhadores podem dominar este estudo, bastando que tenha suficiente vontade e interesse e, além disso, que sempre têm aportado com novas contribuições, novos enfoques, que nos tem

²⁷⁰ Idem, p. 3.

²⁷¹ Boletim de Informações Internacionais, Op. Cit. pp. 29-30.



*servido para melhorar nosso estudo, para melhorar nossa interpretação da realidade.*²⁷²

Na análise dos cursos de formação da Convergência Socialista, observamos que há um conjunto de *Cadernos de Formação*²⁷³, em seis volumes, cujos três primeiros volumes são intitulados *As Revoluções do Século XX*, e o quarto chama-se *A Questão da Constituinte*, o quinto, *Frente Única Revolucionária*, e o último, *A Luta das Mulheres*.

Para propiciarmos alguma idéia dos conteúdos trabalhados pelos educadores da Convergência Socialista, elencaremos, respectivamente, os índices de tais cadernos. O Caderno de Formação n.º 1 trata dos seguintes tópicos: a) Estado, Regime e Governo, b) Reforma e Revolução, c) Contra-Revolução e Reação. O Caderno de Formação n.º 2 apresenta o seguinte índice: a) As épocas e Etapas da Luta de Classes, b) As Revoluções Democrático-Burguesas, c) As Épocas das Reformas e Reações, d) A época da Revolução Socialista Internacional, e) O Regime Leninista, f) A Contra-Revolução: os Novos Regimes. O Caderno de Formação n.º 3 discute os seguintes pontos: a) As Revoluções Socialistas Congeladas com a Expropriação da Burguesia, b) As Revoluções Abortadas, c) Os Regimes Stalinistas e a Revolução Política, d) As Distintas Situações, e) Citações de Lenin e Trotsky sobre a Situação Revolucionária, f) Começou a Revolução Brasileira? O Caderno de Formação n.º 4, intitulado *A Questão da Constituinte*, diferentemente dos outros, é um agregado de fragmentos dos escritos de Trotsky sobre esse tema, como explicam os próprios sub-títulos deste caderno: a) Fragmentos de *A Questão Chinesa depois do VI Congresso da III Internacional - 1928*, b) *A Palavra de Ordem de Uma Assembléia Nacional - 1930*, c) Fragmentos de *A Revolução Espanhola e a Tática dos Comunistas - 1931*, d) Fragmentos de *A Revolução Espanhola e os Perigos que a Ameaçam - 1931*. e) *Carta ao Secretariado Internacional da Oposição Comunista de Esquerda - 1931*, f) Fragmento do Programa de Transição. O Caderno n.º 5, intitulado *A Frente Única Revolucionária*, apresenta o seguinte índice: a) *A Frente Única Revolucionária: Uma Política Audaz para o Momento Atual*, b) *Alguns Antecedentes Históricos*, c) *Que é Frente Única Revolucionária?* d) *O Programa da Frente Única Revolucionária: Expressão Nacional e Internacional*, e) *Uma Política para o Futuro e Uns Poucos Países ou Uma Política Mundial de Absoluta Atualidade?* f) *Dois Desvios da Frente Única Revolucionária: Oportunismo e Sectarismo*, g) *A Condição Básica para Impedir Desvios*, h) *Outros Textos sobre a Frente Única Revolucionária*. O Caderno n.º 6, intitulado *A Luta das Mulheres*, discute os seguintes pontos: a) A

²⁷² *Alcance da Juventude Socialista/ C.S. Apostila I - O Que é Socialismo e Como Chegar a ele*. mimeo, s/d. p.2.



Irmandade das Mulheres é Poderosa: Uma Política Frente- Populista para as Mulheres, b) Resolução Sobre as Tarefas dos Trotskistas Entre as Mulheres, c) Pela Defesa Intransigente da Mulher Trabalhadora.

Na análise de um dos cursos de formação do Partido da Causa Operária – através de seu “braço estudantil” AJR (Aliança da Juventude Revolucionária) - constatamos que ele apresentava os seguintes temas: a) Introdução à leitura de O Capital, b) a Revolução Russa e o partido bolchevique de Lenin e Trotsky, c) a Revolução Cubana e a teoria do foco guerrilheiro, d) a revolução socialista no Brasil e a teoria da “revolução permanente”. Da mesma forma, realizou, ainda, entre os dias 31 de janeiro a 7 de fevereiro de 1999, um curso de formação política, cujo tema foi *Revolução Socialista Mundial*²⁷⁴ que englobou discussões sobre: a) *Marx e a I Internacional*; b) *A Internacional Socialista*; c) *A Internacional Comunista* e, d) *Trotsky e a IV Internacional*.

A extrema-esquerda massista, notadamente os trotskistas de forma geral, apesar de apoiarem as conquistas revolucionárias dos países socialistas, nunca deixaram de ser profundamente críticos dos campos de concentração na Rússia, dos campos de “reeducação” na China, da burocratização de Cuba, da invasão do Camboja pelo Vietnã, da invasão russa do Afeganistão, dos massacres de camponeses no Camboja, etc.

²⁷³ *Convergência Socialista. Caderno de Formação*. São Paulo, outubro/84, seis volumes.

²⁷⁴ *PCO. Juventude Revolucionária*. n° 3, jan/1999, p. 13.



4.3. Sobre as influências do guevarismo

Ao que consta, as organizações de extrema-esquerda simplificaram demasiadamente o guevarismo, e o tempo dedicado ao trabalho de preparação da guerrilha parece ter sido insuficiente. Conforme o pensamento guevarista, os núcleos guerrilheiros, ao lançarem-se à luta, serviriam para educar os trabalhadores do campo e da cidade, que, animados com tal exemplo, passariam a formar outros núcleos, até a formação de um exército regular. Assim, há a substituição do partido como instrumento revolucionário, pela criação de comandos guerrilheiros. No pensamento de Che, observamos uma forte conotação humanista-voluntarista:

“Este é o panorama da América, de um continente que se prepara para lutar. Quanto mais rápido empunhar as armas, quanto mais rápido esgrimir os facões sobre as cabeças dos latifundiários, dos industriais, dos banqueiros, dos exploradores de todos os tipos e de sua cabeça visível, o exército opressor, tanto melhor.”²⁷⁵

Em Guevara, portanto, no momento da guerrilha, há uma secundarização da função educativa dos partidos, no sentido de que, apesar de não desconhecer a sua importância, Che considera-os retaguarda da guerrilha rural; esta, sim, “ponta de lança” do processo revolucionário. Sob o ponto de vista de Che, a guerrilha é a grande mestra da revolução. No pensamento de Guevara, os partidos - durante a guerrilha - servem de apoio, propaganda e agitação da guerrilha. Posteriormente, com a vitória da guerrilha e com a reestruturação da vida social, os partidos revolucionários adquirem maior relevo. Um aspecto essencial do guevarismo é a negação de um partido burocratizado. No caso brasileiro, nos anos 60 e 70, o guevarismo influenciou muitas organizações dissidentes do PCB, e para mencionarmos algumas destacamos a ALN, a VPR, COLINA, VAR-PALMARES, e o MR-8. O escrito de Marighella **Algumas questões sobre a guerrilha no Brasil** é dedicado ao “comandante Che Guevara”. Para a ALN, nas palavras de Marighella

²⁷⁵ Guevara, Che. **Textos Revolucionários**. São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano, 1980, p. 91.



*“Só a luta armada, com a luta de guerrilhas como sua melhor expressão, pode levar à unidade, as forças revolucionárias, tendo em conta que a guerrilha é - em última análise - a própria vanguarda revolucionária”.*²⁷⁶

Verificando alguns processos do projeto Pesquisa Brasil Nunca Mais, pudemos observar que, pelos “autos de exibição e apreensão” da polícia, quando os agentes da repressão invadiam residências de militantes quase sempre encontravam textos marxistas, principalmente de Guevara e Mao. No processo contra a ALN, o ofício 738/69 do Juiz Auditor da II Região Militar apontava as seguintes influências ideológicas nos militantes da ALN que foram presos: Marx, Lenin, Mao Tse-Tung, Fidel Castro, Che Guevara e Régis Debray, e pedia para que as autoridades “domassem as vontades recalcitrantes” e “extirpassem completamente os órgãos gangrenados que pululam nas diversas áreas sociais”.

Ao que consta, guerrilhas urbanas já são conhecidas desde a Segunda Guerra. A ALN de Marighella aplicou e adaptou as idéias guevaristas para a área urbana; aliás, sua luta guerrilheira esteve, praticamente, restrita às cidades, com predomínio da ação militar. O objetivo era a guerrilha rural, mas nunca ela se efetivou. Esta organização tinha uma posição de rejeitar a estrutura e a burocracia do partido político, considerado inoperante.

Quando foi fundada em 1961, a Polop também foi influenciada por algumas idéias luxemburgistas e trotsquistas; mais tarde cindiu-se em dois grupos: o POC e a VPR. Uma nova divisão no POC fez ressurgir a Polop. O surgimento do COLINA aconteceu no processo de dissidência interna da Polop, que defendia uma estrutura partidária conforme as orientações leninistas, rompendo com o stalinismo sem unir-se efetivamente ao trotsquismo. Contrariamente, o COLINA compreendia como uma alternativa mais viável para o Brasil as propostas de Che e Debray, de adesão à luta armada.

*“Em abril de 1968, realiza-se a Conferência do COLINA, onde se aprova o documento ‘Concepção da Luta revolucionária’. Este documento reflete a visão tradicional do ‘foco’, com a incorporação dos camponeses à luta armada, formando colunas até a composição de uma corporação mais regular, o Exército Popular’. Entretanto, consta do documento uma inovação: a definição de áreas auxiliares onde seriam levadas a efeito ‘guerrilhas irregulares’ para dispersar as forças do inimigo e fornecer o máximo de apoio à luta de foco, tida como estratégica”.*²⁷⁷

Inicialmente, a VPR teve, entre outras fontes inspiradoras, Trotsky e Rosa Luxemburgo. A VPR também se formou a partir de membros dissidentes da POLOP, e prati-

²⁷⁶ Ozai da Silva, A, Op. Cit., p.105.

²⁷⁷ Idem, p.113.



cou uma série de ações militares. Lamarca também pertenceu, inicialmente, à VPR, onde defendeu a preparação para a guerra de guerrilhas e definiu o campo como área prioritária para a formação do núcleo guerrilheiro. Entretanto, somente depois do “racha” da VAR-PALMARES, que produziu uma outra VPR, é que Lamarca buscou concretizar seus planos:

*“A nova VPR vai se lançar no seu projeto estratégico, dando início à montagem na Região do Vale do Ribeira, de uma área de treinamento para a formação de guerrilheiros. Lamarca revelaria, em entrevista, mais tarde, que a área de treinamento buscava suprir as deficiências de formação de guerrilheiros que os projetos de treinamento no exterior, principalmente em Cuba, não haviam resolvido, ao mesmo tempo em que aproximava mais os combatentes da realidade do campo brasileiro”.*²⁷⁸

A grande maioria dos militantes desta organização não queria “perder tempo em elaboração ou discussão de documentos” e defendia a estratégia do foco, a inutilidade de formar o partido e o caráter supérfluo das discussões políticas partidárias. Os que não concordavam com tais teses foram excluídos da organização. A VAR-PALMARES surgiu, principalmente, com a fusão, que pouco durou, da antiga VPR e do COLINA.

*“Era a junção de dois grupos de diferentes concepções, mas com um ponto de união: a luta armada, através do foco guerrilheiro”.*²⁷⁹

O MR-8, a começar pelo próprio nome, vinculava-se ao guevarismo: é uma denominação alusiva ao dia da morte de Guevara, na Bolívia. Esta organização participou de importantes ações militares. Lamarca aderiu, posteriormente, ao MR-8 porque viu nesta organização maiores possibilidades de desencadear a guerrilha rural, conforme as idéias guevaristas que ele acalentava. Foi com esta perspectiva de trabalho revolucionário que Lamarca e outros companheiros dirigiram-se para a Bahia.

Com a vitória da repressão, o MR-8, em seus três Congressos, realizados em 1977, 1979 e 1982, deixou o campo da extrema-esquerda, partindo para um movimento politicamente mais ao centro, buscando atrair a “burguesia progressista”, empresários, e militares para a “luta democrática”, defendendo a participação nos pleitos eleitorais e nas entidades de massa. Discordando dessa política, dissidentes do MR-8 abandonaram a organização porque julgavam que ela atuava contra os trabalhadores.

*“Numa linha que rebaixa o papel da classe operária, subordinando-a à burguesia monopolista brasileira, difunde a ilusão de que o regime atual está a ponto de transitar para o campo democrático e nacional e adota uma via golpista para a revolução, através do Alto Comando das Forças Armadas”.*²⁸⁰

²⁷⁸ Mir, Luis. *A Revolução Impossível*. p. 119.

²⁷⁹ Idem, p.118.

²⁸⁰ Idem, p.165.



Para Che, a revolução teria que ser imediatamente socialista. O PCB, o PC do B e MR-8 tinham, até os anos 80, uma concepção etapista da revolução. Ou seja, entendiam que se processava a primeira etapa da revolução brasileira (“democrático nacional burguesa”) e somente depois de encerrada esta primeira etapa é que passaríamos à etapa socialista. Tal concepção fazia com que esses partidos tecessem alianças com a “burguesia progressista”. Che era muito cético com relação ao que o Partido Comunista considerava burguesia revolucionária na América Latina.

Durante a luta armada, no Brasil, havia organizações que se fundamentavam numa posição intermediária entre o guevarismo e o maoísmo. O PCBR defendia a luta armada no campo, inspirada no guevarismo, com a perspectiva estratégica da guerra popular prolongada, inspirada no maoísmo. Também a Ala Vermelha - que foi uma dissidência do PC do B - tinha uma tática combinada de foquismo com a teoria da guerra popular prolongada: visava organizar núcleos guerrilheiros e, ao mesmo tempo, desenvolver um trabalho político de base. A Ala Vermelha tinha militantes especializados para a luta armada, como o Grupo Especial Nacional Revolucionário (GENR) que foi direcionado para expropriações. Outras organizações chamavam simplesmente “grupo de fogo” ao seu setor militar. A Ala chegou a montar um curso de alfabetização de adultos em Santo André, para se aproximar dos operários, através da educação. Além disso, alguns militantes, futuros guerrilheiros, participaram da experiência de alfabetização de adultos segundo idéias de Paulo Freire, no qual, ao mesmo tempo que se alfabetiza, o trabalhador rural discutiria temas com base em sua realidade socioeconômica, tais como: reforma agrária, sindicalização, constituição, etc.

Particularmente, na primeira metade dos anos oitenta, vitórias da guerrilha nicaraguense originaram um ressurgimento da guerrilha rural-urbana em alguns países da América Latina. Mesmo com vestígios de inspiração em Che e em Mao, por exemplo, as várias organizações guerrilheiras colombianas e o Sendero Luminoso do Peru, expressavam um fenômeno social e uma tática política que buscava se diferenciar da guerrilha guevarista, principalmente no que se refere a visão conspirativa, estudantil e distante do movimento de massas, que uma certa leitura de Guevara produziu nos anos 60 e 70. As guerrilhas peruanas, colombianas, salvadorenses e guatemaltecas tinham raízes rurais e urbanas.

Com a derrota das guerrilhas urbanas e rurais, em muitos países onde se desenvolveram, a teoria da revolução calcada no guevarismo e no maoísmo foi praticamente



eliminada pelas forças da repressão; salvo em um ou outro caso isolado em que ainda subsistem vestígios, como no Perú, México, Colômbia onde algumas organizações parece que mantém, ainda, alguns vestígios guevaristas e maoístas.

De forma geral, porém, podemos afirmar que praticamente não há organizações de extrema-esquerda latino-americana que reivindiquem, em nossos dias, o guevarismo e o maoísmo como espinha dorsal de ação, ou a guerrilha como caminho revolucionário para a tomada do poder.

O guevarismo e o maoísmo foram, fundamentalmente, instrumentos de ação, um caminho militar de libertação nacional que muito influenciou os revolucionários do mundo inteiro, nos anos 60 e 70. Ao que consta, a contribuição original e significativa do maoísmo para o pensamento marxista deu-se na questão da teoria do partido e na relação com as massas camponesas. O pensamento e a postura de Che caracterizam-se, metodologicamente, pelo antidogmatismo. No caso de Guevara, a morte colheu-o relativamente jovem; apesar da sua preocupação com o estudo e a reflexão teórica, atribuía grande peso às ações guerrilheiras. Ambos deixaram contribuições importantes para o marxismo.

A primeira preocupação teórico-educativa que Che Guevara tinha, com relação ao guerrilheiro, é com os conhecimentos de história, de economia e com a análise de conjuntura do país ou da situação da zona onde o guerrilheiro atua. Outra preocupação, como já vimos, é com o caráter e o moral; o guerrilheiro deve estar preparado ideologicamente a morrer na luta, se preciso for: a vida de revolucionário é dura e está sempre por um fio. Para o Che, o guerrilheiro é uma espécie de modelo e asceta, educado numa espécie de estoicismo. Che educava para a fraternidade rústica dos homens e para a ferocidade da luta, por isso sua personalidade apresentava também "aspectos mais diretos da moral jacobina".²⁸¹ Ele encarnava um projeto de construção do socialismo fundado em valores humanos e morais. Para ele não se podia ser revolucionário autêntico sem sentimentos de generosidade, o que não se contrapõe ao fato de que o guerrilheiro tinha a obrigação de se tomar um eficiente matador, quando preciso.

Che retomou a idéia de "homem novo", presente nos artigos do jovem Marx, e a redimensionou à América Latina. Em suma, Che tinha um ideal de ser humano - a idéia de criação do "homem novo"- que buscou forjar em Cuba, e certamente na América-

²⁸¹ Rojo, Ricardo. *Meu Amigo Che*. São Paulo, Traço Editora, 1968.



Latina, fundado num espírito comunista originário e humanitário. E esta sociedade socialista do futuro, em que surgiria um novo ser humano, pensada por Che, deveria voltar suas preocupações principalmente para a juventude:

“A juventude é o que há de mais importante, é como argila, maleável; com ela pode-se construir o novo homem, sem nenhuma das taras e resíduos culturais e sociais anteriores - explicava Guevara. Sua preocupação era encontrar uma maneira clara e sedutora de formular sua tese do homem novo. - O trabalho, e a integração dos jovens nele, é básico. Em certos casos, o trabalho é um prêmio, em outros um instrumento de educação; nunca, porém, castigo. Nasce junto com a nova geração a revisão do conceito de trabalho”²⁸²

Muitas críticas pertinentes podem ser feitas ao guevarismo, bem como ao leninismo, maoísmo e trotsquismo, enquanto “escolas” político-educativas. Sem entrar no mérito do porquê, já que isso já foi estudado suficientemente por outros autores, a maioria das guerrilhas latino-americanas foram destruídas ou reduzidas à impotência, ao longo dos anos. No caso do guevarismo, a busca de implantação da guerrilha boliviana não foi uma aventura, mas fazia parte de um plano bem definido, mas que não pode ser seguido satisfatoriamente. Muitos discordam da validade do caminho revolucionário guerrilheiro, outros dos métodos táticos de Guevara que, sabendo dos altos riscos, decidiu-se a participar diretamente do início da estruturação da guerrilha, sem tempo para um exame mais apurado do material humano e político com que contava e das circunstâncias da aceleração do início dos combates nas selvas bolivianas, não previstos por ele. Trata-se dos riscos e dos elementos inponderáveis da revolução que obrigaram-no a mudar de planos e táticas, o que resultou na perda de iniciativa e descoordenação da guerrilha. Guevara, mesmo, sempre alertava que os momentos mais difíceis da guerrilha estava precisamente na fase de instalação. Foi neste momento que Che morreu, em pleno combate, como tantos outros guerrilheiros pouco conhecidos.

Além do mais, com relação à Bolívia, os planos mais profundos de Che não foram registrados por escrito, e menos ainda, publicados. Mas, o que pode se subentender é que ele não tinha a Bolívia como objetivo fundamental. Seu pensamento era internacionalista e continental: visava a criação de uma vanguarda político-militar latino-americana que irradiaria e potencializaria os conflitos já existentes na Argentina, no Peru, no Uruguai, no Brasil, na Venezuela, na Colômbia, na Guatemala, e na Nicarágua, e demais países vizinhos do continente. Che e Fidel evocaram o dia em que

“Os Andes se transformariam na Sierra Maestra da América”²⁸³

²⁸² *idem*, Op. Cit. pp. 97-98

²⁸³ Debray, Regis. *A Guerrilha do Che*. São Paulo, Edições Populares, 1980, p. 71.



Assim, o núcleo boliviano seria um centro educativo, de treinamento militar e de coordenação política das diversas organizações revolucionárias nacionais da América-Latina. Ele procurava educar o guerrilheiro, no sentido de se estabelecer a legitimidade da luta de um revolucionário latino-americano em qualquer lugar onde ela irrompesse. Em vista disto, ele procurava articular-se com as diversas organizações revolucionárias latino-americanas. Inclusive - para citarmos um caso brasileiro - Che foi informado, na Bolívia, das intenções e preparativos de Marighella para a guerrilha urbana.²⁸⁴ Lembremos que, anteriormente, Che e Marighella já haviam se reunido no Brasil: quando de sua viagem para a Bolívia, Guevara (disfarçado como um calvo e respeitável comerciante uruguaio), em novembro de 1966, encontrou-se com Joaquim Câmara Ferreira e Marighella, na cidade de São Paulo. Os três, ao que parece, tinham concordância sobre a necessidade de contribuírem para espalhar a revolução pelo continente. Apesar do entendimento estabelecido entre eles, isto não produziu diretamente ações concretas.²⁸⁵ A explosão revolucionária da América Latina seria a retaguarda das ações de Che, daí sua contundente palavra-de-orderm "Criar dois, três, mil Vietnãs", que visava abrir uma outra frente. O conceito de retaguarda forte era fundamental nas técnicas de guerrilha.

Che passou a ser considerado pelos soviéticos como um extremista perigoso à "coexistência pacífica", um "maoísta" pelo seu incitamento e apoio às guerrilhas pela América-Latina e pelas críticas que fazia a Moscou. E era notória uma maior simpatia da parte dele pela Revolução Chinesa do que pela Russa. Entretanto, também os chineses passaram a hostilizá-lo, entre outras coisas pelo fato de ele não ter evitado o alinhamento de Cuba com Moscou. Portanto, soviéticos e chineses hostilizavam Cuba. Tais acontecimentos - aliado ao isolamento de Cuba - podem ter apressado os planos de Che em deflagrar uma revolução continental, a partir da Bolívia, antes mesmo de a estrutura guerrilheira e retaguarda estarem satisfatoriamente organizadas. A participação direta de Che no início do processo elevou-lhe enormemente os riscos. Na retaguarda concebida por Che, a guerrilha brasileira ocuparia um importante espaço, conforme entendimentos preliminares feitos entre Che e Marighella. Apesar da admiração recíproca, Guevara também teve divergências e conflitos com Fidel Castro, mas sempre se manteve fiel e articulado com Cuba no apoio às guerrilhas, até sua morte na Bolívia. Por isso, mesmo que consideremos que Che buscava evitar possíveis retalia-

²⁸⁴ *idem*, Op. Cit., p. 75.

²⁸⁵ *Correio Popular*, 27 de julho de 1997, O dia em que Che esteve em Campinas, nº 20, p. 14.



ções a Cuba por parte de Moscou e Pequim, por sua causa, e que divergências possam ter existido entre Fidel e ele, talvez haja um certo exagero na afirmação:

*“Confrontado com seu próprio critério sobre a direção revolucionária, Che, como os velhos bolcheviques, preferiu renunciar a converter-se voluntariamente num antagonista do governo socialista. Esteve a um passo de se tornar um novo Trotsky, mas não fora em vão que lera detidamente as reflexões de outros bolcheviques contemporâneos daquele: quando a sorte do governo revolucionário está em jogo, os pontos de vista dos indivíduos passam para segundo plano”.*²⁸⁶

Com relação aos inúmeros apoios no incentivo às guerrilhas latino americanas, quando estava em Cuba Che ajudou a criar uma unidade clandestina, que depois veio a ser chamada por DLN (Departamento de Libertação Nacional) que possibilitava a organização, o treinamento, a educação política, e a assistência à iniciativas guerrilheiras no exterior. Assim, por exemplo, com o passar do tempo e o contínuo apoio de Guevara, um grupo de combatentes nicaraguenses formaram a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional)²⁸⁷. Che também apoiou, uns mais outros menos, os Tupamaros, no Uruguai, o ELN, na Colômbia a FALN, na Venezuela, e os movimentos guerrilheiros em ação na Guatemala, Peru, na Argentina, no Congo, República Dominicana, e na Bolívia. Foi informado, também, dos preparativos para a guerrilha no Brasil.

Atualmente, podemos detectar vestígios da influência guevarista no levante autóctone dos zapatistas, no Sul do México, e na tomada de reféns, na embaixada do Japão, em Lima, no Peru, por um grupo do Movimento Revolucionário Tupac Amaru; também no movimento rebelde zaireense, liderado por Kabila: o dirigente guerrilheiro que Che apoiou no Congo, décadas atrás.

Por estas implicações, é pertinente a afirmação de que:

*“Che se candidatou a ocupar, na segunda metade do século - junto com Fidel, Mao, Ho Chi-Min -, o lugar que na primeira metade havia sido de Lenin, Trotsky e Rosa Luxemburgo”.*²⁸⁸

²⁸⁶ Rojo, Ricardo., Op. Cit. p. 183.

²⁸⁷ Cfr. Anderson, Jon Lee. *Guevara: Uma Biografia*. R.J., Objetiva, 1997, pp. 462 e 613.

²⁸⁸ Sader, Emir. *Guevara, Vivo ou Morto*. jornal de resenhas in: *Folha de São Paulo* 13 de julho de 1997, p.1.



4.4. Sobre as influências maoístas

A concepção de Mao nunca perdeu de vista as diretrizes da III Internacional, portanto ele não secundarizava a questão do partido; suas diferenças referiam-se a questão de remover o partido das cidades para o campo, visto que ele viu o campesinato como um agente da transformação revolucionária, atribuindo um peso à área rural que nenhum marxista antes havia feito. Para Mao o problema camponês é questão central do processo revolucionário. Ao que parece, as idéias de Mao aproximam-se das de Guevara no que se refere à táticas guerrilheiras, mas se diferenciam na concepção: “o fuzil está subordinado ao partido”. Assim podemos afirmar que a revolução chinesa foi uma guerra civil que se expressou, em grande parte, através do método guerrilheiro.

A perspectiva revolucionária internacional dos maoístas era “o cerco da cidade mundial pelo campo mundial”, ou seja o Terceiro Mundo faria o cerco dos centros capitalistas. Contrariando o imobilismo das orientações vindas de Moscou, para as novas gerações o maoísmo havia provado que era possível implantar o socialismo, a partir das lutas no campo, num país sem base industrial e sem um forte operariado organizado, como era o caso dos países do chamado Terceiro Mundo. Desde meados dos anos 60, para grande parte da juventude os líderes inspiradores e educadores políticos de massa não se encontravam mais na Europa: Guevara na América Latina, Mao na China, Ho Chi Min no Vietnã e Patrice Lumumba na África. O maoísmo não chegou a hegemonizar os “modelos” de revolução, sobretudo na América Latina, onde o exemplo e o apoio cubano buscavam fortalecer as guerrilhas. Cuba sobrepujou a China em termos de constituir-se um centro político-educativo para os países da América-Latina. Dirigentes chineses, a propósito, propuseram treinamento militar na Academia Militar de Pequim para militantes camponeses do Brasil, mas eles foram numericamente pouco significativos. Apesar disto, em nível internacional, nos anos 60 surgiram muitas guerrilhas de inspiração maoísta, dispostas a aplicar em seus respectivos países, o princípio de que vanguardas camponesas constituiriam guerrilhas, depois um exército, para “cercar as cidades”, em vez de fazer, destas, o núcleo de irradiação revolucionária.



*“Eram maoístas os guerrilheiros do Zaire e de Uganda, do Peru e, no Brasil, do PC do B, que tentou implantar no Araguaia um foco insurrecional. Grupos de terrorismo urbano, como o de Andrea Baader, na Alemanha, ou as Brigadas Vermelhas, na Itália, reivindicavam o maoísmo como paternidade ideológica”.*²⁸⁹

A matriz maoísta manteve a posição sobre “o caráter antifeudal e ant imperialista da revolução brasileira”. A AP e o PC do B, bem como suas respectivas dissidências, foram influenciadas pelo maoísmo. A AP era de inspiração cristã e, inicialmente, aproximou-se do guevarismo, porém, mais tarde, inclinou-se para o maoísmo, rejeitando a luta armada imediata e ações expropriatórias. Militantes da AP passaram pela escola chinesa. A pedagogia desta escola visava, entre outras coisas, eliminar a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Na China, os intelectuais passavam temporadas entre operários e camponeses, trabalhando e vivendo como eles.

Assim, no caso brasileiro, também a AP foi influenciada pela Revolução Chinesa com a concretização de uma linha de proletarização: o envio de seus militantes para trabalharem nas indústrias ou viverem no campo. Estudos fazem referência à análise de uma amostra de 120 militantes integrados na produção: 90 como camponeses ou assalariados agrícolas e 30 como operários.²⁹⁰ A AP, portanto, assumiu os elementos fundamentais da estratégia maoísta que previa a priorização do trabalho junto aos camponeses e a necessidade de preparar a guerra popular prolongada, tendo as regiões rurais como prioritárias, uma vez que o campesinato é considerado a força política principal. Um setor dos militantes da AP não concordou com a estratégia maoísta, e um deles deu o seguinte depoimento:

“O processo de conversão foi mecanicista e isto explica porque a Ação Popular optou pelo maoísmo. Mas, esta opção não se faz sem encontrar profundas dificuldades nas bases, contribuindo para uma enorme deserção de quadros. Esta forma mecanicista do processo de conversão da organização se revestia de aspectos, como por exemplo, a exigência que se fazia a muitos militantes de uma ‘autocrítica de Deus’, isto é, que assumissem explicitamente a ruptura com a consciência religiosa passada”

*“A partir da conversão ao maoísmo, a AP adota a linha de ‘proletarização’ e decide que todos os militantes devem ‘não só ligar-se a uma atividade produtiva’, como ‘viver exatamente como o proletariado’. A mim foi exigido que fosse morar numa casa sem luz e sem água encanada. Os eletrodomésticos, quaisquer que fossem, eram símbolos da degenerescência burguesa. Isto teria consequências terríveis para a organização e não raro configurava situações de uma absoluta falsidade. Houve gente que se fantasiava de caipira para melhor se integrar nas zonas rurais, segundo pensavam. Até remendos falsos em roupas foram pregados, para atestar mais pobreza”*²⁹¹

²⁸⁹ Natali, João Batista. *A Sedução Vermelha*. Folha de São Paulo, 29 de junho de 1997, Mais, Mao Secreto, p. 5.4.

²⁹⁰ Cfr.: Gorender, J. Op. Cit. p. 115.

²⁹¹ Ozai da Silva, A. Op. Cit., p.129.



A escola chinesa, de qualquer forma, tinha prestígio. Quando, em 1961, dirigentes das Ligas Camponesas estiveram visitando a China, ficaram empolgados ao serem recebidos em nome de Mao e receberam propostas de treinamento militar, como dissemos. No campo da educação brasileira, estudos também apontam - entre os diferentes matizes que assimilou Paulo Freire - algumas influências do maoísmo, em seu pensamento e em sua trajetória:

*"Posteriormente, Paulo Freire elabora alguns trabalhos em que a visão marxista se integra mais fortemente como no texto **Ação cultural para a liberdade**, onde distingue ação cultural e assume a perspectiva maoísta da revolução cultural".²⁹²*

Em 1968, um setor do Exército via influências maoístas até mesmo na música, como por exemplo o caso do General Luis de França Oliveira, Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, quando pediu a proibição da música **Caminhando**, de Geraldo Vandré, sob argumentação de que continha:

"Letra subversiva e cadência musical do tipo Mao Tsé-Tung, que fatalmente servirá de hino para as manifestações de rua".²⁹³

No caso brasileiro, o pensamento de Mao influenciou outra importante organização, o PC do B, que era o principal partido, e um dos últimos, que até pouco antes do final da ditadura militar brasileira reivindicava afinidade com o maoísmo, que teve influências na chamada Guerrilha do Araguaia, como já afirmamos. A partir de uma crítica ao guevarismo, e da conseqüente definição do partido pela estratégia da guerra popular prolongada, o PC do B enviou militantes para a região do Araguaia, para que convivessem com os próprios camponeses. Durante a guerrilha do Araguaia, o PC do B, visando a educação do combatente, elaborou os seguintes documentos político-pedagógicos: a) **Regulamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia**, b) **Normas Sobre Segurança no Trabalho de Massa**, c) **Normas Sobre Acampamento**, d) **Normas Sobre Recrutamento para a Guerrilha**, e) **Adendo às Normas de Marcha**, entre outras.²⁹⁴ Quase todos os combatentes fizeram cursos e instruções práticas sobre primeiros socorros. Havia, também, aulas teóricas, práticas e treinamento.

"As aulas teóricas eram as seguintes: o que é a guerra; a guerra popular; a guerra popular na região; a guerra de guerrilhas; o combatente e seu moral; a força inimiga. As aulas práticas: orientação na mata; vida na mata; emboscada; assalto; fustigamento; marcha; acampamento. De treinamento diário: tiro, conhecimento de armas; rastejamento; emprego da baioneta; reflexos; ginástica etc."²⁹⁵

²⁹² Saviani, Dermeval. O Pensamento da Esquerda e a Educação na República Brasileira. in: *Pró-Posições*, nº 3, dez.1990, ed. FE/Unicamp. p.16.

²⁹³ Todos Presos, Assim Acabou o Congresso da Ex-Una. Revista *Veja* 16 de outubro de 1968, p. 24.

²⁹⁴ Cfr. PC do B. Guerrilha do Araguaia. São Paulo, ed. Anita Garibaldi, p. 23.

²⁹⁵ *idem* Op. Cit. p. 32.



O PC do B pretendia iniciar a luta armada no Brasil aplicando “a linha de massa e revolucionária”. De acordo com esta linha, a luta armada seria iniciada no interior do país, e se transformaria, paulatinamente, em guerra popular, dura e prolongada.

Como já pudemos mencionar, durante o processo revolucionário a perspectiva da morte é muito grande e está sempre presente nas ações dos militantes, podendo tomar mais intensas as relações pessoais. Assim, uma guerrilheira do Araguaia, chamada Criméia A. Schmidt, afirmou que:

*“Essa perspectiva de separação, de morte, tomou-nos ainda mais camaradas, uns com os outros, mais solidários, mais francos. Se tínhamos vontade de abraçar e beijar um companheiro que reformava vivo de uma tarefa difícil, nós o fazíamos. E o que mais me surpreendeu foi o fato de os companheiros - homens - também terem conseguido fazer isto. Os homens tolgem muito seus sentimentos. (...) Foi o período em que vivi mais intensamente meus sentimentos. Nenhuma censura era imposta aos nossos sentimentos”.*²⁹⁶

Com o aniquilamento da guerrilha brasileira e com críticas dirigidas à prática de Mao, no seu Informe ao 7º Congresso²⁹⁷, realizado em maio de 1988, o PC do B abandonou a linha maoísta, por causa do que considerava “erros de princípio” da Revolução Cultural e da “aliança com os EUA”.²⁹⁸ Mais tarde, alinhou-se referencialmente à Albânia, afastando-se, aos poucos, do campo da extrema-esquerda.

Outros dissidentes do PC do B que reivindicam o marxismo-leninismo, sendo, porém, críticos do stalinismo e discordantes do trotsquismo, em 1984, organizaram-se sob a sigla PRC (Partido Revolucionário Comunista) e apresentaram as seguintes críticas:

*“O PC do B é visto como uma corrente que ‘está sempre oscilando entre colar-se à burguesia ou acompanhar a radicalização das massas, entre aliar-se com pelegos ou avançar na luta sindical, uma oscilação que vem prevalecendo com uma inclinação à direita’; uma corrente que ‘sob um linguajar pseudo-radical, defende a substituição do governo Figueiredo por um ‘governo patriótico, democrático de unidade popular’, expressão da aliança orgânica das massas com a oposição burguesa e do compromisso com a manutenção do estado burguês e do capitalismo”.*²⁹⁹

A educação dos militantes, para o PC do B, significa sistematizar a experiência vivida, buscando compreender o caráter mais geral da formação do militante, o conteúdo e as formas de promover a educação com o intuito de elevar a capacitação política dos quadros.

²⁹⁶ idem Op. Cit. p.44.

²⁹⁷ **A Política Revolucionária do PC do B: Informes ao 7º Congresso**, São Paulo, ed. Anita Garibaldi, 1980.

²⁹⁸ Cfr. PC do B. **Guerrilha do Araguaia**. São Paulo, Anita Garibaldi, p. II.

²⁹⁹ idem, p. 196.



Na sua ótica, o PC do B entende que a consciência socialista é elaborada por aqueles que dominam a ciência social, e é transmitida pelo "partido de vanguarda". O operário que atinge essa compreensão se torna

*"militante do partido político de sua classe, o Partido Comunista. Nada o poderá abater - ele é um operário consciente"*³⁰⁰.

Segundo este Partido, o comunista não deve se restringir à compreensão formal ou exterior da teoria. O marxismo-leninismo representa a chave que dá a possibilidade de resolver problemas, entretanto, não os resolve facilmente; não é fórmula fixa. O comunista, portanto, deve ter uma ampla cultura e amplos conhecimentos gerais.

"A educação do comunista não visa apenas ao domínio da teoria. Vai muito além; visa formar o novo homem e a nova mulher, forjados nos combates de classe com as elevadas qualidades da camaradagem e coletivismo, da simplicidade e honradez, da paixão pelo trabalho revolucionário e do carinho pelo trabalho junto às massas..."

"Uma sólida formação teórica favorece, regula e acelera o processo dessa consciência. É o alicerce de nossa ideologia comunista".³⁰¹

Como os partidos não se mantêm imóveis em sua trajetória, movimentos pendulares de força política atraem-nos ora mais para a direita, ora mais para a esquerda, e eles podem resistir a estas atrações ou não; havendo o caso de partidos que podem até mesmo mudar de "família", conforme já falamos. Parece-nos que o PC do B, a rigor, somente pode ser enquadrado naquilo que consideramos extrema-esquerda até meados dos anos 80; atualmente, não é possível. (o mesmo caso se dá com o MR-8, que até os anos 70 estava no campo da extrema-esquerda, e que hoje realiza um deslocamento politicamente à direita, aliando-se com forças "quercistas" do PMDB).

Realmente, nossa colocação sobre o PC do B deve-se ao fato de não termos percebido, até o presente momento de nossa pesquisa, um padrão radical que o mantenha predominantemente à esquerda, numa mesma linha política nacional. Ou seja, ao que parece este partido adota, em algumas regiões do país, uma postura situada mais à esquerda, e em outras, mais à direita, tecendo alianças partidárias no interior de um leque que vai do PSTU, passando pelo PT, PMDB, PSDB, até o PFL. Para diferentes regiões o P C do B parece adotar diferentes linhas políticas

De acordo com a extrema-esquerda, o PC do B, em alguns Estados, especialmente, tem feito um deslocamento político à direita; como, por exemplo, no Maranhão, quando apoiou algumas medidas do governo do Estado:

*"Tudo isso com o lamentável apoio e participação do PC do B, que aqui no Estado apoia a oligarquia Sarney (...)"*³⁰²

³⁰⁰ Idem, Op. Cit. P. 135.

³⁰¹ Idem, Op. Cit. p. 136.



4.5. Considerações finais: A extrema-esquerda brasileira hoje

É sabido que a extrema-esquerda brasileira foi um importante protagonista no trabalho de filiação e fundação do Partido dos Trabalhadores, e que militou árdua e apaixonadamente para transformá-lo em partido revolucionário, de forma que não é possível referir-se à extrema-esquerda, sem que recuperemos a origem do PT.

Como já expusemos, a extrema-esquerda brasileira é composta, atualmente, por dois partidos de inspiração trotsquista: o Partido da Causa Operária (PCO) e o Partido dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Para a extrema-esquerda, com maior razão, o horizonte político de sua atuação é a conquista do poder pelo proletariado, a destruição do Estado burguês e a construção do socialismo. Portanto, ela tem por objetivo uma subversão planejada e consciente do capitalismo, num processo internacional. Considera que a educação das ações de massa é um momento importante para a compreensão do internacionalismo operário. E, para isso, busca articular, em sua militância, as diferentes formas de organização e de educação política do proletariado: o sindicato, as comissões de fábrica, os conselhos operários e o partido revolucionário.

*“O partido materializa e afiança a autonomia política da classe do ponto de vista organizativo, mas este processo é essencialmente ideológico, operando-se pelo desenvolvimento da consciência de classe, pela construção de uma identidade enquanto agente social com interesses específicos e um projeto político a ser implementado na sociedade”.*³⁰³

Para a extrema-esquerda não há, ainda, um partido revolucionário de massas que atue como força dirigente nos movimentos sociais e que cumpra o papel de educador político de toda vanguarda operária. Assim, a extrema-esquerda centraliza a ação de todos os seus militantes, inclusive dos militantes sindicais, ou seja, seus militantes devem defender as posições do partido, no interior do movimento sindical, sempre aceitando as deliberações majoritárias dos trabalhadores. O “*Em Tempo*” - nome pelo qual

³⁰² *Opinião Socialista*, nº 23, de 20/II a 26/II/96, p. 4.

³⁰³ *Cadernos Democracia Socialista. A Organização Independente do Proletariado no Plano Sindical*, p. 34. in: *Teses Sindicais*, V. II, Editora Aparte, 1987.



era mais conhecida a Organização Revolucionária Marxista – Democracia Socialista (ORM – DS) - em 1987, antes de diluir-se no PT, afirmava:

*“Os revolucionários, e entre eles os militantes da DS, têm tido uma participação cada vez mais importante nas lutas sindicais. São hoje um componente da direção do movimento sindical combativo, dirigindo sindicatos e organismos da CUT, construindo oposições sindicais e comissões de fábricas; estão à frente de uma parcela importante do movimento operário independente. Esta presença e o papel cada vez mais central que a conjuntura cobra dos revolucionários, colocam-nos grandes responsabilidades, como coletivo e para cada militante em particular, responsabilidades das quais não podemos fugir”.*³⁰⁴

Lembremos que, no Brasil, não há mais extrema-esquerda militarista inspirada no guevarismo ou no maoísmo; encontramos apenas a do tipo massista. Em vista disso, como viemos afirmando, a extrema-esquerda massista brasileira está traduzida, hoje, em dois partidos, o PCO e o PSTU, que antes militavam no PT. Aliás, algumas características iniciais de grande parte dos setores do PT parecem permitir situá-lo, provisoriamente e naquele momento, no projeto político da extrema-esquerda massista de secundarização do caminho eleitoral, dado, em grande parte, sua origem operária, que se forjou na luta contra o antitrabalhismo da ditadura, pelas reflexões de importantes intelectuais, que recolocavam a questão da independência operária, pela impulsão de lutas populares, feitas por lideranças das comunidades eclesiais de base, por setores da classe média que se opunham a ditadura e lutavam pelo socialismo, pelo debate de algumas idéias, teses e programas de militantes das diferentes organizações de extrema-esquerda que contribuíram no processo de sua fundação e que vieram de organizações militaristas (guevaristas e maoístas) ou massistas (leninistas e trotsquistas) dos anos 60 e 70. No PT havia socialistas de vários matizes, daí a afirmação do 7º Encontro Nacional de que se tratava de um partido “laico”, sem filosofia “oficial”.³⁰⁵ O PT se declarava socialista e revolucionário, sem explicitar se era marxista, não-marxista ou antimarxista. Na realidade, ao buscar sua identidade, o PT parecia oscilar, basicamente, entre posições de extrema-esquerda e posições de esquerda. Havia forças políticas querendo torná-lo um “partido revolucionário”, nos moldes leninistas, e outras que visavam atraí-lo para o campo da social-democracia.

“Crítico como obreirista, reformista, sectário e principista, agente da social-democracia alemã, anacrônico, radical-pequeno-burguês, levando a submissão dos trabalhadores manuais à intelectualidade de classe média, como incapaz de contribuir para a transição democrática, como satélite das comunidades eclesiais de base e como defensor da luta armada (...)”

³⁰⁴ Idem, *A Postura dos Revolucionários nos Organismos de Classe*, p. 43.

³⁰⁵ Cfr. Franco, Augusto de *Apresentação*, p. 8. in: *O PT e o Marxismo*. São Paulo, Teoria e Debate, 1991.



"Periodicamente, o PT é chamado para dizer se é ou não bolchevique, foquista, social-democrata, eurocomunista e se pretende ou não dar início à insurreição armada que conduzirá do capitalismo ao comunismo".(...)

"De fato a sociedade e a opinião pública brasileira estão sob o fogo de duas baterias ideológicas (e estamos tomando a palavra ideologia em seu sentido clássico de ocultamento da realidade social): a da direita anticomunista, liberal conservadora e liberal progressista, e a da esquerda comunista (com todos os matizes: leninistas, trotskistas, maoísta, guevarista). Ora, nesse campo ideológico, uma identificação é nuclear: a dos trabalhadores, enquanto proletariado urbano e rural, e o comunismo. Donde a convocação periódica se é ou não comunista".³⁰⁶

Afirmamos que, no seu início, havia setores do PT que se aproximavam das posições de extrema-esquerda porque, fundamentalmente, o que caracteriza o fenômeno político-educativo de extrema-esquerda é: a) uma concepção de processo revolucionário em que a ruptura da ordem terá uma expressão armada, b) uma militância anticapitalista e classista, c) um programa pró-socialista, d) a não admissão de qualquer aliança com a burguesia, e) a secundarização do parlamento, f) a convicção de que a crise do capitalismo é irreversível. Tais setores valorizavam a educação enquanto elemento de construção de uma consciência revolucionária. O PT também tinha consciência da necessidade de o partido valorizar a educação, de maneira que o próprio Lula afirmava:

"Cada um de nós do PT vai ser um alfabetizador".³⁰⁷

A educação da militância é um fenômeno histórico, portanto os documentos históricos de um partido revelam o que era e o que pretendia ser. Neste sentido, o PT dos primeiros momentos aproximava-se do campo da extrema-esquerda, por algumas de suas características iniciais: era um partido anticapitalista (recusava-se a administrar o capitalismo e suas crises)³⁰⁸ que, além de secundarizar as eleições, entendia que os próprios trabalhadores não deveriam esperar a conquista dos seus interesses econômicos, sociais ou políticos sob forma de concessão das classes dominantes, e que os trabalhadores deveriam participar da política por seus próprios meios, independentemente da burguesia, rumo a uma sociedade socialista, e fazia a defesa da bandeira de não-pagamento da dívida externa. O **Manifesto de Fundação** do PT afirmava: *"O PT pretende ser uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista"*. Assim, o PT não aceitava nem mesmo alianças estratégicas com setores da burguesia. Textualmente, em sua **Carta de Princípios**, falava do apoio "duvidoso" de aliados ocasionais saídos do campo das classes médias e da própria burguesia.³⁰⁹ O

³⁰⁶ Chauí, Marieta. *PT "Leve e Suave"?* pp. 73-4, in: **E Agora PT**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

³⁰⁷ Morel, Mario. *Lula, o Metalúrgico: anatomia de uma liderança*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 164.

³⁰⁸ Cfr. Pedrosa, Mario. *Sobre o PT - Documentos/ Resoluções - 1º Congresso*, São Paulo, Ched, 1980, p. 87.

³⁰⁹ Idem, p. 53.



categorial marxista esteve sempre presente, desde o início, no discurso e nos escritos do PT:

"O partido sempre trabalhou com os conceitos marxistas. Basta ver documentos, resoluções, materiais de formação política e o interesse da nossa militância em debater o tema".³¹⁰

O Movimento pelo Partido dos Trabalhadores, em 1979, também defendia a nacionalização e estatização de todas as empresas estrangeiras, a estatização das grandes empresas e bancos, a estatização das fontes e das empresas de energia, indústria extrativa e de infra-estrutura, etc.³¹¹ E suas resoluções políticas sublinhavam seu objetivo estratégico, a construção de uma sociedade socialista no Brasil, onde não haveria explorados nem exploradores.

"Trata-se, para nós, de retomar a mobilização, acumular forças e ao nos apresentarmos como uma alternativa socialista e revolucionária, apontar para os trabalhadores o horizonte de um novo sistema econômico, político e social: o socialismo".³¹²

O socialismo defendido pelo PT era um compromisso de militância, e não um receituário deduzido dos princípios marxistas. Evidentemente, a concepção de organização predominante no PT não era a do tipo leninista, nem guevarista ou maoísta; ele objetivava "uma política de acúmulo de forças" para educar o povo, com a ocupação dos espaços institucionais. Nos **Pontos Para a Elaboração do Programa do PT**, em 1980, sugeria-se:

"Desamarrar toda a potencialidade da luta popular; encontrar novas formas de organização simultâneas e dentro dos movimentos sociais: por exemplo o PT deveria estimular que seus militantes fizessem uma escola em cada núcleo na sede de cada núcleo. Assim, o PT estaria contribuindo não apenas para sanar uma grave carência, e o que é mais importante estaria preparando uma educação para a hegemonia".³¹³

Tal concepção visava romper com as tradições reformistas da esquerda brasileira, de colaboração de classes (como as do Partido Comunista, por exemplo) e/ou vanguardistas da extrema-esquerda (como as organizações guerrilheiras ou as clandestinas) de tomada imediata do poder. Um dos seus slogans era "o PT não se funde, nem se confunde". O PT buscava superar a dicotomia: Partido de Quadros (politicamente estreito e rígido) e Partido de Massas (politicamente inorgânico e frouxo) Aliás, entre as duas posições políticas - reformismo ou revolução - o PT assim se pronunciou:

³¹⁰ Almeida, Jorge. PT, Marxismo e Democracia, p.103. in: O PT e o Marxismo. São Paulo, Teoria e Debate, 1991.

³¹¹ *Idem*, p. 71.

³¹² Partido dos Trabalhadores. Resoluções Políticas do V Encontro Nacional, Brasília, 1987, p. 06.

³¹³ Pedrosa, Mario. *Op. Cit.* p.106.



"Nenhum país que tenha feito revolução deixou de combinar essas lutas, dando maior ênfase a uma ou outra, de acordo com a situação concreta. A luta por reformas só se torna um erro quando ela acaba em si mesma. No entanto, quando ela serve para a educação das massas, através da própria experiência de luta, quando ela serve para demonstrar às grandes massas do povo que a consolidação, mesmo das reformas conquistadas só é possível quando os trabalhadores estabelecem seu próprio poder, então ela serve a luta pelas transformações sociais e deve ser combinada com esta".³¹⁴

Nesse sentido, compreendia-se a intervenção do PT como eminentemente educativa dos trabalhadores, e de seus aliados orgânicos, para realização das tarefas cruciais rumo à transformação socialista. A pedagogia do PT desembocaria na revolução contra a ordem.

"O observador muitas vezes pensa que a intervenção do partido é simples, direta e linear. Ora, ela se estende a uma totalidade mais ampla, que não termina na representação e na ocupação ou conquista do poder. Ela se inicia no terreno pedagógico: o desenraizamento dos assalariados do mundo burguês, isto é, tem por objetivo o seu desemburguesamento. Amplia-se na preparação para atividades políticas das quais os trabalhadores e seus aliados são normalmente excluídos ou marginalizados. Essa é uma tarefa pedagógica, diretamente vinculada a uma aprendizagem que começa nas empresas, amadurece nos sindicatos e nas greves, alcança sua plenitude no partido operário e na disputa do poder. Trata-se não só de adquirir uma consciência social operária e socialista, mas de eliminar a alienação social das estruturas mentais e da imaginação política dos assalariados, moldadas pelo capital".³¹⁵

Justamente por isso os candidatos do PT, para cumprirem bem tais tarefas pedagógicas, tinham que preencher alguns critérios político-educativos que contribuissem para a disseminação de uma consciência socialista entre os trabalhadores.

"Assim, embora devamos lançar o maior número possível de candidatos, todos precisam preencher os critérios políticos e ético-morais próprios do PT e só a estes deve ser concedida legenda (...)"³¹⁶

Nas discussões acaloradas que precederam a criação do Partido dos Trabalhadores (onde se debatia se o seu caráter seria o de um partido revolucionário, ou de vanguarda, ou de massas, ou pacifista-reformista, etc), Lula, então um dos mais importantes líderes sindicais, em inúmeras entrevistas concedidas à diferentes órgãos de informação, no final dos anos 70, afirmava:

"O problema é o seguinte: eu continuo com a teoria e que, enquanto o trabalhador votar no patrão para que ele proteja nossos interesses, a situação não vai se alterar. Acho que a classe trabalhadora terá de se preparar politicamente para agir politicamente. E realmente penso que a classe trabalhadora deverá fazer um partido nessa caminhada (...)"

"Continuo com o mesmo ponto de vista: a classe trabalhadora deve caminhar com suas próprias pernas".(...)

³¹⁴ Idem, p. 11.

³¹⁵ Fernandes, Florestan. O PT em Movimento: Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores. São Paulo, Autores Associados, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, 1991, p. 58.

³¹⁶ Idem, p. 30.



“Seria muita petulância de um dirigente sindical tentar definir a linha de um partido antes de promover um debate com a classe trabalhadora. Não acho correto tomar decisões de cúpula sobre o partido e depois fazer com que o trabalhador aceite essas decisões. Mas, acredito que, se você pegar um grupo de trabalhadores para fazer um programa partidário, haverá 99% de chances de que ele tenha uma tendência socialista”.

*“(…) A criação de um Partido dos Trabalhadores precisaria de uma vez por todas acabar com as máscaras de PC, de PC do B, de MDB, PS e outras coisas mais”.*³¹⁷

Numa entrevista à revista *Playboy*, em 1979, perguntado sobre as figuras de renome que o tinham inspirado, Lula citou Che Guevara, Mao Tse-Tung e Fidel Castro, porque – segundo dizia – duvidava da eficácia dos métodos pacíficos poderem transformar a sociedade. E como também citou Ghandi, foi lhe indagado se era a favor da resistência passiva para mudar o que achava errado, e Lula respondeu:

*“A gente nunca deve provocar a agressividade; a gente só deve reagir se for preciso. Também não tem aquela de dar a cara pro nego dar tapa e depois oferecer o outro lado. A gente deve empregar métodos pacíficos, enquanto o adversário não abusar da nossa paciência. Não sei se o método pacífico conseguiria transformar a sociedade. Acho que a gente deve brigar de acordo com os métodos do adversário. Sou a favor da paz enquanto houver chance de conseguir alguma coisa pacificamente”.*³¹⁸

Discorrendo sobre as origens históricas do PT, Florestan Fernandes, em sua *Contribuição ao I Congresso do PT*, afirmou:

*“Por fim, surgia um partido operário dotado de uma ótica revolucionária nas lutas de classes. Parafraseando K.Marx e F.Engels, um partido que, em 1979, se impunha como fim: ‘constituição dos proletários em classes, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado’.E que se propunha a educar para o socialismo radical os operários, os trabalhadores intelectuais pertencentes aos estratos assalariados da pequena burguesia e das classes médias, unindo-os solidária e revolucionariamente na construção da ‘sociedade nova’.*³¹⁹

Em janeiro de 1980, foi lançado o anteprojeto do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, que defendia dois pontos importantes para o nosso estudo: um partido de massas e uma sociedade sem explorados nem exploradores. O próprio Lula falava em mudar a relação entre capital e trabalho:

*“Que os trabalhadores sejam donos dos meios de produção e dos frutos do seu trabalho “ (…). Nós do PT, sabemos que o mundo caminha para o socialismo (...) O socialismo que nós queremos não nascerá de um decreto, nem nosso nem de ninguém”.*³²⁰

Como já dissemos, parte significativa do PT de origem, anti-capitalista e pró-socialista, pode ser caracterizada como próxima das posições de extrema-esquerda

³¹⁷ Lula: *Entrevistas e Discursos*. São Paulo, Editora O Reporter de Guarulhos, 1981, pp. 136,139,154-5,196.

³¹⁸ Idem, p. 219.

³¹⁹ Fernandes, Florestan. *O PT em Movimento: Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, Autores Associados, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, 1991, p. 41.



massista, dada a importância e o peso que tiveram, inicialmente, sua origem operária, seus intelectuais "classistas", as CEBs, e algumas idéias das organizações ou dos militantes que sobreviveram à ditadura militar e que se articularam no interior do PT. Eram organizações com direção, jornais, e finanças independentes, que não titubeavam em criticar publicamente algumas posições dos dirigentes do PT. Em vista disso, começou-se, também, a discutir a questão "partidos dentro do partido": alguns setores consideravam conveniente a expulsão de tais organizações, enquanto outros defendiam-nas.

"Não são apenas os militantes da esquerda revolucionária que formam agrupamentos com personalidade própria. Os católicos, por exemplo, também fazem isso, eles possuem as instâncias organizativas deles, fazem suas reuniões, seguem uma doutrina e defendem idéias que têm o seu centro orientador fora das estruturas do PT, e isto é perfeitamente legítimo, é um direito deles. Trata-se de reconhecer esse mesmo direito aos comunistas, acabando com a estória de "duas camisas" e coisas assim".

"(...) As correntes mais à esquerda são vistas e reconhecidas como partes integrantes do PT, ao menos pela grande maioria dos petistas".³²¹

Florestan Fernandes aceitava positivamente a existência de tendências organizadas no interior do PT, até como antídoto à propensão burocrática que existe em quaisquer partidos ou organizações, como já vimos.

"Um balanço rigoroso mostra que a propensão pode se tornar um processo permanente e dissimulado. Mas tem sido contida exatamente pelo que parecia ser a 'moléstia infantil do PT': a coexistência de 'tendências organizadas'. Estas servem como um componente de compensação e aliviam a burocratização (pelas críticas e fricções constantes) e a formação de oligarquias (pela oposição frontal). A coesão institucional, ideológico-utópica e política do PT será, pois, forçada a respeitar certos contrapesos, que acentuarão o caráter aberto dos órgãos de direção - centrais e intermediários - e restringirão o monopólio do micropoder partidário a proporções mínimas". Se isto não suceder, o PT perderá não apenas o seu encanto e poesia".³²²

Em sua **Contribuição ao I Congresso do PT** Florestan Fernandes avaliava que esse partido havia avançado muito, enquanto instrumento de luta, porém sua ênfase político-educativa estava se dando mais no reforço da consciência social de classe, em prejuízo de uma consciência com um sólido conteúdo socialista.

"O partido colocou-se no que se poderia designar como compasso de espera, apesar do clamor dos oprimidos e das exigências da sua extrema esquerda. Nota-se claramente, entretanto, que ele se depara com um dilema político: ou se conforma com as estreitas possibilidades liberais e social-democráticas da transformação da ordem, ou avança, pela aceleração da história, da ocupação do poder para a conquista do poder, desvendando a verdadeira face de um partido

³²⁰ Ozai da Silva, A.Op. Cit., pgs. 171-2.

³²¹ Genoíno, José. *A Alternativa do PT*, pp.106-109-110. in: *E Agora PT*. São Paulo, ed. Brasiliense, 1986.

³²² Fernandes, Florestan. *O PT em Movimento: Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, ed. Autores Associados, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, 1991, p. 56.



revolucionário. Só a derradeira opção coincide com a sua imagem e com a grandeza de sua promessa política".³²³

Ainda na questão das organizações de extrema-esquerda no interior do PT, o debate se aprofundava e alguns setores começavam a falar da necessidade de dissolução ou exclusão das correntes radicais petistas. Assim, o PT passou a não admitir organizações com políticas independentes, em relação à política geral do PT; com direção e estrutura próprias, com representação pública e finanças próprias e jornal público. Em seu V Encontro Nacional, realizado em Brasília, no ano de 1987, o PT aprovou a **Resolução Sobre Tendências** e em seu item três podemos ler:

"Ao afirmar seu caráter estratégico, o PT afirma-se, pois, como partido e não como frente de partidos ou organizações. Contrapõe-se, portanto, à prática da dupla militância e da dupla fidelidade. Da mesma maneira, a filiação ao PT se dá em caráter individual, assumindo o filiado o compromisso de acatar apenas e unicamente as decisões partidárias, tomadas nas instâncias orgânicas do PT".³²⁴

Um dos irmãos de Lula - que inclusive, desde bem jovem, militou em sindicato - foi quem o iniciou no trabalho sindical. Este irmão foi um crítico de Lula, porque julgava que ele não deveria ter se empenhado no processo de fundação do PT, uma vez que, segundo sua avaliação, enquanto dirigente sindical, Lula tinha maior poder de liderança, de educação política dos trabalhadores e de mobilização, do que militando num partido político. "Frei" Chico também era um severo crítico da extrema-esquerda, considerando-a irresponsável e aventureira:

"Olha eu converso com os caras da esquerda. O pessoal da Convergência Socialista fala: 'a polícia vem, mata um mata dois, e a gente continua a tocar, tem de ir enfrentar a polícia, nem que seja apenas cem pessoas'. Assim não dá. (...) Quando o trabalhador não tem uma consciência política, jogar ele em cima disso, é uma safadeza filha da puta. Porque o problema do trabalhador, no momento, você sabe que é a porra do emprego, ele quer é ter o emprego. Porque tem família atrás, enchendo o saco, os vizinhos, a mulher aporinhando. Então é isso mesmo, acabou. Eu vejo dentro das fábricas. É assim mesmo. Então para formar uma consciência política, leva anos. E pouca gente está interessada nisso. Os grupos aventureiros quando tem uma greve, é na base do 'vamos pro pau, vamos quebrar'".³²⁵

Enquanto o PT se consolidava, o debate entre setores da esquerda e da extrema-esquerda petista foi se radicalizando e, nesse processo, algumas organizações se dissolveram e se integraram completamente na vida orgânica petista, outras foram expulsas em 1992. Daí que talvez seja pertinente a questão: além dos setores cristãos, quais organizações radicais, remanescentes dos anos 60 e 70, ou fruto de desdobramentos delas, transferiram-se para o PT? Apesar das diferentes origens, divisões e subdivisões

³²³ Idem, pp. 67-68.

³²⁴ Partido dos Trabalhadores. *Resoluções Políticas do V Encontro Nacional*, Brasília, 1987, p. 39.

³²⁵ Morel, Mario. Op. Cit., pp. 79-80.



podemos destacar, sinteticamente, algumas organizações que contribuíram no debate e para a fundação do PT:

1. Alguns dissidentes do PCB, que se organizaram na "a *Esquerda*".
2. Os trotsquistas da OSI (Organização Socialista Internacionalista), também conhecida por "Libelu", que mudaram o nome para Fração IV Internacional e, depois, simplesmente para "*OTrabalho*".
3. Os dissidentes da OSI que, em 1979, formam a OQI (Organização Quarta Internacional), mais conhecida pelo nome de seu jornal "*Causa Operária*".
4. Militantes trotsquistas do PST (Partido Socialista dos Trabalhadores), que depois adotaram o nome do seu jornal "*Convergência Socialista*", depois denominou-se *Alicerce da Juventude Socialista*, voltando mais tarde a chamar-se *Convergência Socialista*, sempre se referendando nas posições teóricas de Nahuel Moreno.
5. Militantes de inspiração trotsquista oriundos do POR (Partido Operário Revolucionário), que se referendavam teoricamente em Posadas, e apoiavam a ala "lulista" do PT.
6. Os trotsquistas da ORM-DS (Organização Revolucionária Marxista – Democracia Operária), mais conhecida por "DS" ou pelo nome de seu jornal "*Em Tempo*". Essa organização se referendava teoricamente em Ernest Mandel.
7. Dissidentes do PC do B que se reorganizaram no PRC (Partido Revolucionário Comunista). Esses dissidentes eram críticos do stalinismo, do maoísmo, do trotsquismo e da social-democracia. Buscavam o socialismo através do fortalecimento de organizações políticas de massa de caráter anticapitalista.
8. Militantes do MCR (Movimento Comunista Revolucionário), que na realidade eram oriundos de várias organizações. Defendiam "a luta democrática e anti-imperialista". Apoiaram, também, candidaturas "progressistas" do PMDB.

No bojo da discussão sobre a definição do caráter do PT havia basicamente dois projetos de construção partidária e de pedagogia política; o primeiro pensava o PT como um representante, no plano institucional-parlamentar, dos movimentos sociais; o segundo almejava a construção do PT como um partido militante, de luta, dirigente e



educador socialista. Como sabemos, o primeiro projeto foi o vitorioso e, aos poucos, alcançou a hegemonia. E como não priorizava o caráter militante do partido, secundarizou, na prática, a necessidade de organizar a militância do setor sindical para atuar. Além disso, este projeto de construção partidária, vitorioso, dirigiu a organização do PT no sentido definido pela Lei Orgânica dos Partidos, fazendo com que os núcleos tivessem menos importância que os diretórios, e isso foi tomando o PT, paulatinamente, mais um partido de filiados que de militantes. Desse modo, a existência de correntes radicais, no interior do PT ficou cada vez mais difícil.

Muitas dessas organizações se dissolveram no partido, constituindo apenas tendências (como, por exemplo, a D.S (*Em Tempo*), O Trabalho (antiga *Libelu*), Articulação de Esquerda e Força Socialista); outras foram expulsas, como já mencionamos. Portanto, o PT, após a sua fundação, paulatinamente foi deixando o campo da extrema-esquerda massista, influenciado pela social-democracia, por alguns êxitos eleitorais, e atualmente, depois da queda do muro de Berlim e após o desmantelamento do chamado socialismo real, e com a expulsão de correntes radicais do seu interior, deslocou-se um pouco, politicamente, para o centro, sem abandonar o campo da esquerda. Continua, porém, sendo uma referência muito importante para a extrema-esquerda.

"O PT é o maior partido operário da história do país e a direção ou a referência política principal do setor organizado das massas trabalhadoras e estudantis do país. A maior parte da vanguarda das lutas tem este partido como referência, o que se transforma em um problema vital para a revolução. Como se trata de um partido reformista, com uma direção claramente integrada ao regime democrático-burguês e à social-democracia, caso as massas se mantenham fiéis a este partido não poderá haver revolução neste país".³²⁶

Apesar da expulsão das correntes mais radicais do interior do PT, visando a uma espécie de depuração, esta questão da luta interna, mesmo entre as tendências do partido, ainda é uma constante, como temos podido observar. O próprio Lula, inclusive, afirmou recentemente à imprensa que tendências internas desvirtuam o PT, e criticou os "revolucionários" e os "esquerdistas" em geral, sem, no entanto, citar nomes de pessoas ou siglas:

"Hoje prevalece muito mais a lógica das tendências do que a lógica dos fundadores do PT, queixou-se Lula ao abrir uma série de depoimentos sobre a história petista para a memória partidária".

"Como fundadores do PT, Lula cita os dirigentes sindicais, como ele, que deram impulso à idéia de criar um partido de trabalhadores, os militantes das CEBs

³²⁶ PSTU. Caderno Desafio nº2. *Teses Programáticas para a Revolução Proletária*. São Paulo, Editora Desafio, 1994, p. 53.



*(Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica) e um punhado de intelectuais e quadros dos vários matizes da esquerda brasileira”.*³²⁷

A social-democracia, como sabemos, combate frontalmente os elementos de uma estratégia revolucionária: partido revolucionário, insurreição, violência revolucionária, centralismo democrático, ditadura do proletariado. Para que possamos compreender as diferenças político-educativas dos militantes da extrema-esquerda brasileira com os da esquerda, observemos como a primeira analisa a segunda. Para a extrema-esquerda, o PDT e PSB, por exemplo, que a imprensa classifica como sendo de esquerda, na realidade “são variantes da classe dominante” e julga que tais partidos não questionam o domínio econômico e político do capital internacional e do FMI.

Com relação ao PT, a extrema-esquerda considera-o um partido de esquerda, porém julga que ele está perdendo identidade desde as últimas eleições, e que está ficando prisioneiro da institucionalidade, tomando-se, aos poucos, um partido da ordem e da leis capitalistas. Para o PSTU, o PT está tecendo um leque de alianças mais para a direita e considera que, nas últimas eleições, este partido não realizou uma campanha de oposição.

*(...) As campanhas despolitizadas e a busca de coalizão e apoios de partidos da classe dominante acentuaram-se (...).*³²⁸

Para o PCO, atualmente, há uma falência da esquerda e um refluxo do movimento operário e julga que a direção do PT tem desfigurado completamente o nome e o prestígio de Lula como candidatura operário. Considera que “Lula e seus correligionários querem ser uma alternativa não das massas populares, mas da burguesia”.³²⁹ Afirma, ainda, que as administrações petistas eleitas não se constituíram em governo diferente dos governos burgueses tradicionais.

Para a extrema-esquerda, conforme já pudemos ver, é importante contabilizar os resultados eleitorais e analisar o que eles expressam politicamente, mas isto não é fundamental. Segundo esse enfoque crítico, o PT e o PC do B não podem concentrar suas forças para prepararem-se para as eleições e relegarem a construção da mobilização do povo contra o governo e as classes dominantes.

*(...) Ganhar ou não uma eleição burguesa, do ponto de vista dos trabalhadores, não é o critério fundamental para se medir se o partido avançou”.*³³⁰

³²⁷ Rossi, Clóvis. *Lula diz que Tendências Internas Desvirtuam o PT*. Folha de São Paulo 27 de agosto de 1997, pp.1-7.

³²⁸ *Opinião Socialista*, n° 23, de 20/11 a 26/11/96, p. 5.

³²⁹ Cfr.: *Juventude Revolucionária – Órgão do Partido da Causa Operária*. n° 2, junho/1998, p. 7.

³³⁰ *Idem*, p. 6.



Neste mesmo tom, ainda sobre o PC do B, a extrema-esquerda brasileira considera que este partido tem feito muitas e errôneas concessões, em suas alianças com a burguesia, e que educa, predominantemente, para o respeito à ordem. A extrema-esquerda também avalia que, com esta postura, ele corre o risco de, cada vez mais, se adaptar à institucionalidade burguesa, exatamente como o PT, que tem priorizado a disputa institucional, em detrimento da ação direta. A extrema-esquerda observa, ainda, que ao se preocupar em administrar o capitalismo para torná-lo mais “humano”, tal postura faz com que o projeto e a estratégia deixe de ser a educação revolucionária socialista, ou no máximo fique apenas no discurso.

*“O PT e também o PC do B, colocam como centro de sua atividade a atuação parlamentar. Para piorar, buscam uma frente estratégica para as eleições de 1998 com setores da burguesia (...)”*³³¹

As referências internacionais também podem contribuir para nossa busca de explicitação de algumas diferenças pontuais entre a prática político-educativa da extrema-esquerda e a da esquerda brasileiras. Vejamos, para ilustrar, duas visões recentes sobre o líder chinês Deng Xiaoping, expressas por estes dois pólos. A primeira visão é a do PC do B, explicitada nas palavras de João Amazonas:

*“Deng deu grande contribuição após a morte de Mao Tse-Tung, para defender o socialismo com peculiaridades chinesas e introduzir a China no caminho da modernização”*³³²

A segunda visão é a da extrema-esquerda, para quem Deng é “o dirigente que ordenou o massacre da Praça da Paz Celestial em 1989”, e considera-o um burocrata stalinista apoiado por chefes de potências imperialistas porque conduzia a China, num processo de transformação, para uma economia capitalista.

*“A restauração capitalista foi planejada e controlada com braço de ferro pela ditadura stalinista do Partido Comunista. O resultado: a fusão dos interesses das empresas transnacionais com os do regime burocrático”*³³³

A extrema-esquerda se orgulha de ser, e se reivindica, marxista e revolucionária; sua preocupação visceral é elaborar um programa para o Brasil sob a perspectiva da revolução socialista. E sob esse ponto de vista, a violência revolucionária não é uma questão de escolha, ela é um fato, pois a luta de classes se transformará, em um determinado momento, avançada em luta militar, mas não na concepção foquista ou de uma vanguarda deslocada das massas. Não há via pacífica para o socialismo, mas é o movimento de massas quem deve assumir a luta, e não a vanguarda ou o partido isoladamente. Um fenômeno que chama a atenção é que, num momento de grandes

³³¹ Idem, n° 26, de 18/12 a 26/01/97.

³³² Idem, n° 29, de 5/03 a 18/03/97, p. 2.



divisões da esquerda, a extrema-esquerda conseguiu a unificação num partido (PSTU) de diferentes organizações e militantes de trajetórias distintas no passado, objetivando

*“Construir um novo partido revolucionário, como alternativa ao reformismo do PT, que se entrega de armas e bagagens a socialdemocracia, assim como o stalinismo do PC, do PC do B e MR8”.*³³⁴

Neste seu projeto político-educativo de revolução mundial a extrema-esquerda brasileira busca a unidade de forças políticas, mas sem capitular ao “atraso” político dos trabalhadores, ou ao “pragmatismo” dos oportunistas ou à pressa raivosa dos ultra-esquerdistas.

*“O desafio para os socialistas em 1997 é lutar para unir a esquerda classista e socialista no interior dos movimentos sociais, em particular na CUT, para levar adiante as mobilizações e também para construir outra direção para a Central. Ao mesmo tempo, é imprescindível e urgente dar uma tremenda batalha pela construção de uma Frente Classista e Socialista que ofereça uma alternativa de classe, de luta e socialista para o Brasil, oposta pelo vértice ao projeto da burguesia, do governo e de todas as variantes da classe dominante”.*³³⁵

Assim, tentando traduzir concretamente a formação da militância atual da extrema-esquerda massista, salientamos alguns pontos que nos parecem relevantes, até o presente momento de nossa pesquisa:

1. O militante de extrema-esquerda é educado para combinar, paralelamente, o trabalho político de legalidade com o clandestino. Ele não pode ter plena confiança na legalidade “burguesa”. O mais importante é privilegiar a ação direta dos trabalhadores.
2. A extrema-esquerda se educa numa política de classes, independente dos “partidos e governos burgueses”. Ela se opõe e denuncia todo tipo de frente política com a burguesia, acusando de “agentes da burguesia e do imperialismo” a quem chamar as massas a confiar em governos burgueses.
3. Combate o pacto social e não dá nenhuma trégua à burguesia, buscando dificultar a estabilização do domínio do capital, numa tradição internacionalista.
4. As ações partidárias, o estudo teórico regular do marxismo, a propaganda, a agitação permanente, e as discussões internas, tudo isto alimenta a prática do militante.

³³³ *Opinião Socialista*, nº 29, de 05/03 a 18/03/97, p.11.

³³⁴ *Caderno Desafio* nº 2. *Teses Programáticas para a Revolução Proletária*. São Paulo, Editora Desafio, 1994, nota de capa.

³³⁵ *Opinião Socialista*, nº 26, de 18/12 a 26/01/97, Editorial.



5. A extrema-esquerda educa seus militantes para uma ruptura total e absoluta com o reformismo. E entende que são, também, aliados do proletariado as nacionalidades e as raças oprimidas, as mulheres, os velhos, a juventude, as minorias, os movimentos pacifistas e ecológicos.
6. O militante de extrema-esquerda é educado para ter sempre a audácia necessária para atuar nas poucas ocasiões de “crises revolucionárias” e para repudiar o “possibilismo histórico” que paralisa a militância revolucionária.
7. Para a extrema-esquerda a tática está condicionada pela estratégia, que é a tomada do poder através da insurreição dirigida pelo partido. A tática mais adequada é aquela que lhe permite aproximar-se da finalidade estratégica.
8. A atual extrema-esquerda forma seus quadros num apoio crítico à Revolução Russa, à Revolução Cubana, à Revolução Chinesa e a outros países do campo socialista, defendendo, nesses, países uma revolução política, não social, contra os “Estados operários burocráticos”.
9. O militantes de extrema-esquerda são educados no sentido de que são minorias porque compõem a parte mais consciente, mais avançada da classe operária; daí julgam ser enorme sua responsabilidade político-educativa, pois o partido insere-se numa determinada realidade a partir da vanguarda.
10. Para a extrema-esquerda o grande problema é a ausência de uma direção política revolucionária de um partido de massas. E entende que o vazio de direção tem sido substituído por seitas, organizações reformistas, oportunistas, contra-revolucionárias ou por correntes religiosas, porque o proletariado está confuso e desorientado.
11. O militante é considerado um educador político que instrui, organiza, convence, e atrai, principalmente os trabalhadores, para o socialismo.
12. Atualmente, o militante da extrema-esquerda é educado na compreensão da luta de classes como uma longa guerra civil mais ou menos oculta, e que o processo revolucionário não se concentra num momento, por isso a militância pressupõe um trabalho longo e perseverante.



13. A extrema-esquerda entende por situação revolucionária o momento, no processo da luta de classes, no qual a revolução é possível. Assim, não pode haver vitória da revolução sem que haja o que considera “uma situação revolucionária”.

14. A extrema-esquerda enfrenta a tarefa de construir uma Internacional revolucionária de massas, que tenha como objetivo a “revolução socialista mundial”.

15. A extrema-esquerda repudia o ultra-esquerdismo.

16. No caso da atual crise pela qual passa o Brasil, a extrema-esquerda propõe uma série de medidas radicais, pois seu projeto é “revolucionar o país”. Ela busca uma “saída operária e socialista para a crise” e quer “que o imperialismo, os banqueiros e os grandes capitalistas paguem pela crise.”³³⁶

Segundo a teoria marxista da educação³³⁷, a destruição da ordem capitalista e a criação da sociedade socialista estabelecem um grande e histórico processo, que exige um novo conteúdo do problema pedagógico para criar novas relações. Marx, Engels, Mao e Guevara ensinaram como os homens podiam criar novas relações materiais entre as pessoas, pela sua atuação revolucionária. Consideravam que a educação podia ajudar a construir uma nova ordem social, ao formar um novo homem para as necessidades e tarefas da sociedade socialista.

Segundo eles, o homem deveria ser um criador consciente de seu próprio mundo, um criador de si mesmo. O problema da revolução constituiu, para eles, a principal questão para a qual dedicaram suas vidas. Assim, os militantes de extrema-esquerda consideram que educação para a revolução caracteriza-se pela participação no percurso revolucionário. Os militantes situam a educação como arma ou como instrumento intelectual e moral decisivo da revolução: a consciência revolucionária somente pode ser adquirida na ação revolucionária. É na ação revolucionária que a própria transformação dos homens coincide com a transformação das circunstâncias.

A extrema-esquerda quer abolir as relações burguesas e não admite, portanto, a educação idealista, mas sabe que, no processo de educar, ela também será educada. Ela se refere à libertação do homem na base de um mundo material revolucionado, para socializar e desenvolver o homem em todos os sentidos. Para ela, a plena edu-

³³⁶ PSTU. Programa Eleitoral/1998. pp. 17-31.



cação das massas não pode ser alcançada na sociedade dividida em classes, mas apenas depois da revolução, pois como dizia Marx e Engels, são os homens que transformam as circunstâncias nas condições encontradas e que “o educador tem, ele mesmo, de ser educado”.

³³⁷ Suchodolski, Bogdan. *Teoria Marxista da Educação*. Lisboa: ed. Estampa, 1976. (3 Volumes).



Bibliografia





Bibliografia

- AARÃO REIS F., D. e FERREIRA DE SÁ, J. **Imagens da Revolução – Documentos políticos das organizações clandestina dos anos 1961 a 1971**. Rio de Janeiro: ed. Marco Zero, 1985.
- AARÃO REIS F., Daniel, GASPARINI, Elio, BENJAMIN, César *et al.* **Versões e Ficções: o Sequestro da História**. São Paulo: ed. Perseu Abramo, 1997.
- AARÃO REIS FILHO, D. **A Revolução Faltou ao Encontro: os Comunistas no Brasil**. São Paulo: ed. CNPq/Brasiliense, 1990.
- ABRAMO, Fulvio e KAREPOVS, Dainis. **Na contracorrente da história: documentos da LCI**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1987.
- AGUIAR BARROS, José Manoel de. **Terrorismo: Uma Palavra em Movimento**. PUC-São Paulo, Diss. de Mestrado, 1991.
- ALVERGA, Alex Polari de, Alex. **Inventário de Cicatrizes**. Rio de Janeiro: ed. Teatro Ruth Escobar/Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.
- AMAZONAS, João, GRABOIS, M. e Fernandes, L. *et al.* **30 Anos de Luta de Confronto Ideológico: marxismo x revisionismo**. São Paulo: ed. Anita Garibaldi, 1990.
- ANDERSON, Jon Lee. **Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: ed. Editora Objetiva, 1997.
- ARANHA, Antonia Vitória Soares. **Partido Político, Saber e Formação: Alguns Elementos da Experiência do PC do B**. Belo Horizonte, diss. UFMG, 1993.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil, Nunca Mais**. Petrópolis: ed. Vozes, 1985.
- AVELAR, Lúcia. As Eleições na Era da Televisão. São Paulo, Revista de Administração de Empresas, set./out. 1992.



- _____. **Clientelismo de Estado e Política Educacional Brasileira.** (no prelo).
1995.
- ÁVILA, José Pióto d'. **A Crítica da Escola Capitalista em Debate.** Petrópolis, Vozes;
Ijuí, RS: Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do
Estado, 1985.
- AZEVEDO, Fernando de. **A educação pública em São Paulo: problemas e discus-
sões.** (Inquérito para "O Estado de São Paulo", em 1926). São Paulo: Cia. Editora
Nacional, 1937.
- BANDEIRA DA SILVEIRA, José Paulo. **Stalinismo e Política Nacional (o PCB: 1945-
1958)**, São Paulo: PUC-SP, 1982.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66 – a história da polícia que mata.** São Paulo: ed. Globo,
1994.
- BASBAUM, L. **Sociologia do Materialismo.** São Paulo: Edições Símbolo, 1978.
- BETTELHEIM, Charles. **A Revolução Cultural e a Organização Industrial na China.**
Lisboa: Edições Maria da Fonte, 1976.
- BLANCO, Hugo. **Terra ou Morte.** Coleção Luta de Classes, ed. Versus, 1979
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e Significados de Uma Distinção
Política.** São Paulo: ed. Unesp, 1995.
- BORBA, Marco Aurélio. **Cabo Anselmo – A Luta Armada Ferida por Dentro.** São
Paulo: Global Editora, 1981.
- BORDIEU e PASSERON. **A Reprodução.** Rio de Janeiro: Francisco Alves ed., 1975.
- BRANDÃO, Otávio. **Agrarismo e Industrialização.** Buenos Aires, 1926.
- BRILHANTE USTRA, Carlos Alberto. **Rompendo o Silêncio.** Editerra Editorial Ltda,
1987.
- CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. **O Estado e os Partidos Políticos no Brasil
(1930 a 1964).** São Paulo: ed. Alfa-Ômega, 1976.
- CAMPOS, José Roberto. **O que é Trotskismo,** São Paulo: ed. Brasiliense, Coleção
Primeiros Passos, 1984.



- CANELAS RUBIM, Antonio A., Partido Comunista e Herança Cultural no Brasil. *Ciência e Cultura*, Vol. 41, 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1984.
- CAREW HUNT, R. N. *O Jargão Comunista*. São Paulo, ed. Dominus, 1964.
- CARNEIRO LEÃO, Antonio. "Os deveres das novas gerações brasileiras". In: CARDOSO, Vicente Licínio (org.). À margem da história da República. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: ed. Cia das Letras, 1995.
- CARVALHO, Laerte Ramos de. *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*. São Paulo: Saraiva, ed. da USP, 1978.
- CARVALHO, J. Murilo de. *A Construção da Ordem - a Elite Política Imperial*. Rio de Janeiro: ed. Campus, 1980.
- CARVALHO, Marta M. Chagas de. *A escola e a República*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1989.
- CASSIN, M. *Educação e Política: o Partido Político com Agente de Educação*. Unimep, diss. Mestrado, 1995.
- COGGIOLA, Osvaldo. *O Trotskismo na América Latina*. São Paulo: ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1984.
- CONCEIÇÃO, Gilmar H. *A Educação e Formação Militar de Nível Médio: A EsPCEEx – Análise de Alguns Elementos*. São Carlos, Mestr., UFSCar, 1991.
- COSTA, Bolívar. *Quem Pode Fazer a Revolução no Brasil?*. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1962.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e Socialismo*. São Paulo: ed. Cortez Autores Associados, 1992.
- COUTO, Miguel. *No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo*. Rio de Janeiro, ed. Typ. Jornal do Comércio, 1927.



- CUNHA, Luiz A. **Uma Leitura da Teoria da Escola Capitalista**. Rio de Janeiro, ed. Achiamé, 1980.
- CUNHA, Luiz A. **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora F. Alves, 1979.
- DAMASCENO, Alberto [et al.]. **A Educação Como Ato Político Partidário**. São Paulo: ed. Cortez, 1988.
- DEBRAY, Régis. **A Guerrilha do Che**. São Paulo: ed. Populares, 1980.
- _____. **A Revolução na Revolução**. São Paulo, Centro Editorial Latino Americano.
- DEUTSCHER, I. **Stálin**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1970.
- _____. **Trotsky, o Profeta Armado**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Trotsky, o Profeta Banido**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1984.
- _____. **Trotsky, o Profeta Desarmado**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1984.
- DUVERGER, Maurice. **Os partidos Políticos**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1970.
- ENGELS, F. **Anti-Dühring**. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1979.
- FAVERO, Osmar (org.). **Cultura Popular e Educação Popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1983.
- FAUSTO, Boris. A Revolução de 30. In: MOTA, Carlos G. (org.). **Brasil em Perspectiva**. São Paulo: ed. Difel, 1985.
- FERNANDES, Florestan. **O PT em Movimento: Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Autores Associados, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, 1991.
- FERNANDES, Florestan. (org.) **Marx e Engels**. São Paulo: ed. Ática, 1989.
- FERNANDES, Luiz. Muito Barulho por Nada? O Realinhamento Político-Ideológico nas Eleições de 1994. **Dados**, Vol. 38, 1995.



- FERREIRA NETO, Edgard Leite. **Os Partidos Políticos no Brasil**. São Paulo, ed. Contexto, 1989.
- FERREIRA, Pedro Roberto. **O Conceito de Revolução da Esquerda Brasileira - 1920-1946**. São Paulo, PUC, 1993.
- FLEISCHER, David. **Os Partidos Políticos no Brasil**. Brasília: ed. Cadernos da UnB, 1981.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil**. São Paulo: ed. Alfa-Ômega, 1980.
- FRANCO, Augusto de, et al. **O PT e o Marxismo**. São Paulo, ed. Teoria e Debate, 1991.
- FREIRE, Paulo e BETO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida – depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo, Ática, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1981.
- GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** Rio de Janeiro: ed. Codecri, 1979.
- GALLO, Silvio. **Educação Anarquista**. São Paulo, Piracicaba: ed. Unimep, 1985.
- GARCIA, M. A. Contribuições para uma história da esquerda brasileira, In: MORAES, R. et al. **Inteligência Brasileira**. 1995.
- GARCIA, Fernando Coutinho. **Partidos Políticos e Teoria da Organização**. São Paulo, ed. Cortez e Moraes, 1979.
- GARZA, Hedda. **Mao Tsé-Tung**. São Paulo, Editora Nova Cultural, Coleção Os Grandes Líderes, 1988.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O Que é Pedagogia**. São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- _____. **Pedagogia e luta de classes no Brasil (1930-1937)**. São Paulo: ed. Humanidades, 1991.
- _____. **A Pedagogia-Histórico-Crítica no Contexto das Relações entre a Educação e os Partidos Políticos de Esquerda na República**. in: **Pró-Posições**, nº 3, dez.1990.
- GIUSTITAVARES, José Antonio. **Sistemas Eleitorais nas Democracias Contemporâneas**. Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará, 1994.



GRAMSCI, A. **Notas Sobre Maquiavel e o Estado Moderno**. São Paulo: ed. Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: ed. Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Concepção Dialética de História**. São Paulo: ed. Civilização Brasileira, 1981.

GUEVARA, Che. **Diário da Guerrilha Boliviana**, São Paulo: ed. Edições Populares, 1980.

_____. **Guerra de Guerrilhas**. São Paulo, ed. Edições Populares, 1980.

_____. **Obras 1957 - 1967**. Habana: ed. Casa de las Américas, 1970.

_____. **Textos Revolucionários**, São Paulo: ed. Centro Editorial Latino-Americano, Vol. 3, 1980.

HENFIL. **Henfil na China: antes da Coca-Cola**. Rio de Janeiro, ed. Codecri, 1980.

JOSÉ, Emiliano e OLDACK, Miranda. **Lamarca: o Capitão da Guerrilha**. São Paulo: ed. Global, 1984.

KECK, M.E. **PT - A Lógica da Diferença**. São Paulo: ed. Ática, 1991.

KRIEG, E. **Mao Tsé-Tung - O Imperador Vermelho de Pequim**. São Paulo: ed. Otto Pierre Editores, s/d.

LAVAREDA, Antonio. **A Democracia nas Urnas**. Rio de Janeiro: IUPERJ, ed. Rio Fundo Editora, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O Marxismo**. Rio de Janeiro: ed. Difel, 1979.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: ed. UNICAMP, 1994.

LENIN E LUXEMBURGO, Rosa. **Partido de Massas ou Partido de Vanguarda**, São Paulo: ed. Nova Stella, 1985.

LÉNINE, V.I. **Obras Escolhidas**. Lisboa: ed. "Avante", 1984.

_____. **Últimos Escritos (Testamento Político) & Diário das Secretárias**. Belo Horizonte: ed. Aldeia Global, 1979.

_____. **Como Iludir o Povo**. São Paulo: ed. Global, 1979.



- _____. **Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo.** São Paulo: ed. Global, 1981.
- _____. **Que Fazer?** São Paulo: ed. Hucitec, 1986.
- _____. **Partido Proletário de Novo Tipo (A importância mundial do bolchevismo).** Lisboa: ed. "Avante", 1975.
- LIMA Jr., Olavo Brasil de. A Reforma das Instituições Políticas: a Experiência Brasileira e o Aperfeiçoamento Democrático. Dados. Vol. 36, 1993.
- LIMA, Haroldo, e ARANTES, Aldo. **História da Ação Popular da JUC ao PC do B.** São Paulo, ed. Alfa-Ômega, 1984.
- LOMBARDI, José Claudinei. **Marxismo e História da Educação: algumas reflexões sobre a historiografia educacional brasileira recente.** UNICAMP, Dout., 1993.
- LOUREIRO, Isabel Maria. Democracia e Socialismo em Rosa Luxemburgo, in: **Crítica Marxista**, Vol. 1, Tomo 4, ed. Xamã, 1997.
- LOWY, Michael. **El Pensamiento del Che Guevara.** ed. Siglo Veintiuno Editores, 1978.
- LULA. **Entrevistas e Discursos.** São Paulo: ed. O Repórter de Guarulhos, 1981.
- LUSSU, Emílio. **Teoria de los Procesos Insurreccionales Contemporáneos.** Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporáneo, s/d. maio de 1988. São Paulo: ed. Anita Garibaldi, s/d.
- MAKARENKO, A. S. **Problemas da Educação Escolar.** Moscovo: ed. Edições Progreso, 1986.
- MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: ed. Cortez: Autores Associados, 1989.
- MANDEL, Ernest. **A Teoria Leninista da Organização.** São Paulo: ed. Editora Aparte, 1984.
- MANFREDI, Silvia Maria. **Política e Educação Popular.** São Paulo: ed. Cortez: Autores Associados, 1981.
- Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.** In: Ghiraldelli Jr., P. História da Educação, São Paulo: ed. Cortez, 1992, Coleção Magistério.
- MANTEGA, Guido. **A Economia Política Brasileira.** Petrópolis: ed. Polis/Vozes, 1985.



MAO-Tsé-Tung. **O Livro Vermelho**. São Paulo: ed. Global Editora, 1972.

_____. **Obras Escogidas**. Tomo I. Caracas: ed. Editorial Fundamentos, 1974.

MARIGHELLA, Carlos. **Escritos de Carlos Marighella**. São Paulo: ed. Editorial Livramento, 1979.

_____. **Por que resisti à prisão**. São Paulo: ed. Brasiliense; EDUFBA: OLODUM, 1995.

MARTINS, Luciano. **A Revolução de 30 e seu significado político**. In: Seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, pp. 669-689.

MARX e ENGELS/Florestan Fernandes (org.). **História**. São Paulo: ed. Ática, 1989.

MARX, e ENGELS, F. e Lenin, V. **Questão do Partido**. São Paulo: Kairós, 1978.

MARX, e ENGELS, F. (Introdução e Notas de Roger Dangeville) **Crítica da Educação e do Ensino**. Moraes Editores. s/d.

MARX, e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: ed. Hucitec, 1984.

MARX, e ENGELS, F./ Carlos Nelson Coutinho... (et. al.) Daniel Aarão Reis Filho (org.) **O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois**. Rio Janeiro: Contra-ponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MARX, K. **Miséria da Filosofia**. Lisboa: ed. Editorial Estampa, 1978.

MÄRZ, Fritz. **Grandes Educadores: Perfis de Grandes Educadores e Pensadores Pedagógicos**. São Paulo, EPU, 1987.

MICHELS, Robert. **Sociologia dos Partidos Políticos**. Brasília: ed. UnB, 1982.

MINOGUE, Kenneth. **Política - uma brevíssima introdução**. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1998.

MIR, Luís. **A Revolução Impossível**. São Paulo: ed. Best Seller, 1994.³³⁸

MIRANDA, Orlando (org.) **Trotsky**. São Paulo: ed. Ática, 1981.

³³⁸ Alguns autores importantes fizeram restrições a esta obra.



- MORAES, Maria Célia M. **Educação e política nos anos 30: a presença de Francisco Campos**. In: BITTENCOURT, Circe M.& Zilda M.G. (coord.). Educação na América Latina, pp. 127,151.
- MOREL, Mario. **Lula, o Metalúrgico: Anatomia de uma liderança**. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1981.
- MORENO, Nahuel (org.). **Las Revoluciones China e Indochina**. Buenos Aires: ed. Ediciones Pluma, 1973.
- MORENO, Nahuel (org.). **O Partido e a Revolução: teoria, programa e política**. São Paulo: ed. Desafio, 1996.
- NAGLE, Jorge. **A educação na primeira República**. In: HOLANDA, Sérgio B. (org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: ed. Difel, 1985. (Tomo III, Vol. 2).
- NETTO, José Paulo. **Crise do Socialismo e Ofensiva Liberal**. São Paulo: ed. Cortez, 1993.
- NETTO, José Paulo. **O Que é Stalinismo**. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, ed. Brasiliense.
- OZAI DA SILVA, A. **História das Tendências no Brasil (Origens, cisões e propostas)**. São Paulo: ed. Dag Gráfica. s/d.
- PANEBIANCO, A. **Modelli di Partito: Organizzazione e Potere nei Partiti Politici**. Bologna: ed. Società Editrice il Mulino, 1982.
- PAZ, Carlos Eugênio. **Viagem à luta armada: memórias romanceadas**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1996.
- PC do B. **Guerrilha do Araguaia**, São Paulo: ed. Anita Garibaldi, 2ª edição.
- _____. **A Política Revolucionária do PC do B. Informes ao 7º Congresso realizado em maio de 1988**. São Paulo: ed. Anita Garibaldi, 1989.
- _____. **O Socialismo Vive**. São Paulo: ed. Anita Garibaldi, 1992.
- PEDROSA, Mário. **A Nova Face do Ocidente**. Praga - Revista de Estudos Marxistas. São Paulo: ed. Boitempo Editorial, nº 2, junho de 1997.
- _____. **Che Guevara, o Otimismo Revolucionário**. in: Praga - revista de estudos marxistas. São Paulo, ed. Boitempo Editorial, nº 2, junho de 1997.



- _____. O Crime de Praga. in: **Praga** - revista de estudos marxistas. São Paulo: ed. Boitempo Editorial, nº 2, Junho de 1997.
- _____. **Sobre o PT.** São Paulo: ed. Ched Editorial, 1980.
- PEIXOTO, Madalena Guasco. **Pós-Modernidade, Democracia e Educação.** Puc-SP, Tese de Doutorado., 1997.
- PIZZORNO, Alessandro. **Introducción al Estudio de la Participación Política.** Buenos Aires, ed. Ediones Siap – Planteos, 1975.
- PLEKHÂNOV. G. **A Concepção Materialista da História.** São Paulo: ed. Escriba, 1963.
- PONCE, A. **Educação e Luta de Classes.** São Paulo: ed. Cortez Autores Associados, 1989.
- PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil.** São Paulo, ed. Global Editora, 1981.
- PRADO Jr., Caio. **A Revolução Brasileira.** São Paulo: ed. Brasiliense, 1978
- QUARTIM DE MORAES, João. **A Esquerda Militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes.** São Paulo: ed. Siciliano, 1991.
- _____. Luta Armada: Memória e Biografia. **IDÉIAS** – Revista do IFCH/Unicamp, julho/dezembro 1994.
- RAMOS JIMÉNEZ, Alfredo. **Los Partidos Políticos en las Democracias Latinoamericanas.** Venezuela: ed. Univ. de los Andes-Consejo de Publicaciones, 1995.
- REIS, Fábio W. **Consolidação Democrática e Construção do Estado.** São Paulo: 1987.
- REIS, Fábio W. **Solidariedade, Interesses e Desenvolvimento Político.** Belo Horizonte: 1974. (separata dos cadernos do Departamento de Ciência Política - nº 1).
- REIS, Fábio W. (org.) **Os Partidos e o Regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro.** São Paulo: ed. Símbolo, 1978.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Política – Quem Manda, Por que manda, Como manda.** Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1981.
- RIBEIRO, Maria Luisa S. **História da educação brasileira: a organização escolar.** São Paulo: ed. Cortez/Autores Associados, 1987.



- RIDENTTI, Marcelo S. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: ed. UNESP, 1993.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. **O PCB: Dirigentes e a Organização**. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*, vol. III, São Paulo, Difel, 1986.
- RODRIGUES, Miguel Urbano. **Opções da Revolução na América Latina**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1968.
- ROJO, Ricardo. **Meu Amigo Che**. São Paulo: ed. Traço Editora, 1968.
- ROMANELLI, Otaiza O. **História da educação no Brasil (1930-1937)**. Petrópolis: ed. Vozes, 1984
- SADER, Eder (org.). **Mao-Tsé-Tung**. São Paulo: ed. Ática, 1982.
- _____. (org.). **Che Guevara**. São Paulo: ed. Ática, 1982.
- _____. **Marxismo e Teoria da Revolução Proletária**. São Paulo: ed. Ática, 1986.
- _____. **O Poder, Cadê o Poder: ensaios para uma nova esquerda**. São Paulo, ed. Boitempo Editorial, 1997.
- SADER, Emir. **O Anjo Torto: Esquerda (e direita) no Brasil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1995.
- SADER, Emir (org.), OLIVEIRA, Francisco de., DIRCEU, José., CHAUI, Marilena. *et. al.* **Agora PT – Caráter e identidade**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.
- SAINT-PIERRE, Héctor Luiz. **A Política em Armas: Fundamentos da Guerra revolucionária**. Dout., Unicamp/IFCH, 1998.
- _____. **Considerações Sobre a teoria da Guerra Revolucionária de Mao Tsé-Tung**. in: **Crítica Marxista: Vol. 1, Tomo 4**. São Paulo, ed. Xamã, 1997.
- SANDOR DE CASTRO, João B. **O Partido Comunista e a Educação nas Décadas de 40**. São Paulo, PUC, Diss. Mestrado, 1991.
- SANTOS, Wanderley Guilherme. **Sessenta e Quatro: Anatomia da Crise**. Rio de Janeiro: ed. Vértice, 1986.
- SARTORI, Giovanni. **Partidos e Sistemas Partidários**, Brasília: ed. UnB, 1982.



- SAUTCHUK, Jaime. **Luta Armada no Brasil dos Anos 60 e 70**. São Paulo: ed. Anita, 1995.
- SAVIANI, D. O Pensamento da Esquerda e a Educação na República Brasileira. in: **Pró-Posições**, nº 3, dez. ed. FE/Unicamp. 1990.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítico: Primeiras Aproximações**. São Paulo: ed. Cortez / Autores Associados, 1991.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gerard. **Sociologia Política**. São Paulo: ed. Difel, 1979.
- SCHWARZ, Fred. **Você Pode Confiar nos Comunistas (... eles são comunistas mesmo)**, São Paulo: ed. Dominus, 1963.
- SERGE, Victor. **Lo que todo revolucionario debe saber sobre la represión**. México: ed. Ediciones Era, 1976.
- SIQUEIRA RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: ed. Unesp (PRISMAS), 1993.
- SNOOK, I. A. **Doutrinação e Educação**. Rio de Janeiro: ed. Zahar Editores, 1974.
- SOARES, O. **Pequeno Dicionário Burguês Proletário**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1983.
- SÓBOLEV, M. **A Organização do Partido e o Coletivo Militar**. Moscovo: ed. Progreso, 1983.
- SOCRÉ, Néelson Werneck. **História e Materialismko no Brasil**. São Paulo: ed. Global, 1985.
- SOLA, Lourdes. O Golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos G. (org.) **Brasil em Perspectiva**, Rio de janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1987.
- SOSA, Arturo e LENGRAND, Eloi. **Del Garibaldismo Estudiantil a la Izquierda Criolla**, Caracas: ed. Ediciones Centauro, 1981.
- STALIN, J. **O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial**. SP: Ciências Humanas, 1979.
- _____. **Materialismo Dialético e Materialismo Histórico**. São Paulo: ed. Global, 1985.



- SUCHODOLSKY, B. **A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas**. Lisboa: ed. Livros Horizonte.
- SUCHODOLSKY, B. **Teoria Marxista da Educação**. Lisboa, ed. Editorial Estampa, (Vol. I, II e III), 1976.
- SYRKIS, A. **Os Carbonários**. São Paulo: ed. Gobal, 1980.
- TAVARES, Maria da Conceição. Da Fronda ao Front. in: *Praga - revista de estudos marxistas*. São Paulo: ed. Boitempo Editorial, nº 2, junho de 1997.
- TEIXEIRA, Pedro Roberto. **Os Trotskistas (PSR) em 1946: Uma Ultra-Esquerda Brasileira?** São Paulo, PUC, 1985.
- TIAGO, Manuel. **Até Amanhã, Camaradas**. Lisboa: ed. Avante, 1980.
- TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: ed. Atual Editora, 1988.
- TRINDADE, Hélió. **Integralismo (o Fascismo Brasileiro na Década de 30)**. São Paulo: ed. Difusão Européia do Livro, 1974.
- TROTSKY, L. **A Revolução Desfigurada**. São Paulo: ed. Editora Ciências Humanas, 1979.
- _____. **El Nuevo Curso e Problemas de la Vida Cotidiana**. Cuadernos de pasado y presente, ed. Siglo XXI, 1978.
- _____. **Escritos Militares: Guerrilla y Ejército regular**. Argentina: ed. Ediciones Amaicha, s/d.
- _____. **História da Revolução Russa**. Vol. I, RJ, Editora Paz e Terra, 1977.
- _____. **Revolução Permanente**. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1979.
- _____. **Programa de Transição Para a Revolução Socialista**. Lisboa: ed. Antídoto, 1978.
- VARGAS, Getúlio. **A instrução profissional e a educação moral, cívica e agrícola**. (Discurso pronunciado na Bahia, em 18 de agosto de 1933). **Orientação nacional do ensino** (Discurso Pronunciado por ocasião da cerimônia comemorativa do primeiro centenário da fundação do Colégio Pedro II, no Teatro Municipal, a 2 de dezembro de 1937), **O Estado Novo e as classes trabalhadoras** (Discurso pronunciado por ocasião da assinatura de decretos-leis referentes às classes



trabalhadoras do país, no Palácio Guanabara, a 1 de maio de 1938). In: A nova política do Brasil. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1938.

VENTURA, Zuenir. 1968: **O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1988.

VIEIRA PINTO, Alvaro. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. São Paulo: ed. Autores Associados Cortez, 1987.

VINHAES GRACINDO, Regina. **Partidos Políticos e Educação - o Escrito, o Dito e o Feito**. Campinas: ed. Papyrus, 1994.

WISON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**. São Paulo, ed. Cia da Letras, 1986.

XAVIER, Maria Elizabete P.; RIBEIRO, Maria Luisa S. & NORONHA, Olinda M. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: ed. FTD., 1994.

XAVIER, Elizabete S. P. **Capitalismo e Escola no Brasil**. Campinas: ed. Papyrus, 1990.



Documentos do Arquivo Edgadr Leuenroth

- A luta de classe – Orgão do Grupo Comunista Lenine. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1930
- A Lucta – Orgão do Partido Proletário do Rio de Janeiro. Nitheroy, publicações dos dias: 13 de julho, 14 de agosto, e 29 de novembro de 1933.
- Boletim de Agitação e Propaganda. Pelo Partido Comunista do Brasil. Rio de Janeiro, julho de 1935.
- Boletim Interno. Orgão do Socorro Vermelho do Brasil (Região de São Paulo), publicações de outubro e dezembro de 1935.
- Boletim dos Bolcheviques-Leninistas do Brasil. Pela IV Internacional. Janeiro de 1937.
- Boletim. Pelo Comitê Pró-reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil. São Paulo, publicações de fevereiro, março e maio de 1939.
- Boletim. Pelo Comitê Pró-reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil. Rio de Janeiro, publicações de abril e agosto de 1939.
- Luta Proletária. Orgão do PSR (Partido Socialista Revolucionário), publicações de janeiro e junho de 1945.
- Que Fazer? Orgão da Liga Comunista Internacionalista. março de 1945.
- A Luta Operária – Orgão do PSB. Belo Horizonte, publicações dos dias: 28 de fevereiro de 1951 e 31 de janeiro de 1951.
- Manifesto. Ao Povo Brasileiro. ALN (C. Marighella). junho de 1969. In: BNM – 100 (processo contra a ALN).
- Panfleto. Companheiros. ALN (C. Marighella), agosto de 1969. In: BNM –100 (processo contra a ALN).
- Programa Movimento Estudantil 1º de Maio. Out. 1969. In: BNM - 9 (processo contra os frades).
- Boletim 1º de Maio. Orgão do Movimento Estudantil 1º de Maio. nº 3, 20 de outubro de



1969. In: BNM – 9 (processo contra os frades).

Manifesto. Ao Povo Brasileiro. Frente de Mobilização Revolucionária. Janeiro de 1970.

Projeto Brasil Nunca Mais: BNM 9 (processo contra os frades), BNM 100 (processo contra a ALN), BNM 612 (processo contra o PCBR).

Documentos: Uma Autocrítica. “Cid” (Carlos Lamarca). 14.10.69. (In: BNM – Anexo nº 796). **Sequestro x Tortura.** Carlos Lamarca, s/d. (In: BNM – Anexos nº 721) **carta do militante “Waldir” ao seu companheiro “Cid”** 4 de abril de 1970 (Anexo 722), **Caminhos da Guerrilha,** Carlos Lamarca. outubro/1969 (Anexo 777).

Plano de Estudos. ALN. (Gilney Amorim Vieira), 1970. In: BNM – Anexo nº 301.

Mural contendo dizeres relativos à análise autocrítica do comportamento dos presos e sua vida cotidiana. S/d. In: BNM – Anexo nº 350.

A Teoria Revolucionária Chinesa: a posição dos dirigentes chineses. (tradução). 1966. In: BNM – Anexo 275.

Esquema de Estudo de Presos Políticos. BNM – Anexo nº 356.

Cadernos da Revolução nº 1. (FOR) Frente Operária Revolucionária S/d. BNM – Anexos.

Mini manual do Guerrilheiro Urbano. (C. Marighella). In: BNM – Anexo nº 80.

Carta do Militante “Edison” à direção da VPR pedindo desligamento. s/d. In: BNM – Anexo nº 693.

Emboscada – Normas de Guerrilha Urbana. s/d. In: BNM – Anexo nº 694.

Panfleto distribuído durante assalto pela REDE (Resistência Democrática). 1969. In: BNM – Anexo nº 4.408.

Informe Nacional nº 13 (julho/1969) e 14 (agosto/1969). POC (Partido Operário Comunista). In: BNM – Anexos. 28. a) **correspondência entre militantes do POR (T) – Partido Operário Revolucionário (Trotskista).** s/d. In: BNM – Anexo nº 540. b) **documento de discussão e estudo do POR (T),** s/d. In: BNM – Anexos nº 14/16. 29. a) **documento de propaganda da organização M3G (Marx, Marighella e Mao).** s/d. In: BNM – Anexo nº 5893. b) **documento de discussão e estudo do M3G.** s/d. In: BNM – Anexo nº 5881. c) **pronunciamentos individuais.** In: BNM – Anexo nº 5890.

Documentos de discussão e estudo do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário). s/d. In: BNM – Anexos nº 2362/2363.



- Caderno manuscrito apreendido com o preso político Francisco Gomes da Silva.** 1971. In: BNM – Anexo nº 5424. b) **curso sobre armamento apreendido entre presos políticos.** 1971. In: BNM – Anexo nº 5425.
- Documentos de discussão e estudo da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária).** In: BNM – Anexos nº 753/754.
- Documento de discussão e estudo da VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares).** s/d. In: BNM – Anexo nº 797.
- Anotações manuscritas de um planejamento de ações da CORRENTE (Corrente Revolucionária de Minas Gerais).** s/d. in: BNM – Anexos.
- Comunicado de execução de um militante da ALN.** abril/1971. In: BNM – Anexo nº 5501.
- Anotações manuscritas relativas à organização, contabilidade e cronograma de ações da Ala Vermelha.** 21.12.68. In: BNM – Anexos nº 3905/3907
- Circular nº 1 – Condições de Segurança. POLOP.** S/d. In: BNM – Anexo nº 622.
- Documento de discussão e de estudo da DVP (Dissidência VAR-Palmares).** s/d. In: BNM – Anexo nº 8198.
- Documento de discussão e estudo do COLINA.** In: BNM – Anexo nº 5136, documento de propaganda: Anexo nº 5132, documento Até Sempre, fev./março de 1970, bilhete ao militante Nahas: Anexo nº 5134, s/d., outros documentos (plano de fuga): Anexo nº 5133, ano: 1970.
- Informe conjunto da VPR e ex-COLINA,** s/d. In: BNM – Anexo nº 5876.
- Imprensa Popular.** jornal do MOLIPO nº 1 e 2. Ano: 1972 In: BNM – Anexos nº 334/335.
- Documentos do MOLIPO.** in: BNM – Anexos: documentos de discussão e de estudos (Anexos nº 6382, nº 6389 e 6392, s/d.), manuscrito apreendido com o militante Pedro Rocha Filho, s/d., (Anexo nº 6380).
- Documentos do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro),** in: BNM – Anexos: documentos de discussão e de estudos: (Anexos do nº 3923 ao nº 3926), Periódicos: Luta Operária, publicações de janeiro/69 (Anexo nº 4380), publicações de maio/1969 (Anexo nº 4381), publicações de outubro/1968 (Anexo nº 4383).
- Documentos oficiais do PCBR** in: BNM – Anexos: a) A Luta Contra os Desvios de Direita e de Esquerda, 1970 (Anexo nº 3748), b) O Aparelho de Estado, do Liberalismo à Militarização. s/d. (Anexo nº 3749), c) O Movimento Revolucionário, Massismo e Militarismo, (Anexo nº 3750).
- Documentos.** Joaquim Câmara Ferreira. In: BNM – Anexos nº 3608 e 3609.



Operação Joaquim Câmara Ferreira. Esclarecimento por ocasião do sequestro do embaixador suíço. **Comando Juarez Guimarães de Brito. VPR.** (In: BNM – Anexo nº 4419), Manifesto ao Povo Brasileiro. Comando Juarez G. de Brito (Anexo 4420), Comunicado nº1 com as exigências para libertar o embaixador. Comando Juarez G. de Brito. VPR. (Anexo nº 4421), Carta Aberta à Embaixada Suíça Comando Juarez G. de Brito, 09.12.1970 (Anexo 4422).

Comunicado. De armas na mão o povo se libertará. Comando Yoshitami Fugimore. In: BNM – Anexo 3919.

Comunicado. Comando Jeová Assis Gomes. In: BNM – Anexo 2939.

Relatório do delegado Sergio Fernando Paranhos Fleury. 8.10.1969. In: BNM – Anexo 5331.

Texto-denúncia. Honestino Guimarães. 10.10.1973. In: BNM – Anexo 9878.

O golpe contra-revolucionário e a revolução permante no Brasil. J. Posadas.(In: BNM – Anexo nº 14). **Defender o Estado operário cubano, esmagando o imperialismo e o capitalismo.** J. Posadas 20.03.1963. (In: Anexo nº 15), **Acerca da exposição do camarada Posadas sobre a construção da direção da seção brasileira.** POR (T), fevereiro/1965. (Anexo nº 22).



Revistas, Documentos e Periódicos Consultados

Todos Presos, Assim Acabou o Congresso da Ex-Une. Veja, 16 de outubro de 1968.

Pela União dos Comunistas Brasileiros – documentos.³³⁹ Lisboa: Prelo, 1975.

Convergência Socialista. caderno: O Sindicato. Núcleo de São Carlos, julho/1978.

Glória Eterna aos que Tombaram na Luta Pela Liberdade. documento do Comitê Regional do PC do B, São Paulo, dezembro de 1978.

Nicarágua Guerrilheira: os anjos morrem na estrada. Cadernos Versus Pelo Socialismo, Ed. Versus, junho de 1979.

Comunicado do C.C. do PC do B sobre a morte do camarada Arruda Câmara. A Classe Operária nº 143, nov-dezembro de 1979.

Homenagem a Carlos Danielli. A Classe Operária nº 146, fev-março de 1981.

Jornal O Trabalho/C.S. Edição especial em homenagem a Leon Trotsky no quadragésimo aniversário de sua morte, São Paulo, 21 de agosto de 1980.

Revista Princípios I, de março/81, IV, maio/82.

Jornal Convergência Socialista, nº62, agosto/1982.

Cem Anos Depois... Marx Resiste? revista ISTOÉ, nº 324, 9 de março de 1983.

Liga Internacional dos Trabalhadores. Boletim de Informações Internacionais, impresso em Portugal, 1984.

LIT. documento Conceptos Elementales Sobre la Construcción del Partido, enero/1984.

Correio Internacional, ACS Editora, publicações dos meses: maio/junho (nº4), julho/agosto (nº5), setembro (nº 6), novembro (nº 7). Ano: 1984

Convergência Socialista. Caderno de Formação, São Paulo, seis volumes, outubro/84.

Documento da C. S. 1ª Conferência Universitária, fevereiro/1985.

³³⁹ Do arquivo pessoal do prof. João Quartim de Moraes. Trata-se de publicações de textos divulgados por exilados políticos brasileiros que examinavam criticamente a atuação dos revolucionários e a realidade do país.



Revista **Afinal**, Edição especial: Página Infeliz da Nossa História: os anos da luta armada, revistos pelo novo Brasil. 5 de março de 1985.

Jornal **Convergência Socialista**, nº39, 18/05 a 25/05/85.

DIEESE-EDUCAÇÃO SINDICAL. Caderno: A Constituição e os Trabalhadores, 1985.

Desaparecidos na Repressão. revista **Afinal**, 16 de julho de 1985.

Convergência Socialista, Boletim de Discussão Interna. São Paulo, nº2 (junho/1985), nº3 (julho/85), nº4 (agosto/1985), nº5 (setembro/1985).

C.S. Minuta Nacional/Sindical, 28/29 setembro/1985.

Jornal **Convergência Socialista**, nº54, 29/08 a 06/09/85.

Correo Internacional. Impresso em "Graffiti", Argentina, nº15, Diciembre de 1985.

Causa operária. Lora, Guillermo. Teoria Marxista do Partido Político. São Paulo, 1987.

Diário de Carlos Lamarca. Folha de São Paulo, 10 de julho de 1987, Folhetim nº543.

Cadernos Democracia Socialista, v. II, Teses Sindicais. São Paulo, Editora Aparte, 1987.

Movimento dos Comitês Revolucionários Mundiais. Publicação nº 3, s/d.

Partido dos Trabalhadores. Resoluções Políticas do V Encontro Nacional. Brasília, 4, 5, e 6 de dezembro de 1987.

FERNANDES, Luiz. Democracia: Valor Histórico (Teoria de Marx e Engels sobre o Estado). In: Revista Princípios, nº 19, novembro/1990.

FERNANDES, Luiz. O Comunismo e o Estado: (Teoria Política Marxista a partir de Lenin). In: Revista Princípios idem, nº 21, maio/ junho/julho 1991.

CARONE, Edgar. Os Congressos da II Internacional. revista Princípios nº 25, maio/junho/julho 1992, nº 26, agosto/setembro/ outubro/1992.

Todos Somos Marcos. Revista Ajoblanco. nº 72, marzo 1995.

Revista Veja, seção Entrevista Carlos Eugenio Paz nº 31, 31 de julho de 1996.

Jornal **Opinião Socialista** nº23 de 20/11 a 26/11/96.

Revista Princípios, nº 42, ago/set/out/96.

Jornal **Opinião Socialista**, nº26, de 18/12/96 a 28/01/97, nº27, de 31/1 a 19/2/97, nº28, de 20/02 a 05/03/97, e nº29 de 05/03 a 18/03/97.



- RUY, José Carlos. revista Princípios, nº43, dez/96 a jan/97, nº44, fevereiro/marco/abril/97.
- Alicerce da Juventude Socialista / C.S. apostila de curso I: O Que é Socialismo e Como Chegar a ele. S/d**
- A Fuga Histórica, revista **Caros Amigos**. nº 1, abril/1997.
- Rodrigo, Bertolotto. Che Vira Santo Ernesto de La Higuera. **Folha de São Paulo**, 22 de junho de 1997. Mundo. pgs. 27 a 29.
- Mao Secreto. **Folha de São Paulo**, 29 de junho de 1997. Mais. pgs. 5.4 a 5.9.
- revista **Veja**, Especial: O Triunfo Final de Che, 9 de julho de 1997, pgs. 88 a 97.
- Sader, Emir. Guevara, Vivo ou Morto. **Jornal de Resenhas**. in **Folha de São Paulo**, 12 de julho de 1997, p. 1.
- Jornal da Unesp**. Anatomia do Mito – Colóquio lembra os 30 anos da Morte de Che Guevara. Setembro de 1997, nº 117.
- Subcomandante Marcos. Por que Combatemos. **Folha de São Paulo**, 5 de outubro de 1997. Mais, pgs. 5.4 a 5.6.
- Neri, Emanuel. A Utopia Zapatista **Folha de São Paulo**, 5 de outubro de 1997, p.5.6.
- Ascher, Nelson. Melodrama da Esquerda. **Folha de São Paulo**, 5 de outubro de 1997, p.5.6.
- Revista ISTOÉ**, 8 de outubro de 1997, pgs. 102 a 108.
- Paiva, Marcelo Rubens. Carlos Marighella Ganha Biografia. **Folha de São Paulo**, 30 de Março de 1998, p. 5.3.
- Revista ISTOÉ**, 15/04/98, p. 21.
- A Vida Secreta das Guerrilheiras. **Folha de São Paulo**, Mais, 3 de maio de 1998.
- O Livro Negro do Comunismo - Norberto Bobbio e Eric Hobsbawm discutem obra polêmica que contabiliza os crimes cometidos em todo o mundo pelos regimes comunistas. **Folha de São Paulo**, Mais!, 24 de maio de 1998.
- GAMA NETO, Hélio e TOSTA, Wilson. Lula ignora pressões e namora centro-esquerda. **Folha de São Paulo**, 31 de maio de 1998, p. A-14.
- Partido da Causa Operária (AJR)**. caderno *Juventude Revolucionária*. nº 2, junho de 1998.
- CARVALHO, Mário Cesar. Após 30 anos, morte de militante ainda é tabu para a esquerda. **Folha de São Paulo**, 5 de julho de 1998, p. 1-18 e 1.19.



Programa Eleitoral do PSTU/1998. Uma Saída Operária e Socialista para a Crise Brasileira.

REBELO, Fernandes Manoel. Resenha sobre o livro A Utopia Desarmada - Intrigas, Dilemas e Promessas da Esquerda Latino-americana. In: Crítica Marxista, Xamã, 1997.

Entrevista: Luís Inácio Lula da Silva. Veja, 12 de agosto de 1998.

CRÉPU, Michel. Simon Leys disseca a revolução cultural chinesa. O Estado de São Paulo, Caderno 2, 20 de setembro de 1998, p. D3.

São Paulo: Quem foi Quem nas Reformas Constitucionais. DIAP (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL E ASSESSORIA PARLAMENTAR). Brasília, agosto de 1998.

ALVES, Carlos Eduardo. Livro Mostra como PT se "domestica". Folha de São Paulo, 8 de novembro de 1998, p. 1.15.

POOLE, Teresa. Cidade Chinesa preserva comunismo de Mao. Folha de São Paulo, Mundo, 13 de dezembro de 1998, p. 24.

Revista Veja. "Eu Torturei" – ex-tenente conta como e por que torturou trinta pessoas. n°49, 9/dez/1998.

GANDINI, Raquel. Perdemos Maurício Tragtenberg. Boletim ADUnicamp, Campinas-S, n° 27, 18.12.98, p.1.

Partido da Causa Operária. caderno Juventude Revolucionária. e n° 3 de jan/1999.

Partido da Causa Operária. caderno Mulheres. n° 4, jan/1999

jornal Causa Operária. n° 296, 16/jan/1999.

Okita, Hiro. caderno. Voz da unidade, Hora do Povo, O Trabalho, Convergência Socialista. O que a Esquerda pensa Sobre o Homossexualismo. Homossexualismo: da Opressão à Libertação. SP: Proposta editorial, s/d.

Revista DEBATE ³⁴⁰

DEBATE n° 07, set/1971. Problemas da Revolução Brasileira: O Caminho Operário na luta contra a ditadura. documento do jornal clandestino "O Circulo", p. 23

Uma Autocrítica Necessária (para discussão)" documento de José dos Santos. (Tendência Leninista da ALN), p. 30.

³⁴⁰ Do arquivo pessoal do prof. João Quartim de Moraes. Trata-se de revista teórica marxista, criada em 1970, no exílio, por um grupo de revolucionários ligados à luta armada. Objetivando a discussão crítica e autocrítica, contribuiu eficazmente para a reorganização do movimento comunista brasileiro, sob novas bases.



Por um Programa Marxista da Revolução Brasileira (Sobre o documento 'Uma Autocrítica Necessária'). documento de Fernando de Andrade, p. 46.

Uma Importante Tomada de Posição (Sobre o documento 'Uma Autocrítica Necessária') documento de Paulo Lemos. p. 51. - Impressões de uma Primeira Leitura (Sobre o documento 'Uma Autocrítica Necessária') documento de A. Silva, p. 54.

DEBATE n° 12, abril/1973. Projeto de Plataforma Política: Contribuição à Discussão de 'Uma Autocrítica Necessária'. documento elaborado por um coletivo de militantes da ALN. p. 34.

DEBATE n° 13, agosto/1973. Problemas da Revolução Brasileira: Marxismo e Radicalismo Pequeno-Burguês. documento de Pedro Alves. p. 14. Um Balanço Ideológico da Revolução Brasileira: Primeiro Passo para a Construção da Vanguarda. documento elaborado por militantes oriundos da Ala Vermelha e da VPR, p. 20.

DEBATE n° 14, janeiro/1974, Trabalhadores de Vanguardia: Ala Vermelha: Carta Política de julho de 1973. documento da DNP da Ala Vermelha, p. 44.

DEBATE n° 19, agosto/1975. Movimento Operário: Sobre as Concepções da Ala Vermelha. documento dos militantes Tereza Guimarães e Raul de Freitas, p. 25.

DEBATE n° 26, julho/1977: - Como Construir o Partido nas grandes empresas, depoimento de uma célula de empresa do PCB, p. 10. - Avançar sem se isolar. Entrevista da redação DEBATE com Jean-Marc Von Der Weid, ex-presidente da UNE, p. 18.

DEBATE n° 28: MR-8: Equívocos de um congresso. documento elaborado pelos militantes M. de Castro, T. Guimarães, F. Pereira, p. 19. Origens do Comunismo no Brasil. texto de Neno Matos, p. 27.

DEBATE n° 33, junho/1979: - O MR-8 e a Reunificação, p.4. - Entrevista: Zaratini com a palavra, p. 12 - Obreirismo Revisitado. documento de F. Andrade, p. 18. - O Caso Anselmo. documento de P. da Silva, p. 20. - Movimento Popular e Partidos. documento de M. Faustino Santos, p. 23.

DEBATE n° 35, agosto/1980: - Intentos Enganadores. documento de Sérgio Ramos, p. 11. - Descompassos do PMDB. texto de Darcy Albuquerque, p. 15. - Autonomia ou Panacéia? texto dos militantes A. Silva e N. Matos, p. 34.



Entrevistas com militantes

ENTREVISTA COM EX-GUERRILHEIRO: *Manoel Cyrillo de Oliveira Netto*, comandante de um dos GTAs da ALN., feita pela prof. Rita de Cássia Ribeiro Barbosa, dia 27.10.1994, Campinas-SP, fitas cassetes de 60 minutos (4).

ENTREVISTA COM EX-MEMBRO DA DIREÇÃO NACIONAL DA ORGANIZAÇÃO "O TRABALHO": *Mário Martins de Lima*, feita pelo autor, no dia 14.10.1998, Campinas-SP.

ENTREVISTA COM MEMBRO DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO DO PSTU: *Alvaro Gabriel Bianchi*, feita pelo autor, no dia 02.08.1998.

ENTREVISTA COM MILITANTE DO PCO (PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA): *Marcelo José do Carmo*, feita pelo autor, no dia 14.01.1999, São Carlos-SP.



Siglas

ALA-PC do B	– Ala Vermelha do PC do B
ALN	– Ação Libertadora Nacional
AP	– Ação popular
ARENA	– Aliança Renovadora Nacional
BNM	– Projeto Brasil Nunca Mais
COLINA	– Comandos de Libertação Nacional
CORQUI	– Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional
CORRENTE	– Corrente Revolucionária de Minas
DDD	– Dissidência da Dissidência da Guanabara
DOI-CODI	– Destacamento de Operações de Informações- Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	– Departamento de Ordem Política e Social
DVP	– Dissidência da VAR-Palmares
FBT	– Fração Bolchevique Trotskista
FLN	– Forças de Libertação Nacional
GTA's	– Grupos Táticos Armados
JUC	– Juventude Universitária Católica
LCI	– Liga Comunista Internacionalista
M3G	– Marx, Mao, Marighella e Guevara
MAR	– Movimento de Ação Revolucionária
MCR	– Movimento Comunista Revolucionário
MEL	– Movimento Estudantil Libertário
MNR	– Movimento Nacionalista Revolucionário
MEP	– Movimento de Emancipação do Proletariado
MOLIPO	– Movimento de Libertação Popular
MR-8	– Movimento Revolucionário 8 de Outubro
MRT	– Movimento Revolucionário Tiradentes
MST	– Movimento dos Sem-Terra
ORM-POLOP	– Organização Revolucionária Marxista-Política operária
OSI	– Organização Socialista Internacionalista
PC do B	– Partido Comunista do Brasil
PCB	– Partido Comunista Brasileiro
PCBR	– Partido Comunista Brasileiro Revolucionário Comunista Revolucionário
PCUS	– Partido Comunista da União Soviética



PDC	– Partido Democrata Cristão
PFL	– Partido da Frente Liberal
PMB	– Partido Municipalista Brasileiro
PMDB	– Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	– Partido da Mobilização Nacional
POC	– Partido Operário Comunista
POR	– Partido Operário Revolucionário
PORT	– Partido Operário Revolucionário (Trotskista)
PP	– Partido do Povo
PPR	– Partido Progressista Reformista
PPR	– Partido Progressista Reformista
PPS	– Partido Popular Socialista
PRONA	– Partido da Reedificação da Ordem Nacional
PRP	– Partido Renovador Progressista
PRS	– Partido das Reformas Sociais
PRT	– Partido Revolucionário do Trabalhadores
PSB	– Partido Socialista Brasileiro
PSD	– Partido Social Democrático
PSDB	– Partido Social Democrático Brasileiro
PSP	– Partido Social Progressista
PSR	– Partido Socialista Revolucionário
PST	– Partido Social Trabalhista
PST	– Partido Socialista dos Trabalhadores
PSTU	– Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	– Partido dos Trabalhadores
PTB	– Partido Trabalhista Brasileiro
PTR	– Partido Trabalhista Renovador
PV	– Partido Verde
RAN	– Resistência Armada Nacionalista
REDE	– Resistência Democrática
ROTA	– Rota Ostensiva Tobias de Aguiar
SENAC	– Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	– Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SLATO	– Secretariado Latino-americano do Trotskismo Ortodoxo
SU	– Secretariado Unificado (IV Internacional)
UDN	– União Democrática Nacional
VAR-Palmares	– Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares
VPR	– Vanguarda Popular Revolucionária